UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

VINEBALDO ALEIXO DE SOUZA FILHO

A PARTILHA DO SENSÍVEL E A FINA LÂMINA DAS PALAVRAS:
Cinco editoras Negras Contemporâneas e suas formas de atuação

CAMPINAS
2025

VINEBALDO ALEIXO DE SOUZA FILHO

A PARTILHA DO SENSÍVEL E A FINA LÂMINA DAS PALAVRAS:
Cinco editoras Negras Contemporâneas e suas formas de atuação

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Mario Augusto Medeiros da Silva

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELO ALUNO VINEBALDO ALEIXO DE SOUZA FILHO, E ORIENTADA PELO PROF. DR. MARIO AUGUSTO MEDEIROS DA SILVA.

CAMPINAS

2025

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Adriana de Araujo Neitzel - CRB 010393

So89p

Souza Filho, Vinebaldo Aleixo de, 1977-
A partilha do sensível e a fina lâmina das palavras : cinco editoras negras contemporâneas e suas formas de atuação / Vinebaldo Aleixo de Souza Filho. – Campinas, SP : [s.n.], 2025.

Orientador: Mario Augusto Medeiros da Silva.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Editores e edição. 2. Escritores negros. 3. Mercado Editorial. 4. Políticas Públicas. 5. Antirracismo. I. Silva, Mario Augusto Medeiros da, 1982-. II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações complementares

Título em outro idioma: The sharing of the sensible and the fine blade of words : five contemporary black publishers and their methods
Palavras-chave em inglês:
Publishers and publishing
Black authors
Publishing Market
Public Policy
Anti-Racism
Área de concentração: Sociologia
Titulação: Doutor em Sociologia
Banca examinadora:
Mario Augusto Medeiros da Silva [Orientador]
Florentina da Silva Souza
Letícia Santana Gomes
Luiz Henrique Silva de Oliveira
Michel Nicolau Netto
Data de defesa: 22-01-2025
Programa de Pós-Graduação: Sociologia

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)
ODS: 16. Paz, justiça e instituições eficazes

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)
- ORCID do autor: https://orcid.org/0009-0002-2581-7415
- Currículo Lattes do autor: http://lattes.cnpq.br/9881913808195819

Mario Augusto Medeiros da Silva

Florentina da Silva Souza

Letícia Santana Gomes

Luiz Henrique Silva de Oliveira

Michel Nicolau Netto

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

À minha mãe, Genesia (In Memoriam), desdobrável e sábia.

À dona Maria de Lourdes, minha outra mãe.

À Karoline, Célia, Fabiana e ao Jair, meus irmãos.

E especialmente ao meu pai, o outro Vine,

com sua resiliência das águas.

AGRADECIMENTOS

Depois de tanto tempo *grávido* desta tese, é hora de agradecer e abraçar a quem fez parte desse processo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. À quem agradeço pelo apoio.

Ao Mário Augusto Medeiros da Silva, amigo e orientador, que, informalmente, já me orientava desde o mestrado. Além de fornecer total autonomia para pesquisar, soube compreender as turbulências dos últimos anos, dos quais saímos com o arco da esperança mais feliz.

Aos professores do exame de qualificação – Alexandro Henrique Paixão e Michel Nicolau Netto por me ajudarem a ajustar o foco da pesquisa. E aos professores da banca de defesa – Florentina Silva Souza, Letícia Santana Gomes, Luiz Henrique Silva de Oliveira e novamente, Michel Nicolau Netto – pelas críticas, em sentido amplo, que me ajudaram a aperfeiçoar a tese após a defesa e me deram incentivo para publicá-la.

Aos muitos colegas de trabalho, com os quais troquei ideias sobre a pesquisa-vida em diversos locais e momentos da pesquisa: Sansorai Coutinho, Janaú, Rapu, Janaína Machado, Regiane Ishii e Lucimara Santos (Lucy) – amizades feitas na arte-educação em exposições da Fundação Bienal de São Paulo.

Aos amigos e amigas do Instituto Maria João Aleixo, na Maré/RJ, entre tantos, Mônica, Luciene, Patrícia, Bia Onça, Lady, Fábio e André, uma rede de escrevivências balançando entre periferias do Brasil.

À Ana Paula e Janaína Weller, que tive o prazer de conhecer durante o trabalho na exposição Karingana: presenças negras nos livros para as infâncias*,* 2024, no Sesc Bom Retiro; e Daniela Momozaki, do Sesc Ipiranga.

Às novas amizades no Museu da Língua Portuguesa, que ouviram muito dizer que uma tese estava saindo e torceram por isso.

À Thais Miranda e a Camilla Denelci, que me auxiliaram na pesquisa de editais públicos direcionados ao livro e leitura em diversas capitais.

Aos meus familiares, que mesmo sem saber muito bem o que faço, acham que estou no caminho, especialmente, minha avó Vitória, com seus 99 anos; meu pai,

Vinebaldo, que está remoçando, ainda bem; minha Tia Gê, mais conhecida como minha mãe. E minha outra mãe, dona Maria de Lourdes. Às manas Karol (Alexa), Célia (Axé!), Fabiana e ao mano Jair, que me deu o legado de torcer para o São Paulo! Quando escrevo seguro nas mãos de vocês!

Ao Marcos Vinicius Coelho (Marquito), Cristiane Santos Souza (Cris), Karine Damasceno, Josemeire Alves Pereira (Josy). Amigos desde o mestrado na Unicamp.

Em Campinas, ainda, agradeço ao grupo Resistência de Capoeira Angola, especialmente Mariana e Alemão, *Iêêê viva, meus mestres*!

À Cristina Lima pela revisão da tese no auge das festas de fim do ano.

À Letícia Andrade, pelas muitas prosas terapêuticas. *Tua tese é uma entidade já, Vine!*, disse ela certa vez, e é verdade!

Em muitos momentos o ato de aterrar, respirar consciente e ficar em silêncio foram fundamentais para seguir, por isso agradeço às tecnologias ancestrais do Zen Budismo e às entidades que me permitiram chegar ao hoje, especialmente Omolu, Atotô Obaluaiê!

A Stefani Souza (Ste), com quem aprendo diariamente. Te amo.

Às pessoas queridas, que certamente esqueci, o coração nem sempre é palavreado.

Um agradecimento especial ao Vagner Amaro, pela entrevista em plena pandemia, e demais editores e editoras, com as quais dialoguei, mediados por outros meios. Que bom que vocês existem em sua diversidade e pluralidade!

A quem possa apreciar, sinta-se em casa, desejo uma boa troca de ideias e, quem sabe, alimento para novas pesquisas – ou quem sabe abrir uma editora! Essa é minha garrafa lançada ao mar do tempo.

Se você chegou até ela, boa leitura!

Onze músicas para tocar numa tese

1. Imortais e Fatais –Baco Exu do Blues
2. Colonial Mentality – Fela Kuti
3. O processo – Bnegão e os Seletores de Frequência
4. Oxotocanxoxo – Roberto Mendes
5. Que Jongue – Jongo da Serrinha e Sandra de Sá
6. Vazante – Tiganá Santana
7. Aperta o pé – Russo Passapusso, Antonio Carlos & Jocafi
8. The Healer – Erikah Badu
9. Ponta de lança (Verso livre) – Rincon Sapiência
10. Eu e água – Maria Bethania
11. Meu Lugar – Arlindo Cruz

“A restituição da interioridade a sujeitos
negros luso-afro-brasileiros e negros
diaspóricos está acontecendo em direções
diferentes e complementares, tantas quantas
são as sensibilidades e inteligência dos que
a assumem.”

Djaimilia Pereira de Almeida
O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo: ensaios

"Quando o rio esquece onde nasce, ele seca
e morre."
Provérbio Africano

“Eu preparo uma canção
Em que minha mãe se reconheça
Todas as mães se reconheçam
E que fale como dois olhos
[...]
Eu preparo uma canção
Que faça acordar os homens
E adormecer as crianças.”

Milton Nascimento, Carlos Drummond de Andrade
Canção Amiga, Clube da Esquina 2

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo estudar as editoras Mazza Edições, Nandyala, Ciclo Contínuo, Malê, Ogum´s Toques, todas em atividade e, a maioria, fundadas e dirigidas por pessoas negras, com linhas editoriais especializadas ou exclusivas de autorias negras. Além disso, reflito sobre o afro-oportunismo no mercado editorial, a partir do conceito de "*comodificação da negritude",* conforme definido por bell hooks. Para isso, trago a experiência da editora Mostarda como contraponto analítico. O problema central da pesquisa é compreender a experiencia desses empreendimentos, seus princípios e legados de editoração, com foco em suas políticas editoriais, no ativismo antirracista, na noção de independência editorial e nos possíveis vínculos com as políticas públicas de incentivo à leitura. Metodologicamente, a pesquisa combina estudo bibliográfico, análise documental e pesquisa de campo. Trata-se de um estudo sociológico em diálogo com outras áreas de conhecimento, dada a multidimensionalidade do objeto de estudo. A perspectiva teórica adotada é a interseccionalidade crítica, conforme define Patricia Hill Collins.

Palavras-chave: Editores e edição; Escritores negros; Mercado Editorial; Políticas Públicas; Antirracismo.

ABSTRACT

This work examines the publishing houses Mazza Edições, Nandyala, Ciclo Contínuo, Malê, and Ogum's Toques. All of them are active and predominantly founded and run by Black individuals, with specialized or exclusive editorial lines dedicated to Black authors. Additionally, I examine Afro-opportunism in the publishing market through the concept of the "commodification of Blackness", as defined by bell hooks, using the publishing house Mostarda´s experience as an analytical counterpoint. The central problem of this research is to understand the experiences of these publishing enterprises, their editorial principles and legacies, with a focus on their publishing policies, anti-racist activism, the notion of editorial independence, and possible links to public policies promoting literacy. Methodologically, the study combines bibliographic research, documentary analysis, and fieldwork. It is a sociological investigation in dialogue with other fields of knowledge, given the multidimensional nature of the subject. The theoretical framework adopted is critical intersectionality, as defined by Patricia Hill Collins.

Keywords: Publishers and publishing; Black authors; Public Policy; Anti-Racism

LISTA DE SIGLAS

ABDL	Associação Brasileira de Difusão do Livro
ACN	Associação Cultural do Negro
ABL	Academia Brasileira de Letras
AIEI	Aliança Internacional de Editores Independentes
AML	Academia Mineira de Letras
APL	Academia Paulista de Letras
CBL	Câmara Brasileira do Livro
CECAN	Centro de Cultura e Arte Negra
CPL	Câmara Periférica do Livro – Rede de Editoras das Periferias
CEU	Centros Educacionais Integrados
FCP	Fundação Cultural Palmares
FMC	Fundação Municipal de Cultura
FNB	Fundação Biblioteca Nacional
FNLIJ	Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
LGBTQIAPN+	Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Pôli, Não-binárias e mais
LIBRE	Liga Brasileira de Editores
MEC	Ministério da Educação
MinC	Ministério da Cultura
MNU	Movimento Negro Unificado
NEER	Núcleo de Educação Étnico-racial
PNE	Plano Nacional de Educação
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNLD	Programa Nacional do Livro e do Material Didático
PNLL	Plano Nacional do Livro e Leitura
SEE	Secretaria de Estado da Educação
SME	Secretaria Municipal de Educação
SEPPIR	Secretaria Executiva de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
SNEL	Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Brasil)
TEN	Teatro Experimental do Negro
VAI	Programa de Valorização de Iniciativas Culturais

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfis das Editoras Pesquisadas.....39
Tabela 2 – Editoras associadas à LIBRE por Região e Estado 122
Tabela 3 – Editoras Negras e/ou Periféricas Associadas à LIBRE 125
Tabela 4 – Editoras e Selos Vinculados à Câmara Periférica do Livro 128
Tabela 5 – Lista de obras da Mazza Edições contempladas com o “Kit de Literatura Afro-Brasileira, Indígena e Africana” – 2004 a 2006.....201
Tabela 6 – Resumo das Obras da Mazza Edições Contempladas em Programas de Fomento nas Diferentes nas Diferentes Categorias do Catálogo 203
Tabela 7 – Obras da Mazza Edições Contempladas em Programas de Fomento na Categoria Infantojuvenil.....204
Tabela 8 – Selo Penninha Edições: Obras Contempladas em Programas de Fomento 204
Tabela 9 – Obras da Mazza Edições Contempladas em Programas de Fomento no Segmento de Literatura.....205
Tabela 10 – Obras da Mazza Contempladas por Programas de Fomento no Segmento de Paradidáticos 206
Tabela 11 – Obras da Mazza Edições Contempladas em Programas de Fomento na Categoria de Ensaios 206
Tabela 12 – Obras Contempladas em Programas de Fomento da Ciclo Contínuo Editorial 225
Tabela 13 – Ciclo Contínuo Editorial: Ações Educativas, minicursos, homenagens.... 228
Tabela 14 – Ogum’s Toques: Obras, Parcerias, Financiamentos.....249

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Composição das gestões da LIBRE 124
Figura 2 – Reprodução da capa de livro da Câmara Periférica do Livro 129
Figura 3 – Capa e contracapa da obra Publica, Preta! 132
Figura 4 – Maria Mazarello Rodrigues – a Mazza 134
Figura 5 – Iris Amâncio: professora, pesquisadora e editora. 138
Figura 6 – Marciano Ventura 143
Figura 7 – Mel Adún e Marcus Guellwaar Adún 147
Figura 8 – Vagner Amaro 156
Figura 9 – Capas do Prêmio Malê de Literatura e da Revista Literária Mahin 160
Figura 10 – O editor Pedro Mezette 163
Figura 11 – Capas de livros da Coleção Black Power da editora Mostarda 168
Figura 12 – Capas da Coleção Black Power com créditos das autorias na capa . 170
Figura 13 – Capa da biografia de Luiz Gama com suásticas 171
Figura 14 – Capa com suásticas em colorido 171
Figura 15 – Capa da biografia de Luiz Gama corrigida 171
Figura 16 – Gráfico das Vendas de livros didáticos no mercado editorial brasileiro 196
Figura 17 – Vendas governamentais no mercado editorial brasileiro (2022-2023) 197
Figura 18 – Programação do Seminário Nandyala Editora: Africanidades e Educação 212
Figura 19 – Capa e convite para o lançamento do livro, Olhares sobre a mobilização brasileira para a III Conferência Mundial Contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Intolerância Correlatas, 2013 214
Figura 20 – Segunda edição da obra Histórias de Tio Alípio e Kauê: O Beabá do Berimbau, 2018. 221
Figura 21 – Cartaz de Lançamento do livro Negrafias Vol. 3. 224
Figura 22 – Cartaz para o minicurso “O negro escrito” de Oswaldo de Camargo . 227
Figura 23 – Folheto do projeto "Leituraço" da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo 230
Figura 24 – Reprodução do Logotipo da Editora Malê e do Adinkra Sankofa 233
Figura 25 – Cartaz do I Festival da Literatura Negra (FLIN), 2017 235
Figura 26 – Cartazes do II e do III Festival da Literatura Negra (FLIN) 235

Figura 27 – Divulgação da Semana Literária Internacional, Salvador, BA, 2013 ..243
Figura 28 – Coletânea Ogum’s Toques: marco editorial inicial 245
Figura 29 – Cartaz da Primavera Literária e Logomarcas das Editoras Barabô e Ogum´s Toques.....247

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 18

1 EXPERIÊNCIA, INTERSECCIONALIDADE, EDITORAS NEGRAS: CONCEITOS E IDEIAS PARA CAMINHAR 29

1.1 Experiência e interseccionalidade como ferramenta de análise e de práxis 29

1.2 Editoras negras como categoria analítica 35

1.3 Breves perfis das editoras pesquisadas 39

1.4 Considerações iniciais 59

2 Contra o insólito: editoras e autorias negras contemporâneas 62

2.1 O debate sobre editoras negras na literatura acadêmica 64

2.2 A autoria negra, o mercado editorial e o discurso da diversidade 81

2.3 Editoras negras no mercado editorial brasileiro nos últimos 20 anos 97

3 OS EDITORES ESTAVAM COM FRIO: UM PERFIL DAS EDITORAS NEGRAS E SEUS NEXOS COM A INDEPENDÊNCIA EDITORIAL 103

3.1 Independência editorial como forma de reinterpretar o mercado editorial contemporâneo 108

3.2 As alianças entre editores/as independentes no Brasil 113

3.3 Editoras negras e independência editorial 126

3.3.1 A Câmara Periférica do Livro 127

3.3.2 Mazza Edições (Belo Horizonte, 1981 – atual) 134

3.3.3 Nandyala: livraria-editora-instituto (Belo Horizonte, 2006 – atual) 138

3.3.4 Ciclo Contínuo Editorial (São Paulo, 2009 – atual) 143

3.3.5 A editora Ogum's Toques Negros (Salvador, 2014 – atual) 147

3.3.6 A Editora Malê (Rio de Janeiro, 2016 – atual) 156

3.3.7 A editora Mostarda (Campinas, SP, 2017 - atual) 162

4 EDITORAS NEGRAS E O ACESSO ÀS LEIS DE FOMENTO AO LIVRO E LEITURA COM RECORTE INTERSECCIONAL 176

4.1 Preciosos frutos do ativismo negro 178

4.2 O negro-tema está na moda. Onde estão os negros? Reeditando o racismo institucional 182

4.3 Um país de leitores. Quais leitores? Que literatura? 188

4.4 Há espaços para as editoras negras nos programas de fomento à leitura? 197

4.4.1 Mazza Edições – uma pioneira na arte de soltar palavras negras no mundo 199

4.4.2 O caminho singular da livraria e editora Nandyala 208

4.4.3 Ciclo Contínuo: entre corres, capoeiragens e políticas públicas 217

4.4.4 – A editora Malê e as ações de promoção do livro e da leitura..... 232
4.4.5. De Salvador ouvem-se os tambores de Ogum..... 238
4.5 Para encerrar, algumas reflexões..... 252
CONCLUSÕES ABERTAS: PARTILHAR O SENSÍVEL, AFINAR LÂMINA DA PALAVRA, HABITAR A PRÓPRIA CASA..... 256
REFERÊNCIAS..... 260

INTRODUÇÃO

É notável como muitas das lutas contemporâneas – à exemplo do direito à cidadania, memória e história – estão centradas em disputas em torno de diferenças, sejam elas de classe, gênero, raça/etnia, território, entre outras. Questionar as ausências e reivindicar a autorrepresentação nas instâncias de poder (públicas e privadas), na ciência, na arte e nos meios de comunicação, tem sido a tônica de diversas minorias políticas. Expressões como “Nada sobre nós, sem nós”, “Nós por nós” ou “Onde estão os negros?”, entre outras, refletem essa disposição de nosso tempo para reivindicação do reconhecimento da singularidade na multiplicidade de vozes que compõem o país.

Essa tendência ecoa no mercado editorial brasileiro de maneira singular e gradual. Incipiente na primeira década do século XXI e mais expressiva desde os anos 20 deste milênio. À medida que a diversidade passou a ser mais popularizada – inclusive pelos ataques recebidos da onda reacionária e conservadora no mesmo período –, o mercado editorial ampliou a publicação destes segmentos. Das gigantes, como a Companhia das Letras, HarperCollins e Record, às consideradas independentes, como a Todavia, Nós, Fósforo, Boitempo, entre outras, vemos o crescimento da publicação de livros de autorias femininas, negras, indígenas, LGBTQIAPN+. Não por acaso, algumas dessas autorias passaram a ocupar as listas de mais vendidos, os espaços de consagração (festivais, feiras, premiações literárias, Academias de Letras), os júris literários, o circuito dos clubes de leitura etc.

Essa maior abertura editorial não ocorreu “do nada”, mas sim por fruto da pressão de coletivos de ativistas, escritores(as), editoras e livrarias negras, que, há décadas, respondem ao elitismo e ao racismo do mercado editorial e das instituições legitimadoras do sistema literário. Essa resistência é geradora de um legado de efervescência cultural próprios, com a publicação de edições independentes, criação de festivais literários, coletivos literários, editoras, saraus e slams de poesia. Muitas dessas iniciativas, nascidas nas margens, foram (ou são) geridas por pessoas negras e periféricas espalhadas pelo país.

Apresentado esse contexto, vale uma explicação sobre o título da tese. “A partilha do sensível e a fina lâmina das palavras: cinco editoras negras e suas formas

de atuação” sintetiza duas dimensões inerentes ao papel ativista das editoras negras aqui estudadas. Uma, a valorização das interioridades negras; outra, a resistência ao racismo estrutural brasileiro por meio da publicação de obras ficcionais, poéticas e não-ficcionais de autores(as) negros(as) de diferentes países. Nesse sentido, manter a lâmina das palavras afiadas é tão importante quanto partilhar o sensível, pois ao corpo que sente desde a infância, exige-se que aprenda a resistir ao racismo singular brasileiro, onde a cor da pele pesa profundamente nos caminhos de vida e de morte das pessoas negras. Em chave musical, o ofício dessas vozes negras, traduzidas no título, têm parentesco com os versos daquele compositor carioca e de coração mineiro: “Eu preparo uma canção/que faça acordar os homens e adormecer as crianças”.[1]

O estudo se desdobra entre os anos 2000 e 2020. O objetivo foi compreender as políticas editoriais e as categorias de autorrepresentação acionadas por seus agentes, à exemplo do antirracismo e da noção de independência editorial. Isso nos levou a estudar, também, os nexos entre essas categorias e o papel de determinadas políticas públicas de incentivo à leitura nacionais, estaduais e municipais, especialmente as de recorte interseccional. O que significa uma editora negra independente acessar políticas públicas? Elas continuam independentes mesmo assim? Aliás, qual o significado de ter poucas políticas de recorte interseccional para a área do livro? Será que as próprias editoras negras se apresentam como modelos possíveis de políticas públicas para a formação de leitores e para o letramento racial?

O crescente interesse editorial pelas autorias negras está alinhado à implementação de políticas públicas de reconhecimento étnico a partir dos anos 2000, resultado de décadas de lutas antirracistas do ativismo negro e indígena. Nesse contexto, à medida que escritores(as) negros(as) conquistaram maior espaço no mercado editorial – além da publicação independente via autoedição e por pequenas editoras –, surge o questionamento haveria um “afro-oportunismo” desse mercado de livros em geral? Para analisar essa questão, recorri à noção de “*comodificação da negritude”,* de bell hooks. Formulado para examinar a interface entre capitalismo, patriarcado e racismo na cena cultural e artística dos Estados Unidos nos anos 1980, esse conceito permitiu, com as devidas adaptações, estudar as dinâmicas sociais e

1 NASCIMENTO, Milton. Canção Amiga. In: Clube da Esquina 2. 1978. EMI-Odeon. Rio de Janeiro. Remasterizado em CD em 1994. Estúdios Abbey Road Londres.

culturais específicas brasileiras, que incidem no mercado editorial, ao longo das duas últimas décadas.

Para trazer um aspecto relacional entre editoras negras e editoras geridas por pessoas brancas, fiz uma interlocução com a editora Mostarda. Fundada em 2019, em Campinas, ela possui uma linha editorial focada na diversidade social e étnica, com grande destaque para a temática negra. O catálogo dá atenção para o público infantil e infanto-juvenil. Seu fundador é Pedro Mezette, um editor branco. Analisei a política editorial da Mostarda em comparação com as cinco editoras negras pesquisadas. O objetivo foi estudar em que medida essa editora poderia fornecer exemplos concretos e delimitados no mercado editorial brasileiro das atitudes relacionadas à mercantilização da negritude no cenário cultural e artístico dos Estados Unidos, conforme analisada por bell hooks.

O que significa ser uma pessoa negra e possuir um empreendimento voltado para a publicação de autoria negras no Brasil contemporâneo? Quais são os seus projetos políticos editoriais e pedagógicos, categorias de autoidentificação e formas de sustentabilidade econômica postos em prática? Essa questão central gerou três eixos analíticos: 1) Quais desafios e estratégias as editoras negras adotam para produzir e distribuir seus catálogos? Que valores e ideários guiam suas escolhas editoriais, como antirracismo, antissexismo, bibliodiversidade e democratização da leitura? 2) Como essas editoras se posicionam no mercado editorial brasileiro, que, ao mesmo tempo em que historicamente marginalizou autorias negras, agora reivindica a diversidade como um valor estratégico? 3) De que maneira políticas públicas, como a Lei 10.639/03 (atualizada pela lei 11.645/08)[2] e outras iniciativas nacionais e locais, influenciam a existência e o desenvolvimento dessas editoras?

É surpreendentemente rara a bibliografia sobre os nexos entre editoras, livrarias e pessoas negras proprietárias (ou gestoras) desses empreendimentos. Isso é atestado pelas diversas pesquisas que realizei nos principais portais digitais de periódicos de universidades públicas e privadas do Brasil todo. Para se ter uma ideia, ao pesquisar no portal da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)

---

[2] A Lei nº 11.645, de 10 março de 2008 tornou obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, uma de seus pontos frágeis foi não prever sua obrigatoriedade nos estabelecimentos de ensino superior para os cursos de formação de professores, as licenciaturas. Essa lei atualizou a Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que tornara obrigatório o tema “História e Cultura Afro-brasileira” no ensino básico, público e privado.

e no Portal de Periódicos da Capes, usei uma série de palavras-chave combinadas: “livrarias” e “negras”; “editoras” e “negras”; “editoras” e “diversidade”, entre outras. Tais buscas revelaram poucos resultados relevantes, muitas vezes nenhum sobre pessoas negras editoras. A boa notícia é que a mesma pesquisa e palavras-chave que usei revelou uma variedade de estudos críticos brasileiros sobre a literatura ou as vertentes literárias negras existentes no Brasil, na diáspora africana e no continente africano.

O resultado dessa falta de estudos sobre o fenômeno dos negócios editoriais negros presentes na literatura acadêmica é uma lacuna de conhecimento sobre a interface entre mercado editorial e categorias de identidade, algo similar ao que o pesquisador Mario Augusto Medeiros da Silva denominou de “Sociologia da lacuna”, que ele constatou ao procurar analisar a escrita literária das vertentes negras e periféricas. Outro efeito dessa lacuna é a inexistência de uma tradição de pesquisas triadas pelo tempo sobre a experiência das pessoas negras editoras e seus empreendimentos. Porém, esforços nesse sentido têm sido feitos, e boas pesquisas saíram, comento-as no capítulo 2.

Apesar da (quase) ausência de literatura sobre esse tópico, editoras autodeclaradas negras (entendendo negros a partir da junção das categorias pretos e pardos do IBGE) existem; e seus agentes, seja de maneira isolada ou em sociedade, inclusive com pessoas não-negras, empreendem no mercado editorial. Nas vozes de seus agentes, são plurais e fluídas as formas como se autodefinem, a mais comum, é editora negra, que pode vir acompanhado de outras adjetivações, independente, periférica, feminista etc. O pesquisador Luiz Henrique Silva Oliveira, criou o conceito de *quilombos editoriais*[3]; para denominar as casas editoriais, que possuem linha editorial afro-referenciada e caracterizam-se por serem editoras independentes, e que promovem intervenções culturais. Para ele, esses quilombos editoriais não têm como fundadores(as) apenas pessoas negras, pois sua ênfase está no catálogo e na política editorial. De todo modo, contemporaneamente é crescente o surgimento de editoras afrorreferenciadas, sendo os editores negros ou não-negros. Elas atuam com uma

[3] Conceito formulado pelo pesquisador Luiz Henrique Silva de Oliveira, que inclui as casas editoriais, cuja linha editorial é afrorreferenciada e pauta-se por uma orientação política de intervenção, podendo os editores serem negros e não-negros. Discuto esse conceito no capítulo 2. Para uma definição de Oliveira, ver: OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. Os quilombos editoriais como iniciativas independentes. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [*S. l.*], v. 28, n. 4, p. 157, dez. 2018. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/14367. Acesso em: 8 abr. 2020.

variedade de linhas editoriais: afrofuturista, marginal-periférica, antirracista, negro-feminina, negro-indígena, LGBTQIAPN+, entre outras.

Dada essa polifonia de sentidos, o termo editora negra, retomado adiante, é compreendido aqui como uma empresa editorial dirigida por pessoas negras (mesmo que em sociedade com pessoas não-negras), e cujo catálogo é especializado ou inteiramente dedicado à publicação de autorias negras, de diversos gêneros e públicos. Assim, não busquei formular um conceito, mas usar uma categoria de análise maleável à pluralidade e a diversidade de agentes e editoras, em atuação, em contextos geográficos, socioculturais e econômicos específicos.[4]

Dentre os antecedentes históricos das editoras negras, pesquisas recentes identificam Francisco de Paula Brito (1809-1861)[5] como pioneiro. Ele foi um destacado livreiro, impressor e editor no Rio de Janeiro colonial, entre 1832 e 1861. Fundou a Tipografia Fluminense de Brito e Cia, e depois a Empresa Tipográfica Dous de Dezembro, considerada "o maior empreendimento gráfico até então visto".[6] Publicou,

---

4 Outra pesquisa importante, não realizada nesta tese, seria a análise do ponto de vista das grandes editoras, atuantes no Brasil, que passam a assumir, em tempos recentes, um discurso a favor da diversidade. Essa mudança é resultado de quê e quais foram os objetivos e efeitos?.

5 A literatura sobre Paula Brito é grande, entre elas, destaco: OLIVEIRA (2018); CAMARGO, Oswaldo. Um negro histórico: Francisco de Paula Brito, primeiro editor brasileiro. *In*: RAMOS JR., José de Paula; DEAECTO, Marisa Midori; MARTINS FILHO, Plínio (org.). **Paula Brito**: editor, poeta e artífice das letras. São Paulo: Editora da Cidade de São Paulo; Com Arte, 2010. Para a trajetória de Paula Brito, ver, entre outros: GONDIM, Eunice Ribeiro. **Vida e obra de Paula Brito**: iniciador do movimento editorial no Rio de Janeiro (1809-1861). Rio de Janeiro: Livraria Brasiliana Editora, 1965; VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969; BROCA, Brito. Paula Brito, "Mecenas Pobre". *In*: **Românticos, pré-românticos, ultra-românticos**: vida literária e Romantismo brasileiro. São Paulo: Polis; Instituto Nacional do Livro, 1979; MAGALHÃES JR., Raimundo. **Vida e obra de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2008; MASSA, Jean-Michel. **A juventude Machado de Assis (1839-1870)**: ensaio de biografia intelectual. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971; HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil:** sua história. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2005; EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 22-23; AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. Maçonaria, cidadania e a questão racial no Brasil escravagista. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 121-136, dez. 1998; AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. A recusa da "raça": antirracismo e cidadania no Brasil dos anos 1830. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, a. 11, n. 34, p. 297-320, jul./dez. 2005; LIMA, Ivana Stolze. **Cores, marcas e falas**: sentidos da mestiçagem no Império do Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003; RAMOS JR., José de Paulo; DAECTO, Marisa Midori; MARTINS Filho, Plínio (org.). **Paula Brito**: editor, poeta e artífice das letras. São Paulo: Edusp; Com Arte, 2010; MARTINS, Bruno Guimarães. **Corpo sem cabeça**: Paula Brito e a Petalógica. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013; GODOI, Rodrigo Camargo de. Cor e política no segundo reinado: o editor Paula Brito e o debate entre liberais e conservadores na imprensa do Rio de Janeiro (1840-1850). *In*: CHALHOUB, Sidney; MAGALHÃES PINTO, Ana Flávia (org.). **Pensadores negros – pensadoras negras:** Brasil séculos XIX e XX. Belo Horizonte: EDUFRB; Fino Traço Editora, 2016.

6 GODOI, Rodrigo Camargo de. Cor e política no segundo reinado: o editor Paula Brito e o debate entre liberais e conservadores na imprensa do Rio de Janeiro (1840-1850). In: CHALHOUB, Sidney; MAGALHÃES PINTO, Ana Flávia (org.). Pensadores negros – pensadoras negras: Brasil séculos XIX e XX. EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016, p. 19-20.

entre outros, Joaquim Manoel de Macedo, Casimiro de Abreu, José de Alencar e Machado de Assis. É descrito como “o primeiro editor brasileiro” e “o primeiro empresário negro que possuímos registro”, pelo escritor Oswaldo de Camargo;[7] identificado como o precursor dos *quilombos editoriais*, pelo pesquisador Luiz Henrique Oliveira.[8] E, ainda, como “uma espécie de Barão de Mauá do ramo gráfico, banqueiro e empresário”, conforme o historiador Rodrigo Camargo de Godoi. [9]

A trajetória de Paula Brito demonstra a importância de pessoas de ascendência africana para a história da imprensa brasileira. No entanto, ao contrário desse “Mauá da edição”, a história recente das editoras negras é comumente marcada por dificuldades financeiras. Desafios, em parte, comuns aos enfrentados por pequenas e médias livrarias e editoras ou livrarias-editoras. Mas, além destes problemas, há outros, resultantes de questões étnico-raciais, à exemplo da marginalização histórica da autoria negra no mercado editorial brasileiro. Sobre esse aspecto, o pesquisador Mário Augusto Medeiros da Silva, ao analisar a segunda metade do século XX, assinalou o notório “caráter endógeno dessa produção”, com o surgimento e o desaparecimento, em um intervalo de vinte anos, de uma série de editoras e livrarias especializadas em literatura negra e periférica.[10]

Uma exceção que confirma essa tendência de vida breve desse segmento editorial é a Mazza Edições, cuja linha editorial, especializada em autoria negra, completará 44 anos de atuação em 2025. Trata-se da editora mais longeva entre as selecionadas para esse estudo. Todas as demais surgiram a partir dos anos 2000, conforme apresento abaixo e com mais detalhes ao final do capítulo 1.

Nesse sentido, centralizei minha análise nas seguintes editoras:

- *Mazza Edições*, fundada em 1981 por Maria Mazarello Rodrigues, em Belo Horizonte/MG;

---

7 CAMARGO, Oswaldo. Um negro histórico: Francisco de Paula Brito, primeiro editor brasileiro. In: RAMOS Jr, José de Paula; DEAECTO, Marisa Midori; MARTINS FILHO, Plínio. (Org). **Paula Brito: editor, poeta e artífice das letras**. São Paulo: Editora da Cidade de São Paulo: Com Arte, 2010, p.13-16.

8 Ver: OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de, *op. cit*., p.159-161.

9 *Op. cit*, p. 19-20. Vale destacar que, o conceito de raça é histórico e dinâmico, desta maneira, Paula Brito era considerado – um homem de cor – conforme as identificações de cor e raça do século XIX –, na medida que era “filho e neto de crioulos libertos”, conforme explica Godoi. De maneira que, o que entendemos atualmente como pessoa negra, difere do que era naquele período.

10 SILVA, Mario Augusto Medeiros da. **A Descoberta do Insólito**: Literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000). 2. Ed. revista e ampliada. São Paulo: Edições Sesc, 2023, p.125.

- *Nandyala Livraria e Editora*, fundada no ano 2000 por Íris Amâncio e Rosa Margarida, também na capital mineira;
- *Ciclo Contínuo Editorial*, fundada em 2009 por Marciano Ventura, na zona lesta da capital paulista;
- Ogum's Toques Negros, de 2014, fundada por Marcus Guellwaar Adún e Mel Adún, em Salvador;
- *Malê Editora* e produtora cultural, constituída em 2015 pelos sócios Vagner Amaro e Francisco Jorge, no Rio de Janeiro;

Nessa seleção, levei em conta três aspectos: o primeiro, ser uma editora de livros em atividade, com linha editorial exclusiva ou especializada dedicada à escritores(as) negros(as); o segundo, ter pessoas negras como proprietárias ou gestoras da empresa; e, por fim, o terceiro, serem negócios editoriais diversos entre si, podendo variar em termos de geração, gênero e local de atuação, por exemplo.

Embora minha intenção fosse compor um quadro analítico com editoras negras também das regiões Norte e Nordeste, a maioria das editoras que localizei e pesquisei está na região Sudeste.[11] A exceção foi a Ogun´s Toques, de Salvador/BA. Essa homogeneidade geográfica do *corpus* da pesquisa está em sincronia com a concentração histórica do mercado editorial brasileiro no Rio de Janeiro e em São Paulo. Vale dizer que Belo Horizonte e Santa Catarina são polos relevantes, porém secundários em termos da produção editorial nacional.[12] O professor Eduardo de Assis Duarte, em prefácio ao livro *Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra brasileira*, de autoria de Luiz Henrique Oliveira e Fabiane Cristine Rodrigues, comenta como essa concentração da produção e consumo de livros no eixo Rio-São Paulo,

---

11 E bastante provável que editoras e livrarias com perfil afrocentrado existam ou estejam surgindo para além das regiões Sul e Sudeste, mas que justamente por estarem fora do eixo hegemônico, possuam um alcance de publicidade e abrangência menores. Um exemplo recente é a editora Ereginga Educação, de Salvador, que surgiu em 2020, com o objetivo de publicar obras infantis e infanto-juvenis com protagonismo negro, como lemos em seu site. EDITORA EREGINGA EDUCAÇÃO. Percursos da Leitura na Bahia, 2025. Disponível em: https://percursosdaleituranabahia.com.br/projetos/editora-ereginga-educacao/. Acesso em: 20 mar. 2025.

12 MUNIZ JÚNIOR, José de Souza. **Girafas e bonsais**: editores 'independentes' na Argentina e no Brasil (1991-2015). 2016. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-28112016-103559/. Acesso em: 20 mar. 2025.

evidencia como o que chega a ser editado e vai para as estantes de leitores está condicionado aos polos de produção econômica. [13]

Feito esse recorte, buscou-se estudar as distintas experiências de pessoas negras editoras e suas linhas editoriais, catálogos, discursos e formas de atuação. Também, a relação entre essas editoras com as políticas de fomento ao livro e leitura, sobretudo políticas públicas em âmbitos nacional, estadual e municipal. Se as instabilidades financeiras para se publicar e fazer circular as produções artísticas e as ideias negras são históricas, o que ocorre nas duas primeiras décadas do século XXI, quando as novas tecnologias para se imprimir, distribuir e divulgar, como a internet, as redes sociais, e a impressão sob demanda, por exemplo, tornaram mais acessíveis, ter uma editora?

Para atingir os objetivos da pesquisa, utilizo os seguintes instrumentos metodológicos: pesquisa de campo em eventos literários, como feiras de livros e lançamentos; pesquisa online em órgãos de classe[14], secretarias de educação, de cultura e de promoção da equidade racial, além de sites especializados no mercado editorial, como PublishNews; e pesquisa bibliográfica e documental sobre a produção editorial em geral, com foco para as editoras negras e/ou independentes.

A intenção era entrevistar todas as pessoas editoras selecionadas para a pesquisa; no entanto, após tentativas reiteradas de contato, seja por telefone ou e-mail, apenas o editor da Malê e escritor Vagner Amaro, concedeu-me uma entrevista por videoconferência. Diante desse percalço, busquei compor um banco de dados com todas as matérias, entrevistas e publicações desses agentes que encontrei, de maneira a sanar, se não todas, a maioria das dúvidas e questões que eu havia planejado perguntar.[15] Isso me levou a me aprofundar sobre o trabalho de pessoas negras e não-negras que resolveram empreender e possuem um negócio, em geral, de pequeno porte; além disso procurei fazer cursos com editores e sobre editoras independentes, conversar com escritores(as), ilustradores(as) em situações mais

---

13 Ver em: DUARTE, Eduardo de Assis. Prefácio. *In*: OLIVEIRA, Luiz Henrique; RODRIGUES, Fabiane Cristiane. **Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra brasileira**. Rio de Janeiro: Malê, 2022, p.16-17.

14 São exemplos desses: o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), a Liga Brasileira de Editoras (LIBRE) e a Câmara Periférica do Livro (CPL).

15 Fiquei pensando se por traz dessa recusa das editoras haveria uma postura ética de não querer se tornar novamente um objeto de pesquisa de acadêmicos, como muitas vezes já ocorreu no passado. Soma-se a isso, o fato de que se trata de agentes que empreendem no mercado editorial, e nesse sentido, controlar o que é dito, como é dito, e com que propósito, podem ser questões nada triviais para se decidir conceder entrevistas ou não. São hipóteses soprando no vento, para parafrasear Bob Dylan.

formais ou informais, o que, ao final, enriqueceu a pesquisa e me conduziu a novas reflexões e análises. Há um provérbio africano que diz que “a ciência é como o tronco do baobá, que uma pessoa só não é capaz de abraçar”. Acredito que outras pesquisas, inclusive monográficas sobre as diversas editoras negras, são necessárias e poderão trazer um entendimento mais detalhado e amplo desses empreendimentos, cada vez mais numerosos no avançar da segunda década do século XXI.

Quanto à metodologia, fiz uma análise sociológica em diálogo com outras áreas de conhecimento dado o caráter multidimensional das editoras. Também utilizei a noção de experiência, proposta pela historiadora Joan Scott[16], e a perspectiva interseccional, conforme as reflexões de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge.[17]

Em termos de contexto sociopolítico da sociedade brasileira e global, a pesquisa tem como arco temporal os anos 2000 e 2020. Nele, dois momentos políticos cruciais se destacam. O primeiro, caracterizado pela aproximação e transformação de certas agendas políticas de grupos sociais, como o movimento social negro, em políticas públicas, órgãos de governo e secretarias. Isso ocorreu, sobretudo, nos dois primeiros mandatos presidenciais de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011), e se estendeu até a gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2016).

O segundo, é de corte com os ciclos petistas: perpassa as mobilizações de massa de 2013, o *impeachment* de Dilma, em 2016 – entendido por alguns como golpe de Estado [18] – e culmina no crescimento de um movimento reacionário de massa e na eleição de um governo de ultradireita neofascista, em 2018, com Jair Messias Bolsonaro (2019-2022). Esse governo, ao conciliar pautas conservadoras e uma agenda neoliberal ortodoxa, promoveu o desmanche de ministérios e de políticas públicas. Foi um período, ainda, de recrudescimento de diversas formas de opressão, como a intolerância religiosa, o racismo, o machismo, o aumento das desigualdades, e a criminalização dos movimentos sociais, da ciência e dos canais de comunicação, que quando não apoiadores declarados, foram taxados de opositores ao pacto

---

16 SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. **Projeto História***,* São Paulo, v. 16, p. 297-325, fev. 1998. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11183/8194. Acesso em: 2 fev. 2022.

17 COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

18 A ação foi elaborada pelos juristas Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal, que acusaram a ex-presidenta do crime de responsabilidade fiscal, conhecidas também como “pedaladas fiscais”, e por ter editado irregularmente decretos de suplementação orçamentária. Tanto o governo quanto setores contrários ao impedimento argumentaram que não havia provas para a ação, denominando-o de golpe. Cf. GOMES, Karina. Quais são as acusações contra Dilma? **DW**, 26/08/26. Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/quais-s%C3%A3o-as-acusa%C3%A7%C3%B5es-contra-dilma/a-19249899. Acesso em: 24 jun. 2023.

conservador e de extrema direita do governo e de setores da sociedade. Para piorar, a chegada da pandemia da Covid-19 ao Brasil, em 2020, resultou em uma condução *necropolítica* da sociedade brasileira.[19]

Em resumo, esses dois momentos – o ciclo de governos petistas e sua erosão com ascensão da ultradireita – evidenciam como a posição do Estado em relação às políticas públicas de redução da desigualdade e de promoção da diversidade impactaram as pessoas, a arte e cultura, e consequentemente nas pequenas e médias editoras, como atores políticos públicos capazes de produzir uma curadoria de imaginários e de conhecimentos mais plural.

Por fim, passemos à organização do texto da tese. São quatro capítulos. No primeiro – "Experiência, interseccionalidade, editoras negras conceitos e ideias para caminhar" – sintetizo o conceito de *experiência*, da historiadora Joan Scott, e a categoria *interseccionalidade crítica*, sistematizada pela socióloga Patricia Hill Collins, destaco os livros *Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica* (2022) e *Interseccionalidade* (2021), escrito em parceria com Sirma Bilge. Em seguida, mostro como esses instrumentos de análise permitiram estudar as editoras negra a partir de suas singularidades históricas e contextuais, compreendendo as identidades como dinâmicas, e, portanto, sujeitas à ambiguidades, disputas e mudanças. Depois, defino a noção de editora negra como operador analítico e não como um conceito. Ao final, apresento perfis das editoras estudadas para facilitar a sequência da leitura.

O segundo capítulo, "Contra o insólito: editoras e autorias negras contemporâneas", possui três partes, no qual caracterizo a produção editorial negra a partir dos anos 2000. De início, reflito sobre as perspectivas e análises presentes na literatura pertinente ao tema. Depois, analiso como a autoria negra ganha força no mercado editorial brasileiro a partir de uma valorização do *discurso da diversidade*, local e global, conforme conceito definido pelo sociólogo Michel Nicolau Netto. Na terceira parte, contextualizo as mudanças sociais, políticas e literárias que permitiram nas duas últimas décadas a ampliação de escritores e editoras negras. Ao final, debato se a ideia da marginalidade das literaturas negras e periféricas se alterou ou

---

[19] *Cf.* MACHADO CAVALCANTE, Sávio. A condução neofascista da pandemia de Covid-19 no Brasil: da purificação da vida à normalização da morte. **Calidoscópio**, [*S. l.*], v. 19, n. 1, p. 4–17, 2021. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/22745. Acesso em: 24 jun. 2023.

permanece, conforme as analisou o sociólogo Mário Augusto Medeiros da Silva em sua tese *A descoberta do insólito: literatura negra e periférica no Brasil* (1960-2000).

No terceiro capítulo, “Os editores estavam com frio: um perfil das editoras negras e seus nexos com a independência editorial”, faço uma análise da polifonia de sentidos que a ideia de editoras independentes possui na atualidade e como ela é reivindicada por alguns editores e editoras negros. Sendo a categoria independente relacional e distintiva, parto da questão: o produtor independente é independente de que(m)? Há diferenças entre uma editora independente em geral e uma editora independente negra? Por que poucas das editoras negras independentes integram um órgão representativo da categoria, a Liga Brasileira de Editores (LIBRE)?

O quarto e último capítulo, “Editoras negras e o acesso às leis de fomento ao livro e leitura com recorte interseccional”, abarca as políticas públicas de promoção da leitura. A primeira questão foi compreender em que medida elas apresentam um recorte interseccional, quanto ao beneficiário da política, à concepção de leitura e de literatura? Atravessa essa discussão, compreender e analisar o impacto das leis 10.639/03 e 11.645/08 no modelo de negócio empregado por essas editoras. E perceber, quais foram as estratégias e percepções das pessoas negras editoras com relação a essas políticas públicas, se acessam ou não e qual o impacto editorial. Como a editora independente e negra encontra meios de publicar com subsídios locais e/ou federais ou mesmo ter suas obras compradas para políticas públicas educacionais? Como isso afeta a noção de independente com que algumas editoras que pesquisamos se definem?

Na “Conclusão aberta: Partilhar o Sensível, afinar a Lâmina da palavra, habitar a própria casa”, permito aflorar minha própria sensibilidade ao escrever a tese. O foco é uma reflexão sobre a dimensão antirracista das editoras Mazza Edições, Nandyala, Ciclo Contínuo Editorial, Malê e Ogum’s Toques. Tendo o antirracismo como elemento central, argumento como para essas casas, o objeto livro é uma ferramenta de luta, mas, em se tratando de um empreendimento comercial, as dinâmicas culturais, econômicas e políticas as afetam. Portanto, equilibrar essas dimensões é vital. Por fim, observo que, além de recorrerem em alguma medida às políticas de fomento, a maioria das editoras estudadas apresentam em suas políticas editoriais formas de promoção da leitura e do livro. Nesse contexto, a sociedade brasileira, mercado editorial e governos poderiam aprender com essas práticas e melhor fomentá-las.

1 EXPERIÊNCIA, INTERSECCIONALIDADE, EDITORAS NEGRAS: CONCEITOS E IDEIAS PARA CAMINHAR

Neste capítulo, apresento a metodologia da pesquisa e seus principais conceitos. Uso a imagem da caminhada no título, pois, como veremos, são conceitos e ideias situados, nos quais, mais do que defini-los, o fundamental são articulá-los em contextos históricos e culturais específicos.

1.1 Experiência e interseccionalidade como ferramenta de análise e de práxis

No ensaio *A invisibilidade da experiência*, Joan Scott crítica o modo como a noção de experiência é dada como autoevidente na pesquisa de historiadores, de diferentes áreas e perspectivas, que buscaram tornar visível a experiência dos sujeitos, seja do ponto de vista racial, de gênero e de classe – a exemplo do historiador das ideias R. G. Collingwood e do historiador social E. P Thompson.

Joan Scott identifica um padrão de conhecimento em que a noção de experiência é tomada como o acesso transparente à realidade como fonte de saber.[20] Mas, se a experiência é a origem do saber, o "historiador da diferença" seria o transmissor dessa verdade autoevidente? – questiona Scott. Para ela, essa perspectiva, embora busque inserir a experiência de sujeitos comumente à margem da produção acadêmica, não questiona os mecanismos ideológicos de produção das diferenças, em um sentido hierárquico e polarizado, como homossexual/heterossexual; branco/negro; homem/mulher, entre outras construções que marginalizam uns em detrimento de outros.[21] "Em outras palavras, a experiência, concebida tanto por meio de uma metáfora de visibilidade, quanto por outro modo que tome o significado como transparente, reproduz mais do que contesta sistemas

---

[20] SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. **Projeto História***,* São Paulo, v. 16, p. 297-325, fev. 1998. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11183/8194. Acesso em: 2 fev. 2022.

[21] *Ibidem*, p. 301.

ideológicos dados [...]".[22] A partir dessa crítica, a autora apresenta um conceito historiográfico da categoria experiência pertinente para esta pesquisa.

Como alternativa, Scott argumentou que, no lugar de tornar visível a experiência uma verdade em si dos sujeitos, é necessário problematizá-la e compreender que as categorias de identidade e de diferença são produzidas em contextos sociais e históricos específicos; e, assim, passíveis de debates, ambiguidades, controvérsias e mudanças. Nessa perspectiva, o pesquisador rompe com a ilusão de neutralidade, já que, ao selecionar e estabelecer quais são as experiências relevantes dos sujeitos, assume uma posição política.

> Tomar como verdade autoevidente categorias de identidade como (negro, mulher, homossexual, heterossexual…) é naturalizá-las, isto é, concebê-las como fixas, a-históricas. E assim, ignorar seu caráter discursivo, mutável e histórico. Por ser discursiva, mutável e histórica, as categorias de experiências são construções dos sujeitos inseridas em um palco de disputas, controvérsias e mudanças. Desta perspectiva, a experiência não pode ser compreendida como a finalidade do trabalho historiográfico, mas seu ponto de partida explicativo, na qual ele próprio é um produtor de conhecimento não-neutro, pois interpreta as experiências a partir de premissas, que não podem ser ignoradas. Nesta postura última, o pesquisador deixa de ser um transmissor neutro, e assume seu papel político, que analisa, interpreta determinadas experiências, e não outras, que selecionou como relevantes para serem explicadas, historicizadas e problematizadas.[23]

Neste sentido, compartilho com Joan Scott a noção de que a experiência dos sujeitos pesquisados não é a fonte do saber, mas um local de produções discursivas inseridas em estruturas e relações de poder históricas, mutáveis e suscetíveis a contradições e conflitos. Portanto, enquanto pesquisador, desfaço-me da ilusão de que minha posição é neutra. Ao contrário, assumo que, ao partilhar uma perspectiva interseccional, a investigação e a prática crítica se moldam mutuamente e produzem formas de conhecimento especiais.[24]

Como vimos, a experiência social, assim como a categoria identidade, precisa ser localizada em contextos sociais e históricos específicos. Ao fazê-lo, cabe ao pesquisador tornar visíveis as posições discursivas dos sujeitos, com suas possíveis mudanças, disputas, ambiguidades e conflitos. Desta forma, uso o conceito de experiência de Scott em conjunto com uma abordagem interseccional, o que permite incluir na análise os sistemas de poder e dominação simultâneos e convergentes na experiência social.

---

22 SCOTT, *loc. cit.*
23 SCOTT, 1998, p. 302.
24 COLLINS; BILGE, 2021, p. 53.

Nesse sentido, para compreender e analisar a experiência dos editores, também se mostraram importantes para esta pesquisa as reflexões sociológicas de Patricia Hill Collins. Em seu artigo *Aprendendo com a outsider Within,* ela analisou a experiencia de intelectuais afro-americanas que, inseridas em diferentes áreas sociais, como o ambiente acadêmico, transformaram a posição de "outsider" – isto é, forasteira ou de minoria – em uma perspectiva analítica crítica das omissões e distorções a respeito das mulheres negras, além de conseguirem fazer contribuições à teoria social a partir do feminismo negro, rompendo com os binarismos analíticos. Para Collins,

> Esse status de outsider within tem proporcionado às mulheres afro-americanas *um ponto de vista especial quanto ao self, à família e à sociedade*. Uma revisão cuidadosa da emergente literatura feminista negra revela que muitas intelectuais negras, especialmente aquelas em contato com sua marginalidade em contextos acadêmicos, exploram esse ponto de vista produzindo análises distintas quanto às questões de raça, classe e gênero.[25]

Essa experiência é singular para Collins porque as afro-americanas, além do conhecimento acadêmico adquirido, podem trazer, em suas experiências, epistemologias negras[26] aprendidas em diferentes instâncias de saber, aprendidas através das cantoras de jazz e blues, da comunidade, das poetas e escritoras negras, entre outras fontes, o que faz com que elas ocupem um lugar especial, capazes de fazê-las perceber "[...] padrões que podem ser mais difíceis de serem vistos pelos *insiders* sociológicos estabelecidos".[27] Entre esses padrões questionados pelas intelectuais negras feministas, estão as imagens de controle, que visam naturalizar lugares sociais das mulheres negras. Por imagens de controle, Collins entende os estereótipos raciais, como por exemplo, a imagem da mulher negra como matriarca controladora da família negra, ou a negra raivosa, nos EUA, conhecida como *sapphire*. Sobre esta, afirma: "[...] o ato de ridicularizar mulheres assertivas ao denominá-las de Sapphire reflete o esforço de colocar todas as mulheres em seus devidos lugares".[28]

Como forma de combater esses estereótipos e questionar seus mecanismos de poder difundidos na sociedade, as intelectuais negras feministas têm buscado

---

25 COLLINS, 2016, p. 100 (ênfases minhas).

26 Sobre esse conhecimento plural, ver COLLINS, Patricia Hill. "Epistemologia feminista negra". *In*: COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 401-432.

27 *Ibidem*, p.123.

28 *Ibidem*, p.104.

libertar essas imagens de controle e seus condicionantes de raça, classe e gênero, criando autodefinições e avaliações próprias libertadoras. Entre as intelectuais negras estadunidenses que têm feito esse trabalho cita, por exemplo, Zora Neale Hurston, Alice Walker e bell hooks, Nesse sentido, um tema chave dessas autoras e do feminismo negro tem sido a ênfase na autodefinição e autoavaliação.

> Enquanto a autodefinição de mulheres negras dialoga com a dinâmica do poder envolvida no ato de se definir imagens do self e da comunidade, o tema da autoavaliação das mulheres negras trata do conteúdo de fato dessas autodefinições [...].[29]

Esse mecanismo duplo, autodefinir-se e autoavaliar-se como formas de romper as imagens de controle das mulheres negras, pode ser estendido para as pessoas negras como um todo, e são procedimentos fundamentais da pesquisa e dialogam com o objetivo de compreender e estudar a experiência dos editores e editoras negras. Compreender esses discursos e formas de definição e avaliação própria permite fazer análises que não coloquem os sujeitos pesquisados como objeto de análise, mas produtores de conhecimento, intérpretes, intelectuais a respeito do próprio empreendimento, do mercado editorial e da sociedade brasileira em geral. Considero fundamental levar em conta as formas como os editores elaboram interpretações e identidades a respeito de sua inserção social no mercado editorial. A autoavaliação e autodefinição é interessante para refletir sobre a pluralidade de identidades associadas a cada casa editorial. Uma dessas identidades é a categoria independente associada às editoras negras, tema do capítulo 2.

Além da perspectiva acima da *outsider within*, utilizo como referencial as formulações de Patricia Hill Collins – professora de Sociologia da Universidade de Maryland (EUA), teórica crítica e uma das maiores representantes do feminismo negro estadunidense. Em especial, refiro-me ao seu livro *Interseccionalidade*, escrito em parceria Sirma Bilge (Canadá) – professora de Sociologia da Universidade de Montreal e estudiosa da interseccionalidade e de temas como gênero, racismo, sexualidade, entre outros. As formulações destas autoras nesse livro, assim como as reflexões anteriores de Collins relacionadas ao pensamento feminista negro, como epistemologia, são fundamentais para a análise que busco fazer.

Nesse livro escrito em parceria, Collins revisou e ampliou suas formulações anteriores a respeito da categoria interseccionalidade, inicialmente pensada como

---

[29] COLLINS, 2016, p. 104.

originada como uma epistemologia surgida do ativismo das mulheres afro-americanas. A noção de interseccionalidade que Collins e Bilge desenvolvem é ampla, pois nem restrita às formulações teóricas acadêmicas, nem estritamente ligada a um grupo social específico. Para elas a interseccionalidade é simultaneamente uma ferramenta de investigação e de práxis nascida de lutas sociais por justiça social em diferentes países e épocas. Por isso, argumentam: “A história da interseccionalidade não pode ser precisamente organizada em períodos ou pontos geográficos”.[30]

Para evidenciar esse ponto, apresentam distintas experiências históricas de abordagem interseccional crítica ocorridas em diferentes países. Destacam sobretudo as experiências do Sul global, para evidenciar práticas interseccionais além da América do Norte e Europa.[31] Um dos exemplos citados é o de Savitribai Phule, ativista indiana dos direitos das mulheres no século XIX, que enfrentou “muitos eixos da divisão social, a saber, casta, gênero, religião, desvantagem econômica e classe”.[32] Outro é o ativismo de mulheres negras brasileiras da década de 1970, durante o regime civil-militar (1964-1985), em que destacam a importância de Lélia González, Sueli Carneiro, Benedita da Silva e Luiza Bairros. Para Collins e Bilge, a política de identidade das mulheres negras brasileiras desenvolveu-se a partir de um tratamento diferenciado de outros movimentos sociais – tanto do movimento feminista hegemônico (caracterizado pelo predomínio de mulheres brancas pertencentes às classes média e alta) quanto do movimento negro brasileiro (orientado pela pauta antirracista). Dito de outro modo, as feministas negras articularam um movimento multidimensional capaz de abarcar as múltiplas opressões constitutivas de suas vidas – enquanto mulheres, negras e pertencentes à classe trabalhadora.

No entanto, como argumentam Collins e Bilge, desde a virada do século XXI, a abordagem interseccional se popularizou e assumiu novas perspectivas de investigação e de prática política. Nesse contexto, apontam que o termo passou a ser reivindicado e utilizado por uma pluralidade de sujeitos sociais em “projetos políticos e intelectuais” diversos e até antagônicos no mundo todo. Notam que “a retórica interseccional” tem servido para diferentes usos, desde a defesa de teses antidemocráticas, favoráveis a desigualdades, e, também, para a propagação de

30 COLLINS; BILGE, 2021, p. 89.
31 *Ibidem*, p.17.
32 *Ibidem*, p.16-17.

ideias supremacistas brancas, quanto para atender a uma lógica neoliberal na academia.[33]

Para as autoras, não existe um consenso teórico sobre a interseccionalidade. Também não há consenso político: a busca por justiça social já não é o único motivo de emprego dessa ferramenta. Apesar dessa impressionante diversidade de usos e significados, as autoras assinalam que uma definição genérica parece sustentar essas diferentes abordagens. Pois, a interseccionalidade investiga como as relações de poder influenciam as relações sociais em sociedade marcadas pela diversidade. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia, faixa etária – entre outras – são interrelacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas.[34]

Diante dessa polifonia de sentidos, as autoras reivindicam uma abordagem interseccional estrutural e crítica. Estrutural, pois trata-se de uma ferramenta de análise do poder, ou melhor, de como poderes – interrelacionados e moldados mutuamente – operam na sociedade e produzem privilégios e prejuízos na experiência dos indivíduos. Nesta acepção, a análise volta-se para como esses poderes interseccionados interferem nas "estruturas de oportunidades" dos sujeitos sociais. Enquanto ferramenta crítica – ou, como dizem, *práxis crítica* –, a abordagem interseccional não dissocia investigação científica de sua função crítica ou de ativista. Nessa acepção de abordagem interseccional, interessa opor-se às variadas formas de desigualdades sociais e almejar justiça social para todos.

Assim, enquanto ferramenta de análise e de crítica, a abordagem interseccional requer compreender a experiência social localizada em contextos específicos, em dinâmicas de poder em três dimensões: estrutural, individual e representacional em interação.[35] Nesse sentido, a abordagem interseccional, mais do que um conceito predefinido a ser aplicado mecanicamente para analisar e combater as matrizes de opressão sobrepostas e unificadas, precisa ser pensada em seus contextos sociais,

---

33 COLLINS; BILGE, 2021, p. 53. Sobre os usos da interseccionalidade pelo neoliberalismo, ver o capítulo 5 da mesma obra, intitulado "Interseccionalidade, protestos sociais e neoliberalismo", p.159-186.

34 *Ibidem*, p. 15-16.

35 COLLINS, Patricia Hill. "Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão". MORENO, Renata (org.) **Reflexões e Práticas de Transformação Feminista**, São Paulo: SOF, 2015, p.13-42.

históricos e culturais, de modo a compreender como essas opressões se estruturam e moldam a experiência dos indivíduos em uma determinadas sociedade e período.[36]

Uma das vantagens e desafios de praticar a abordagem interseccional é trazer para análise categorias de identidade e de opressão que atuam em simultaneidade e não numa lógica dicotômica binária. Para diferenciar essas duas abordagens, Collins denominou a primeira de "ambo e" em oposição à segunda, pautada pela exclusão de mais de um eixo analítico, "ou/ou".[37] No caso desta pesquisa, além disso, a dimensão interseccional é uma ferramenta de análise de como as editoras, enquanto empresas, e seus sujeitos agenciam projetos políticos e éticos. Em outras palavras, como as editoras negras articulam, na práxis editorial, gênero, raça e classe, entre outras dimensões, na organização de seus empreendimentos capitalistas, segmentados e referenciados por essas mesmas dimensões. Em resumo, a perspectiva interseccional de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge, como categoria de análise e intervenção, e a noção de experiência de Joan Scott são ferramentas úteis para compreender e analisar as experiências editoriais e os agenciamentos históricos dos sujeitos pesquisados de maneira multidimensional, em termos de identidades e de eixos de opressões. Estas experiências serão compreendidas de modo histórico e não como acesso ao "real", mas como interpretações da realidade na qual, eu como pesquisador, me posiciono e analiso.

Para uma melhor compreensão dessa discussão, apresento a seguir uma definição mínima de editora e os sentidos que o termo editora negra e editor negro possuem nesta pesquisa.

1.2 Editoras negras como categoria analítica

A palavra editor vem latim *edere* e significa "'parir', 'dar à luz'; 'tornar público', publicar".[38] Como uma boa palavra viajante, seus sentidos mudam conforme o idioma e cultura que a acolhe. Na língua inglesa é costume fazer a distinção entre a palavra *editor* e *publisher*. Com a primeira, define-se o profissional responsável pela preparação dos originais antes de sua publicação; com a segunda, o responsável pela casa editorial, pelo comércio e pela publicidade, além de designar a própria casa editorial (*a publishing house*). Em português, todos esses sentidos coabitam a palavra

---

36 COLLINS, 2015, p. 16.
37 Ibidem.
38 KNAPP, Wolfgang. **O que é editora**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 6.

editor, que se refere tanto ao (à) profissional do texto quanto ao (à) responsável pela publicação e comércio das obras; e no feminino, editora, refere-se basicamente à empresa de livros.[39]

Esse acúmulo de sentidos que a palavra editor possui na língua portuguesa nos remete a algo interessante: a simbiose de identidades que algumas pessoas editoras criam com as empresas que fundam, como é o caso da editora Maria Mazarello Rodrigues, como vamos ver ao final do capítulo.

Essa simbiose entre editor e casa editorial tende a ocorrer, sobretudo, em se tratando de pequenos e médios empreendimentos (como é o caso da maioria das casas editoriais que pesquisei). Nesses casos, a editora pode ser um negócio quase familiar, em alguns casos a casa editorial é literalmente desenvolvida no lar do editor, em que há poucos funcionários e, consequentemente, as divisões de tarefas e de departamentos encontradas em editoras grandes ou multinacionais, é menor. Se publicar é um ato político, além de atividade econômica intrínseca ao trabalho no mercado editorial, as editoras negras pesquisadas aqui associam o editar como a militância antirracista.

Nesta tese, uso a palavra editor ou editora para me referir às pessoas responsáveis por fundar e/ou gerir um empreendimento de livros quanto à própria casa editorial. Para evitar confusões, quando me referir ao profissional do texto, seja o preparador ou revisor textual, usarei a expressão editor de textos e editora de textos (ou preparador/a de originais).

Márcia Maria Cruz[40] destaca que editar é fazer escolhas, participar da circulação de ideias numa sociedade. E nessa atividade que mescla “um pouco de indústria, um pouco de comércio, que faz parte da cultura e, obviamente, influi na

---

39 Sobre a etimologia da palavra editor e a profusão semântica deste termo na língua portuguesa em comparação com a língua inglesa, *Cf.*: *Elementos de Bibliologia*, de Antônio Houaiss, publicado em 1967, e reimpresso em 1983, e *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*, de Emanuel Araújo, publicado em 1985 (a edição mais atual, revista e atualizada por Briquet de Lemos e lançada em 2011 pela Editora Lexikon). São duas obras clássicas na área de editoração e produção do livro no Brasil, que apresentam definições distintas da semântica do termo editor e mantêm-se como referência atual. Para uma síntese dessas diferenças semânticas presentes na palavra editor e suas implicações nos dias atuais, *Cf.*: BRAGANÇA, Aníbal. **Eros pedagógico**: a função editor e a função autor. 2001. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001; e YAMAZAKI, Cristina. **Edição de texto na produção editorial de livros**: distinções e definições. 2009. Dissertação (Mestrado em Interfaces Sociais da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-31082015-132242/en.php. Acesso em: 06 abr. 2022.

40 CRUZ, Márcia Maria. **Maria Mazarello**: preto no branco, lutas e livros. Belo Horizonte, MG: Contafios, 2021, p. 98.

educação” [41], o editor, segundo, Wolfgang Knapp, “intervém e influi em quase todas as atividades da vida: através do livro de lazer e infantil; do livro didático e do técnico; do livro de arte e da cartilha; do livro religioso e do de política”.[42] E de acordo com Aníbal Bragança, embora a produção de livros envolva uma série de profissionais, o que singulariza o trabalho do editor é a sua capacidade de fazer uma intervenção pública ao selecionar o que vai estar disponível ao público.

> São os editores, enfim, que decidem que textos vão ser transformados em livros. E, pensando em qual o público a que devem servir, como serão feitos esses livros. Mesmo quando não é deles a iniciativa dos projetos, é deles que parte a direção a seguir. É neste lugar de decisão e de comando, e de criação, que está o coração do trabalho de editor, a sua essência. É também esse lugar que exige saberes específicos, que o diferenciam dos demais agentes envolvidos no processo editorial, e lhe impõe responsabilidades únicas, profissionais, sociais, econômicas, financeiras, administrativas e mesmo (juntamente com os autores) judiciais.[43]

Essa capacidade de decisão do que será publicado evidencia a importância e singularidade do editor, pois ele faz a mediação entre autor e leitor e é capaz de operar como uma curadoria das ideias e imaginários em circulação em uma sociedade. Dessa forma, a atuação desse profissional tem peso, embora não seja o único fator, no horizonte de possibilidades de livros disponíveis para o leitor em uma determinada sociedade. Essa função específica do editor, levantada por Bragança, assume ainda mais importância quando se leva em conta uma perspectiva interseccional, tendo em vista aspectos como classe, raça, gênero, região, entre outras. No caso específico da identidade étnico-racial, a importância do/a editor/a negro/a e periférico/a no mercado editorial brasileiro lida com um componente crucial que é o racismo que por ser estrutural, incide nas instituições, como as escolas, empresas e no mercado editorial.[44]

Dito isso, uma problemática que enfrentei nesta pesquisa foi a de como nomear as editoras especializadas ou voltadas de forma exclusiva para a produção poética, ficcional e não ficcional negra? Por se tratar, no caso de minha pesquisa, de editoras

---

41 KNAPP, 1992, p. 7.

42 *Ibidem*, p. 10.

43 BRAGANÇA, Aníbal. **Eros pedagógico: a função editor e a função autor**. 2001. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001, p.17.

44 *Cf*., ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020. O autor parte das distinções entre racismo estrutural e institucional feitas por Kwame Ture e Charles V. Hamilton no livro *Black Power*: A Política de Libertação nos Estados Unidos, lançada em 1967, no auge das lutas por direitos civis nos Estados Unidos, para argumentar que todo racismo é estrutural, porque é um evento normal da sociedade, que é processual e histórico e se reproduz nas instituições, por um conjunto de mecanismos de rotinização de preconceitos e discriminações, que asseguram interesses econômicos e políticos para um determinado grupo social hegemônico.

que estão em atuação, e sobre as quais pouco ou nada foi escrito, considero que não existe um conceito que seja abrangente o suficiente e flexível para captar as distintas formas das editoras geridas por pessoas negras e não-negras, e com linha editorial específica ou exclusivamente voltada para a temática negra e, na maioria dos casos, com temática e autores negros. Por isso, utilizo a noção de editoras negras como categoria analítica, plural e histórica, e não um conceito *a priori*.

Considerando as discussões de Joan Scott[45] a respeito da noção de "experiência" como categoria histórica, na análise meu foco são as experiências editoriais que em grande medida estão atreladas à trajetória de seus editores. E, atentando para o conceito teórico-prático de interseccionalidade formulado por Patricia Hill Collins e Sirma Bilge[46], o objetivo da análise foi olhar para diferentes áreas simultaneamente. As dimensões interseccionais que são fundamentais para este estudo, portanto, são as de geração, raça, classe, gênero e de território. Neste sentido, as diferenças geopolíticas de atuação das editoras e as diferenças de gênero, levando em conta o protagonismo feminino negro são aspectos muito importantes.

Vale explicar que o foco desta pesquisa sãos as editoras que em sua maioria são dirigidas por pessoas negras, pois entendemos que problemáticas existenciais, materiais e intangíveis específicas, relacionadas ao racismo à brasileira da trajetória pessoal do editor, derivem para a política editorial e para o catálogo da editora. Com isso, não se quer estabelecer uma relação primária de que as editoras negras seriam melhores se orientadas por pessoas negras. Mas, simplesmente, que o fato de em uma sociedade racista haver editores negros com o foco na valorização de autorias negras (e em alguns casos, indígenas também) apresenta-se com um dado social importante a ser refletido. Sobre esse aspecto metodológico, a editora Mostarda ocupa um lugar estratégico, uma vez que ela se insere no conjunto maior de empreendimentos editorais não-negros, embora com a especificidade de ser uma editora especializada na temática da diversidade voltada para as infâncias. Seu catálogo tem, como autores e ilustradores, a *maioria brancos*, mas com o *tema* central a biografia de pessoas negras brasileiras e de outros países (sobretudo dos Estados Unidos, vide a Coleção Black Power, ver subseção 1.3 neste capítulo).

---

45 SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. *Projeto História*, São Paulo, vol.16, p. 297- 325, fev. 1998.

46 COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

Nesse sentido, a metodologia aqui desenvolvida foi a da análise relacional e do uso de conceitos como experiência, interseccionalidade e editoras negras como conceitos abertos – ferramentas para fazer caminhar a pesquisa em contextos situados. Portanto, ao analisar esse *corpus* editorial, buscou-se avaliar singularidades e elementos comuns. Nessa perspectiva, apresento na tabela 1 a síntese dos dados das editoras e breves perfis editoriais de cada uma.

1.3 Breves perfis das editoras pesquisadas

Tabela 1 – Perfis das Editoras Pesquisadas

Editora	Fundadores	Localização	Criação
Mazza Edições	Maria Mazarello Rodrigues	Belo Horizonte, MG	1981
Nandyala Livraria & Editora	Iris da Costa Amâncio e Margarida de Carvalho Rocha	Belo Horizonte, MG	2006
Ciclo Contínuo	Marciano Ventura	São Paulo, SP	2009
Ogum's Toques Negros	Mel Adún e Marcus Guellwaar Adún Gonçalves	Salvador, BA	2014
Malê Editora e Produtora Cultural	Vagner Amaro e Francisco Jorge	Rio de Janeiro, RJ	2015
Editora Mostarda	Pedro Mezette	Campinas, SP	2017

Mazza Edições

Belo Horizonte, 1981- em atuação

https://mazzaedicoes.com.br/

Para reverenciar a ancestralidade de quem veio antes, começamos com Maria Mazarello Rodrigues e com a pergunta: como uma filha de lavadeira, de origem pobre e negra, que trabalhou como faxineira, se transformou em uma editora de livros, fez mestrado em editoração em Paris e se transformou numa pioneira da edição de livros de temática negra?

Mazza, como é mais conhecida, nasceu em 1941, e antes de completar 20 anos já atuava no ramo editorial. Seria por acaso?

> Não sei se foi por acaso que entrei no ramo editorial. Dizem que o acaso não existe, mas talvez tenha sido. Nasci em Ponte Nova. Pertenço a uma família pobre de operários. Minha mãe, que era lavadeira, ficou viúva com nove filhos para criar, e, como sentiu que não teríamos o amanhã, nos trouxe para Belo Horizonte.[47]

Mazza iniciou sua trajetória intelectual e profissional em Belo Horizonte, cidade para onde se mudou com seus irmãos e sua mãe, Amarilis Penna – a Dona Penninha –, em 1954, em busca de melhores condições. Na capital mineira, a necessidade de ajudar financeiramente em casa a fez lidar e compreender o racismo expresso, por exemplo, no requisito da "boa aparência" para conseguir trabalho[48], determinada, Mazza encontrou nos estudos e na persistência formas de ascender socialmente.

Sua inserção profissional na produção de livros, como a maioria das pessoas negras editoras pesquisadas,[49] começou na prática. De dia, estudava contabilidade no Instituto Municipal de Administração e Ciências Contábeis (IMACO), à noite trabalhava no Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar (PABAAEE), uma aliança entre o governo brasileiro e o estadunidense que envolvia, entre outras coisas, a construção de uma gráfica com tecnologia de última geração para formação de professores.

Mazza conta que para começar a trabalhar na gráfica vinculada ao PABAEE, recebeu ajuda de Avelar, um conhecido, e do professor Wilson Chaves, que a recomendou para um teste de datilografia na gráfica do Instituto de Educação. Embora fosse excelente digitadora, reprovou no teste, que para sua surpresa, foi realizado em uma máquina elétrica – IBM Executive eletric –, que ela desconhecia. Apesar disso, foi contratada como faxineira.

Ao demonstrar grande interesse pelo trabalho editorial, após três meses, o responsável pela gráfica, Henrique Correia, perguntou se ela queria aprender a compor. Aceitando a proposta, passou a estudar nos intervalos do almoço, aprendendo todo o processo de produção de livros: composição, impressão corte de papel e costura. Logo depois, foi contratada para a etapa de intercalação

---

47 PEREIRA, Alessandra *et al*. (org.). **Maria Mazarello Rodrigues**. Belo Horizonte: Coleção Edição e Ofício, 2015, p.15. Disponível em: https://issuu.com/edicaoeoficio/docs/mazza_issuu. Acesso em: 10 abr. 2024.

48 *Ibidem*, p. 19. Diz Mazza, relembrando esse início de trajetória: "Ninguém entendia que o motivo por eu não encontrar emprego era por eu ser negra".

49 OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. Mazza Edições. **Literafro – O portal da literatura afro-brasileira**, 24 de julho de 2018. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/editoras/1093-mazza-edicoes. Acesso em 10 abr. 2024.

(acabamento), onde se destacou. Desta forma, na Gráfica do PABAEE, Mazza pôs o pé na profissão que seguiria realizando até o presente.[50]

Nos anos 1960, junto com sua amiga, Ana Lúcia Campanha Batista, "uma visionária", como Mazza a definiu, fundou a Editora do Professor e a Livraria do Estudante – ponto de reunião de jovens estudantes e artistas, como Chico Buarque, Betinho, Henfil, João Gilberto. Com o golpe militar, a repressão e a tortura, a editora e a livraria foram fechadas. Mazza montou, então, a Grafiquinha Editora na garagem do avô de Ana Lúcia ao mesmo tempo em que continuava a trabalhar na PABAAEE.[51] Tempos depois, o professor Antonio Faria Lopes convidou Ana Lúcia e Mazza para fundarem a Editora Vega**,** experiência que durou dez anos. Mazza era responsável pela produção gráfico-editorial e usou o que tinha da grafiquinha: "limpei o espaço e montei a gráfica Vega".[52]

Rodrigues conta que nesse período que trabalhou na Editora Veja diversas obras do catálogo foram censuradas pela ditadura civil militar, como "[...] um livro do Pedro Casaldáliga, que fazia um trabalho importantíssimo com os sem-terra no Araguaia", além disso,

> Algumas publicações nós nem tentávamos. O autor chegava com a obra e já sabíamos que não conseguiríamos publicar, porque a Editora Vega estava no Index do Serviço de Segurança Nacional, o SNI. Isso nos cerceava muito, era uma situação difícil economicamente falando, uma vez que todo o material que nós fazíamos – trabalhávamos muito com didático – era engajado. Essa era a política da Vega. Mas era muito difícil! Chegamos em tal ponto de dificuldade que quase fechamos.[53]

A "salvação" novamente veio de um conjunto de amizades e colaborações, especialmente de duas mulheres intelectuais – a renomada professora Etelvina Lima, fundadora de uma biblioteca e da Escola de Bibliteconomia, ambos na UFMG, e que interveio junto a sua amiga e bibliotecária, Maria Alice Barroso, responsável pelo setor de compras de livros governamentais junto às editoras. Barroso conseguiu, assim, que a editora Vega, mesmo sendo proibida de vender obras para o governo, fosse a responsável por editar uma coleção de livros de medicina reivindicada por professores da UFMG, e que seria distribuído para o Brasil todo, como conta Mazza:

> [...] Nessa época, Etelvina levou uma tese para publicar na Editora Vega. Fiquei curiosa para conhecê-la e acabei trabalhando na produção de sua

---

50 PEREIRA *et al*, 2015, p. 22-25.
51 *Ibidem*, p.40.
52 *Ibidem*, p.43.
53 *Ibidem*, p.45-46.

> tese. Ficamos muito amigas e a Etelvina acabou entendendo a situação crítica que a Vega estava enfrentando, tanto que interferiu junto com a Maria Alice Barroso para que nós fizéssemos a coleção de Medicina da UFMG. Só que nós éramos proibidos de negociar com o governo. O fato de a Vega estar no Index nos atrapalhava muito. Havia outras editoras que também estavam na mesma situação, por exemplo, a Civilização Brasileira, do Ênio Silveira. O governo não comprava os livros das editoras que estavam no Index, porque para ele nós éramos comunistas, contra o regime. Mas, no final, por causa da Maria Alice, nós conseguimos vender para o governo.[54]

Mazza trabalhava havia cinco anos e até então havia recebido uns poucos "caraminguás". Com a venda bem-sucedida dessa coleção de livros de Medicina da UFMG, recebeu os pagamentos atrasados desse período. Com o dinheiro comprou um lote vago na Região Leste de Belo Horizonte. O local, lembra a editora, servia de depósito de lixo e ficava próximo a uma favela. Sua intenção era construir um barracão para morar com sua mãe e um espaço destinado a ser a gráfica da Vega. Antonio Faria Lopes, o Faria, inicialmente não gostou da localização do terreno, convenceu Mazza a ampliar o projeto para além de um barracão, e para isso, indicou dois arquitetos (José Carlos Laenda e Roberto Manata) e um engenheiro (Maurício Hasenclever). "Acontece que o Faria descolaria um projeto para mim. Eu não queria, mas ele insistiu. Acabei aceitando, mas disse que o lote tinha de ser 'lá pro nosso lado'".[55]

A editora conta que seu primo, João Bosco, veio de Ponte Nova para a construção. Ela, posteriormente, vendeu sua Variant (carro da Volkswagen) e com a renda comprou 500 sacos de cimento. Porém, o dinheiro acabou dando apenas para construir os alicerces de uma casa.

1978 foi um daqueles anos cheios de acontecimentos para Mazza e para o país. Em plena democratização, Antonio Faria Lopes, o Faria, presidente da Editora Vega, repassou a editora para um grupo de jovens que, tempos depois, participaram da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT). Mazza saiu nesse mesmo ano da Vega, pois, embora partilhasse os mesmos ideais sociais que formariam o PT, como diz, desejava um novo rumo editorial. Destaca que ainda não tinha em mente a questão étnico-racial, essencial para seu futuro projeto editorial. Outro ponto delicado, de ordem pessoal, nesse mesmo ano, sua mãe, Dona Penninha, faleceu. O que a deixou "de pé e mão quebrada". Além disso, a própria Vega fechou suas portas.[56]

---

54 PEREIRA *et al*, 2015, p.46-47.
55 *Ibidem*, p.47.
56 PEREIRA *et al*, 2015, p.52.

Nesse mesmo ano, Mazza era professora de Comunicação na Pontifícia Universidade Católica (PUC), e queria fazer um curso de seis meses em Editoração na Universidade de Madri. Sua amiga Etelvina Lima, novamente, foi decisiva. Ela sugeriu que Mazza, por ser já bacharel, tentasse uma bolsa de mestrado na Universidade de Paris. Mazza disse que só iria para Paris, caso sua amiga também conseguisse uma bolsa para seu amigo Paulo Bernardo Ferreira, um ex-aluno da Mazza na PUC.

Resumindo, ambos conseguiram bolsas de estudo da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) com duas opções: fazer doutorado em Bordeaux ou mestrado em Paris. Quem acabou escolhendo foi seu amigo, que preferiu Paris, Mazza reconhece que acabou influenciada por ele. Assim, em setembro de 1978, Mazza e Paulo se mudaram para a França para fazer mestrado em editoração na Université de Paris-XIII. “Então fomos para Paris, três meses depois que minha mãe morreu, com o nosso francês capenga e com pouco dinheiro. A bolsa da Capes era um trocadinho de nada**”.** [57]

Na França, Mazza conta que foi fazer o mestrado em editoração para suprir a parte teórica já que prática tinha bastante, e acabou tomando contato com um mundo novo, com uma diversidade de presenças negras, como estudantes africanos filhos de realezas. As mobilizações negras que ocorriam no Brasil também chegavam lá. Passou a ter um novo entendimento da expressão “Black is beautiful” ao deparar-se com uma diversidade de pessoas, negras, incluindo pelos trajes, comportamento e riqueza de pessoas africanas. Além disso, tomou contato com editoras independentes, debates raciais, e presenciou exemplos concretos de uma abordagem visual e temática da negritude de uma maneira não estereotipada, o inverso do que estava acostumada a ver no Brasil, por exemplo em obras do Monteiro Lobato. Ela percebeu isso em revistas e obras de autores(as) negros – na França, na Inglaterra e especialmente na Alemanha –, inclusive no que se refere a livros para crianças com representação de pessoas negras sem ser estereotipadas.

> [...] Era uma novidade para mim e fui ficando antenada para os autores negros que eram publicados na Europa. As publicações da França, da Inglaterra e, principalmente, da Alemanha me impressionaram muito. Eram poetas africanos, ilustradores... Nas ilustrações de livros infantis, as figuras não eram iguais àquelas que gravei na minha cabeça durante a infância, que

[57] *Ibidem*, p.58. Nesse depoimento, Mazza conta que ambos passaram os primeiros três meses na casa de uma amiga do Paulo no Quartier Latin, ou Bairro Latino, um ambiente boêmio e universitário de Paris.

> mostravam um negro feio, estereotipado. Por causa dessas ilustrações, eu não queria ser negra. Lembro-me dos livros do Monteiro Lobato, em que tia Anastácia era uma negra beiçuda, com nariz achatado, um desenho com tudo que não representava um negro de forma bonita, como ele é.[58]

Quando retornou da França, Mazza fundou a Mazza Edições, em 1981, em sua casa, no bairro Pompéia, onde tinha começado anos antes a construir com o dinheiro recebido da editora Vega, o que originalmente seria um barracão para morar com sua mãe e um espaço para abrigar a gráfica de seu antigo trabalho. Assim, o lar da intelectual negra Maria Mazarello Rodrigues transformou-se, ao mesmo tempo, na sede da Mazza Edições. Esse coabitar de um mesmo espaço geográfico é bastante importante para perceber a tecelagem intelectual, profissional e afetiva presentes entre a editora e seu empreendimento. Reforça ainda isso o fato de ser o apelido da fundadora – Mazza – o nome que batiza a editora, acentuando a confluência entre ambas. Como destaca Márcia Maria Cruz em sua biografia da editora:

> Mazza é tanto Maria Mazarello como a empresa por ela criada. Mazza e Mazza Edições se confundem, a história de uma é a história da outra. Do mesmo jeito que a palavra editora designa tanto o campo profissional quanto o local onde se produz um livro. Assim, não há como não destacar o fato de Mazarello ser uma mulher negra, de família operária, que propõe a criação de um empreendimento num campo majoritariamente dominado por homens.[59]

Naquele período de democratização, e início da editora, Mazza conta que o desafio foi encontrar ilustradores brasileiros, capazes de representar com dignidade pessoas/personagens negras sem preconceitos.[60] Algo que ela percebeu existir em outros países. Desta forma, por seu pioneirismo, foi fomentando também um legado nessa área no Brasil, por meio de livros e profissionais contratados. Entre os ilustradores negros presentes em seu catálogo, destacam-se Rubem Filho, um pioneiro que atua desde os anos 1980, e Josias Marinho, representante de uma geração mais nova.

Em 2025, a Mazza Edições completou 44 anos de história. Segundo Cruz[61], os valores – "ética, justiça e liberdade"[62] – presentes na política editorial do empreendimento, refletem-se em sua trajetória profissional e cidadã. Também estão expressos na linha editorial especializada na temática étnico-racial e na autoria negra

---

58 PEREIRA *et al*, 2015, p. 61-62
59 *Ibidem*, p. 98.
60 Cruz, 2021, p. 89.
61 Cruz, 2021, p. 98.
62 *Cf*. site da Mazza Edições: http://mazzaedicoes.com.br/a-editora/. Acesso em: 7 jan. 2025.

de diferentes gêneros (poesia, ficção, não-ficção). Essa linha editorial especializada volta-se, sobretudo, para as obras destinadas à educadores(as) e o público escolar, incluindo obras paradidáticas para crianças e jovens.

Em seu catálogo, figuram vozes negras fundamentais para o cenário cultural e intelectual brasileiro, como Leda Maria Martins, Conceição Evaristo, Edimilson Pereira de Almeida e Cidinha da Silva.

Vale dizer também que Mazza homenageou sua mãe, Dona Penninha, ao criar um selo – a "Penninha Edições" –, voltado para a publicação de livros infantis e infantojuvenis, com temáticas além da étnico-racial. O objetivo de Mazza foi econômico: dobrar as chances de vendas ao governo, cujo limite de títulos inscritos era de quinze, assim: "Desses quinze, podemos passar para trinta com a criação desse novo selo. Tanto que se for escolhido só um da Penninha ou só um da Mazza já está bom.[63]

A trajetória profissional de Mazza, como se pode perceber, tem sido feita de muita resistência, colaborações e conquistas. E sua atuação antecede em mais de duas décadas, a criação de leis educacionais, que tornariam obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena no ensino Básico, algo que só ocorreria em 2003.

Nandyala Livros (Livraria – Editora – Instituto)
Belo Horizonte, 2006 – em atividade
https://nandyalalivros.com.br/

Nandyala é uma livraria e editora de Belo Horizonte com dezoito anos de atuação. Ela é especializada em autorias africanas e negras da diáspora. Seu foco é a valorização de identidades, "a resistência antirracista, o feminismo, o combate a homofobia e o bem viver", como se lê no site da casa.[64] Essa livraria, que vai ganhando faces de editora e de instituto com o tempo, nasceu do encontro de duas mulheres negras: Iris Maria da Costa Amâncio[65], – professora e doutora em literatura

[63] PEREIRA *et al*, 2015,
[64] Disponível em: http://nandyalalivros.com.br/. Acesso em: 7 jan. 2025.
[65] Iris da Costa Amâncio é professora de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, de Literatura Portuguesa e de Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade

africana de língua portuguesa – e Rosa Margarida de Carvalho Rocha[66] – pedagoga e mestre em educação.

Antes de criarem a Nandyala, elas acumularam décadas de experiência de atuação profissional na interface entre ativismo, pesquisa e o trabalho pedagógico, que remonta aos anos 1990, quando começaram a ministrar formações pedagógicas antirracistas. Por isso, “A Nandyala não é um projeto, mas o resultado de um trabalho político-pedagógico antirracista (...) um diálogo direto entre trabalho pedagógico e militância negra e antirracista", explica Iris Amâncio.[67]

Esse resultado veio de uma percepção concreta: a dificuldade em encontrar referências de autorias negras e da temática negro-africana e afrodiaspórica no catálogo das editoras, que elas passaram a pesquisar para alimentar os diversos cursos de formação de professores que ministraram. A partir disso, uniram forças para criar a Nandyala, em 2006.[68]

O empreendimento, em seus anos iniciais, esteve localizado em um local elitista da capital mineira – a região da Savassi. Criar “um espaço negro na Zona Zul de Belo Horizonte”, diz Amâncio, onde se via poucas pessoas negras, foi uma decisão ao mesmo tempo política e estratégica de questionamento da branquitude.[69]

Para compreender o quanto foi política e economicamente estratégica a decisão dessas intelectuais de criar uma livraria negra em um bairro predominantemente branco, vale dizer que a Savassi é identificada como uma das três principais centralidades urbanas de Belo Horizonte, juntamente com a Praça Sete e a Pampulha, como argumenta Marcelo Cedro.[70] No entanto, diferentemente dessas

---

Federal Fluminense. Doutora em Estudos Literários/Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (2001). Além de acadêmica e ativista é autora de livros de literatura angolana e de teatro angolano e de diversos de literatura infantojuvenil.

66 Rocha é pedagoga, mestre em Educação pela Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), especialista em Didática e especialista em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros; atua a mais de 30 anos na área de educação com ênfase em Relações Étnico-Raciais. Fonte: Escavador: https://www.escavador.com/sobre/526555/rosa-margarida-de-carvalho-rocha. Acesso em: 15 abr. 2024.

67 AMÂNCIO, Iris. A Nandyala não é um projeto, mas o resultado de um trabalho político-pedagógico antirracista [2021]. Belo Horizonte: Vinco - Revista de Estudos de Edição, Belo Horizonte, 2021. Entrevista concedida a Beatriz Guimarães *et al*. Disponível em: https://seer.dppg.cefetmg.br/index.php/VINCO/article/view/1019. Acesso em: 16 abr. 2024, p. 115.

68 *Ibidem*, p.114-115.

69 Ibidem, p. 115.

70 CEDRO, Marcelo. Praça Sete, Pampulha e Savassi: centralidades urbanas e modernidade periférica na cidade de Belo Horizonte. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH**, 30., 2019, Recife. Anais [...]. Recife: ANPUH, 2019. Disponível em: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564788871_ARQUIVO_MARCELOCEDROtrabalhocompletoparaanaisANPUH2019.pdf. Acesso em: 18 fev., 2025.

duas regiões, o bairro cresceu a partir de agentes privados, moradores e comerciantes.[71] É partir dos anos 1960, que se torna em um polo de consumo e de entretenimento, com diversos estabelecimentos comerciais de lazer, serviço e cultura, como lojas de vestuário, restaurantes, bares, supermercados, livrarias e cinemas. São bastante conhecidas, por exemplo, a Padaria Savassi e o cine Pathé. Embora seja um centro comercial frequentado por um público diversificado, a Savassi se consolidou como um bairro nobre.[72] Desta forma, no contexto das dinâmicas sociorraciais brasileiras, em que raça e classe se interseccionam, a região pode ser compreendida hegemonicamente como branca e privilegiada e a presença da Nandyala como um questionamento disso.

Em 2007, após um ano de atividade da livraria, dão início à face editorial da casa, mantendo o foco do catálogo: escritores e escritoras africanas e afrodiaspóricas.[73] Atualmente a Nandyala, conforme site, está sediada na Av. Amazonas, 314 – sala 1407 – Centro de Belo Horizonte; uma área movimentada e de grande importância comercial e histórica, com diversos prédios antigos, escritórios, lojas e serviços. Trata-se, portanto, de uma região com um perfil social mais heterogêneo, com áreas mais privilegiadas e outras mais populares.

A escolha do nome Nandyala foi retirada de uma peça angolana (*Nandyala ou a Tirania dos Monstros*, do dramaturgo José Mena Abrantes), cujo texto Iris Amâncio leu enquanto fazia o doutorado. “Nandyala” é uma palavra do grupo étnico Nyaneka-Nkumbi, de Angola, que significa “nascido em tempo de fome”. Remete não à fome literal, mas à fome como metáfora das várias vontades ligadas às corporeidades negras. Além da sonoridade bonita, Nandyala nomeia um empreendimento altamente especializado em africanidades, explica Iris Amâncio.[74]

A propósito, a linha editorial e o catálogo da Nandyala abrangem obras de ciências humanas e de literatura. No site da casa, temos as seguintes categorizações: literatura afro-brasileira, literatura africana, feminismo negro, religiosidades negras, antirracismo, filosofia, biografias de personalidades negras, literatura infantil e infantojuvenil. Alguns dos autores do catálogo são o martinicano Aimé Cesaire, a moçambicana Paulina Chiziane, o etnólogo cubano Carlos Moore, a cabo-verdiana

---

71 Ibidem.
72 Ibidem.
73 NANDYALA. *Missão*. 2025. Disponível em: https://nandyalalivros.com.br/missao/. Acesso em: Acesso em: 18 fev., 2025.
74 AMÂNCIO, *Op. cit,* p. 118.

Vera Duarte... Já entre as autorias negras brasileiras, há por exemplo, desde a literatura clássica, Maria Firmina dos Reis e Machado de Assis, até as escritoras contemporâneas, como Conceição Evaristo, Lia Vieira, Cidinha da Silva, Kiusam Oliveira, Madu Costa, Eliana Alves Cruz, entre outras. O público da casa, segundo Amâncio, são basicamente três: educadores, leitores de literatura e pessoas ligadas aos movimentos sociais negros.[75]

A sustentabilidade do empreendimento vem da venda de livros e atividades como cursos, palestras, formações e consultorias ministradas por suas fundadoras. Além de livraria-editora, em 2011, a Nandyala virou um instituto fundado na zona da mata mineira em Muriaré, MG. Por meio dele, promovem debates e cursos de formação étnico-racial.[76]

Entre os projetos de circulação e promoção da autoria negra da casa, destaca-se o “Leitura em diferença”, o “Ocupações Afroliterárias” e, desde 2012, o Fliafro (Festa Afroliterária do Brasil).[77]

Ciclo Contínuo Editorial

2009 – em atividade

http://ciclocontinuoeditorial.com/

A Ciclo Contínuo Editorial foi fundada por Marciano Ventura, em 2009, na Penha, região leste de São Paulo.[78] Ventura define-se como um editor negro independente (essa definição será retomada no capítulo 3 da tese). No site da editora, a casa editorial é identifica como: “Editora independente que se dedica à publicação

---

75 AMÂNCIO. 2021, p.118, p.122-123.

76 OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva. Quilombos editoriais: características e estratégias. In**: Literafro – o portal da literatura afro-brasileira**. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/1382-luiz-henrique-silva-oliveira-quilombos-editoriais-caracteristicas-e-estrategias. Acesso em: 17 abr. 2024.

77 Ibidem.

78 Site da editora: http://ciclocontinuoeditorial.com/. Acesso em 13 abr. 2024. Entrevista de Marciano Ventura concedida a Mário Augusto M. da Silva. São Paulo, 14 de fevereiro de 2017. Perfil Ciclo Contínuo – Literafro: http://www.letras.ufmg.br/literafro/editoras/1375-ciclo-continuo-editorial

de obras literárias e pesquisas na área das Humanidades, com enfoque especial na Cultura Afro-brasileira".[79]

A propósito deste catálogo, publicou autores centrais da literatura negra que despontaram entre os anos 1970 e 1980, por meio da autopublicação de antologias e obras individuais, a exemplo de Paulo Colina, Cuti, Abelardo Rodrigues e Oswaldo de Camargo, autor com quem Ventura possui relação de admiração e proximidade e de quem editou *Raiz de um negro brasileiro: esboço autobiográfico* (2015), *Luz & breu: antologia poética 1958-2017* (2017) e *Negro Disfarce* (2020). Da geração mais recente, editou nomes como Gerson Salvador, Márcio Folha, Ana Paula dos Santos Risos, Angela Teodoro Grillo, Sérgio Ballouk e um destaque da editora: o escritor baiano Fábio Mandingo – um dos autores mais vendidos do catálogo.[80] No campo da pesquisa, Deivison Mendes Faustino, com a obra *Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro* (2018). Além desses autores, a Ciclo Contínuo editou temas que são cada vez mais debatidos, como o funk, as masculinidades negras e transmasculinidades, além de obras infanto-juvenis.[81]

O que motivou Marciano Ventura a editar foram duas coisas. A percepção da falta de espaço para as autorias negras, periféricas e indígenas e o gosto pelos livros, como diz em entrevista:

> A motivação foi primeiramente da falta. A falta de espaço para a produção literária nova, a falta de diversidade nas publicações, a falta de visibilidade das diversas narrativas que se assentam independente na literatura brasileira, como a vertente negra, indígena e periférica e outras. Outro motivo que me levou a montar a Ciclo Contínuo foi o desejo de empreender em algo que eu gostasse de fazer, de preferência algo que eu fosse apaixonado, daí os livros, a editora.[82]

Como diversos outros editores e editoras negros e negras, a editora e seu catálogo é plataforma para outras ações formativas. E editar e mobilizar ações como essas são ações políticas. Nesse sentido, a Ciclo Contínuo desenvolveu diversas formações. Tive a oportunidade de participar de algumas delas e são atividades formativas que garantem certificado e o contato direto com pesquisadores e

---

79 Disponível em: http://ciclocontinuoeditorial.com/. Acesso em: 7 jan. 2025.

80 Entrevista de Marciano Ventura concedida a Mário Augusto M. da Silva. São Paulo, 14 de fevereiro de 2017.

81 Disponível em: http://ciclocontinuoeditorial.com/. Acesso em: 7 jan. 2025.

82 Entrevista de Marciano Ventura concedida a Arthur Dantas. São Paulo, 25 de maio de 2017. Disponível em: https://arthurdantas.wordpress.com/2017/05/25/marciano-ventura-ciclo-continuo/. Acesso em: 29 dez. 2024.

escritores. No site Literafro – o portal da literatura afro-brasileira, o perfil da Ciclo Contínuo traz um histórico dessas atividades:

> Em 2010, a editora promovia o Seminário 50 anos de Quarto de Despejo", homenageando Carolina Maria de Jesus, evento em parceria com os coletivos Os Crespos, Quilombaque, Elo da Corrente, Poesia na Brasa e Literatura Suburbana; em 2011, o "Ciclo Contínuo de Literaturas"; em 2014, foi realizado São Paulo "Ano Centenário Carolina Maria de Jesus", conjunto de ações artístico-culturais em homenagem à autora; no mesmo ano, foram realizadas, no mês de novembro, mês da consciência negra, duas edições do "Ima[r]gens Literárias – A letra P", série de atividades culturais que integra leitura, exposição, música e bate-papo sobre literatura negra Brasileira. O projeto de maior destaque, ao nosso ver, é o "Com_textura Negra", por meio do qual, desde 2015, são realizados minicursos e palestras acerca de temas referentes ao campo literário afro-brasileiro[4]. Versões digitais dos livros podem ser acessadas e baixadas gratuitamente na "biblioteca" contida no site da editora, o que parece ser uma das robustas ações de *marketing* por ela empreendida.[83]

Editora Ogum's Toques

Salvador, 2014 – em atividade

https://editoraogums.com/

Fundada em dezembro de 2014 pelo poeta, escritor, compositor e editor Guelwaar Adún e pela poeta, escritora, jornalista, tradutora e fotógrafa Mel Adún, a Ogum's Toques Negros "não é somente uma editora baiana, nordestina, negra e brasileira. Somos inegavelmente diaspóricos", autodeclaram-se no site da editora.[84] Com a iniciativa especializada em autorias negras do Brasil e do mundo, enfatizam o gesto militante da iniciativa, dado o silenciamento do mercado editorial às produções de pensamento e literárias negras, como afirmam no site institucional: "Infelizmente, a Editora Ogum's nasce da falta. Da falta que sentimos ao entrar numa livraria de médio ou grande porte e não encontrar talentos como Conceição Evaristo, Oswaldo de Camargo, Geny Guimarães, José Carlos Limeiras e tantxs outrxs que, há muito, se dedicam à arte e o exercício da escrita; ao desafio da linguagem".[85]

---

83 Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/editoras/1375-ciclo-continuo-editorial. Acesso em: 29 dez. 2024.

84 "Somos Ogum's": Disponível em: https://editoraogums.com/somos-ogums/ Acesso em: 17 de abr. 2024.

85 "Somos Ogum's": Disponível em: https://editoraogums.com/somos-ogums/.Acesso em: 17 de abr. 2024.

Esse caráter empenhado está presente também no nome escolhido para a editora, pois a referência (e reverência) a Ogum, orixá da tradição iorubá que tem entre suas qualidades a abertura de caminhos a partir da sabedoria da forja de metais. É também como o nome desse orixá guerreiro que lançam o primeiro livro do catálogo:

> a *Coletânea Poética Ogum's Toques Negros*, livro que rompe com padrões seguidos por outras publicações coletivas de escritorxs negrxs e chega ao mercado editorial com poesia negra de homens e mulheres, gays e lésbicas, tradicionalistas e modernosos.[86]

Essa coletânea literária, organizada por Mel Adún, Guellwaar Adún e Alex Ratts, foi publicada em 2014. Nela, há textos de escritores negros brasileiros de diferentes épocas e localidades, desde aqueles fundadores de uma ideia de literatura negra (ou literatura afrodescendente), como Luiz da Gama, Maria Firmina dos Reis, Lima Barreto e Machado de Assis, aos contemporâneos, a exemplo de Carolina Maria de Jesus, Paulo Lins, Lívia Natália, Nelson Maka, Elizandra Souza, Guellwarr Adún, Mel Adún. Há também nessa coletânea uma série de autores veteranos que, antes de serem publicados por outras editoras, como tem ocorrido nos últimos anos, lançaram seus livros pela série *Cadernos Negros*, como Oswaldo de Camargo, Conceição Evaristo, Lia Vieira, José Carlos Limeira e Éle Semog e Miriam Alves.

Note-se que a autoedição é uma das formas históricas de publicação dos autores negros, como argumenta Mário Augusto Medeiros da Silva, em sua tese *A descoberta do Insólito*, de maneira que as antologias foram a caneta e a lança para abrir caminho no mercado editorial e fazer circular essa produção, seja no Brasil, ou no exterior, em especial Estados Unidos e Alemanha[87], por exemplo. Neste caso, pode-se perceber a importância da já mencionada série de antologias literárias *Cadernos Negros* – gerida pelo grupo Quilombhoje desde o começo dos anos 1980. A série literária que organiza há 45 anos publica de maneira ininterrupta autores negros anualmente, e se tornou referência para algumas das editoras negras que surgiram depois.

Guellwaar Adún e Mel Adún são autores que se tornam editores.[88] Por consequência, angariaram experiências de outras atuações e inserções políticas,

---

86 Ogum's Toques – Quem somos: http://www.editoraogums.com/somos-ogums/. Acesso em: 10 ago. 2017.

87 AUGUSTO, Ronald. Ogum's toques negros: o direito à invenção. **Portal Geledés**, 5 dez. 2015. Disponível em: https://www.geledes.org.br/ogums-toques-negros-o-direito-a-invencao/. Acesso em: 29 dez. 2024.

88 A face autor e editor é uma dinâmica comum em parte dos editores negros que estudo nesta tese.

pedagógicas e estéticas, onde também conheceram diversos autores e autoras. Ambos publicaram na série *Cadernos Negros* antes de terem o próprio empreendimento.[89] E seus passos vieram de longe.

Guellwaar Adún é Marcus Gonçalves da Silva, seu nome de batismo, e foi criado na Baixada Fluminense. Em 1988, muda-se para Salvador, onde atuou como educador: foi professor de literatura negra no Instituto Cultural Steve Biko e em outras organizações. Além disso, foi um dos fundadores do grupo de teatro de rua "Os maloqueiros", e tornou-se compositor com experiências em um dos blocos afros mais emblemáticos da Bahia, o Ilê Ayê.[90] Idealizou e editou um portal e página de literatura chamado Ogum's Toques Negros, no qual divulgava seus textos e de outros poetas da diáspora,[91] que virou um coletivo de nome homônimo ao da editora. Em 2016, lançou o livro de poesia *Desinteiro*, pela Ogum's Toques.

Mel Adún é mestre em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia e doutoranda em Literatura e Cultura na University of Kentucky. Além de cofundadora da Editora Ogum, integra os coletivos Ogum's Toques, Traduzindo no Atlântico Negro e coordena o coletivo Kilomba – *Black Brazilian Women Collective* – nos Estados Unidos. Publicou diversas antologias no Brasil e exterior; para as infâncias, publicou A *Lua Cheia de Vento* (2015) e *Adumbi* (2016); além desses, *Peixe fora da Baía* (contos, 2021) e *Quantas Tantas* (poesia, 2021). Todos esses pela Ogum's Toques.[92] A ponte entre Brasil e Estados Unidos, onde nasceu em 1978[93], é bastante marcada em sua trajetória pessoal e profissional e na própria editora Ogum's Toques.

Quanto a linha editorial e ao catálogo, a Ogum's, que completou uma década em dezembro de 2024, traz uma polifonia de vozes negras do Brasil e do mundo, da ficção à não ficção. A exemplo de *Traduzindo no atlântico negro* (2017), coletânea de

---

89 Guellwaar publicou nos números 34 e 35 dos *Cadernos Negros*, e Mel Adún, nos números 29 a 35 e na edição 37. Cf. Perfis Literafro. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/325-mel-adun. Acesso em: 29 dez. 2024.

90 *Cf*. Escritor negro brasileiro – Guellwaar Adún. Revista Biografia. Disponível em: https://sociedadedospoetasamigos.blogspot.com/2013/12/guellwaar-adunmarcus-goncalves-da-silva.html. Aceso em: 29 dez. 2024.

91 Revista Biografias, 28 dez. 2013.

92 *Cf*. Mel Adún - biografia. Disponível em: https://meladun.com/biografia. Acesso em: 17 abr. 2024.

93 Mel Adún nasceu em Mel Washington-DC em 1978, pois seus pais haviam se exilado lá por conta da ditadura civil militar no Brasil (1964-1985); retorna ao Brasil em 1984, para na década seguinte retornar aos EUA para estudar, retorna ao Brasil por um tempo e atualmente reside nos EUA onde cursa doutorado. Ver, Mel Adún. Literafro - O portal da literatura afro-brasileira. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 07 jun. 2023. Disponível em:Literafro - O portal da literatura afro-brasileira. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 07 jun. 2023. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/editoras/1377-ogum-s-toques-negros. Acesso em: 17 abr. 2024.

artigos organizada pela filósofa Denise Carrascoza e de *Crítica Parcial* (2022), coletânea de artigos do afiado crítico, letrista e poeta Ronald Augusto; além de obras literárias de poesia, conto e romance, como *Bará*, romance de Miriam Alves; e obras infanto-juvenis, como as já mencionadas de Mel Adún. Trata-se, portanto, de uma editora negra com atuação fora do Sudeste e com trânsito para as experiências intelectuais e literárias dos Estados Unidos.

A respeito da sustentabilidade econômica do empreendimento, ela é obtida a partir das vendas dos livros, e por uma mobilização que é financeira, mas também simbólica de prestígio, feita pelo coletivo Ogum's Toques.[94]

Editora Malê
Rio de Janeiro, 2016 – em atividade
https://www.editoramale.com.br/

A Malê é uma editora e produtora cultural idealizada e fundada por Vagner Amaro em sociedade com Eduardo Jorge, que é professor de Literatura. Vagner Amaro é bibliotecário, jornalista e doutor em literatura; também é o editor da Malê e ficcionista; é uma figura pública e intelectual com presença constante tanto no site da editora, quanto em diversos eventos públicos, como feiras literárias e entrevistas para diferentes meios de comunicação. Ele conta que a ideia da editora amadureceu quando era bibliotecário na Escola Sesc de Ensino Médio, onde promovia ações educativas para professores. Em certo momento, quando precisou constituir um acervo mais diverso para essas ações, percebeu que, entre os sessenta mil volumes disponíveis no acervo, havia apenas três autores negros: Elisa Lucinda, Salgado Maranhão e Paulo Lins. "Mesmo já tendo uma consciência racial mais elaborada, isso não era algo que eu questionava. E aí a gente pensa como o racismo estrutural faz com que a gente não questione determinadas realidades. Essa questão não passava por mim".[95]

---

94 Ogum's Toques Negros. Literafro - O portal da literatura afro-brasileira. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 7 jun. 2023. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/editoras/1377-ogum-s-toques-negros. Acesso em: 17 abr. 2024.

95 NETO, Leonardo. **100 nomes da edição no Brasil**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2020, p. 359.

Em entrevista, o bibliotecário (e futuro editor) conta que o projeto da Malê surgiu a partir do estudo abrangente do mercado editorial em geral – não especificamente de editoras negras.[96] Pesquisou como se dava a atuação de órgãos de classe, como o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL); o perfil de leitor brasileiro, presente, por exemplo, nas pesquisas *Retratos da Leitura no Brasil* e no estudo dos catálogos e acervos das livrarias. Também conversou com diversos escritores negros de diferentes gerações: Cuti (pseudônimo de Luís Silva), Allan da Rosa, Joel Rufino, Cristiane Sobral e Conceição Evaristo[97], que o editor conheceu ao convidá-la para participar das atividades que organizava como bibliotecário do Sesc. Em um trecho significativo da entrevista, Vagner Amaro conta que, para uma atuação antirracista, se inspirou no grupo *Quilombhoje Literatura* e na série literária anual *Cadernos Negros.*

> Então, é uma pesquisa muito abrangente. É […] Não focada na história de editoras negras. Talvez, a única editora […] que também é considerada como uma editora, que serviu de inspiração para Malê, são os Cadernos Negros. Então, os Cadernos Negros, de fato, eu tenho o Cuti [Luiz Silva] como uma referência. O Cuti é um dos idealizadores dos Cadernos Negros. Eu acho que ali eu peguei um pouco do espírito, posso dizer assim. É […] na época, os Cadernos Negros ainda nem... acho que ainda não estão em livraria e tal. Eles têm uma inserção dentro do mercado que é muito específica. É […] e isso não é algo que eu tenha utilizado como modelo. Então, meu modelo. Eu crio um modelo de uma editora média para se tornar uma editora grande. Desde o início. Então, eu fui entender como são os contatos com os autores. Conversei com muitos autores não negros, como Marcelo Moutinho […] Então, eu já tinha uma rede com escritores porque eu trabalhava com mediação de leitura. Agora a inspiração, no sentido de uma atuação antirracista, ela vem dos Cadernos Negros.

Assim, o editor tomou consciência da invisibilidade da literatura de autoria negra no mercado editorial brasileiro. Percebeu que a maioria dos títulos dessa literatura eram de obras autofinanciadas e, quando publicadas por editoras, era comum ser difícil o acesso por serem escassas e estarem fora de catálogo. Um caso exemplar, lembra, é a situação das obras da escritora Conceição Evaristo. Em 2015, ela ganhou o terceiro lugar no prêmio Jabuti, com *Olhos D'água,* livro de contos lançado pela editora Pallas. Apesar de receber o principal prêmio literário do país, os livros da hoje reconhecidos da poeta, contista e romancista mineira eram raros. Ele conta, por exemplo, que, ao comprar um exemplar de *Becos da Memória* da autora,

---

96 Entrevista concedida ao pesquisador em 16 de março de 2022 via Zoom.
97 Entrevista concedida ao pesquisador em 16 de março de 2022 via Zoom.

recebe “uma fotocópia pirata ‘Essa era a situação da obra de Conceição Evaristo e aquilo serviu de um *start* para a Malê’”, salienta Vagner Amaro.[98]

Aliás, há um laço especial de Evaristo com o começo da Malê. Ela foi não só uma das pessoas que o editor consultou sobre a ideia de montar uma editora especializada em autoria negra, como foi a primeira autora publicada. A Malê foi formalizada em 2015, mas os proprietários esperaram até o ano seguinte para que Evaristo concluísse o livro de contos *Histórias de leves enganos e parecenças*, e com ele dar vida à nova casa editorial.[99]

Quanto à linha editorial, a Malê é especialista na publicação de “Textos literários em língua portuguesa, de autores brasileiros, africanos e da diáspora, nos gêneros conto, poesia, romance, crônica, ensaio, crítica literária e roteiro; livros infantis e textos teóricos voltados para o incentivo à leitura”. Dos autores nacionais, Vagner Amaro menciona ter como inspiração a geração dos escritores e escritoras negros e negras que começaram a se autoeditar a partir do final dos anos 1970 – “Eu sou muito apaixonado por essa geração de jovens que, contra tudo e contra todos, resolveram dizer: ‘o que a gente faz é literatura e se o mercado não está interessado em nos publicar, nós vamos nos publicar”.[100] Cita o coletivo paulista *Quilombhoje*, responsável pela publicação da série de antologias literárias chamada *Cadernos Negros* desde início dos anos 1980, e o grupo Negrícia, do Rio de Janeiro.

Ele considera um prazer poder publicar diversas dessas escritoras e escritores negros. Entre os autores da Geração Cadernos Negros publicados pela Malê, estão, além da Conceição Evaristo, Geni Guimarães, Miriam Alves, Cuti, Ele Semog, Deley de Acary, Cristiane Sobral. E ainda outros destacados ficcionistas, poetas, romancistas e intelectuais negros brasileiros foram editados, como Muniz Sodré, Cidinha da Silva, Tom Farias, Mel Duarte e Eliana Alves Cruz, ganhadora do prêmio Jabuti em 2022 com o livro de contos “A vestida”, lançado pela Malê. Entre os autores

---

98 Vale dizer que a vida literária de Conceição Evaristo é inseparável da história de movimentação de publicações negras, sejam elas editoras comerciais ou não. A autora mineira começou a publicar, no início dos anos 1990, poemas e contos por meio da série de antologias *Cadernos Negros*, gerida pelo Grupo Quilombhoje. E sua estreia literária individual ocorreu na editora Mazza Edições, em 2003, com o romance *Ponciá Vicêncio*. Pela Mazza, publicou também *Becos da Memória*, em 2006. E pela Nandyala, outra editora negra de Belo Horizonte, lançou *Poemas de recordação e outros movimentos*, em 2008, e *Insubmissas lágrimas de mulheres*, em 2011. O livro de contos *Olhos D’água*, de 2014, marca a entrada da escritora numa editora comercial de maior alcance, a Pallas Editora, uma casa editorial importante na história de publicação de autorias negras brasileiras e internacionais. São essas as obras editadas por Evaristo até 2015.

99 NETO, 2020, p. 359-360.

100 *Ibidem*, p.360.

africanos, destaca-se o moçambicano Dany Wambire, que participou da Feira Nacional de Livros de Poços de Caldas, ocorrida em 1º de maio de 2018, e o congolês Alain Mabanckou (autor premiado e reconhecido na França e que participou da Flip 2018). Para publicar Mabanckou, o editor contou com apoio da embaixada francesa.[101]

Embora seja relativamente nova, com cerca de oito anos de existência, a Malê se destaca por uma quantidade grande de publicações em menos de uma década. A linha editorial inclui obras de não ficção – como obras que versam sobre biografias e de religiosidade afro-brasileira. Porém, a editora tem grande ênfase no catálogo as obras literárias: literatura negra brasileira e africana, com destaque especial para autores negros francófonos, a exemplo do ficcionista congolês Alain Mabanckou.[102]

No sentido de diversificação do catálogo, a Malê mantém dois selos editoriais: o Mahim Mirim, para livros para público infantojuvenil, entre eles autores indígenas reconhecidos como Daniel Munduruku e Eliane Potyguara, o que mostra a percepção do editor para a crescente cena de autorias indígenas, como a literatura originária ou literatura indígena; e o Selo Mahim, voltado para autores que desejam se autopublicar, com prioridade para escritores negros. Destaca-se, ainda, o Prêmio Malê de Literatura[103], criado no primeiro ano da editora, e que incentiva a publicação novos autores negros. E a *Mahim – Revista Literária*, criada em 2019, para fazer a divulgação da literatura de autoria negra e incentivar a leitura; sua periodicidade é anual e a circulação é digital e gratuita.[104] Em resumo, a Malê, com seus cerca de oito anos de vida, já se destaca como um empreendimento relevante no mercado editorial brasileiro.

O projeto da Malê, me informou Amaro em 2018, é se tornar em breve uma editora de média a grande e que desde o início pensou a editora para um público

---

101 A editora Malê publicou deste autor os romances Memórias de porco-espinho (2017), Copo quebrado (2018) e Black Bazar (2020). V

102 A editora Malê publicou deste autor os romances Memórias de porco-espinho (2017), Copo quebrado (2018) e Black Bazar (2020). V

103 "O Prêmio Malê de Literatura é uma das ações promotoras da literatura e da leitura realizada pela Editora Malê. Seus objetivos são estimular e divulgar a produção literária, incentivar a leitura e contribuir para a equidade racial no meio literário." Disponível em: https://www.editoramale.com.br/regulamento-1. Acesso em: 7 jan. 2025.

104 "A revista foi pensada para servir como instrumento de divulgação literária e incentivo à leitura dos acervos da literatura negro-brasileira e africana. Seu público-alvo é formado por professores, bibliotecários, livreiros, distribuidores, mediadores de leitura e demais leitores interessados em literatura.", conforme site da editora. *Cf*. Chamada da Revista Malê, disponível em: https://www.editoramale.com.br/single-post/chamada-para-publica%C3%A7%C3%A3o-na-mahin-revista-liter%C3%A1ria. Acesso em: 11 de abr. 2024.

amplo não apenas para leitores negros.[105] Em 2020, o editor informa que já havia lançado setenta livros, um feito, em se tratando da lacuna de publicações de autorias negras na história editorial brasileira.[106]

[105] Entrevista concedida ao pesquisador em 16 de março de 2022 via Zoom.

[106] “Quando penso que, de 2016 para cá, a Malê já publicou 70 livros de autores negros, concluo que em quatro anos a Malê já publicou mais do que em cem anos. Isso é algo que vejo como muito positivo”, AMARO, Vagner *apud* NETO, 2020, p. 361.

Editora Mostarda

Campinas, 2019 – em atividade

https://www.editoramostarda.com.br/

A Mostarda é uma editora fundada por Pedro Mezette, em 2019, em Campinas, São Paulo. Edita obras literárias com a temática da diversidade, em especial livros ilustrados com biografias de grandes personalidades negras da história recente e passada, do Brasil e mundial. Boa parte de seu catálogo é constituído de obras para o público infantil e infantojuvenil. De acordo com a apresentação da editora, Pedro Mezette, um homem branco, diferente dos outros perfis de editores negros estudados nesta tese, vem de uma família de pessoas ligadas ao comércio de livros, como explica: "A editora MOSTARDA é a concretização de um sonho. Fazemos parte da segunda geração de uma família dedicada aos livros".[107]

"A escolha do nome da editora tem origem no que a semente da mostarda representa: é a menor semente da cadeia dos grãos, mas se transforma na maior de todas as hortaliças".[108] Em um catálogo disponível no site, lemos que em menos de cinco anos, a editora publicou mais de cem títulos.

> Iniciamos a nossa história em 2019 com a temática antirracista. A Coleção Black Power, na época com apenas cinco títulos, colocou em destaque a vida e a obra de personalidades negras que fizeram da sua trajetória um exemplo de luta e inspiração: Nelson Mandela, Barack Obama, Rosa Parks, Carolina Maria de Jesus e Martin Luther King.[109]

Além da Coleção Black Power, parte mais destacada do catálogo, recentemente a Mostarda criou a *Coleção Lideranças Indígenas*, que reúne obras ilustradas sobre a trajetória de nomes, como Ailton Krenak, Mário Juruna, Davi Kopenawa, Sônia Guajajara, Madalena Paraguaçu. Com essas coleções, essa editora tem publicado biografias de diversas lideranças e ativistas fundamentais das populações negra e indígena, alinhando-se, assim, aos principais debates contemporâneos. Destaca-se, inclusive a publicação da trajetória, até recentemente pouco lembrada, do arquiteto Tebas (Joaquim Pinto de Oliveira), escravizado que, ao se alforriar aos 58 anos, marcou a arquitetura de São Paulo no período colonial.

---

107 Catálogo da Editora Mostarda, disponível em: https://www.editoramostarda.com.br/catalogos/. Acesso em: 7 jan. 2025.

108 Ibidem.

109 Ibidem.

Embora seja louvável a apresentação a perspectiva dessas populações para públicos a partir da primeira infância, um aspecto problemático do catálogo é a pequena presença de autorias negras no catálogo. De autores(as) indígenas, não localizei nenhum até o momento dessa pesquisa. Esse tema será retomado no capítulo 4.

Para além das biografias de pessoas negras e indígenas, há livros ilustrados para crianças, nos quais nota-se uma sensibilidade interseccional. Nesse sentido, o livro para crianças de Bia Novaes, *O maravilhoso mundo das famílias* (2024), ilustrado por Leonardo Malavazzi, traz para as crianças de maneira lúdica histórias sobre a diversidade de afetos e de famílias[110]; outro título dedica-se à vida de um sensível pianista alemão que padecia de surdez e compôs sinfonias memoráveis, *Ludwig Van Beethoven*, escrito por Claudio Maroto e ilustrado por Eduardo Vetillo; outra obra trilha a história de um dos maiores cientistas de todos os tempos que "recebeu o diagnóstico de Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA)", uma doença sem cura, que o deixou imóvel grande parte de sua vida, comunicando-se apenas por meio de uma máquina.[111]

Vale dizer que parte do conjunto das obras do catálogo da Mostarda tem versões em braile[112] o que enfatiza esse foco na diversidade, presente no slogan da editora "diversidade nas páginas, inclusão em cada página!"[113] Trata-se de um elemento importante e pouco comum ainda no mercado editorial em geral.

1.4 Considerações iniciais

As pessoas que são donas de editoras e seus empreendimentos, que aqui vamos estudar, são homens e mulheres, em sua maioria negras, e em sua maioria mulheres, com grau elevado de estudo, em geral, pessoas que fizeram pós-graduação em alguma área das Ciências Humanas ou Ciências Sociais. Exceção também nesse quesito é Maria Mazzarelo Rodrigues, como vimos, fez pós-graduação em editoração

---

110 Sinopse da obra disponível em: https://www.editoramostarda.com.br/produto/o-maravilhoso-mundo-das-familias/. Acesso em: 29 dez. 2024.

111 A autoria deste livro é de A&A Studio e ilustrado por Leonardo Malavazzi. Sinopse da obra disponível em: https://www.editoramostarda.com.br/produto/braille-stephen-william-hawking-capa-dura/. Acesso em: 29 dez. 2024.

112 O projeto **Ação + Inclusão**, criado pela Mostarda Editora, transcreve e adapta obras para que sejam acessíveis a pessoas cegas ou com baixa visão. Disponeivel em: https://www.publishnews.com.br/materias/2024/04/16/acao-inclusao-asap-educa-e-ia-generativa-na-pratica-sao-os-finalistas-da-categoria-inovacao-do-ano-no-premio-publishnews-2024. Acesso em: 29 dez. 2024.

113 Mostarda – Disponível em: https://www.editoramostarda.com.br/produto/braille-ludwig-van-beethoven-capa-dura/. Acesso em: 7 jan. 2025.

na França, antes de abrir a Mazza Edições, em 1981. Por serem empresas, em geral de menor porte, não atuam com um grande rol de especializações das tarefas. De maneira que seus proprietários atuam em diferentes frentes.

Se a profissão de editor já implica aglutinar uma variedade de habilidades, os/as editores/as negros/as aqui estudados/as seguem esse *script* com rigor de seus talentos e necessidades. Atuam num misto de vendedor/a de livros, relações públicas, editor/a, intelectual, educador/a, agitador/a cultural, ao inventar ou incentivar clubes de leitura, cursos específicos em torno de uma temática (por exemplo, a literatura negra feminina) ou livro; e/ou criar concursos para incentivar novos autores; produzir revistas literárias; circular por feiras literárias e congressos acadêmicos; dar entrevistas, proferir palestras sobre sua própria editora, um lançamento; ou ser ele próprio um autor, que virou editor, um autor-editor; ou, ao contrário, a trajetória pode ser inversa, um editor-autor. Isso porque há um trânsito entre essas funções: ser autor, editor, livreiro, acadêmico, entre outras.

Todas elas, até o momento, são editoras cujos catálogos possuem ampla maioria de escritores/as negros/as. No entanto, é possível perceber que essa constituição de catálogo e de linha editorial possui diversas singularidades, como por exemplo, o editor da Malê, que considera a publicação de autores e autoras negros um projeto temporário, até que exista um equilíbrio maior de narrativas no mercado editorial. Em entrevista ao professor e pesquisador Luiz Henrique Oliveira, Vagner Amaro comenta:

> Quando planejei a Malê, estudava em biblioteconomia políticas públicas. Estruturei a Malê como uma política pública, apesar de ser uma empresa privada. 1º identifiquei um problema: a pouca presença de autores negros em eventos, livrarias e publicações. 2º O que poderia ser feito dentro de um período para romper com isso? O que fazer para que os escritores negros se tornassem mais presentes? Meu intuito é que daqui a 5 anos, eu possa mudar meu catálogo porque não será mais necessário priorizar autores negros, já que a literatura estará diversificada e ter editoras que priorizem autores negros não será mais necessário. Na pesquisa que realizei considerei que os literatos encontraram mais dificuldades que os intelectuais negros, daí o foco da linha editorial da Malê ser literatura.[114]

Esse é apenas um exemplo de como a ideia de editoras negras pode conter projetos distintos a partir da interface entre política editorial e anseios políticos e comerciais de seus empreendedores.

---

[114] Entrevista com Vagner Amaro. Entrevista concedida a Luiz Henrique Silva de Oliveira. YOUTUBE, sem data. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FWEmPp6sLo0. Acesso em: 14 mar. 2022.

A essa distinção soma-se uma explicação adicional. Nem todos os editores negros são proprietários de editoras negras, pois há editores e editoras autodenominados negros/as que não têm o objetivo de projetar seu pertencimento racial como linha editorial, exclusiva ou especializada. A poeta, tradutora e uma das sócias da *Nosotros Editorial*, Lubi Prates, por exemplo, é uma poeta, negra, e o catálogo de sua editora ambre um amplo leque de autorias, como diz a apresentação da editora, em sua página na internet. A palavra nosostros em espanhol se refere tanto a um nós, quanto ao indivíduo, deste modo: “A nosotros, funda-se nessa ideia, a seis mãos e inúmeras vozes, para publicar, principalmente, dramaturgia, poesia e tradução produzidas por latinx-americanxs vivxs”.[115] Algo semelhante está presente na vertente literária literatura negra e literatura marginal-periférica, como nos casos do romancista Paulo Lins e do poeta Ricardo Aleixo, embora autodenominados negros e trazendo de distintas maneiras as poéticas negras para suas produções, não se reconhecem como inseridos em uma vertente negra ou marginal-periférica.[116]

[115] Nosotros Editorial. Disponível em: https://nosotroseditorial.com/. Acesso em: 27 jul. 2022. Integram ainda a Nosotros, Carla Kinzo (editora), Priscilla Campos (Editora/revisora), Sheyla Miranda (tradutora), Helena Zelic (designer).

[116] A respeito de Paulo Lins, Mário M. A. Silva, comenta: “[...] O caso de Paulo Lins não foge às afirmações acima. Ele não faz e não é um autor de Literatura Negra simplesmente porque não se auto-atribui o rótulo. E não se pode impor isso a um autor, na mesma medida em que se deva negar, quando afirma, a filiação. Se Lins observa e quer estabelecer, entre si e seu livro, parentesco direto com José Lins do Rego e *Fogo Morto*, cabe aos estudiosos aceitar o desafio da comparação e discuti-lo [...]”: SILVA, 2013, p. 588.

2 CONTRA O INSÓLITO: EDITORAS E AUTORIAS NEGRAS CONTEMPORÂNEAS

De início lembremos três cenas recentes.

Cena 1. Noite do dia 1º de setembro de 2022, a filósofa, ativista e escritora Djamila Ribeiro toma posse da cadeira nº 28 da Academia Paulista de Letras (APL), tornando-se após 113 anos, a primeira mulher negra a tomar posse naquela instituição. Com mais de 500 mil exemplares vendidos e traduzida para três idiomas[117], a autora ganhou o prêmio Jabuti em 2020, na categoria Ciências Humanas, com o livro *Pequeno Manual antirracista*. Além de coordenar a Coleção de Livros Feminismos Plurais, também um sucesso editorial, a filósofa é constantemente capa de diversas revistas; em uma delas a reportagem traz o título: “Pensadora, negra e pop”. A matéria é uma entrevista realizada em 2022, em que Djamila fala da posse na Academia Paulista de Letras, de autoria negra feminina e da trajetória familiar. Em certo momento, define-se: “sou feminista, sou do candomblé, faço parte da luta antirracista e me posiciono politicamente” [118], e fala do sentido político de editar autores negros: “quando escolho trabalhar no mercado editorial para publicar pessoas negras, estou fazendo política”.[119]

Cena 2. Noite de 8 de março de 2024, a poeta e prosadora mineira Conceição Evaristo – uma das maiores escritoras brasileiras vivas, premiada com o Jabuti com a antologia de contos *Olhos D’água* – toma posse na Academia Mineira de Letras (AML). A agora ocupante da cadeira nº 40, torna-se a primeira mulher negra a entrar para a instituição em 115 anos.

Cena 3. Noite de 5 de abril de 2024, o pensador, escritor e liderança indígena Ailton Krenak toma posse e ocupa a cadeira nº 5 da Academia Brasileira de Letras (ABL), ele fora eleito no ano anterior tanto para a ABL quanto para a AML.[120] Assim, tornou-se o primeiro indígena a ocupar uma cadeira da ABL nos 127 anos de

---

117 *Cf*. Djamila Ribeiro, **Biografia**. Disponível em: https://www.djamilaribeiro.com.br/biografia-djamila-ribeiro/ . Acesso em: 1 maio 2024.

118 SOUSA, Ana Paula. Pensadora, negra e pop. **Carta Capital**, São Paulo, ano XXVIII, n. 1223, 31 ago. 2022. Reportagem de capa, p.10.

119 *Ibidem*, p. 13.

120 FARIAS, Elaíze. Ailton Krenak rompe um silêncio de 127 anos dos indígenas na ABL, **Amazônia Real**, 04/04/2024. Cultura. Disponível em: https://amazoniareal.com.br/ailton-krenak-na-abl/. Acesso em: 30 abr. 2024.

existência da instituição – majoritariamente branca e masculina. Autor de diversos livros, alguns deles no topo da lista de mais vendidos, como *Ideias para adiar o fim do mundo*, obra traduzida para vários idiomas, Krenak soma-se a duas personalidades negras na casa: o professor e escritor Domício Proença Filho (em 2006) e o músico e compositor Gilberto Gil (em 2022).

As três cenas narradas representam posses significativas em sentido individual e coletivo de vozes negras e indígenas no território da literatura brasileira, mesmo que isso ocorra em instituições privadas e amplamente dominadas pela branquitude, as academias de letras. “Eu não sou mais do que um, mas posso invocar os 305 povos indígenas'”, discursa Krenak na noite de sua posse – referindo-se tanto ao poema de Mario de Andrade (“eu sou 300”), quanto às 305 etnias indígenas brasileiras, falantes de cerca de 170 línguas. Começo por essas três cenas por apontarem para autorias que estão dinamizando a literatura brasileira contemporânea e porque, além disso, são autorias que se apresentam também dentro de uma agenda de representatividade e suas ambivalências.

Meu foco é pensar o mercado editorial brasileiro e o crescente interesse dele que a produção escrita (ensaios, biografias, poemas, contos, romances) de escritores e escritoras negras tem despertado nele. Quais os significados dessa mudança que ocorre nos últimos vinte anos, especialmente na última década, a partir da experiência das editoras negras, isto é, iniciativas editoriais especializadas na publicação de temáticas e obras cujos autores são em sua maioria negros?

Este capítulo apresenta três movimentos de análise. No primeiro, tomo parte em um debate sobre a (pouca) literatura acadêmica a respeito da produção negra literária e não-ficcional de autores e autoras negras vinculada às condições de produção, circulação e fruição, à questão das editoras negras e às formas como vêm sendo nomeadas, a exemplo do conceito de quilombos editoriais. No segundo, dedico-me à questão da autoria negra e sua recepção no mercado editorial contemporâneo a partir de um discurso da diversidade. No terceiro movimento, aponto questões mais gerais a respeito das autorias e editoras negras, aspectos que favoreceram o crescimento do número delas e desafios que se impõem nas duas últimas décadas. Reflito também em que medida a discussão sobre a marginalidade das vertentes negras e periféricas das condições de produção desses escritores, quanto da circulação e distribuição persistem e, se não, em que medida.

2.1 O debate sobre editoras negras na literatura acadêmica

Chama a atenção que, embora contemporaneamente o mercado editorial esteja mais sintonizado com o discurso global da diversidade, até há pouco tempo a falta de diversidade em nossas letras não era vista como um problema nesse setor. Ou, no mínimo, as vozes críticas de escritores e escritoras negras, por exemplo, não reverberavam em tantos canais como hoje.

As conclusões contidas no livro *Literatura brasileira:* um território contestado,[121] da crítica literária Regina Dalcastagnè são pertinentes nesse sentido. No capítulo 6, "Um mapa de ausências", a professora de literatura brasileira da Universidade de Brasília apresenta dados de sua pesquisa que comparou dois conjuntos de romances brasileiros, em dois períodos históricos distintos do século XX. No primeiro deles, mapeou e analisou as primeiras edições de romances brasileiros publicados pela Companhia das Letras, Record e Rocco, chegando à totalidade de 258 romances lançados por essas editoras de 1990 a 2004.[122]

Como complemento e contraponto a esse conjunto de 258 romances, a autora pesquisou, outros "[…] 130 romances de autores brasileiros publicados em primeira edição entre 1965 e 1979 pela Civilização Brasileira e José Olympio, reconhecidas como as editoras de maior importância nos estudos sobre o campo literário da época".[123] Dalcastgnè conclui que os resultados da pesquisa refletem uma profunda homogeneidade racial, de gênero, profissional e geracional, já que a maioria dos autores e personagens são homens brancos, das regiões Sul e Sudeste, de classe média, em geral, profissionais ligados às letras. Assim, explica que:

> Foram publicados 80 diferentes escritores no primeiro período e 165 no segundo ─ em sua grande maioria, homens, sendo que as mulheres não alcançaram um quarto do total. Mas a *homogeneidade racial* é ainda mais gritante: no segundo período, são brancos 93,9% dos autores e autoras

---

121 Ver, em especial, o capítulo 6, "Um mapa de ausências", de DALCASTAGÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea* – um território contestado. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2013. Um resumo dessa pesquisa pode ser encontrado, também em: DALCASTAGÈ, Regina. A personagem negra na literatura brasileira contemporânea. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil*: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, v. 4.

122 DALCASTAGÈ, Regina. A personagem negra na literatura brasileira contemporânea. *In*: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, v. 4, p. 312. Cf., também, o capítulo 6 de DALCASTAGÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea* – um território contestado. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2013.

123 *Ibidem*, p. 312.

> estudados (3,6% não tiveram a cor identificada e os “não brancos”, como categoria coletiva, ficaram em meros 2,4%). Para o primeiro período, foram 93% de brancos e 7% sem cor identificada.[124]

Quando Dalcastagnè volta-se para a representação ficcional desses dois *corpus* analisados (245 escritores), a homogeneidade racial permanece, pois mais de 80% das personagens são brancas nos dois períodos. Além disso, mostra que as personagens negras são, em sua maioria, estereotipadas. Personagens masculinos negros são representados, em geral, como bandidos, desempregados, traficantes; as mulheres negras, em geral, como domésticas e prostitutas; as mulheres brancas, também sub-representadas, figuram com frequência os espaços de representação do cuidado com o lar; enquanto as personagens masculinas e brancas são com frequência as protagonistas, sendo em sua maior parte estudantes, jornalistas e intelectuais. Portanto, ao voltarmos nossa atenção para as editoras mais prestigiosas e de maior circulação nacional, temos uma percepção da invisibilidade da autoria e da personagem negra, que ainda aparece representando papéis secundários e/ou estigmatizados.[125]

Em um prefácio recente da edição comemorativa de sessenta anos do lançamento de *Quarto de Despejo* (a primeira edição é de 1960), a escritora e editora Cidinha da Silva argumenta que, para que o cânone literário mude, é preciso que os próprios agentes de legitimação dele sejam mais diversos, pois:

> Por fim, compartilho com você leitor, a ideia que venho amadurecendo e que já tornei pública em outra ocasiões: a de que autoras como Carolina Maria de Jesus só passarão a ser canônicas quando conseguirmos pluralizar o cânone, já que não nutro ilusões de derrubá-lo. É preciso que críticas(os), curadoras(es), professoras(es) universitárias(os), autoras e autores, editoras(es), gente do mercado editorial, especialistas e agentes do sistema literário de pertencimento negro, indígena, LGBTQIA+, oriundos de periferias, possam também ocupar as instâncias definidoras do que pode ser considerado canônico.[126]

Empenhadas em apontar outras abordagens para além desse prisma hegemônico, e ocupando instâncias de legitimação, destacam-se as pesquisas empreendidas por professores e pesquisadores como Eduardo de Assis Duarte[127],

---

124 DALCASTAGÈ, 2011, p. 312.

125 *Ibidem*, p.317-320.

126 SILVA, Cidinha da. A roda gira. Prefácio. In: JESUS, Carolina M., *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada. Edição comemorativa (1960-2020). 1. Ed. São Paulo: Ática, 2020, p. 11.

127 Além de livros e antologias voltadas para a autoria negra, o professor Eduardo de Assis é um dos responsáveis pelo site literafro – portal digital de literatura afro-brasileira, “fruto do trabalho do Grupo de Interinstitucional de Pesquisa Afrodescendências na Literatura Brasileira, constituído em 2001 e

Mario Augusto Medeiros da Silva, Luiz Henrique de Oliveira e Fabiane Cristine Rodrigues[128], Nathanael Araújo, Márcia Cruz[129], Letícia Santana-Gomes[130], Regina Dalcastgnè, dentro outros/as, que revelam, com diferentes recortes temporais e metodológicos, tanto a homogeneidade racial e de gênero do cânone literário, quanto a trajetória de impressores, livrarias, editoras/selos e autores das literaturas negras e marginal-periférica.[131]

Esses estudos estão amparados e somam-se à atuação e produção de conhecimento de escritores/as, em coletivos ou individualmente, editores negros, do movimento negro e associação de classes, dos próprios representantes dessas vertentes literárias, como Oswaldo de Camargo, Cuti (pseudônimo de Luiz Silva), Miriam Alves, Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro, Geni Magalhães, entre outros. E escritores contemporâneos, como Cidinha da Silva, Allan da Rosa e Ferréz. Todos eles têm atuado nas rasuras e fissuras do cânone literário, como pesquisadores, escritores, poetas, em grande medida, muitos estrategicamente ocupando mais de uma dessas posições: autor/a, editor/a, livreiro/a, agitador/a cultural.

A falta de diversidade do mercado editorial, expressa em pesquisas como a de Dalcastagnè, revela as censuras (raciais, de gênero, regionais, de classe) e as lacunas desse mercado. Nesse território homogêneo e elitizado, o surgimento e a publicação de autorias não-brancas como ficam?

Em *A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil* (1960-2000) – originalmente uma tese de doutorado, defendida em 2011 –, o sociólogo Mário Augusto Medeiros da Silva investiga de maneira articulada as condições de produção, circulação e reconhecimento de nomes centrais da literatura negra e literatura periférica no Brasil, entre 1960 e 2000, especificamente: Carolina

sediado no Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade – NEIA, da Faculdade de Letras da UFMG", conforme apresentação da página do site: http://www.letras.ufmg.br/literafro/quem-somos

128 OLIVEIRA, Luiz Henrique; RODRIGUES, Fabiane Cristiane. **Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra brasileira**. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

129 CRUZ, Márcia. **Maria Mazarello**: preto no branco, lutas e livros. Belo Horizonte, MG: Contafios, 2021.

130 SANTANA-GOMES, Letícia. *Por uma memória editorial*. [Filme-vídeo]. Produção de Letícia Santana Gomes. Belo Horizonte, CEFET-MG, 2015. 52min. Audiovisual.

Maria de Jesus; Ferréz[132], Paulo Lins[133] e o coletivo Quilombhoje[134]. Este último é responsável pela publicação, desde o início dos anos 1980, sem interrupção e de maneira cooperativa, da série de antologias literárias *Cadernos Negros*, que é especializada na publicação de autorias negras e uma das referências para diversas editoras que atuam nesse nicho, como se pode ler no perfil das editoras negras pesquisadas ao final desse capítulo.

Vale dizer que o pesquisador partiu de uma definição dessas vertentes literárias como *ideias em movimento,* já que ao longo do tempo uma variedade de nomes foi acionada para defini-las, seja por pesquisadores, inicialmente sociólogos, antropólogos e críticos literários estrangeiros, quanto pelos escritores dessas vertentes*.* Alguns dos adjetivos usados para nomear essas vertentes literárias são: Literatura afro-brasileira ou afrodescendente; literatura negra ou literatura negro-

---

132 Ferrez é o pseudônimo de Reginaldo Ferreira da Silva, escritor nascido em São Paulo em 1975. Colaborador da revista Caros Amigos, onde organizou as três antológicas edições de Caros Amigos/ Literatura Marginal, em 2001, 2002 e 2004, que originou o movimento da literatura marginal/periférica. É autor de Fortaleza da Ilusão (1997), Capão Pecado (2000), Deus foi almoçar (ano), entre outros. Em 2009, junto com a ONG Ação Educativa, criou o Selo Povo, projeto editorial dedicado à publicação de livros de bolso de autores periféricos a preços populares. Cf. GUIMARÃES, Pablo. Sobre lutas e livros: resistência editorial e busca por alternativas. In: SILVA, Cidinha da. (org.). *Africanidades e relações raciais*: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014.

133 "Escritor nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 1958. Informante da antropóloga Alba Zaluar em um projeto sobre criminalidade nas classes populares, motivado por esse trabalho e baseado em sua vivência de favelado, escreveu o aplaudido romance Cidade de Deus, publicado em 1997 e transformado em filme em 2002, com grande sucesso de crítica e público. A partir daí, passou a ser requisitado como colaborador em diversas produções cinematográficas e de televisão [...]" Cf. LOPES, Nei. Paulo Lins. *In*: ___. *Dicionário literário afro-brasileiro*: Rio de Janeiro: Pallas, 2007. P. 126.

134 A publicação *Cadernos Negros* é uma antologia literária anual coletiva, que reveza a publicação de poesia e de contos. Existe desde 1978, e já publicou 45 edições. De início foi editada pelo poeta e ficcionista Cuti (Luiz Silva). E no início dos anos 1980, passou a ser publicada pelo grupo paulistano Quilombhoje, que atualmente é formado pelos escritores Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. No site deste grupo, lemos: "Dentre as várias propostas do Quilombhoje estão as de incentivar a leitura e dar visibilidade a textos e autores afrodescendentes". Ver, em: (https://www.quilombhoje.com.br/site/. Acesso em 11 jul. 2023. Ver: RIBEIRO, Esmeralda (Quilombhoje-Literatura). 37 anos de Cadernos Negros – uma trajetória de resistência no mercado editorial. n: SILVA, Cidinha da. (org.). **Africanidades e relações raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014. Há uma série de estudos sobre os Cadernos Negros e o Quilombhoje, destaco os seguintes: SOUZA, Florentina S. **Afro-descendência em jornais negros e no MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005; COSTA, Aline. Uma história que está apenas começando. In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio (Ed.). **Cadernos Negros: três décadas: ensaios, poemas, contos**. São Paulo: Quilombhoje, SEPPIR, 2008; RIBEIRO, Esmeralda (Quilombhoje-Literatura). 37 anos de Cadernos Negros – uma trajetória de resistência no mercado editorial. In: SILVA, Cidinha da. (org.). **Africanidades e relações raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014; SILVA, Luiz [Cuti]. **Literatura negro-brasileira**. Selo Negro Edições: São Paulo, 2010; SILVA, Mario Augusto Medeiros da. **A Descoberta do Insólito**: Literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000). 1. ed. Rio de janeiro: Aeroplano, 2013.

brasileira; literatura marginal, periférica ou literatura marginal-periférica.[135] Dada essa polifonia, tanto semântica quanto ideológica, Silva argumenta que em torno delas não existe consenso teórico que permita satisfatoriamente fixar um conceito ou categoria analítica abrangente de sua diversidade. E, no entanto, é justamente essa pluralidade que faz com que, ao longo do tempo, tenha se constituído em torno delas, um estatuto material e imaterial consistente – tecido por polêmicas, defesas, ataques, obras e interpretações, comenta o autor.[136]

Para o pesquisador e professor da Unicamp, a literatura negra e a literatura periférica – guardadas as especificidades – são marginais em três dimensões: de produção, de distribuição e de consumo. A marginalidade de produção ocorre, devido às condições sociais de excludência material e simbólica, que dificultam que escritores de grupos sociais minoritários se tornem escritores e produzam literatura. A marginalidade é distributiva, também, porque não basta produzir literatura; é preciso publicar e fazer com que essas produções circulem em um país de dimensões continentais. Vinculada ao anterior, a marginalidade é também de consumo, pois sem uma boa distribuição, o acesso de diversos públicos a essas obras torna-se limitado; essa circulação restrita é também devido a questões como publicidade,

---

135 Uma revisão e problematização histórica das diferentes acepções, abordagens e implicações dessa polifonia de designações da literatura negra e marginal-periférica, dos críticos aos próprios escritores e poetas, está presente nos capítulos 1 e 2 de *A descoberta do Insólito*. Ver, também: QUILOMBHOJE (Org.) *Reflexões sobre a literatura afro-brasileira*. São Paulo: Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, 1985; CAMARGO, Oswaldo de. *O Negro Escrito:* apontamentos sobre a presença do negro na Literatura Brasileira. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1987; CUTI (Luís Silva). *Literatura negro-Brasileira.* São Paulo: Selo negro, 2010; DUARTE, Eduardo de Assis. "Por um conceito de literatura afro-brasileira". In: *Literatura e afrodescendência no Brasil*: antologia crítica. v. 4 (História, teoria, polêmica). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. HAPKE, I; MEDEIROS, M.; PEÇANHA, É; TENNINA, L. (Org.). *Polifonias marginais*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015. Sobre a literatura marginal periférica em específico, ver: NASCIMENTO, Érica Peçanha Do. *'Literatura marginal'*: os escritores da periferia entram em cena. 2006. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/SBD) São Paulo.

136 SILVA, Mário Augusto Medeiros da. *A descoberta do insólito*: literatura negra e periférica (1960-2000). Aeroplano: Rio de Janeiro, 2013. p. 32. Mariana Santos de Assis explica que a *literatura periférica*, *marginal* ou *marginal/periférica* surge nas periferias de São Paulo ao final dos anos 1990, com uma mobilização política-estética próxima à praticada pelo Movimento Hip Hop. Essa vertente literária caracteriza-se por uma “massiva produção literária”, que subverte a posição objetificadora de tema literário, passível de reprodução de preconceitos e estereótipos sociais e raciais, para a posição de sujeitos literários (cronistas, contistas, poetas e romancistas). Desse modo, de objeto passam a protagonistas da enunciação estética, para narrar suas experiências e realidades. Cf. ASSIS, Mariana Santos de. Literatura Periférica. In: *Africanidades e relações raciais:* insumos para políticas públicas na área do livro, leitura e literatura e bibliotecas no Brasil. Cidinha da Silva (org.). Fundação Cultural Palmares, 2014, p. 42-43.

reconhecimento crítico, legitimação acadêmica, circulação em revistas literárias, na imprensa, entre outros.[137]

Por conta dessa "marginalidade produtiva, distributiva e consumidora", o pesquisador aponta que o autofinanciamento[138], individual ou coletivo, foi a forma primordial de publicação da literatura negra e marginal e periférica. Em um número menor, os autores dessas vertentes conseguiram publicar por editoras médias e pequenas, sendo mais raro ainda consegui-lo por editoras de maior porte e prestígio.[139] Estes casos excepcionais de autores negros e/ou periféricos publicados nessas editoras de maior circulação possuem uma recepção crítica acadêmica e da imprensa, como observou Silva, "insólita". Dito de outra forma, como fenômeno extraordinário, de certo modo pitoresco, na medida em que o interesse de críticos, jornalistas, acadêmicos sobre ele(a) deslocava-se da matéria literária, vista como secundária, para a origem social e/ou étnica. O espanto do cenário cultural e acadêmico com o surgimento de tais criadores em territórios vistos como inóspitos ou deslocados gerava indagações, muitas vezes preconceituosas, tais como:

> *Como eles foram possíveis? Um escritor nessas condições? Isso é literatura ou documento social?* Na história literária brasileira, o escritor negro passou a ser visto como uma espécie de *avis rara*. Dadas as condições sociais de produção e o surgimento de autores dos autores, não raras vezes se questionou como foi possível a criação literária ter aparecido em cenários tão inóspitos ou deslocados?[140]

O livro a *Descoberta do insólito*, portanto, mostrou como esse mecanismo hipertrofiou o reconhecimento da autoria negra e marginal-periférica, transformando esses sujeitos em personagens de uma representação social marcada por estereótipos e paternalismos literários, pois não se despreza que os efeitos de poder de críticos, prefaciadores e jornalistas, ao escreverem sobre essas vertentes,

---

137 SILVA, 2013, p. 79. Essa tríplice marginalidade não é só literária, conforme o autor, pois atinge também, com suas singularidades, outros círculos de produção cultural voltado para esses segmentos negros e periféricos, como a imprensa, o teatro e a música, à exemplo do samba.

138 *Ibidem*. Para comprovar seu argumento da marginalidade produtiva, distributiva e consumidora, Silva (2013) apresenta um levantamento empírico na forma de tabela que acompanha anualmente as obras, autores e editoras publicados entre 1900 a 1980. Esse caráter marginal da autoria negra pode ser percebida no levamento estatístico da produção de poesia, conto, romance e não-ficção presentes no livro **Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra brasileira** (Rio de Janeiro: Malê, 2022), de Luiz Henrique Oliveira e de Fabiane Cristine, que iremos comentar a seguir.

139 Exemplos desse último caso são os livros: *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus, publicado pela editora Francisco Alves em 1960; *Cidade de Deus* de Paulo Lins, publicado pela Companhia das Letra, 1997; *Um defeito de Cor* de Ana Maria Gonçalves, publicado pela Record em 2006.

140 SILVA, *op. cit.,* p. 29.

colocam-se como “descobridores” desses/as escritores/as. A recepção da escritora Carolina Maria de Jesus é um exemplo forte dessa tendência.

O fato de ser mulher, negra, pobre, mãe solteira, favelada etc. se sobrepôs à escritora, cujo projeto literário abarcava diferentes gêneros (romance, conto, poesia), como o tempo tem demonstrado a partir da revalorização das muitas “vozes” da autora. Tal processo se deu tanto com o lançamento da edição comemorativa de sessenta anos da primeira edição de *Quarto de Despejo* – em publicação cuidadosa prefaciada por outra escritora mineira e negra, Cidinha da Silva –, como das reedições e obras inéditas de Carolina pelo Grupo Companhia das Letras, para cujo projeto foram reunidas Vera Eunice, filha da Carolina, Conceição Evaristo e um grupo de pesquisadores.[141]

Em resumo, a obra aponta essa hipertrofia da origem ou da identidade, que pode resultar em prisões identitárias e violências simbólicas, no lugar de reconhecimento ou dinamização do cânone literário. Pode-se considerar, portanto, que o rompimento dessas prisões identitárias só se tornará possível com a criação de repertórios analíticos novos e descolonizados, capazes de considerar a diversidade de perspectivas estéticas da literatura brasileira, como mencionou Cidinha da Silva no prefácio à Carolina.

Resumindo o argumento até aqui, podemos concluir que as pesquisas de Dalcastagnè e de Silva, embora com perspectivas teóricas, objetos e metodologias distintas, dialogam. O mapa de ausências traçado por Dalcastagnè, mostrou como as quatro editoras consideradas mais importantes (por conta de seu prestígio e influência) contribuíram para fazer chegar ao leitor por décadas romances brasileiros, tanto do ponto da autoria quanto da fabulação, uma profunda valorização da homogeneidade racial, de gênero e de região – pois a maioria de seus autores e protagonistas eram homens, brancos e da região sudeste –, por um lado, e uma destituição de humanidade dos Outros[142] não-brancos, não masculinos, não

---

141 Esse reconhecimento póstumo atravessa o cinema, o teatro, a música, chega também a exposições realizadas em 2021, quando enquanto os manuscritos de Carolina foram expostos na 34º Bienal de Arte de São Paulo, uma ampla exposição foi realizada no Instituto Moreira Salles Paulista, intitulada *Carolina: um Brasil para os brasileiros*, no período de 25/9/2021 a 3/4/2022. *Cf.*: https://ims.com.br/exposicao/carolina-maria-de-jesus-ims-paulista/. Acesso em: 30 dez, 2024.

142 Essa visão imperialista operada pelo cânone não é algo singular ao Brasil, mas presente em diferentes contextos pós-coloniais, em países europeus e não-europeus, e denunciada por diferentes artistas e intelectuais negros: Bob Marley, Fela Kuti, Chimamanda Adichie, Aimé Césaire, Frantz Fanon, Neusa Santos Souza. Djaimilia Pereira de Almeida, autora angolana que vive em

sudestinos, apresentados em sua maioria na condição de personagens rasas e estereotipadas e raramente como autores. Já Silva analisou produções literárias negras e periféricas, entre anos 1960 e 2000, cujos/as escritores/as apenas como aves raras sentaram-se à mesa das grandes ou mais prestigiosas editoras.

As conclusões sociológicas e empíricas da análise de Silva, baseadas numa visão histórica e comparativa atenta às tensões e vozes de seus interlocutores, podem ser colocadas em relação a pesquisas contemporâneas, como as realizadas pelo professor e doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, Luiz Henrique Oliveira e pela mestre e doutoranda em Estudos da Linguagem, Fabiane Cristine Rodrigues, no livro *Trajetórias Editoriais da Literatura de Autoria Negra e Brasileira*, no qual analisam a trajetória editorial da produção literária negra nos gêneros poesia, conto, romance e não ficção e de autores de ficção entre 1859 e 2020. Esse recorte temporal tem como critério inicial o ano da publicação da primeira edição de uma obra de autoria negra. Por isso o ano de 1859 é o marco histórico inicial, pois foi nele que a professora, escritora e compositora Maria Firmina dos Reis lançou o romance abolicionista *Úrsula* e o poeta, jornalista e abolicionista Luis Gama publicou *Primeiras trocas burlescas de Getulino*.[143]

Tendo como foco os estudos editoriais em articulação com outras áreas de conhecimento complementares (como Filosofia, História, Sociologia, Comunicação), elegem a crítica literária como perspectiva central de análise; e acionam uma metodologia relacional entre levamento estatístico das trajetórias editoriais da autoria negra e análise das dinâmicas históricas em que as obras foram publicadas, tendo como referência, entre outras, a pesquisa de Regina Dalcastagnè, Márcia Abreu e Aníbal Bragança.[144]

Considerando os dados conclusivos da pesquisa de Oliveira e Rodrigues, chama a atenção o fato de perceberem a predominância masculina na autoria negra, sendo que aqueles com o maior número de publicações são de autores inseridos na vida acadêmica ou em atividades culturais em que a escrita é parte desse mesmo

---

Portugal desde a infância, fala que há séculos ocorre a privação de uma vida interior complexa na literatura canônica de seu país, e que isso exige uma tarefa coletiva de restituição da humanidade contra a violência colonial institucionalizada e não reconhecida na vida e nas obras. *Cf*. ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. A restituição da interioridade. *In*: ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. **O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo**. São Paulo: Todavia, 2023, p.61-63.

143 OLIVEIRA, Luiz Henrique; RODRIGUES, Fabiane Cristiane. **Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra brasileira**. Rio de Janeiro: Malê, 2022, p.15-16.

144 *Ibidem*, p. 23-24; 134-135.

universo.[145] Como explicam Oliveira e Rodrigues, a predominância do gênero masculino revela o impacto do sexismo junto com o racismo da publicação de autores[146] que estão ou transitam pela academia, a concentração no eixo Rio-São Paulo (que para todos os gêneros ultrapassa os 70%), entre outros dados. Tais conclusões aproximam a pesquisa dos quilombos editoriais com certas tendências encontradas por Regina Dalcastagnè nos romances que analisou, como a predominância do gênero masculino na produção e o dado estrutural do mercado editorial brasileiro, a questão da concentração da produção editorial no Sudeste.

Outro ponto importante – e que acompanha o cenário da literatura contemporânea conforme analisou Dalcastagnè – é a concentração da atividade editorial das publicações na região Sudeste de todos os gêneros de autoria negras levantadas (poesia, conto, romance e não ficção de ficcionistas), que mantiveram um índice constante acima de 70% do total de publicações.[147]

Além de uma análise da trajetória editorial da poesia, do conto, do romance e da produção não-ficcional de escritores negros de literatura – que não pretendemos discutir aqui a fundo –, o livro termina com o capítulo “Os quilombos editoriais” – em que os autores retomam a formulação conceitual de quilombo editorial de Oliveira, ampliando o escopo de análise.[148] A inspiração para este conceito vem da formulação de *quilombismo* proposta por Abdias do Nascimento[149], explicam, para quem o quilombo, tinha uma dimensão histórica – o quilombo de Palmares (século XVI) –; uma dimensão política – o Estado Nação; e uma base teórica – uma sociedade livre, fraterna e solidária. Nascimento, nessa formulação, defendia pioneiramente a de valorização da educação universal gratuita, de um ensino que contemplasse a história da África e suas diásporas negras, e que desenvolvesse as potencialidades do ser humano com cultura e arte contra o embrutecimento.[150]

O conceito de quilombo editorial formulado por Oliveira e retomado e ampliado no livro em parceria com Rodrigues, em sua caracterização, possui ideais éticos, políticos e econômicos, orientadores dos princípios de editoração, resumidos em cinco

---

145 OLIVEIRA; RODRIGUES, 2022, p.196.
146 *Ibidem*, p.195.
147 *Ibidem*, p 196.
148 *Cf.* OLIVEIRA, 2018.
149 Refere-se ao livro *O Quilombismo*, de Abdias Nascimento, lançado em 1980 pela Editora Vozes. NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. Petrópolis: Vozes, 1980.
150 OLIVEIRA; RODRIGUES, 2022, p.164-165.

princípios: a atuação em um nicho à margem do mercado editorial; autonomia financeira das grandes corporações; a economia gerada é reinvestida na editora e em atividades culturais; o profissionalismo e não dissociação da teoria e prática; e, por fim, "o compromisso com o coletivo afro-brasileiro"[151] O editor dessas inciativas não é exclusivamente negro, embora seja predominante. Para os autores, essa implicação coletiva é similar ao que ocorria no quilombo histórico, em que a presença de agentes de diferentes etnicidades foram cruciais para compor alianças contra o racismo.[152] Nessa chave, consideram como quilombos editoriais, iniciativas de editores negros, como a Mazza Edições, Ciclo Contínuo, Malê, entre outras, bem como a editora **Pallas[153],** fundada no Rio de Janeiro, em1975, por Antônio Carlos Fernandes.

A lógica de editoração é a *bibliodiversidade*, entendida como a aplicação da diversidade no âmbito da literatura; e a lógica econômica é a *independência editorial*[154], entendida como a orientação dos empreendimentos não estritamente voltados para o lucro como editoras comerciais tradicionais, mas para a busca por uma sustentabilidade sem abrir mão da qualidade de seus catálogos (um ponto nessa discussão é que o fato de se colocar como independente não prescinde de angariar fomento estatal, aprofundo e problematizo os significados da independência editorial no próximo capítulo).

Na trajetória editorial da literatura de autoria negra brasileira que Oliveira e Rodrigues apresentam, os quilombos editoriais estão integrados às redes de sociabilidade negras, da Imprensa Negra, iniciada no século XIX, passando por organizações negras como O Teatro Experimental do Negro, o Movimento Negro Unificado até chegar à série *Cadernos Negros*, gerida pelo *Quilombhoje* a partir do início da década de 1980 aos dias atuais. Porém, marcam uma distinção entre as editoras quilombistas e esse conjunto heterogêneo de iniciativas negras. Nas redes de sociabilidade, argumentam, a publicação de livros ocorria como possibilidade e não como razão de ser ("não se restringiam à atividade editorial"), ao passo que os

---

151 OLIVEIRA; RODRIGUES, 2022, p.190.

152 *Ibidem*, p.164.

153 A editora possui um amplo e eclético catálogo, contendo obras literárias de autores africanos e afro-brasileiros (adulta, infantil e juvenil), obras de referência, de sociologia; antropologia, cinema, filosofia, de religiosidade, autoajuda, tarô, yoga.[153] Em sua página institucional, observa-se títulos de autores "afro-brasileiros", como Cidinha da Silva, Conceição Evaristo, Lázaro Ramos, Nei Lopes, entre outros.

154 Para definir a atuação dos editores do quilombo editorial partem da definição elaborada pelos autores Hernán López Winne e Victor Malumián. No livro *Independentes de quê? Falam os editores da América Latina*, apresentam três categorias de editoras (*Cf*. p. 167). Retomo esse argumento no capítulo 3 desta tese.

quilombos editoriais têm na publicação e na intervenção cultural suas linhas mestras de atuação.[155]

Para rastrear a linhagem histórica dos quilombos editoriais, os autores localizam nas atividades de livreiro e editor afrodescendente Francisco de Paula Brito, com A tipografia Fluminense de Brito e Cia. e a empresa tipográfica Dous de dezembro, o pioneiro dos quilombos editoriais.[156] Após as atividades de Brito, argumentam Oliveira e Rodrigues, veio o vazio até das casas ou quilombos editoriais. Um dos motivos, alegam, foi a repressão aos movimentos sociais em geral, e ao militantes negros em específico, como, por exemplo, o fechamento da Frente Negra Brasileira, que em 1937 foi fechada com o golpe do Estado Novo por Getúlio Vargas.[157] Depois dela, dão um salto histórico para a década de 1970 e 1980, quando há o surgimento da Editora Pallas (Rio de Janeiro, 1975) e Mazza Edições (Belo Horizonte, 1981); da Nandyala Editora (Belo Horizonte, 2006); da Editora Ogum's Toques Negros (Salvador, 2009); da Ciclo Contínuo Editorial (São Paulo, 2009) e da Editora Malê (Rio de Janeiro, 2016).

A ideia de um vazio editorial de quase um século entre a atividade editorial de Francisco de Paula Brito, desenvolvida entre as décadas de 1830 e 1860 do século XIX, e o ressurgimento de quilombos editoriais, na segunda metade da década de 1970, com a Pallas e a Mazza, não significou a ausência de ativismo antirracista, sobretudo negro por meio da potência da palavra falada, escrita e impressa. Apenas que esta ocorreu de maneira variada e, no mais das vezes, em curtos períodos.

A título de exemplo, podemos remontar ao já citado Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado por Abdias do Nascimento (1914-2011) e Aguinaldo Camargo (1916-1952), e que recebeu a adesão posterior de intelectuais, artistas e educadores nacionais e internacionais[158], publicou *Dramas para negros e prólogo para brancos*, antologia do teatro negro brasileiro, no Rio de Janeiro, em 1961. Trata-se de uma coletânea com peças escritas para o TEN ou encenadas pelo grupo.

Além do TEN, Oswaldo de Camargo, jornalista, pesquisador e cofundador do coletivo Quilombhoje, em seu livro *O negro escrito*, registra ao final dos anos 1950 e início dos anos 1960, na capital paulista, uma série de escritores, intelectuais, surgidos

---

155 OLIVEIRA; RODRIGUES, 2022, p. 166.
156 *Ibidem*, p.169-171.
157 *Ibidem*, p. 171.
158 Ver, Macedo, Márcio. **Abdias Nascimento***:* a trajetória de um negro revoltado (1914-1968). Dissertação [Mestrado]. São Paulo: FFLCH-USP, 2005.

em “Uma Associação Cultural do Negro feito plateia para o poeta afro-brasileiro, com o Teatro experimental do Negro – SP produzindo autênticos ‘festivais de palavras’”[159] – e que em meio a intelectuais e críticos, como Florestan Fernandes, Sergio Milliet, entre outros – “Henrique L. Alves, ativista da literatura negra e idealizador da Série Cultura Negra, restava já nutridos com esse passado, o surgimento de autores a que poderíamos chamar de ‘novos’, com marcas de mudanças”.[160] Camargo menciona ainda a Associação Cultural do Negro (ACN) na qual foi diretor de cultura. A ACN foi fundada em 28 de dezembro de 1954, e era composta por departamentos de Cultura, Esporte, Estudantil, Feminino e por uma Comissão de Recreação[161]. A ACN Durante a atuação de Oliveira, a entidade foi responsável por uma série de atividades culturais e artísticas, como a edição dos *Cadernos de Cultura Negra,* a publicação do jornal *O Mutirão[162],* a organização de um coral*.* Além disso, *a* organização constituiu-se no centro das comemorações pelos setenta anos da Abolição, em 1958. A entidade existiu até 1976, quando mudou-se para o bairro da Casa Verde, e inspirou outras organizações e gerações de ativistas negros.[163]

Em que medida as editoras especializadas em autorias negras têm se articulado de maneira independente e criado laços fraternos de solidariedade política na esteira do conceito de quilombo editorial? Existem órgãos de classe que as represente? Segundo o site da Liga Brasileira de Editoras (LIBRE) [164], que explica ter cerca de 26% das 740 editoras existentes no Brasil, a maioria delas denominadas independentes, apenas a Ciclo Contínuo do editor Marciano Ventura de São Paulo está cadastrada entre as que poderiam ser definidas como quilombos editoriais, como

---

159 CAMARGO, Oswaldo. **O Negro Escrito***: apontamentos sobre a presença do negro na Literatura Brasileira*, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1987, p. 94.

160 Oswaldo de Camargo menciona o surgimento de uma série de escritores, como Adão Ventura, Oliveira Silveira e Carlos Assumpção, este último publicou o poema Protesto, na Série Cultura Negra, *Cf*.: *O Negro Escrito: apontamentos sobre a presença do negro na Literatura Brasileira*, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1987, p.94.

161 Seu presidente era Geraldo Campos de Oliveira, o mesmo fundador do Teatro Experimental do Negro de São Paulo. De início, a ACN teve uma sede na Rua São Bento, no centro velho de São Paulo.

162 Segundo José Correia Leite (1992), Oswaldo de Camargo, Odacir de Matos, e outros estudantes, fundaram esse jornal, que durou quatro a cinco números. Ver, LEITE, José Correia; Cuti. **...***E disse o velho militante José Correia Leite.* São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

163 Sobre a ACN, ver, entre outros, LEITE, João Correia; Cuti. *op. cit*.; MOURA, Clóvis. "Organizações negras". In: BRANT, V. C; SINGER, P. (orgs.). *São Paulo*: o povo em movimento. São Paulo: Cebrap, 1983; SILVA, Mário A. M., op. cit.; SILVA, Mário A.M. *Fazer história, fazer sentido*: associação cultural do negro (1954-1964) Lua nova: Revista de Cultura e Política, São Paulo, n. 85, 2012, p. 227-273. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ln/a/NctYPPBBRNFTtwtqhM4zVHQ/?lang=pt. Acesso em 05 jul. 2022.

164 Ver Lista de Associados da LIBRE: disponível em: https://www.libre.org.br/lista-de-associadas/ . Acesso em: 10 abr. 2024.

a Mazza Edições, a Ogum's Toques e a Nandyala... Já na Câmara Periférica do Livro (CPL), um órgão que reúne editoras periféricas de São Paulo, encontramos, além da Ciclo Contínuo, outras, como a editora Dandara, Mijiba, Kitembo Edições Literárias, Editoras Gráfica Heliópolis, entre outras.[165] Acredito que isso ocorra também porque essas iniciativas operam por valores diversos e que em grande medida estão relacionados a lógicas territoriais, econômicas e de poder, por exemplo, em relação às cidades em que atuam. Por isso, considero relevante em minha pesquisa, operar um conceito mais aberto de editoras negras, e contemplá-las a partir de ferramentas interseccionais de análise de modo que se possa apreender como essas iniciativas comerciais atuam em contextos sociais e regionais específicos e a partir deles podem ou não estabelecer relações de concorrência, colaboração ou engajamento político-colaborativo.

Próximo dessa ideia de afinidades históricas e ideológicas, percebe-se que, ao menos entre as editoras aqui pesquisadas (como se pode ver no perfil traçado no capítulo anterior), partes delas reverenciam a geração de autores negros que a partir dos anos 1970 se organizaram para debater literatura negra e as formas de construção de sua viabilidade. Nesse sentido, escritores em torno de grupos como o Negrícia, no Rio de Janeiro, e a série histórica *Cadernos Negros*, em São Paulo, são citadas como casos concretos de ativismo antirracista e produção estética que se legitimaram em um período em que as editoras que atualmente abarcam em parte essa produção exerceram aquele filtro racista e sexista como analisado por Dalcastagnè.

Certamente um corpo cada vez maior de pesquisas nessa área das editoras e seus nexos entre raça, classe, gênero e território são bem-vindas e cumprem uma lacuna de conhecimento presente nessa área. De modo que abordagens mais sociológicas como as que realizo, ou os levantamentos estatísticos e baseadas em dados empíricos, como as realizada por Regina Dalcastgnè, Luiz Henrique Oliveira, Fabiane Cristine Rodrigues, entre outros/as, auxiliaram a conhecer melhor tais editoras e suas múltiplas formas de atuação e autoclassificação. São opções analíticas possíveis.

Sem dúvida, os próprios editores negros e não-negros que atuam de maneira exclusiva ou setorizada com as publicações de escritoras e escritores negros têm

---

[165] *Cf*. LOPES, Ruivo; AÇÃO EDUCATIVA (coord.) **Editoras das periferias de São Paulo**: perfil 2020. São Paulo: Ação Educativa, 2020.

muito a dizer, uma vez que são os intelectuais inseridos organicamente como protagonistas dessa história. Ademais, no capítulo 3, problematizo a noção de independência editorial presente na formulação de quilombos editoriais, em especial a ideia de que essas não são editoras comerciais convencionais, dada sua preocupação de intervenção no imaginário social. Pois, como diz Oliveira:

> Todas essas casas ou quilombos editoriais, diversos entre si, apresentam um denominador comum: atuam de maneira independente em relação ao grande mercado da "arte burguesa" ou, se ainda quisermos, para além da "centralidade do campo literário", em termos bourdierianos.[166]

O argumento de Oliveira de que as editoras não se restringem a uma atuação mercantil – pois procuram conciliar sustentabilidade econômica e projeto político de intervenção cultural – é essencial e será retomado. Uma vez que a própria inserção no mercado editorial produz as condições para que os quilombos editoriais se pautem também obrigatoriamente pelas regras do mercado – visto que como toda editora precisam de capital para abrir e manter seu negócio; pagar as despesas com infraestrutura, funcionários e/ou prestadores de serviços; tomar empréstimos; obter lucro; estabelecer estratégias de divulgação, entre outras atividades, para se tornar o empreendimento sustentável e não ir à falência –, vale investigar nos próximos capítulos como cada editora trabalha essa balança entre ativismo (luta antirracista) e atuação capitalista setorizada em termos étnico-raciais.

Na segunda edição de *A descoberta do insólito*, lançada em 2023, o sociólogo Mário Augusto Medeiros da Silva retoma e amplia sua tese de 2011, lançada em livro dois anos depois. A partir de uma série de entrevistas com livreiros e editores e da consulta a livros e arquivos históricos, apresenta um novo capítulo em que aborda a experiência de editoras e livrarias negras a partir dos anos 1960, muitas delas com vida breve. Nesse novo capítulo, o décimo, o pesquisador compõe um quadro da trajetória pessoal e empresarial dos pesquisados, bem como as estratégias de subsistência econômica e os anseios pessoais e políticos diversos – muitas vezes, ligados ao associativismo negro; e, também, mapeia os tipos de leitores almejados por esses diversificados empreendimentos. É interessante notar que o pesquisador constatou que diversos desses empreendimentos desconheciam outras iniciativas

---

166 LOPES; AÇÃO EDUCATIVA, 2020, p.157-158.

negras na área do livro, de maneira que mais de um empreendimento colocou-se como pioneiro.[167]

Além disso, o pesquisador notou que as livrarias e editoras identificadas para seu estudo estavam localizadas em capitais da região Sudeste – em maior número em São Paulo (SP), seguido por Rio de Janeiro (RJ), Belo Horizonte (MG), mas também em Salvador (BA). Trata-se de regiões em que historicamente o ativismo negro foi marcante. Silva sugere que em outras regiões com essa mesma característica de ativismo negro também possam ter iniciativas editoriais ainda identificadas.[168] Como no Brasil, a produção editorial se concentrou no eixo Rio-São Paulo,[169] pesquisar as experiências negras em outras regiões do país, inclusive para além da região Sudeste, é promissor e pode revelar uma multiplicidade de possibilidades e desafios do que são as iniciativas negras no mercado livreiro das variedades geopolíticas, comerciais e culturais do país. As mesmas conclusões para os Quilombos editoriais são feitas por Luiz Henrique Oliveira e Fabiane Rodrigues.

Com relação à trajetória das livrarias negras, Silva analisa o surgimento das pioneiras às mais recentes, no século XXI. Vale citar, por exemplo, duas dessas pioneiras; ambas da década de 1980 e surgidas na capital paulista, em bairros próximos e localizados no centro. A primeira é a *Livraria Contexto*, fundada por Nair Araújo (1931-1984) em 1972, na Aclimação. O pesquisador entrevistou Martha Araújo, filha da Nair Araújo, que assumiu a livraria, após o falecimento de sua mãe em 1984, e mantém o empreendimento até hoje. A segunda, a *Livraria Eboh*, fundada por Arnaldo Xavier, Mario Luiz de Souza, Lopes, Marcio Damásio e Isidoro Teles de Souza, no Bexiga. *A Eboh* teve vida efêmera: existiu entre 1986 até 1991, conforme Isidoro Teles de Souza, em entrevista a Silva.

O pesquisador destaca ainda diferenças entre essas duas livrarias, como o aspecto geracional de suas atuações: Nair Araújo nasceu no início da década de 1930; enquanto os fundadores da *Eboh*, entre as décadas de 1940 e 1950. São distintos também os círculos de militância. A proprietária da *Livraria Contexto* frequentou entidades negras das décadas de 1950 e 1960, como a Associação Cultural do Negro

---

167 SILVA, Mario Augusto Medeiros da. **A Descoberta do Insólito**: Literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000). 2. Ed. revista e ampliada. São Paulo: Edições Sesc, 2023, p.523.

168 *Ibidem*, p.522.

169 Sobre o crescimento da atividade editorial em São Paulo, ver HALLEWELL, Laurence. *op. cit.,* p. 333-344.

(ACN) e o Teatro Experimental do Negro de São Paulo (TEN-SP)[170], enquanto os fundadores da *Livraria Eboh*, participavam frequentavam o Centro de Cultura e Arte Negra (CECAN)[171], espaço de encontro de jovens militantes para produção artística e debate político dos anos 1970. Isso revela que, assim como na produção estética da autoria negra, a referência ao associativismo negro, de diferentes vertentes em distintos contextos sociopolíticos, está em maior ou menor grau presente ou ao menos como referência, com graus distintos de afinidade ou tensão.

A Eboh, conforme o pesquisador, surge em meados da década de 1980, quando escritores negros coletivamente refletiam sobre formas de viabilizar a circulação de suas produções por meio da criação de livrarias e editoras próprias, em encontros como os dois "Encontros de Poetas e Ficcionistas Negros", convertidas em livros.[172] Outro ponto interessante é que: "A Eboh – Livraria e Editora, além de planejar ampliar sua atuação rumo ao mercado editorial, apresentava-se em matérias de jornais como a primeira e única livraria especializada em assuntos negros no país".[173] A partir disso, vale ressaltar dois aspectos. O primeiro é como diversas experiências negras de livrarias aspiram transformar seus empreendimentos em editoras e para além de editoras, em espaços culturais. É o que ocorre, como Silva mostra ter acontecido com a Contexto, a Eboh, entre outras, que construíram espaços de sociabilidade e de eventos culturais. O pesquisador avança em sua análise pelas décadas de 1990 aos anos 2000, investigando as diferenças de contextos e as

---

170 O Teatro Experimental do Negro (TEN) foi fundado em 1944, no Rio de Janeiro, por Abdias do Nascimento e Aguinaldo de Camargo. A figura mais emblemática da organização foi o economista, professor, político e multiartista Abdias do Nascimento. Mas, diversas outras figuras, homens e mulheres, foram fundamentais na trajetória da organização, como Maria do Nascimento, Guerreiro Ramos, Ironides e outros intelectuais brasileiros brancos e negros. A organização possuía objetivos político-programáticos realizados de diversas maneiras ao longo de sua existência. Todas essas ações destinavam-se à valorização social do negro através da educação, cultura e arte. O Teatro Experimental do Negro de São Paulo, estava associado àquele surgido no Rio de Janeiro, mas com uma organização própria. Sobre o TEN, Ver, ROSA, Daniela Roberta Antonio. *Teatro Experimental do Negro*: estratégia e ação. 2007. 180 p. Dissertação. (Mestrado Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

171 O CECAN foi uma organização político-cultural surgida em São Paulo, no bairro do Bexiga, em 1972. A organização foi um centro formador e articulador de diferentes gerações de pessoas que a frequentavam e de lá organizaram outras entidades, à exemplo dos escritores paulistas ao redor da série Cadernos Negros e Quilombhoje. Sobre o CECAN, Ver: SILVA, Joana Maria Ferreira da. *O Centro de Cultura e Arte negra - Cecan*. São Paulo: Selo Negro, 2012.

172 Trata-se das publicações: I Encontro de Poetas e Ficcionistas Negros Brasileiros (org.). Criação Crioula, Nu Elefante Branco, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1987; e II Encontro de Poetas e Ficcionistas Negros Brasileiros: Corpo de Negro, Rabo de Brasileiro, Rio de Janeiro, 1986.

173 SILVA, 2023, p. 528.

relações e às vezes tensões entre esses empreendimentos e diferentes vertentes do associativismo negro.[174]

Na parte final do capítulo, traz uma análise mais breve de um conjunto de editoras negras, partindo de 1981, ano de criação da Mazza Edições por Maria Mazzarelo, em Belo Horizonte, aos dias atuais, analisando a Nandyala, a Malê, a Ciclo Contínuo Editorial, a Ogum's Toques (sobre essas editoras e outras da tese, ver item 1.3 Breves perfis das editoras pesquisadas. O pesquisador enfatiza a importância de editoras não-negras,para a difusão da autoria negra:

> Nos anos recentes, este cenário tem sido expandido pela criação de novas editoras que trazem a autoria negra nacional e internacional em seus catálogos, como a Editora Nós, Kapulana Editora e Todavia Livros. E, embora isso fuja ao escopo aqui definido, é interessante notar que mesmo uma editora já estabelecida, como a Companhia das Letras, reorganizou sua política de publicação recente, visando a ideia de diversidade antirracista.[175]

Sem buscar refazer os detalhes do capítulo inédito do autor, vale sintetizar alguns argumentos que são importantes para esta pesquisa.

a) A ausência de pesquisas sobre a trajetória das livrarias e editoras negras e a trajetória pessoal de seus fundadores permanece;
b) O protagonismo feminino negro, sobretudo nos empreendimentos a partir dos anos 2000; o que é muito interessante, pois na história editorial hegemônica a presença feminina, negra e não-negra é minoritária;
c) O desconhecimento de muitos dos entrevistados com relação às outras inciativas negras no campo das livrarias e editoras, e até se colocavam como pioneiras ou únicas. Um dos fundadores da Livraria Eboh, Isidoro Telles em entrevista à Silva, desconhecia a existência da Livraria Contexto, mesmo ambas sendo fundadas no mesmo bairro, o Bexiga, em um período próximo. Esse desconhecimento de outros empreendimentos negros contemporâneos ou da história das editoras negras é reportado pelo pesquisador ao longo do capítulo.
d) A relação de cooperação entre empreendimentos negros e associativismo negro, ainda que, às vezes, marcados por tensões entre projetos políticos e projetos estéticos e econômicos; se os livros são vendidos como mercadorias, vale a questão a ser aprofundada no capítulo 4 desta tese: Como o elemento econômico

---

174 SILVA, 2023, p. 530-531.
175 *Ibidem*, p. 550.

inerente ao comércio de livros dialoga com essas dimensões políticas dos vários usos da raça para nossos editores?

Desta forma, se é nas décadas de 1970 e 1980 que se formalizam, em termos comerciais e profissionais, editoras com linhas editoriais que valorizam a temática étnico-racial e a produção poética, ficcional e não ficcional de escritores e escritoras negras, as iniciativas de publicação negra manifestam-se nas frestas de uma série de entidades, agremiações, jornais e livrarias: tanto de órgãos da imprensa negra, como o Jornal *Quilombo* (fundado e dirigido por Abdias do Nascimento entre 1949 e 1950), quanto de iniciativas da ACN, como chamou atenção Oswaldo de Camargo, nos anos 1960, além de livrarias não exclusivas, a exemplo da Contexto, de Nair Araújo, que fazia circular autores negros e manteve acesa a chama da militância negra e a circulação de suas ideias. Pode-se argumentar, que não foram iniciativas duradouras, mas isso se explica justamente pelas condições de marginalidade da produção, distribuição e circulação da produção literária e autoral negra e marginal-periférica, que ainda que alteradas, olhando do presente, são parte constitutivas dessa história da produção literária das vertentes literárias não canônicas.

2.2 A autoria negra, o mercado editorial e o discurso da diversidade

> Em todas as áreas, os poucos negros que conseguem uma ascensão social são vistos como histórias de exceção. Mas as histórias de exceção devem ser lidas para se pensar a regra. [...] Que regras são essas da sociedade brasileira para vermos uma mulher virar um expoente no campo da literatura só aos 71 anos?
>
> **Conceição Evaristo**[176]

O sociólogo Michel Nicolau Netto, ao estudar o discurso da diversidade a partir da *world music*, argumenta que: “em cada momento o discurso da diferença se apresentou sob características específicas, determinado pelas relações de enunciados presentes e pelas condições materiais”.[177] Enquanto no século XIX, “havia

---

176 CARNEIRO, Julia Dias (repórter). “"É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos, diz escritora”. **BBC News**. 9 mar. 2018. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948. Acesso em: 2 fev. 2022.

177 NICOLAU NETTO, Michel. **O discurso da diversidade**: a definição da diferença a partir da world music. 2012. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Sociologia) – IFCH-UNICAMP, Campinas, 2012, p.18.

condições materiais e discursivas para que o discurso da diferença fosse organizado em torno da noção do exótico"[178] – diz – "na contemporaneidade as condições estão dadas para o discurso da diferença ser organizado pela diversidade".[179] Para Nicolau Netto a *world music* foi uma forma de pensar esse discurso da diversidade como tema contemporâneo global, presente no corpo de leis nacionais e internacionais; nos meios de comunicação; nas propagandas; nas transações comerciais; e na indústria do entretenimento, como no cinema, na literatura e na música.

A diversidade tornou-se um discurso no mundo contemporâneo permeado por valores éticos, étnicos, culturais, filosóficos, políticos, econômicos, que atravessa a indústria da música, passa pelo cinema, chega às leis através de dispositivos constitucionais e internacionais. Sintonizado com esse espírito do tempo, no Brasil podemos perceber, em especial na última década, como ele está presente no mercado editorial brasileiro a partir da valorização da diferença étnica, de gênero, cultural, entre outras. De fato, há uma maior presença de editoras de diferentes portes, nacionais e internacionais, interessadas em publicar e reeditar autorias não-hegemônicas de diferentes épocas, assim como um público leitor, nacional e estrangeiro, interessado em ler tais obras.

No âmbito da produção, distribuição e circulação de livros, editoras pequenas, médias ou grandes, tanto em termos de alcance econômico ou prestígio, passaram a dar maior visibilidade em seus catálogos ou selos editoriais para promover a diversidade étnica, cultural, de gênero, sexual, religiosa. Com efeito, consultando instituições e portais de notícias, percebe-se que se tornou mais frequente desde 2018 a presença de escritores/as negros/as e de alguns indígenas, como Maria Firmina dos Reis, Jeferson Tenório, Silvio de Almeida, Djamila Ribeiro, Itamar Vieira Junior, Ailton Krenak, Conceição Evaristo, Carolina de Jesus, Franz Fanon, bell hooks, Angela Davis, Achille Mbembe, dentre outros. Em muitos casos, diversos deles ocupando a lista de mais vendidos e recebendo prémios literários.[180]

---

178 NICOLAU NETTO, 2012, p.18.

179 *Ibidem*, p.18.

180 Em 2015, Conceição Evaristo foi homenageada com uma mostra chamada "Ocupação Conceição Evaristo", no Itaú Cultural (SP), e em 2017, conquistou o Jabuti na categoria contos e crônicas, ficando em terceiro lugar com o livro *Olhos D'água* (Ed. Pallas). O prêmio Jabuti, criado em 1958, é o mais tradicional e prestigiado prêmio literário brasileiro. Outro exemplo, é o romance do escritor Itamar Vieira Junior, *Torto Arado*, que foi publicado primeiro em Portugal, como resultado de um prêmio literário, e depois saiu no Brasil pela editora Todavia. A obra conquistou diversos prêmios: o Leya e o Oceanos, em Portugal, e o prêmio Jabuti em duas categorias: "Romance Literário", em

Editoras como a Nós, a Todavia, a Record, entre outras, atualmente possuem em seu catálogo uma variedade de autorias negras. Um caso bastante eloquente são algumas mudanças chanceladas em termos de diversidade realizadas pela Companhia das Letras, fundada, em 1986, por Luiz Schwarcz, que se consolidou no mercado editorial brasileiro ao longo de mais de três décadas. Com sua expansão, criou dezenas de selos com diferentes linhas editoriais para diferentes públicos, como a Fontamar, a Brinque Book, a Alfaguara etc. E incorporou outras editoras brasileiras, como a Zahar e a Objetiva, que passaram a ser selos dentro do Grupo Companhia das Letras. Em 2012, um dos maiores conglomerados editoriais do mundo, a *Penguin Random House*, comprou 42% das ações da editora e, em 2018, assumiu seu controle orçamentário. “Luiz Schwarcz permanece o CEO da editora, e Lilia Moritz Schwarcz, a diretora.”[181] Mas, o grupo editorial poderoso tem sido um dos empreendimentos que têm publicado e reeditado autores negros e indígenas, não só internacionais como também brasileiros, em que a escritora Carolina Maria de Jesus (cuja nova edição comemorativa de *Quarto de despejo* foi publicada recentemente pela Ática) e o poeta, jornalista e pesquisador Oswaldo de Camargo são alguns exemplos.[182]

Por uma diretriz da matriz, a *Peguin Random House* tem se voltado para a implementação de medidas de diversidade. Uma deles foi a criação, em 2020, do cargo de editor de diversidade, para o qual foi contratado o historiador Fernando Baldraia. Além dele, foram contratados a empresária e apresentadora Ana Paula Xongani, e Samuel Gomes, escritor e palestrante, que “atuarão como editores convidados do selo Paralela e auxiliarão no processo de avaliação de originais e

---

2020, e “Livro Brasileiro Publicado no Exterior”, em 2022. Em 2021, outro ficcionista negro recebeu esse prêmio, o escritor Jeferson Tenório, com a obra *O avesso da pele*, na categoria romance literário (2021); e no ano seguinte, o Jabuti premiou a escritora negra Eliana Alves Cruz, na categoria contos, com o livro *A vestida*.

181 Ver, “Penguin Random House assume majoritariamente as ações do Grupo Companhia das Letras”. Blog da Companhia. 30 out. de 2018. Disponível em: https://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Penguin-Random-House-assume-majoritariamente-as-acoes-do-Grupo-Companhia-das-Letras. Acesso em: 22 fev. 2022.

182 De Oswaldo de Camargo, a casa editorial relançou duas antologias. Em 2021, o livro de contos – *O carro do êxito*. A obra teve sua primeira edição publicada pela editora Martins, em 1972, e uma reedição, pela editora Córrego, em 2016. O outro título de Camargo saiu em 2022, intitulado *30 poemas de um negro brasileiro*. Trata-se de uma antologia de poemas, que reuniu a obra *15 poemas negros* – publicado em edição limitada pela Associação Cultural do Negro, em 1961 – além de outros poemas extraídos de *O Estranho* (Ed. RoswithaKempf, 1984) e *Luz & Breu* (ed. Ciclo Contínuo, 2017). De Carolina Maria de Jesus, a Companhia das Letras publicou, em 2021, a integra do diário *Casa de Alvenaria*, cuja primeira edição saiu pela editora Franciscos Alves, em 1961. A versão atual, ampliada e revisada, saiu em dois volumes (vol. 1: Osasco, vol. 2: Santana) e contou com a consultoria de uma equipe composta por pesquisadoras da obra caroliniana (entre elas, Fernanda Miranda e Raffaella Fernandez). Além delas, participaram: Vera Eunice (filha de Carolina) e a Escritora Conceição Evaristo, ambas assinaram o prefácio da obra.

seleção de títulos para publicação”[183]. No mesmo ano dessas contratações, o grupo editorial lançou um manifesto em favor da diversidade editorial.[184] São movimentos importantes, mas poderíamos perguntar em toda sua história, desde 1986, quantos autores/as negros e indígenas essa editora publicou? E quantos editores negros possui em seus diversos selos? Valeria uma pesquisa à parte para compreender como essas grandes editoras brasileiras passaram a ter interesse no discurso da diversidade e a publicar obras e autores, que por décadas não fez parte de seus interesses. Em outras palavras, de que maneira o discurso da diversidade ou do antirracismo se reflete em atitudes que combatam efetivamente o racismo estrutural que, por ser histórico, molda-se e se reproduz em instituições e empresas como as da indústria do livro?

O encontro do mercado editorial brasileiro contemporâneo com esse discurso da diversidade pode ser flagrado de diferentes formas e por diferentes canais de comunicação. Em todos eles, é recorrente a demarcação da nacionalidade, da origem social e étnica, do gênero e da sexualidade, num contínuo entre autoria, ideias, poéticas e temáticas.[185] Se há pouco tempo a romancista nigeriana Chimamanda Ngozie Adicchie nos alertava para “O perigo da história única”[186], agora parece que as histórias plurais importam: o mundo se expande para além das sucessivas produções massivas de livros euro-americanos, como os *best seller*s mundiais: *60 tons de Cinza*, de E. L. James, e de *Harry Porter*, da escritora e roteirista J. K. Rowling, ambas britânicas.

Como explicar tais mudanças em um período de duas décadas? Nesse sentido, a questão da diversidade está na moda ou expressa mudanças ao longo do tempo na sociedade brasileira? E quais seriam essas mudanças?

---

[183] COMPANHIA DAS LETRAS. Diversidade na Companhia das Letras. 28 jul. 2020. **Blog da Companhia**. Disponível em: https://www.companhiadasletras.com.br/blogDaCompanhia/Post/5301/diversidade-na-companhia-das-letras. Acesso em: 3 jan. 2025.

[184] NETO, Leonardo, “Companhia das Letras lança manifesto público a favor da diversidade”, 29 jul. 2020. **Publishnews**: https://www.publishnews.com.br/materias/2020/07/29/companhia-das-letras-lanca-manifesto-publico-a-favor-da-diversidade. Acesso em: 3 jan. 2025

[185] Vale dizer que essa demarcação da diversidade passa por um discurso de poder importante, pois em geral, são as identidades não hegemônicas que são nomeadas num discurso da diversidade. Ou seja, o autor branco, heterossexual, do sudeste, que trata de temáticas urbanas e de classe média, em geral, pode ser notabilizado pela qualidade literária, poética ou teórica de sua obra e não por suas clivagens sociais.

[186] ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo da história única. **TEDx Global** 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt. Acesso em: 11 jul. 2023.

A publicação de autores negros nacionais e internacionais por grandes editoras no Brasil é um fenômeno que se expande na virada do século XX para o XXI, em especial na segunda década do atual século, a exemplo de escritores e escritoras brasileiras como Itamar Vieira Junior, Jefferson Tenório, Ana Maria Gonçalves, Eliana Alves Cruz. Uma amostra eloquente desse novo momento é a publicação de obras em nova edição ou inéditas da escritora mineira Carolina Maria de Jesus para além do seu *best seller Quarto de Despejo*: *Diário de uma favelada*, lançado em 1960, e que vendeu mais de dez mil cópias na primeira semana e foi traduzido para dezenas de países. Dos anos 1960 para o mundo contemporâneo, o entendimento do que é ser negro tem mudado, e o mais importante, atualmente, o escritor negro tem maior possibilidade de caso queira se encontrar em diferentes coletivos e identidades, ao passo que na época de Carolina Maria de Jesus, como bem analisou Silva, tais vozes eram aves raras para a recepção crítica.

Um exemplo de como a atuação coletiva de escritores e, sobretudo escritoras negras, passaram a pressionar e até constranger algumas organizações é o que ocorreu com a Festa Internacional de Paraty (Flip) a partir de 2016. Essa festa literária anual até então era marcada por privilegiar autores canônicos e ocorrer em um espaço elitizado, a cidade de Paraty, no Rio de Janeiro.[187] E, no entanto, após receber críticas de nomes como as escritoras Conceição Evaristo e Lívia Natália, em 2016, as edições seguintes do festival trouxeram curadores que diversificaram um pouco mais os nomes dos autores homenageados anualmente, bem como a composição das mesas e convidados, com maior presença de artistas negros/as e indígenas para o lançamento de livros e composição das mesas de debates.

Essas mudanças começam a ocorrer especialmente a partir da 15º edição da Flip, em 2018, quando a participação de mulheres e homens foi mais equilibrada e a presença de autores e autoras negros e negras foi de cerca de 30%.[188] Tal

---

[187] Um exemplo de festival literário de menor porte e que pode ser visto como um contraponto à Flip é a Balada Literária, criada pelo escritor Marcelino Freire em 2006. Assim, como a Flip, A Balada traz um autor homenageado anualmente. É a partir de sua 9ª Edição, de 2014, quando os homenageados foram Carolina Maria de Jesus e Plínio Marcos, que o festival passa a dar maior atenção, também à representatividade racial. Entre os homenageados das edições seguintes, estão escritores e artistas negros e indígenas: na 13ª Edição – 2018 – Itamar Assumpção e Alice Ruiz; 15ª Edição – 2020 – Geni Guimarães; 16ª Edição – 2021 - Eliane Potiguara e Geni Guimarães. *Cf*. Site Balada Literária. Disponível em: https://baladaliteraria.com.br/balada-ano-a-ano/ . Acesso em 3 ago. 2022.

[188] "A Flip 2018 teve 33 convidados, dos quais 17 mulheres e 16 homens. Além disso, foi mantido o percentual de autores e autoras negras do ano passado, quando houve um recorde de participação

preocupação se manteve para as edições seguintes, embora fosse necessário examinar se essa proporção aumentou ou diminuiu, algo que não faremos aqui. Essa preocupação com a diversificação de perspectivas está presente também nos juris e premiações dos principais concursos literários do país – como o prêmio Jabuti –, assim com em festivais literários. Uma das estratégias de diversos intelectuais e escritores/as negros/astêm sido o constrangimento público sobre a falta de diversidade de eventos e premiações, inclusive por meio da *internet*, trata-se de uma maneira de protestar para produzir debates com vistas às mudanças estéticas, éticas, sociais.

Outro exemplo de como, a partir da segunda década do século XXI, podemos dizer que a autoria negra, inclusive de não ficção, passa a ser mais bem recebida pelo mercado editorial e pelo público leitor mais amplo é o sucesso editorial da *Coleção Feminismos Plurais*, coordenado pela filósofa e escritora Djamila Ribeiro. A coleção começou a ser edita em 2017 e dois anos depois, já no período de vigência do governo Bolsonaro e uma onda conservadora, foi reeditada. A coleção aposta no letramento racial e numa linguagem acessível, sem renunciar ao rigor científico, de modo que a cada volume um autor negro convidado discute conceitos como lugar de fala, encarceramento em massa, racismo estrutural, colorismo, entre outros.

Além disso, com preços acessíveis, a coleção tornou-se bastante vendável. Com um modelo próximo à antiga *Coleção Primeiros Passos*[189], os temas e conceitos abordados nesses livros se tornaram populares e presentes nos debates sociais e virtuais. As obras da própria filósofa ganharam destaque, ocupando a lista dos mais vendidos algumas vezes, sendo inclusive a ganhadora do prêmio Jabuti (2020) na categoria Ciências, com seu *Pequeno manual antirracista*, publicado pela Companhia das Letras, em 2019; editora que publicou *Sobrevivendo no Inferno*, as letras do disco do grupo de rap Racionais MC's, após a obra se tornar obrigatória no vestibular da

(30%).", *Cf*. MURARO, Cauê. "Flip 2018: veja momentos marcantes da 16ª edição em 10 palavras. **G1 (Pop & Arte)**. 30 jul. 2018. Disponível em: https://g1.globo.com/pop-arte/flip/2018/noticia/2018/07/30/flip-2018-veja-momentos-marcantes-da-16a-edicao-em-10-palavras.ghtml. Acesso em: 05 ago. 2022.

189 A *Coleção Primeiros Passos* é uma série de livros de bolso da Editora Brasiliense, cujos títulos vêm sempre com "O que é" antes do tema. Daí, uma das principais características da coleção: a de serem textos curtos, acessíveis e introdutórios sobre temas contemporâneos, como O que é Semiótica; Comunismo; Arte Moderna; Ideologia; Desobediência Civil; Jazz; Anarquia; Método Paulo Freire; Racismo etc. Outra característica da coleção, que tem mais de cem títulos publicados, é vir acompanhada de uma indicação bibliográfica ao final de cada volume, para aprofundamento do tema. A publicação começou a circular na década de 1970 e alcançou enorme sucesso de público, sendo referência para diversas gerações desde então.

Unicamp em 2019. O grupo Companhia das Letras também publicou recentemente *Casa de Alvenaria*, de Carolina Maria de Jesus.

Vale destacar que desde pelo menos os anos 1980, portanto, anterior e em grande medida à margem das grandes e médias editoras, escritores negros e pesquisadores, dentro e fora da academia têm editado antologias num esforço de demarcação de uma tradição literária da autoria negra dentro do território da literatura brasileira. Nessa linhagem de estudos e antologias, reconhece-se como pioneiros a maranhense Maria Firmina dos Reis, autora do romance *Úrsula* e o abolicionista baiano Luiz Gama, autor do livro de poesias *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*, ambos publicados em 1859. Entre essas obras, podemos destacar como pioneiras *A razão de chama* (1986) e *O negro escrito* (1987), ambas do escritor e poeta Oswaldo de Camargo, e as antologias literárias dos *Cadernos Negros*, geridas desde 1983 pelo coletivo de escritores Quilombhoje e que há 45 anos publica anualmente de maneira cooperativa autores negros de todo o Brasil. Essa série e o coletivo que o edita são constantemente lembrados como fontes de inspiração, por exemplo, de Vagner Amaro, editor da Malê, e de Guellwar Adún e Mel Adún, editores da Ogum's Toques, como se pode ler nos perfis dessas editoras no capítulo 1 desta pesquisa. Tais editoras, por sua vez, ao lançarem antologias editam essa geração anterior ao lado de outras mais novas, e em contextos políticos e estéticos outros, de modo a renovar essa tradição fundamental da inserção autoral negra na literatura brasileira, as antologias, com as quais diversos autores negros puderam ser editados fora do Brasil – especialmente nos Estados Unidos e na Alemanha –, antes mesmo que o mercado editorial brasileiro começasse a descobri-los. Assim, no esforço de elaboração de uma tradição negra literária, uma obra fundamental por sua abrangência são os quatro volumes de *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, lançada em 2011, e que trouxe uma centena de estudos de escritores negros brasileiros feitas por 61 pesquisadores de universidades brasileiras e estrangeiras.

Para melhor compreender esse caminho digamos subterrâneo da autoria negra anterior ao mercado editorial formal, vale a pena trazer as trajetórias individuais de duas escritoras negras que tiveram reconhecimento recente e que fazem uma leitura crítica de suas respectivas inserções no mercado editorial mais amplo. Note-se que este maior reconhecimento delas ocorre tardiamente.

Começando por Conceição Evaristo – poeta, prosadora e ensaísta mineira. Ela integrou o coletivo de escritores paulistano *Quilombhoje* na década de 1980. E estreou

na literatura com publicações de poesia e conto na série *Cadernos Negros*. No entanto, apenas nos anos 2000, suas obras começaram a ser publicadas por editoras. Sua estreia literária deu-se com o romance, *Ponciá Vicêncio*, de 2003, seguido do livro de contos *Becos da Memória*, em 2006, ambos publicados pela Mazza Edições. A autora explicou que este último livro foi escrito antes de seu romance de estreia, mas ficou *vinte e seis anos* na gaveta sem conseguir publicar. De lá para cá, a obra e trajetória de Evaristo já recebeu atenção de vários estudos acadêmicos, sua concepção de escrevivência influenciou outros campos do saber e das artes.[190]

É, no entanto, apenas em anos recentes que a autora passa a ter um reconhecimento que a coloca como uma das principais escritoras brasileiras vivas e não só da vertente literária negra. Em 2015, ela recebeu o prêmio Jabuti na categoria contos pelo livro *Olhos d'água*, lançado em 2013 pela editora Pallas. Em 2017, foi homenageada pelo Itaú Cultural com a exposição *Ocupação Conceição Evaristo*, que repassou sua vida e obra. Em 2018, foi reverenciada na Festa Literária de Paraty. No ano seguinte, recebeu o prêmio de personalidade do ano, no *61º Prêmio Jabuti*, pelo conjunto de sua obra. Apesar disso, ela recorrentemente diz que não quer ser vista como parâmetro de reconhecimento da autoria negra, pois continua sendo uma exceção. Em entrevista, a Júlia Dias Carneiro[191], da BBC, por exemplo, Evaristo critica:

> [...] Em todas as áreas, os poucos negros que conseguem uma ascensão social são vistos como histórias de exceção. Mas as histórias de exceção devem ser lidas para se pensar a regra. [...] Que regras são essas da sociedade brasileira para vermos uma mulher virar um expoente no campo da literatura só aos 71 anos? [...] É preciso questionar essas regras e dinâmicas sociais, culturais e econômicas que tornam tudo muito mais difícil para as pessoas negras. Se a minha história desperta curiosidade de leitores, do público, da crítica literária, da mídia, tenho insistido também para que busquem outras autoras negras que estão produzindo. Podemos citar várias, como a Lívia Natália, a Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro, a Geni Guimarães e muitas outras.[192]

Tendo uma escrita capaz de remexer as feridas coloniais da sociedade brasileira, a citação acima de Evaristo coloca em evidência o quanto para ela é importante reconhecer a coletividade e diversidade das autorias negras e ao mesmo

---

190 Ver SOUZA FILHO, Vinebaldo A. “Em busca dos jardins de nossas mães: letramentos estéticos antirracistas em Conceição Evaristo e Victoria Santa Cruz”. *In*: OLIVEIRA, Gerson A.; COSTA, Kênia G.; MORAIS, Alessandro A. S. (org.). Goiânia: Kelps, 2022.

191 CARNEIRO, Julia Dias. “É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos, diz escritora”. **BBC News**. 9 mar. 2018. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948. Acesso em: 2 fev. 2022.

192 *Idem*.

tempo duvidar dos mecanismos de legitimação e de reconhecimento, que geralmente possuem dificuldade de irem além da lógica do/a indivíduo excepcional. Algo que é reproduzido nas ambivalências da política de representação: se determinado artista é a representação da artista negra de determinado segmento, o que acontece com as outras artistas negras que seguem outras linguagens, outras estéticas?

Em 2018, Conceição Evaristo se candidatou para uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL). A atitude foi apoiada por muitas pessoas e resultou até em um abaixo assinado online, com mais de 20 mil assinaturas, para pressionar a ABL a eleger a escritora mineira. Apesar disso, o ato causou incômodo entre os integrantes da instituição. Como resultado, a escritora recebeu apenas 1 voto. O eleito para a cadeira 7 da ABL foi o cineasta Cacá Diegues, que recebeu 22 votos. Pedro Corrêa do Lago, neto de Oswaldo Aranha, ficou em segundo lugar, com 11. Evaristo seria a primeira escritora negra da centenária instituição.[193] Para a escritora, sua candidatura foi uma forma de expor a falta de representatividade negra e feminina na academia – "A ABL tem que tomar cuidado, porque senão perde o bonde da história" –, conforme comentou o episódio, em entrevista ao programa Roda Viva da TV Cultura, em setembro de 2021.[194] Na ocasião, disse também que outros sujeitos negros/as e indígenas deveriam se candidatar. Um ano depois, Gilberto Gil não só se candidatou, como foi eleito para a ABL. O cantor, compositor e ex-ministro da Cultura, recebeu 21 dos 34 votos possíveis.[195] Em 2024, como já comentamos no começo desse capítulo, a escritora tomou posse na Academia Mineira de Letras, tornando-se a primeira mulher negra daquela instituição em 115 anos.

Da mesma geração de Conceição Evaristo, outra escritora negra que há muito tem questionado as formas de apagamento da presença negra na literatura brasileira é Miriam Alves.[196] Ambas possuem trajetórias literárias comuns. Foram integrantes do

---

193 A ABL foi criada no Rio de Janeiro, em 1897; seu primeiro presidente foi Machado de Assis.

194 REDAÇÃO. "A ABL tem que tomar cuidado, porque senão perde o bonde da história", afirma Conceição Evaristo. **UOL Notícias**, 6 set. 2021. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/noticias/38626_academia-tem-que-tomar-cuidado-para-nao-perder-o-bonde-da-historia-afirma-conceicao-evaristo.html. Acesso em: 27 jul. 2022.

195 *Cf*. MASSALI, Fábio. Gilberto Gil toma posse na Academia Brasileira de Letras. **Agência Brasil**. 8 abr. 2022. Disponível em:https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-04/gilberto-gil-toma-posse-na-academia-brasileira-de-letras. Acesso em: 8 ago. 2022.

196 Miriam Alves nasceu em São Paulo em 1952. Integrou o movimento *Quilombhoje*, de 1980 a 1989. Tem poemas e contos publicados em diversos volumes da antologia anual, *Cadernos Negros* e em outras antologias no Brasil e no exterior. Possui diversos livros publicados, entre poesia, conto e romance, entre eles: *Momentos de busca* (1982), *Estrelas no dedo* (1985), *Juntar pedaços de mim* (2009), Maréia, (2019) e Poemas Reunidos (2022). É professora, assistente social e militante do movimento negro.

coletivo de escritores *Quilombhoje*. Ambas estrearam na literatura com textos (de prosa e poesia) nos *Cadernos Negros*.

A série *Cadernos Negros* surge em São Paulo, em 1978, a partir da amizade de escritores residentes em São Paulo, e que participavam de eventos literários específicos, comenta Cuti (Luiz Silva), poeta, escritor, pesquisador e um dos fundadores da série, ao lado de Oswaldo de Camargo, Paulo Colina e Abelardo Rodrigues.[197] Os primeiros números da publicação foram editados por Cuti em seus números iniciais e bancados de modo cooperativo por seus integrantes. Desde seu início, as antologias revezam anualmente a publicação de antologias poéticas (nos anos pares) e de contos (nos anos ímpares).[198]

Os escritores dos *Cadernos Negros* (CN) formaram em 1980, também em São Paulo, o coletivo Quilombhoje. O grupo passou por mudanças entre seus integrantes nos anos iniciais, por divergências em torno do projeto literário-político. Em 1983, com a entrada de novos escritores, e a permanência apenas de Cuti da formação inicial, o Quilombhoje passou a editar coletivamente a série CN a partir de seu número 8.[199] Ao longo do tempo, o coletivo teve diferentes integrantes, como Conceição Evaristo e Miriam Alves. E, desde 1998 até o presente os escritores Márcio Barbosa e Esmeralda Ribeiro são os responsáveis pela iniciativa. No site do grupo na internet, lemos que: “Dentre as várias propostas do Quilombhoje estão as de incentivar a leitura e dar visibilidade a textos e autores afrodescendentes”[200].

A junção das palavras “quilombo” e “hoje” para nomear o grupo evidencia a atitude antirracista do grupo. Como explica a jornalista e escritora Esmeralda Ribeiro, sobre a série *Cadernos Negros*: “[…] Nos Cadernos estão em foco não só a experiência individual, mas também a experiência coletiva, porque a maioria de nós, afrodescendentes, está sujeita a conviver com situações de racismo, seja este explícito ou velado. […]”.[201]

---

197 CUTI (Luiz Silva), *op. cit.*, p.125-131.

198 Ver, COSTA, Aline. “Uma história que está apenas começando”. In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio (Ed.). *Cadernos Negros: três décadas: ensaios, poemas, contos*. São Paulo: Quilombhoje, SEPPIR, 2008.

199 CUTI (Luiz Silva), *op. cit.*, p. 129.

200 Disponível em: <http://www.quilombhoje.com.br/>. Acesso em: 15 ago. 2017.

201 Ver, RIBEIRO, Esmeralda (Quilombhoje-Literatura). 37 anos de Cadernos Negros – uma trajetória de resistência no mercado editorial. In: SILVA, Cidinha da. (org.). Africanidades e relações raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014. p.99-100.

De acordo com Cuti, o grupo constituiu-se como uma entidade sem fins lucrativos.[202] Dada a variedade de seus participantes, não é possível dizer que houve um só projeto para o Quilombhoje. De todo modo, até o presente, o coletivo não atua como uma editora, no sentido tradicional do termo, marcada por linha editorial, catálogo e produção de obras de diferentes autores/as. Trata-se de um projeto político-literário – o mais longevo no Brasil em atividade – de autoedição, quase exclusivo, das antologias anuais *Cadernos Negros*, que publica autores/as negros/as de todo o Brasil há mais de quatro décadas. Como explica Florentina da Silva Souza, a geração de escritores dos Cadernos Negros e participantes do Quilombhoje, são tributárias das organizações político-culturais surgidas nos anos 1970 em diante, como os jornais Ébano, Nzinga, Jornegro. Tais periódicos estavam inseridos numa rede de ação contra o racismo e que também redesenhavam a própria representação racial. Participam desse período, nas últimas décadas do século XX, o grupo Palmares, Negrícia e o Movimento Negro Unificado. Assim, os Cadernos Negros e os Jornais do Movimento Negro Unificado, conforme Souza, estavam diretamente ligados às entidades negras, simpatizantes ou militantes. São esses os leitores de primeira hora dessas produções, que "eram produzidas e vendidas pelos autores e por membros de entidades negras em reuniões de militância, atividade de partidos políticos, ensaios de escola de samba e de grupos afros".[203]

Vindo desse histórico de autoedição e militância, em uma entrevista recente concedida a Artur Tavares para a Revista Elástica, Miriam Alves comentou como tem visto o maior reconhecimento que sua produção tem recebido das editoras e da crítica. Falou também sobre dois livros recém-publicados – o *Poesias Reunidas* (editora Círculo de Poemas) e *Miriam Alves: plural* (editora Fósforo). O primeiro é a reunião de toda sua poesia; o segundo, um conjunto de ensaios teóricos sobre sua obra, curados pela poeta.

> [Artur Tavares] A sua geração, você, Sueli [Carneiro], Conceição [Evaristo], é a primeira a alcançar um reconhecimento…
> [Miriam Alves] …em vida, né? [ela me interrompe] Carolina Maria de Jesus não teve, Lélia Gonzalez não teve, Beatriz Nascimento não teve. [...] O reconhecimento, invariavelmente, está ligado a me colocar nos aparelhos ideológicos do Estado. Tô fora dessa vaidade de dizer: 'ó, você me

[202] CUTI (Luiz Silva), *op. cit*., p.125-131.
[203] SOUZA, Florentina S. **Afro-descendência em jornais negros e no MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 41.

> reconheceu'. Agora você está vendo minha existência? Mas eu já existia independente de você.[204]

A autora questiona os mecanismos desse reconhecimento literário negro. Primeiro, porque trata-se de um reconhecimento tardio, afinal seu projeto literário e suas produções plurais atravessaram quatro décadas. Segundo, porque preso à lógica da representatividade individual, da trajetória excepcional. O que fica à margem da representação é toda uma coletividade, com as quais compartilha e mobiliza projetos estéticos e confluências existenciais. Por isso, fez questão de destacar os nomes de Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzáles, Beatriz Nascimento, que não receberam o reconhecimento em vida à altura do que realizaram em vida, evidenciando que permanecem como exceções em uma lógica que invisibiliza a maioria das escritoras/es não-brancas/os, que ainda seguem com menos chances de divulgar seus trabalhos.

Assim, Miriam Alves questionou não o reconhecimento, mas a forma armadilhada como esse reconhecimento pode ocorrer no mercado editorial hegemônico, a partir da "descoberta" feita seja por editoras, pelo Estado, por pesquisadores, cuja forma de atuação pode ser tão colonial quanto aquela de viajantes dos primeiros tempos, como se ela passasse a existir como "território novo" – pelo e para o outro – a partir de então. E, no entanto, esse pacto literário pela via do insólito (para voltarmos ao texto de Mario A. M. Silva) tanto Miriam Alves quanto Conceição Evaristo se recusaram a fazer, assim como diversos outros/as escritores/as.

Ao mesmo tempo, Miriam Alves reconhece que algo novo está acontecendo na paisagem social e literária brasileira. Ter o volume com seus poemas reunidos em vida é algo novo, emocionante: "[...] a única coisa que fiquei muito satisfeita, que chorei muito, foi a publicação dos *Poemas Reunidos* ainda em vida. Quantos autores brancos ou negros podem dizer que têm suas obras completas até aqui?".[205]

> Nós fizemos um mercado, fomos a lugares onde o mercado branco não ia. Porque quando íamos às livrarias, éramos perseguidos pelos seguranças. Até hoje sou perseguida por seguranças em livrarias. Só que agora o carinha negro da porta me reconhece, cara! [ela ri]. É legal isso, você sente um treco, uma mudança! O segurança não compra os livros, ele rapta da livraria. Ele confessou para mim, roubou o livro da Eliana Alves Cruz no dia do

---

[204] TAVARES, Artur. "As trovas da filha de Iansã". Entrevista com Miriam Alves. **Revista Elástica**. 24 jul. 2022. Disponível em: https://elastica.abril.com.br/especiais/miriam-alves-poesia-livro-inedito-escritora-negra/. Acesso em: 25 jul. 2022.

[205] TAVARES, 2022.

> lançamento e foi lá pedir autógrafo. São estratégias que o branco não percebe, porque não precisa perceber! Não precisa se movimentar dessa forma. Eu preciso me movimentar dessa forma para garantir minha existência, e o segurança também![206]

Note na citação acima, um elo entre a escritora Miriam Alves, o segurança negro que rouba o livro de uma autora negra e vai pedir um autógrafo. A autora, Eliana Alves Cruz, constrói uma trajetória literária a partir do romance *Água de Barrela*, com o qual recebeu *o* Prêmio literário Oliveira Silveira da Fundação Palmares em 2015. Chama a atenção a forma como Eliana Alves Cruz passa a ganhar destaque a partir de livros publicados por veículos negros do mercado editorial, ou representativos desse segmento. Após ser publicada pela Fundação Palmares, foi editada pela Malê, a Nandyala e a Ciclo Contínuo. Todas elas editoras negras. A autora também publicou (poesias e contos) pelo Quilombhoje. Note-se também que seus livros têm chamado a atenção da crítica pelo conjunto fabular, mais do que por suas origens, ainda que essas sejam um dos fios com que tece suas histórias.

Nesse sentido, ao que parece, há um circuito por dentro e ao lado do sistema literário brasileiro pelo qual passa a autoria negra brasileira contemporânea, algo que lembra o tipo de conhecimento e o tipo de herança intelectual negra que a *outsider within* descrita por Patricia Hill Collins analisa em seu artigo, citado no primeiro capítulo desta tese. Embora a socióloga esteja tratando dos Estados Unidos, o tipo de experiência social que descreve e o tipo de consciência crítica que essas intelectuais negras vão desenvolver, para combater os estereótipos e questionar os mecanismos de poder difundidos na sociedade como um todo, provêm de epistemologias das comunidades negras (*outsider*) e das ferramentas adquiridas na academia (*within*). É entre essas duas dimensões que essas autorias negras de verve crítica atuam.[207]

É nesse sentido que entendo quando Miriam Alves diz que “inventamos um mercado”. Mais do que o sentido estrito de comércio, ela parece falar da construção coletiva de caminhos de atuação para além do epistemicídio.[208] Não há traços de romantismo na fala da autora, as condições de marginalidade estão dadas, mas algo girou diferente. É sobre essas estratégias, sobre esses movimentos e quem os faz

---

206 TAVARES, 2022.

207 COLLINS, 2016.

208 A filósofa e ativista Sueli Carneiro denominou de *epistemicídio*, uma forma de dominação racial, que ao desqualificar a produção de um segmento social, desqualifica os próprios sujeitos do conhecimento, produzindo “indigência cultural”. *Cf*. CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Se***r*. 2005. 339 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005, p. 97.

que essa tese procura compreender esse momento em que editores/as, autores/as e audiência podem estar dentro e fora dos circuitos oficiais, mas o mais importante, os circuitos oficiais não determinam a existência desses estrategistas da palavra. Desta maneira, quando o mercado editorial passa a amadurecer e buscar fatiar o discurso da diversidade em seus catálogos, essa história de produção de autores, leitores e consciência crítica das autorias negras, ou ao menos um segmento dela, já tinha em grande medida se formado no cenário da literatura brasileira.

Ligado a isso, vale dizer que é muito recente a ideia de "autoria negra" que temos atualmente. E que faz com que num ensaio a escritora Djaimilia Pereira de Almeida, em *O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo*, diz: "O meu maior privilégio imerecido é ter nascido em 1982", já que "Houvesse eu nascido setenta anos antes, e não haveria lugar a estas linhas, ou qualquer dos meus livros", pois: "Fosse eu uma mulher negra da geração da minha avó, ou mesmo da geração da minha mãe, e o meu destino seria outro"[209] E, no entanto, a escritora vai pontuando ambiguidades e conflitos que o papel de escritora negra para colocá-la numa barricada, de um lado: ser a porta estandarte de uma causa; de outro, ser um produto comercial, uma tendência, uma moda. E, questiona:

> Serei tendência da estação, como os chumaços e as blusas de laçada e o azulão? [...] O que significa uma mulher ser uma moda, *sim, agora as pretas estão na moda*. Serei uma mulher ou uma coisa? Uma preta é uma pessoa ou uma divisa? Na moda como os iPhones, o streaming, os carros elétricos, o marfim, a pimenta, as esmeraldas, quem me decretou tendência da estação? *Está a passar, vem aí as asiáticas, as eslavas, as coreanas são melhores do que as nigerianas, mais misteriosas.* É literatura ou categoria pornô? Quanto vale a autora em barras de ouro? Sou moda como gadgets, carros elétricos, serei, ainda, uma pessoa? Outono inverno 2015-16 – ou escravidão? Como não cair na impostura de ser só o esperam que eu seja, adorno numa caderneta? Figura decorativa? Enfeite de Carnaval? Como ser uma mulher que escreve no mundo e fazer justiça a esse lugar sem me fechar uma gaiola? Como não jogar o jogo de quem conta comigo para, junto a mim, fazer boa figura?[210]

O "privilégio" de ser uma escritora negra contemporânea, para Djaimilia, é a possibilidade de ser ouvida, sem se falsear, pois o risco da fetichização permanece. Por isso, questiona: "Como não cair na impostura de ser só o que esperam que eu seja, adorno numa caderneta? Figura decorativa? Enfeite de carnaval?".[211] Embora o ensaio de Djaimilia enfatize desde o título ser uma visão particular do que é ser uma

---

[209] ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. **O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo, ensaios**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2023, p. 9.
[210] ALMEIDA, 2023 p. 25-26.
[211] *Ibidem*, p. 25-26.

escritora negra hoje, sua posição pode ser encontrada em diversos segmentos artísticos. E oferece insights importantes para fazer uma leitura contemporânea do discurso global da *diversidade* na contemporaneidade, que passa a ser celebrado nas instituições, nas academias de letras, no cinema, moda, publicidade, no corpo das leis, nacionais e internacionais, e no que nos interessa aqui na intersecção entre raça e gênero no mercado editorial.[212]

Porém, para ficarmos na literatura, é a mesma posição que autoras como Conceição Evaristo que, ao ser celebrada, ter sua imagem em pôsteres, bolsas e outros utensílios, tem alertado em inúmeras situações e entrevistas para que a reconheçam *também* por sua literatura e não *só* por sua biografia – "Representatividade é pouco. [...] queremos ser presença, ser presença. Queremos marcar nossa presença, queremos impregnar a casa, talvez com novas maneiras de pensar a literatura, de ler a literatura e de reconhecer a literatura."[213]

São maneiras de se refutar as armadilhas da representatividade, que em sua raiz também são excludentes, na medida que operam pela lógica da homogeneidade – pois, como numa fotografia, a moldura delimita o que está dentro e o que fica de fora. Para Djaimilia, para além de estar entre duas barricadas, a do utensílio exótico e a da escritora com uma função social, o que ela reconhece como grande tarefa nossa (nossa no sentido não só das pessoas negras) é a recomposição da interioridade negra, que foi saqueada com o evento colonial. Essa interioridade é "um bem intangível que não podemos recuperar movendo uma ação judicial contra algum estado ou museu ocidental", explica.[214] Se há por um lado uma série de expectativas mercadológicas relativas ao que é ser um ou uma escritora negra, ou preta, há também certas expectativas cristalizadas de que essa escrita fique restrita às pautas sociais, como racismo e feminismo. Para além delas, há mais espaço atualmente para apronfundar as complexidades existenciais, como afirmam as autoras do livro *Publica, Preta! Manual de publicação independente*, integrantes do Sarau das Pretas, Débora Garcia e Elizandra Souza:

> Para nós, ser uma escritora preta vai muito além de ter a pele escura ou abordar temas sociais em nossas narrativas. Até mesmo porque temos

---

212 *Cf*. a discussão na introdução.

213 *Cf*. Discurso da autora ao tomar posse na Academia Mineira de Letras, 2024, disponível em: https://www.em.com.br/pensar/2024/03/6819616-discurso-de-conceicao-evaristo-na-aml-nao-queremos-so-representatividade.html. Acesso em: 3 jan. 2025.

214 ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. A restituição da interioridade. *In*: **O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo**: ensaios. 1. ed., São Paulo: Todavia, 2023, p. 61.

> construído um caminho suave, no qual possamos ampliar nossas pautas para falar sobre amor,erotismo,sonhos e afetos afinal esses também são temas para escritoras pretas.
> Ser escritora preta passa pela consciência e pela responsabilidade de honrar a tradição de mulheres pretas, escritoras que chegaram antes e que, apesar de todas as opressões, fizeram da escrita um lugar de possibilidades, da liberdade e da existência.[215]

A diferença enquanto discurso de diversidade é ambivalente, produz fascínio, estereotipias e violências na mesma medida. A crítica cultural feminista bell hooks[216], em *Olhares Negros: raça e representação*, de 1992, analisou como em diversas produções culturais e artísticas dos Estados Unidos, uma "comodificação da negritude" presente na música pop, no hip hop, no cinema hollywoodiano e alternativo, na televisão. No cinema, argumentou como passou a ser "*cool*" e popular a imagem do homem negro carismático, viril, violento, machista, falocêntrico e misógino.[217] Embora remonte ao início do século XX, a comodificação da diferença, para bell hooks, é parte do imaginário contemporâneo de desejos neocoloniais. No mesmo período, mas em outro contexto, Stuart Hall questiona a forma como a diversidade passou a ser assimilada pela indústria cultural.

> [...] devemos ter em mente a profunda e ambivalente fascinação do pós-modernismo pelas diferenças sexuais, raciais, culturais e, sobretudo, étnicas. Em total oposição à cegueira e hostilidade que a alta cultura europeia demonstrava, de modo geral, pela diferença étnica [...]. Dentro da cultura, a marginalidade, embora permaneça periférica em relação ao *mainstream*, nunca foi um espaço tão produtivo como agora, e isso não é simplesmente uma abertura, dentro dos espaços dominantes à ocupação dos de fora. É também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural.[218]

A citação de Hall anterior chama a atenção para o fato de que a ampliação da visibilidade da diferença pelo "*mainstream*", ao mesmo tempo que mantém uma hierarquização cultural (*as produções marginais permanecem periféricas*), é um espaço produtivo de produção de novas identidades – resultado de mudanças efetivas

---

[215] GARCIA, Débora; SOUZA, Elizandra. **Publica, Preta! Manual de publicação independente**. 1. ed. São Paulo: Edição das autoras, 2022. O coletivo Sarau das Pretas é protagonizado por Débora Garcia, Elizandra Souza, Jô Freitas e Taisson Ziggy. As quatro integrantes têm se destacado com apresentações artísticas, que incluem música, performance, canto e declamação. Além disso, seja por meio deste livro, ou por cursos formativos, têm incentivado a publicação autoral negra, em especial a publicação de mulheres pretas, como preferem denominar.

[216] Escritora, professora e intelectual feminista negra, Glória J. Watkin, adota bell hooks como pseudônimo, para homenagear sua bisavó, Bell Blair Hooks; optou por manter seu pseudônimo em letras minúsculas para enfatizar o valor de suas ideias acima de sua autoria.

[217] hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: editora Elefante, 2019, p.212.

[218] HALL, Stuart. "Que negro é esse na cultura popular negra?". *In*: **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. SOVIK, liv (org.). Belo Horizonte; Editora UFMG, 2003, p. 319-320.

ocorridas por meio de “políticas culturais da diferença”. Sua ênfase nos processos de diferenciação opõe-se à subjetividade neoliberal contemporânea, mais preocupada em celebrar as identidades como essências do que questionar os mecanismos de produção e de poder delas. Como diz Tomás Tadeu da Silva: “*Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas*. São tomadas como dados ou fatos da vida social diante dos quais se deve tomar uma posição.”[219]

Diante desse mosaico de situações, pode-se perguntar: ainda é possível dizer que os/as escritores negros/as nacionais permanecem marginalizados no mercado editorial “branco”? Se sim, de que maneira? O *epistemicídio* continua ocorrendo com os autores e intelectuais negros, conforme as reflexões da filósofa Sueli Carneiro? E, ainda, a maior publicação de autores não-canônicos evidencia que é possível pensar em um antirracismo editorial generalizado no mercado editorial brasileiro?

2.3 Editoras negras no mercado editorial brasileiro nos últimos 20 anos

De forma concomitante ao aumento do número de publicações de autores negros no mercado editorial brasileiro, cresceu o número de livrarias e editoras especializadas que já advogavam para si a importância de fazer circular a produção editorial negra, seja ela literária ou não-ficcional. Quais são os fatores que facilitaram esse crescimento? Esse é o primeiro ponto que abordo nesta seção. Em seguida, reflito em que medida a questão da marginalidade, conforme analisado por Silva, se estende para as duas décadas seguintes. Formulando de outra maneira a questão: o panorama das publicações de autoria negra e periférica das condições sociais que possibilitam escrever, publicar, divulgar e tornar suas obras mais acessíveis para um público amplo melhoraram nas duas últimas décadas desse novo milênio? Por fim, apresento um quadro em construção das editoras negras que estão em atuação no

[219] No âmbito da educação, por exemplo, Tomás Tadeu Silva crítica a celebração acrítica da diversidade pelo multiculturalismo. Para ele: “Em geral, o chamado ‘multiculturalismo’ apoia-se em um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença. [...] *Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas*. São tomadas como dados ou fatos da vida social diante dos quais se deve tomar uma posição”. *Cf*. SILVA, Tomaz Tadeu da *et al*. A produção social da identidade e da diferença. *In*: **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. SILVA, Tomaz Tadeu da *et al*.. (org.). 11º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 73, grifos meus.

Brasil, em que se percebe onde estão localizadas e como seu crescimento ocorre a partir dos anos 2000.

Começo então com a abordagem de alguns aspectos históricos que favoreceram a ampliação de espaços para a produção, circulação e distribuição da produção literária negra e marginal-periférica. Há conquistas dos movimentos sociais. Políticas públicas voltadas para a diversidade. Mudanças no perfil identitário da sociedade. E uma articulação maior entre ascensão social de pessoas não-negras vinculadas a um discurso de representatividade via capitalismo periférico. Vejamos alguns desses aspectos brevemente. Apresento alguns a seguir.

Um dos fatores que contribuíram para a ampliação das formas de publicação a partir dos anos 2000 foi a progressiva introdução da internet na vida da população. Enquanto em 2000 o acesso não chegava a 3% dos lares; em 2013, esse índice chegou a 58%; e em 2019, a 82%.[220] Apesar disso, a falta de políticas públicas e a qualidade e a abrangência desse acesso são desiguais quando se leva em conta fatores regionais – por exemplo, diferenças entre ambientes rurais e urbanos –, educacionais, econômicos, basta dizer que a forma de acesso majoritário à internet permanece sendo por celulares e não por computadores.[221]

Soma-se a isso o barateamento dos meios de publicação, de modo que tem se tornado cada vez mais acessível publicar, inclusive pelo modelo da autopublicação, que passou a ser uma tendência cada vez mais procurada no mundo, e tem se configurado um negócio no Brasil, porém difícil de se mensurar por não haver dados oficiais, como argumenta o pesquisador Leandro Müller Lima.[222]

Além da internet, que certamente favoreceu a aproximação entre escritores entre si, críticos e o público leitor mais amplo, ainda que, segundo uma matéria de

---

220 AGÊNCIA IBGE. PNAD Contínua TIC 2019: internet chega a 82,7% dos domicílios do país. Agência IBGE Notícias. Editoria Estatísticas Sociais. 14/04/2021. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30521-pnad-continua-tic-2019-internet-chega-a-82-7-dos-domicilios-do-pais. Acesso em: 9 maio 2024.

221 SILVA, Sivaldo Pereira da. Políticas de acesso à Internet no Brasil: indicadores, características e obstáculos. **Cadernos Adenauer XVI**, n. 3. Disponível em: https://ctpol.unb.br/wp-content/uploads/2019/04/2015_SILVA_Acesso-Internet.pdf. Acesso em: 9 maio 2024.

222 "Como observamos, mensurar a dimensão do mercado de autopublicação pode ser extremamente difícil. No Brasil, essa tarefa pode ser impossível. Ao contrário dos Estados Unidos, temos pouquíssimos dados oficiais sobre o mercado, sendo ainda mais escassos os dados relativos aos livros digitais, e quase inexistentes sobre autopublicação". *In*: LIMA, Leandro Müller. **Autopublicação como negócio no Brasil**. 2023.Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social, Rio de Janeiro, 2023, p. 98.

2023, apenas 16% da população brasileira seja consumidora de livros[223], ampliaram-se as ferramentas de circulação dos livros. Um exemplo dessa ampliação é a popularização de clubes de leitura em diferentes formatos e para diferentes públicos, sejam eles gratuitos ou pagos, online ou presenciais. Clubes de leitura, como o Leia Mulheres (que, segundo site próprio, completará dez anos em 2025 e articula mais de 400 mediadoras em mais de 100 cidades[224]) e o "leia mulheres indígenas", voltado para literatura indígena contemporânea[225], apresentam uma mensagem nítida e contundente na forma como aliam difusão e paixão pela leitura. Outro exemplo foi o movimento de saraus e slams periféricos em diferentes cidades do país, como São Paulo, Belo Horizonte, Salvador.

Mais um motivo que contribuiu para esse crescimento foi a incorporação de pautas históricas dos movimentos sociais contemporâneos na política governamental, sobretudo em torno do "direito à diferença". O surgimento do movimento negro contemporâneo, cujo marco é a fundação do Movimento Negro Unificado (MNU), trouxe uma articulação entre raça e classe, na qual o ativismo negro passou a criticar o próprio sistema capitalista e o Estado pelas múltiplas desigualdades e violências físicas e simbólicas vividas.[226] Uma das lutas históricas do movimento negro contemporâneo foi denunciar a democracia racial como um mito e fomentar uma identidade negra, formada por pessoas pretas e pardas.

---

223 SOBOTA, Guilherme. Apenas 16% da população brasileira é consumidora de livros, aponta pesquisa inédita. **Publishnews**. Mercado Editorial. 7 dez. 2022. Disponível em: https://www.publishnews.com.br/materias/2023/12/07/apenas-16-da-populacao-brasileira-e-consumidora-de-livros-aponta-pesquisa-inedita. Acesso em: 9 maio 2024.

224 O Leia Mulheres é um projeto de leitura de autorias femininas que nasce a partir de um clube de leitura mensal, criado em 2015, por Juliana Gomes, em São Paulo. Foi inspirado na campanha internacional #readwomen2014, de Joanna Walsh. O Leia Mulheres articula outros clubes de leitura, que recebem o mesmo nome, basta mandar um e-mail para Juliana Gomes. "Atualmente somos mais de 400 mediadoras, em mais de 100 cidades. [...] O Leia Mulheres faz parceria com editoras, livrarias e centros culturais", diz o site do projeto. Disponível em: https://leiamulheres.com.br/. Acesso em: 10 jul. 2023.

225 Julie Dorrico, agora Trudruá Dorrico, do povo Macuxi – Doutora em Teoria da Literatura na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) – é administradora coletiva do perfil @leiamulheresindigenas no Instagram e do canal "Literatura Indígena Contemporânea" no YouTube. Curadora da I Mostra de Literatura Indígena no Museu do Índio da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Também é colunista do Portal Ecoa/UOL.

226 "[...] Diferentemente dos anos 1920 e 1930, as reflexões dos militantes do MNU [Movimento Negro Unificado] partem de uma crítica ao regime político econômico do país. Não se concebe o próprio negro como 'culpado' pela sua situação desprivilegiada: ao entender o sistema capitalista como o responsável pela miséria e marginalização de grande parte da população, a questão da discriminação racial passa a ser tratada como um fenômeno ligado ao 'sistema econômico explorador' e/ou à 'civilização branco-européia'. *Cf*. HOFBAUER, Andreas. **Uma história do branqueamento ou o negro em questão**. Editora Unesp: São Paulo, 2006, p. 380.

Nesse aspecto é interessante como em cerca de quatro décadas a autoidentificação brasileira mudou. Numa pesquisa do IBGE de 1976, ficou famosa o aparecimento de 136 denominações de cores diferentes[227], de morena, moreninha, morena clara à cor de burro quando foge, passando por queimada de praia, loira, lorinha, loira clara. Dessa centena de denominações, algumas faziam referência a uma ideia de origem, como a denominação Paraíba, Polaca e Baiano, as demais referiam-se a autodenominações muitas vezes entre o jocoso e o depreciativo. Porém, ao entrar na primeira década do novo milênio, o perfil étnico da população modificou-se: o Brasil passou a ter maioria negra recentemente.

Segundo a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) foi em 2014, que 54% da população passou a se autodenominar negra (a somatória das categorias pretos e pardos de acordo com o IBGE). Em 2019, a população negra nacional chegou a 56%, conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2019.[228] A população indígena também cresceu. Nos dois casos, trata-se de um crescimento da autoidentificação (também denominada re-emergência étnica) e não do crescimento populacional desses dois segmentos. No caso da população negra, tornar-se maioria fortalece, em tese, as agendas de lutas por justiça social a partir da mobilização em torno de uma identidade aglutinadora, o que é um desafio comum a diversos movimentos sociais.[229] E, também, fortalece as políticas de representação.

Além de uma luta contra o racismo por meio do fortalecimento étnico-racial da identidade negra, parte da agenda e de integrantes desses movimentos sociais negros entraram na política institucional e participaram da criação de políticas públicas que fortaleceram o reconhecimento das diferenças. Exemplo disso foi a criação da lei de

---

227 SCHWARCZ, LÍLIA Moritz. Questão racial no Brasil. In: SCHWARCZ, L. M.; REIS, L. V. S. (org.). Negra Imagens. São Paulo: Edusp, 1996, p. 172

228 Para se ter uma ideia, em 1976, a pesquisa do IBGE, apontou que brancos eram aproximadamente 57%; pretos e pardos, 40%, amarelos e índios, menos de 3%. Já de “acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019, 42,7% dos brasileiros se declararam como brancos, 46,8% como pardos, 9,4% como pretos e 1,1% como amarelos ou indígenas.”. Ver, IBGE Educa - Cor ou raça. Disponível em: https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html. Acesso em 27 jul. 2022.

229 Nessa reflexão, diálogo com o pensamento do antropólogo Kabengele Munanga. Para ele, a luta por justiça social e equidade articulada por variados movimentos sociais dos trabalhadores, das mulheres, negros, lgbtqia+, entre outros, passam pela aglutinação em torno de uma identidade. O problema, segundo, o antropólogo é que, em geral, não se tem conseguido. Certamente um desafio contemporâneo é ir além das identidades específicas e fazer a articulação com outros movimentos sociais. Ver, MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem* no Brasil: identidade nacional *versus* identidade negra. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

cotas sociais e étnico-raciais em 2012[230], que, após uma década de sua implementação, ampliou o acesso da população pobre, negra e indígena às universidades. Além das cotas, outra política de grande significado ocorreu com a criação da lei 10.639/03, atualizada pela 11.645/08, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura negra, africana e indígena no ensino básico, público e privado. A dimensão das políticas públicas, em especial de fomento ao livro e à leitura, será aprofundadas no capítulo 4.

Para concluir esse capítulo, destaco que, ao longo das últimas três décadas, cresceu o número de autorias negras publicadas. Essas mudanças são fundamentais para analisar por diferentes pontos de vista e seus efeitos. É o que pretendo fazer no decorrer da pesquisa. Procurei mostrar neste capítulo como ocorreu uma ampliação do espaço das autorias negras com publicações inéditas e reedições em editoras de porte médio e grande assim como suas presenças tornaram-se maiores em premiações como o Jabuti, em festivais literários como a FLIP, nas academias de letras. Se, como analisou Silva, entre os anos 1960 e os anos 2000 o escritor negro e periférico, quando editado para fora das redes da autoedição, era visto como um assombro, fascinante mais pela origem social e étnica do que pela matéria literária, o que se percebe atualmente é que nesse ponto há mudanças, os prémios literários e as homenagens de nomes como Conceição Evaristo, Jeferson Tenório, Eliana Alves Cruz, Itamar Vieira e outros atestam isso.

Porém, ao lado dessa emergência autoral negra com reconhecimento literário, permanece certa estereotipia da autoria negra, no sentido de uma comodificação da diferença, como definiu bell hooks, a palavra preto na autoria e no título do livro passa a ser interessante para as editoras maiores, tanto pelo sentido de capital simbólico que podem angariar, colocando-se como favoráveis à diversidade ou antirracistas, mesmo que o antirracismo seja até o momento pontual como a contratação de um ou dois editores de diversidade e a publicação de um manifesto. E, também, porque o sucesso editorial de livros recentemente traduzidos de bell hooks, Angela Davis, Chimmamanda Adichie e Djamila Ribeiro, por exemplo, criou o alerta no mercado

[230] Lei de cotas é como ficou conhecida a Lei nº 12.711/2012, sancionada em agosto de 2012, que garantiu a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. Os demais 50% das vagas permaneceram para ampla concorrência. Sobre o sistema de cotas, ver: http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html .

editorial brasileiro de que escritores negros podem ser “pops” e vender. Em um país em que 56% da população se identifica como negra, há um espaço de enorme potencial para um capitalismo segmentado racialmente se expandir, a ampliação das publicações voltadas para o segmento da diversidade é uma das dimensões desse caleidoscópio, entre ser *mainstream* e *outsider*.

Mesmo que apenas 16% da população brasileira seja leitora de livros com recorrência, conforme matéria da PublishNews, em 2022, passos promissores foram dados nessas duas décadas do século XXI. Nesta perspectiva, destaco: o aparecimento de novas tecnologias, o que facilitou a montagem de editoras por diferentes grupos sociais; o ativismo digital; o crescimento dos clubes de leitura; a efervescência do movimento de saraus e slams periféricos; o reconhecimento das produções e d debates realizados por autores(as) e coletivos de gerações anteriores; o maior interesse acadêmico por esses temas, bem como a implementação de políticas públicas de afirmação étnico-racial. Tudo isso, tem ajudado a expandir as formas de expressão do que se pretende margear como escrita de autoria negra – em busca de uma restituição da interioridade subjetiva.

Apesar disso, como afirmam as escritoras Débora Garcia e Elizandra Souza,

> De acordo com a linha do tempo organizada pela editora Mijiba, as mulheres pretas têm publicado mais nos últimos 30 anos. Esse fenômeno foi provocado pela publicação da antologia Cadernos Negros e pelo movimento de saraus e slams periféricos, mas, ainda não corresponde à igualdade de oportunidades de publicações em relação às mulheres não pretas e aos homens.

Ao mesmo tempo, para a escritora Djaimilia Pereira de Almeida esse processo de busca de restituição da interioridade negra ocorre em âmbito transnacional (entre artistas africanos, portugueses, brasileiros) e transdisciplinar, pois no âmbito das artes, poesia, cinema, romance e produção de conhecimento, em que a oportunidade de “ter uma voz em nosso idioma” – algo que foi negado a muitos de nossos antepassados e contemporâneos – permanece como uma responsabilidade coletiva. Nesse sentido, as editoras negras desta pesquisa, na tarefa de tornar pública parte dessas vozes, também se inserem numa arena pública de cintervenção material e intangível da circulação de pensamento e de imaginação negra. Como veremos, tais empreendimentos não apresentam um único projeto editorial e fixo, seja ele o crescimento editorial para se tornar uma média ou grande editora, ou construir um legado a partir de uma visão em que o crescimento econômico não é a meta.

3 OS EDITORES ESTAVAM COM FRIO: UM PERFIL DAS EDITORAS NEGRAS E SEUS NEXOS COM A INDEPENDÊNCIA EDITORIAL

> Sempre que pensamos em mercado, nos vêm à mente a possibilidade de bons negócios, da diversidade e da multiplicidade. Isso também deveria ser aplicado no mercado editorial, mas não é bem assim que acontece. A maioria dos livros de escritoras pretas foi publicada de forma independente, ou seja, autofinanciado pela própria autora. As poucas que conseguiram ser publicadas por editoras renomadas são escritoras mais velhas e com trajetórias de 10, 20 e até mesmo 40 anos no circuito independente. No cenário das autoras pretas mais jovens, destacam-se aquelas que conseguiram unir a sua atuação literária às mídias sociais, agregando muitos seguidores e, consequentemente, a atenção das grandes editoras.
>
> Débora Garcia e Elizandra Souza[231]

Há muitas formas de ser e se definir independente na contemporaneidade. Neste capítulo contextualizo os sentidos da edição independente no mercado editorial brasileiro e seu possível encontro com os projetos políticos e estéticos das editoras negras: Mazza Edições, Nandyala, Ciclo Contínuo, Malê e Ogum's Toques. O que é ser uma editora negra independente? Qual é a dimensão dessa independência quando falamos de editoras situadas na beira do capitalismo global?

Além destas cinco editoras, estudo a editora Mostarda, que, gerida por uma pessoa branca, possui uma linha editorial de diversidade com protagonismo negro e indígena, o protagonismo, porém, em sua maioria para no tema dos livros e não na autoria dos mesmos. É legítimo? Ilegítimo? Por quê? Aqui temos um abacaxi das políticas de representatividade a. ser descascado: apenas pessoas negras poderiam gerir negócios negros? Apenas pessoas brancas podem gerir negócios brancos? E assim, por diante, com outras minorias políticas? Em termos de perspectiva de análise, busco enlaçar categorias de identidade ou de opressão simultaneamente, conforme definida a concepção de interseccionalidade crítica de Patricia Hill Collins.[232]

---

[231] SOUZA, Elizandra, GARCIA, Débora. **Publica, Preta! Manual de Publicação independente**: 1. ed. São Paulo: Ed. das Autoras, 2022, p. 37

[232] COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias**: a interseccionalidade como teoria social crítica. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2022.

Uma distinção inicial fundamental é que por “negócios negros”, refiro-me aos empreendimentos dirigidos por pessoas negras, entre o final do século XX e início do XXI. Esses agentes, em sua maioria, possuem escolaridade acadêmica, destacado protagonismo feminino e um discurso racial afirmativo. Eles colhem frutos de décadas de luta do movimento negro e do movimento de mulheres negras. Atuam em um contexto em que há leis contra o racismo, ações afirmativas e um debate maior sobre questões raciais na sociedade civil, inclusive nos meios de comunicação. É preciso considerar, no entanto, o papel pioneiro de Maria Mazarello Rodrigues, que fundou a Mazza Edições, em 1981, em plena democratização do país, quando as políticas de combate à discriminação racial e o racismo eram apenas uma contravenção. Soma-se a isso, a raridade de pessoas negras em cargo de comando[233], raridade também era ter mulheres e negras como proprietárias de editoras, em um ambiente predominantemente masculino.

Por outro lado, os “negócios brancos, referem-se a empresas, de diferentes portes, onde o debate racial pode ou não existir, e no qual a diversidade transformou-se num nicho de mercado a ser investido. Neste caso, mesmo que exista um discurso de promoção da diversidade, ou notas de repúdio ao racismo e ao preconceito, elas são tímidas em termos de posturas e adoções de práticas de promoção da equidade racial e do antirracismo em suas empresas. Trata-se do que Cida Bento cunhou como “o pacto narcísico da branquitude”, onde as instituições e empresas organizam-se sem levar em conta a pluralidade da sociedade; onde algumas dizem prezar pela equidade e diversidade, chegam a incluir esses valores como a missão e o código de conduta da empresa, sem, contudo, aplicar essa equidade na composição de funcionários e lideranças.[234]

No mercado editorial, como refletem as autoras em epígrafe. a promessa de diversidade que o mercado editorial “vende” ainda é um caminho bastante estreito e demorado para a escritora negra e periférica (o mesmo vale para os escritores negros e outros segmentos autorais não-hegemônicos).

---

[233] De acordo com Pedro Jaime, apenas ao final dos anos 1970, surgiu a primeira geração de pessoas negras em cargo de direção; a segunda geração, somente no início do novo milênio. Ver, COÊLHO JUNIOR, Pedro Jaime de. **Executivos negros**: racismo e diversidade no mundo empresarial. Uma abordagem socio-antropológica. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Acesso em: 03 Jan. 2025.

[234] BENTO, Cida. Pacto Narcísico. *In*: **O pacto da branquitud**e. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p.17.

Outro ponto importante que elas trazem é sobre a influência de critérios extratextuais como os índices de popularidade nas redes sociais como mais um ingrediente do filtro de seleção editorial. Paradoxalmente, se a popularização da internet, e das redes sociais permitiram uma maior democratização dos meios de comunicação, atualmente, essas formas de ranqueamento e usos de algoritmos expressam, ao estilo da série *Black Mirror*[235], um dos efeitos da presença da esfera digital no mercado editorial e em nossas vidas.

Desta forma, por mais que as condições da autoria negra e periférica tenham mudado nas últimas quatro décadas – como procurei mostrar no capítulo anterior – a autoedição, por suas facilidades contemporâneas em termos tecnológicos, e de possibilidade de incentivo público ou privado, permanece sendo um dos caminhos de publicação cogitados para a escrita negra e periférica.

Dito isso, sobre edição independente, temos dois entendimentos. Um deles é a autopublicação, em que a pessoa que escreve um livro é ao mesmo tempo a autora e principal representante comercial de sua obra, como atestam Débora Garcia e Elizandra Souza no livro *Publica, Preta! Manual de Publicação independente*, obra que é também uma autoedição (edição independente, como queiram). Neste caso fruto de um edital público, o programa VAI.[236] A outra forma é a publicação de uma obra por uma editora independente.

E, neste caso, são bastante heterogêneas – e até contraditórias – as definições de editoras independentes disponíveis. Uma delas que considero relevante é defendida por Gilles Colleu, editor e escritor francês, associado à Aliança Francesa de Editores Independentes. Para ele, os editores independentes devem atuar a partir de um princípio ético da editoração que é a construção de catálogos com obras de qualidade e que esse princípio esteja acima da busca por lucros como sentido primeiro da razão de existir editorial. Assim, diz:

> Parece-me, portanto, essencial definir os editores independentes, tais como são considerados por essa obra e pela Aliança dos editores independentes, por critérios qualitativos e éticos, além dos critérios econômicos. Eis porque

---

235 Série televisiva britânica criada por Charlier Brook, exibida no Brasil pela Netflix, que aborda os efeitos colaterais das novas tecnologias na sociedade contemporânea.

236 “Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais (VAI) foi criado em 2003 para apoiar financeiramente coletivos culturais da cidade de São Paulo, principalmente de regiões com precariedade de recursos e equipamentos culturais”, conforme define o site São Paulo Cultura, da Prefeitura de São Paulo. Disponível em: https://capital.sp.gov.br/web/cultura/w/noticias/33141. Acesso em: 06 jan. 2025.

> preferimos utilizar – aos termos de editor independente ou de editor de criação – a noção de editora independente de criação.[237]

Colleu associa ao editor independente o papel de criação, e essa criação só pode existir se o editor tiver poder de decisão e não for apenas uma espécie de "gerente" que vende livros como outro produto qualquer. Por isso, argumenta que a construção de um catálogo editorial deve ser alicerçada não por "oportunismo econômico, mais em coerência com a política editorial. [...] Os modos de gestão devem conduzir a busca do equilíbrio financeiro em vez do lucro."[238]

Vale dizer de início que, apesar de considerar relevante a definição oferecida por Colleu (à qual vamos voltar no tópico seguinte), qualquer tentativa de definição de editoras independentes será apenas parcial e ponto de partida para se observar contextos históricos, políticos e socioculturais específicos, pois, como a ferramenta teórico-prática da interseccionalidade, o rótulo independente é ao mesmo tempo global e fortemente particular, nas maneiras como pode emergir e se transformar. Cabe ao pesquisador, abrir os sentidos da compreensão e da análise, mais do que propor ele mesmo um rótulo totalizante.

Para Muniz Júnior, o rótulo independente estabelece um conjunto de oposições simbólicas, que sintetiza sem esgotar as nuances do mercado editorial, reinterpretando-o, estabelecendo uma linha de continuidade entre o passado e o presente. Para ele, "o 'independe' emerge como palavra-chave que condensa todas elas, aglutinando os editores (auto)identificados com(o) polo economicamente dominado dessas oposições".[239] Dessa maneira, para o pesquisador, a categoria independente "faz sentido e dá sentido" a uma diversidade de intelectuais, artistas e editores que operam por oposição, criando hierarquias móveis, a esses grandes grupos editoriais. Por esse motivo, o termo é mais bem compreendido em suas aplicações contextuais específicas.

> O que ocorre é que a (re) emergência da categoria e sua encarnação nas práticas não ocorre no vazio: ela é produto de condições singulares e das agências individuais e coletivas. Depende, como já dito, do estado das relações de força operantes em cada contexto, estado a que o emprego da categoria tratará de dar algum sentido, mesmo que de maneira provisória, vacilante, cheia de ressalvas, tropeços e indefinições. A partir do recurso cognitivo precário – a noção de "independente" –, os editores tentarão

---

237 COLLEU, Gille. **Editoras independentes:** da idade da razão à ofensiva? Rio de Janeiro: LIBRE – Liga Brasileira de Editoras, 2007, p. 67.
238 COLLEU, 2007, p. 68.
239 MUNIZ JÚNIOR, 2016, p. 84.

> formular as hierarquias movediças que os distanciam entre si e os estilos de presença que eles encarnam nesse espaço.[240]

Atento a essa especificidade, minha perspectiva é entender esse termo como categoria nativa é agenciada pelos produtores editoriais de livros de autoria negra (o meu foco) e em quais contextos e períodos se autodefine ou se é definido como independente? Portanto, não procuro neste capítulo oferecer uma definição estável e totalizante do termo independente, nem a inserir no corpo de uma teoria, como uma categoria de análise.

Essa construção de "hierarquias móveis" da formação de grupos em torno do rótulo independente pode ser percebidas por duas vias, conforme Muniz Junior.[241] Uma é pelo conjunto de manifestações, individuais ou coletivas, enunciadas através de manifestos, livros, pronunciamentos, encontros, reuniões. Outra é por meio das trocas políticas ocorridas na construção de coletivos, encontros e associações. Meu interesse é perceber como o independente enquanto categoria de identidade e diferença se articula com outras acionadas pelas editoras de autoria negra e periférica aqui estudadas, nesses dois âmbitos, as práticas discursivas e as práticas políticas associativas.

Uma contribuição deste capítulo – e do estudo como um todo – é perceber como categorias de identidade e de opressão atuam conjuntamente numa perspectiva interseccional. Portanto, se a categoria independente gera representações que geram agrupamentos e divisões, as editoras negras aqui estudadas (exclusivas ou especializadas) que se identificam como independentes se opõem a quem? De que e de quem declaram independência? Que distância querem instituir? "Longe de quem, diferente de quem, ele quer se ver e ser visto?"[242] Se agrupam? E com quem? Que representações fazem de si mesmas? Vale destacar que o foco aqui será compreender a maneira como *editoras negras* se relacionam com os aspectos discursivos, simbólicos e políticos ligados ao setor autodefinido como independente no mercado editorial. Um aspecto central nessa discussão é a formação de alianças de grupo que ocorrem a partir de alianças nacionais e transnacionais, no caso brasileiro, analisar brevemente o contexto de surgimento, o escopo de atuação da Liga Brasileira de Editoras (LIBRE) e da Câmara Periférica do Livro (CPL).

---

240 MUNIZ JÚNIOR, 2016, p. 87.
241 *Ibidem*, p. 87.
242 *Ibidem*, p. 16.

Em resumo, neste capítulo, analiso, o surgimento da categoria "independente" no contexto global e no mercado editorial brasileiro. Examino como esse termo gradualmente politiza-se, a partir da dicotomia editoras independentes e grandes corporações, produzindo, assim documentos, análises e órgãos de classe. Analiso, também, a baixa adesão de editoras negras à LIBRE, órgão que pretende ser a principal representante das editoras independentes no Brasil. E, por fim, estudo os nexos entre as editoras negras e a categoria independente.

3.1 Independência editorial como forma de reinterpretar o mercado editorial contemporâneo

Na tese *Girafas e bonsais editores "independentes" na Argentina e no Brasil* (1991-2015), o sociólogo José de Souza Muniz Júnior afirma que a categoria "independente" possui diversos significados ao longo da história, pois não se trata de um conceito fixo e de significado inequívoco. Essa aparente imprecisão científica, no entanto, foi um trunfo para a popularização do termo, que ganhou camadas de interpretações mundo afora na contemporaneidade.

Ele argumenta que o rótulo "independente" apareceu pioneiramente associado às artes visuais no século XIX. E só depois foi atribuído a outras vertentes culturais e artísticas, como o cinema, o jornalismo, a literatura, a música e, na última década do século XX, ao mercado editorial etc. Para cada período e tipo de expressão artística ou cultural, o termo ganhou sentidos específicos. Em sua aparição contemporânea e ligada ao mercado editorial, a edição independente representa simbolicamente o modo de existir de uma fração das pequenas e médias editoras, cuja forma de lidar com o objeto livro é tida como oposta à lógica hegemônica ou *mainstream*, representada pelos grandes grupos editoriais nacionais e transnacionais.[243]

Embora nos anos de 1970, no Brasil, tenha existido uma efervescente cena de poesia independente, ou poesia marginal, também conhecida como "geração mimeógrafo", devido ao uso dessa tecnologia para fazer circular suas produções de maneira alternativa e driblar a censura dos anos de chumbo, o rótulo "independente", em sua aparição contemporânea no mercado editorial, difunde-se em escala mundial

[243] MUNIZ JÚNIOR, 2016; COLLEU, 2007.

em meados dos anos 1990 e sua politização ocorre a partir da década seguinte.[244] Nesse contexto, a resistência já não é contra um regime opressor específico, mas se torna uma resposta de pequenas e médias editoras ao crescimento de grandes empresas multinacionais ligadas aos meios de comunicação de massa, especialmente dos Estados Unidos e Europa. Muitas delas se fundem e passam a atuar em mercados editoriais em outros continentes, como o africano, latino-americano e asiático.[245]

Nesse contexto, os debates que se iniciam estão atrelados aos efeitos da concentração dos meios de comunicação em poucas empresas e sua direção para o lucro. Isso passou a ocorrer num mundo em que se debatiam os efeitos da globalização e mundialização da cultura e seus impactos nocivos em termos de democracia e da diversidade cultural, por isso, a reação a esse processo resulta em movimentos sociais anti ou alterglobalização[246] e na difusão de mídias independentes ou alternativas.[247] Essas são as linhas gerais desse contexto, que em escala global, com tons políticos e ideológicos distintos e que vão reverberar nos contextos locais, como aponta Muniz Júnior.

No Brasil vale destacar que a entrada de empresas estrangeiras atuando na indústria do livro é antiga; remonta ao início do século XIX, com a forte presença de editoras e livrarias francesas, em especial no Rio de Janeiro, capital do império.[248] De acordo com Bárbara Borges, a presença e o fluxo de capitais de empresas estrangeiras são maiores nos momentos de estabilização e crescimento econômico, a exemplo do que ocorre nos anos 1960-1970, quando o país passa por forte processo de industrialização, para depois, nos anos 1980, entrar em crise econômica e ver essas empresas saírem novamente. Uma nova onda de multinacionais passa a entrar no país para investir no mercado editorial brasileiro na década seguinte, cenário em que vivemos agora, como explica a autora:

> Nas últimas décadas do século XX nesse princípio do século XXI, grandes grupos multinacionais, como os americanos McGraw-Hill, Prentice Hall e Thomson; os ingleses Oxford, Cambridge e Longman; e os espanhóis Santillana, Planeta, Oceano e SM fixaram suas filiais principalmente na

244 MUNIZ JÚNIOR, *op. cit.*
245 COLLEU, *op. cit*.
246 Movimentos anti ou alterglobalização propunham no começo do século XXI alianças globais e o combate aos efeitos considerados negativos da globalização. Um exemplo deles foi a primeira edição do Fórum Social Mundial, ocorrida em Porto Alegre, em 2001.
247 MUNIZ JÚNIOR, *op. cit* .
248 HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil:** Sua história. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2005.

> capital paulista e começaram a participar do mercado brasileiro de uma forma mais intensa; seja usando o próprio nome, como a Planeta e a SM, seja com a compra de editoras brasileiras já consolidadas, como a Moderna e a Objetiva, ambas adquiridas pelo grupo Prisa-Santillana.[249]

Entre essas grandes empresas estrangeiras que vêm se estabelecer no Brasil na indústria do livro, há o destaque para as grandes corporações espanholas, como a Editora Planeta e o Grupo Santillana, diz Borges. São diversos fatores que contribuíram para essa "invasão estrangeira" ao país, encabeçada pelas gigantes espanholas: estabilidade econômica provocada pelo Plano Real, o portentoso mercado de livros didáticos brasileiro, o potencial de crescimento do público leitor e o ensino da língua espanhola no ensino médio, como sintetiza Borges:

> Muitos apontam como razões para a entrada de editoras estrangeiras no país as grandes vendas de livros didáticos, o aumento do número de matrículas no ensino superior brasileiro, o crescimento econômico proveniente de ações iniciadas desde o Plano Real e o número de leitores em potencial em uma população de mais de 180 milhões de habitantes, mesmo com pesquisas que dizem que o brasileiro lê pouco e compra muito menos. No caso das espanholas voltadas aos livros didáticos, acrescentamos também a obrigatoriedade do ensino do idioma espanhol nas escolas de ensino médio.[250]

Concomitante à entrada dessas grandes empresas internacionais do mundo da comunicação no mercado editorial brasileiro, este passou por um movimento de concentração editorial de grupos nacionais, com ou sem capital estrangeiro. Se o mercado editorial, como mencionamos no capítulo anterior, já se configurou historicamente concentrado na região Sudeste, esse movimento de concentração de empresas editoriais também ocorreu no eixo Rio-São Paulo. Pioneiros, nesse sentido, foram os grupos editoriais cariocas (Record e Ediouro) e os paulistas (Abril e Saraiva). A Saraiva, conforme destaca Bárbara Borges, estabeleceu uma "rede de livrarias e foi a primeira a investir na bolsa de valores".[251] Essas fusões aumentaram o prestígio dessas editoras nacionais, por exemplo, a Record uniu-se à Civilização Brasileira, à Ediouro e à nova Fronteira.

No caso da entrada de capitais estrangeiros, a paulista Companhia das Letras, fundada em 1986 por Luiz Schwarcz, fez parceria com a inglesa Penguin Books, um acordo ocorrido em setembro de 2009 e que permitiu a entrada da empresa britânica no mercado editorial brasileiro, o que foi vantajoso para a empresa brasileira, que

---

249 BORGES, Bárbara. **Novo cenário para o negócio do livro**. São Paulo: Com-Arte, 2009, p. 79.
250 *Ibidem*, p. 144.
251 BORGES, 2009, p. 144-145.

pode ampliar seu catálogo de clássicos, passando a publicar os clássicos da Penguin Books.[252] Algo relevante é que, em 2004, a Penguin Books ao se fundir com a Random House, formando a Peguin Random House, passou a concentrar 26% da distribuição de livros do mundo, num processo que reuniu no mesmo conglomerado o clássico *1984*, de George Orwell, e o *best seller 50 tons de cinza*, de E. L. James.[253] Com esses exemplos, notamos como o processo global de concentração e fusões impacta os mercados editorais locais.

Diante desse contexto, a politização do conceito de independente ocorre à medida que o mercado editorial no mundo passa por essas transformações estruturais. Vejamos alguns exemplos disso no campo editorial.

De um ponto de vista individual e pioneiro, a obra *O negócio dos livros: como as corporações decidem o que você lê*, de André Schiffrin, é um marco.[254] Primeiro, porque o editor nova iorquino de origem francesa, ao narrar sua trajetória editorial primeiro na Pantheon Books, onde substitui seu pai[255], vê sua capacidade de decisão como editor ser erodida ao longo do tempo até que pede demissão e depois busca reconstruir sua trajetória com uma editora independente pequena, mas que se torna prestigiosa, a New Press. Desta maneira, diagnosticou em tempo real os efeitos do processo de concentração dos conglomerados de mídia e entretenimento nos Estados Unidos e Europa; de modo que seu livro serviu como um manifesto contundente ao que estava ocorrendo (ou iria ocorrer) em outros países. Mais do que isso, a trajetória autobiográfica do editor foi um alerta em tempo real da tendência autofágica da maneira como dinheiro e o lucro passa a dominar todos os aspectos da sociedade globalizada. Em certa passagem deste livro, Schiffrin afirma:

> Juntos, nós não chegamos perto de ter sequer 1% do total de vendas do mercado editorial. Não temos dinheiro nem pessoal para competir seriamente por espaço em redes de livrarias e outros pontos que hoje dominam a venda

---

252 BORGES, 2009, p. 82.

253 Itaú Cultural, Gestão e políticas culturais: “Editoras Penguin e Random House fazem fusão e se tornam maior editora de livros do mundo”, 7 maio 2013. Disponível em: https://www.itaucultural.org.br/editoras-penguin-e-random-house-fazem-fusao-e-se-tornam-maior-editora-de-livros-do-mundo. Acesso em: 4 jan. 2025.

254 Editada primeiro na França, em 1999, com o título-manifesto “A edição sem editores”, saiu no ano seguinte nos Estados Unidos, como “O negócio dos livros”.

255 André Schiffrin é herdeiro editorial do legado iniciado por seu pai, Jacques Schiffrin, um emigrante judeu, cofundador da Pantheon Books, em 1941, em Nova Iorque. O pequeno empreendimento, ao longo de duas décadas, tornou-se reconhecido por publicar importantes autores norte-americanos e europeus. No início dos anos 1960, quando Jacques Schiffrin vendeu a Pantheon para a editora inglesa Random House, esta convidou André Schiffrin para ser o editor, onde ficou por trinta anos e publicou alguns nomes centrais do pensamento ocidental do século XX, como Eric Hobsbawn, Jean Paul Sartre, Michel Foucault, E. P. Thompson, entre outros.

> de livros. Embora alguns de nós possam orgulhar-se de um golpe de sorte ocasional, mais de 30% de todos os best-sellers em 1999 saíram de editoras que estão sob o guarda-chuva Beterlsmann-Randon-House.[256]

Outras obras publicadas na década seguinte já refletem tanto a experiência editorial individual, quanto uma perspectiva coletiva. Um exemplo é *Editoras independentes: da idade da razão à ofensiva?*, de Gilles Colleu, publicado em 2006 na França e no ano seguinte no Brasil.[257] Na obra, o autor examina a concentração editorial na França, o papel predatório dos grandes grupos editoriais franceses no mercado global e as formas de resistência de editores independentes em diferentes continentes, como América Latina e África.

Segundo Colleu, a diferença entre uma pequena ou média editora de carácter artesanal e uma multinacional não se limita ao porte econômico, mas envolve lógicas distintas de política editorial. Para ele, o "editor independente de criação"[258], busca construir um catálogo como um legado, em que a prioridade é publicar obras e autores pertinentes e coerentes com a linha editorial, sem descuidar da rentabilidade. Já nos grandes grupos editoriais, prevalece a lógica empresarial e a maximização dos lucros, relegando ao editor um papel secundário.

Nessa dinâmica, a hiper produtividade e a rápida obsolescência das obras tornam-se a norma. Desta forma, enquanto os editores independentes defendem a bibliodiversidade, os editores das grandes corporações perderam autonomia. Essa é uma distinção fundamental, já que para nas grandes corporações, a decisão sobre o que publicar depende dos interesses dos operadores financeiros e profissionais de marketing, entre outros setores estratégicos, argumenta Colleu, que também é um editor.[259] Em suas palavras:

> [...] Nas editoras literárias ou de ciências humanas, a importância e o poder de decisão do editor são garantidos, enquanto nos grandes grupos o editor é colocado no organograma abaixo dos dirigentes […], mas igualmente abaixo

---

256 SCHIFFRIN, André. ***O negócio dos Livros*****:** como as grandes corporações decidem o que você lê. Trad. Alexandre Martins; Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006, p. 172.

257 No Brasil, a obra foi publicada pela Liga Brasileira de Editoras (LIBRE) e apresenta um subtítulo expressivo: "O editor independente de criação, um ator maior da bibliodiversidade". Na França, a obra foi publicada pela Aliança Internacional dos Editores Independentes (AIEI), da qual faz parte seu autor.

258 Para Colleu, a edição/editor independente de criação implica numa atitude ética, por esse motivo, prefere usar o termo editor independente de criação para se contrapor ao editor que ocupa o papel gerencial numa grande organização editorial. COLLEU, 2007, p. 67.

259 Gilles Colleu fundou em 1999, junto com Jutta Hepke, a editora Vents D´Ailleurs, sediada nas proximidades de Aix-en-Provence. Também é diretor de produção e desenvolvimento digital da editora Actes Sud. *Cf.* MUNIZ JÚNIOR, 2016, p. 96.

> dos responsáveis pelas direções financeiras, comerciais, jurídicas, de recursos humanos e marketing.[260]

Um aspecto importante da construção discursiva sobre a emergência atual da categoria independente, argumenta Muniz Júnior[261], é que a maioria dos textos e manifestos foram feitos por editores independentes, a exceção é o livro de Colleu, além de editor da Vents D´Ailleurs, sediada nas proximidades de Aix-en-Provence, tem seu livro publicado e chancelado pela Aliança Internacional dos Editores Independentes (AIEI), da qual faz parte. Esse órgão internacional foi fundado em 2002 na França, e em 2014, contava com 400 editoras. O grupo que está organizado em diferentes idiomas, organiza feiras internacionais e é defensor do termo bibliodiversidade.[262]

No Brasil, essa obra de Colleu saiu um ano depois pela Liga Brasileira de Editoras (LIBRE), organização composta por uma centena de editoras e que tem como objetivo fornecer alternativas para o editor independente em face do cenário de concentração editorial. Esse órgão é citado por Colleu como uma alternativa de aliança editorial nacional em face das grandes corporações.[263] A LIBRE torna-se a partir dos anos 2000 no Brasil uma importante organização representativa do setor independente editorial, vale destacar brevemente como ela surge e opera. Para em seguida refletir o grau de adesão dos produtores de livros especializados em autoria negra estudados nesta pesquisa.

3.2 As alianças entre editores/as independentes no Brasil

A cena de editoras independentes no Brasil é crescente nos últimos anos. Com diferentes linhas editoriais, elas conseguem abarcar uma série de autorias que em grande medida não são vistas nas grandes editoras nacionais e multinacionais. Além disso, as editoras independentes oferecem um trabalho mais artesanal com o objeto livro, a impressão de pequenas tiragens, a possibilidade de falar com o autor no

---

260 COLLEU, 2007, p. 52.
261 *Ibidem*, p. 90.
262 *Cf*. **Declaração dos Editores e Editoras Independentes de 2014**: para manter viva e fortalecer juntos a bibliodiversidade. Disponível em: https://www.alliance-editeurs.org/IMG/pdf/declaracao_internacional_dos_editores_e_editoras_independentes_2014_brazil.pdf. Acesso em: 1 set. 2024.
263 COLLEU, *op. cit.,* p. 109.

momento do lançamento e de conversar com os/as editores/as em feiras são aspectos atraentes nesse setor bastante heterogêneo da edição independente. Mas, quando se fala editor e editora independente, se voltarmos à epígrafe de Elizandra Souza e Débora Garcia, encontramos de fato diversidade e condições mais favoráveis para publicar livros de autoria negra e periférica?

Ao refletir sobre a condição da edição independente no Brasil, é fundamental considerar que as condições de produção de livros são muito variadas e desiguais, especialmente em termos de localização regional, dado a vastidão do país e a concentração editorial no Sudeste, particularmente em São Paulo e Rio de Janeiro. Isso resulta em impactos no âmbito das políticas públicas, algo que será analisado no próximo capítulo. O que se pretende discutir agora é a formação de grupos institucionais entre editores independentes, suas principais características e esferas de atuação, além de entender como essa concentração regional brasileira também se reflete na formação dessas redes de representação.

Novamente retomo Colleu, no que se refere à formação de alianças entre editores independentes. Para ele, existem duas lógicas que imperam na organização de alianças editoriais independentes. A primeira é um tipo de aliança mais fechada, algo que pode colocar em risco a própria aliança por seu hermetismo; a segunda, é uma aliança inclusiva, mais aberta para participações, reúne subgrupos por afinidades. O risco desta, porém, é a dissolução. De todo modo para Colleu, a edição independente é um ato político que não deveria ser esquecido na construção de alianças entre os/as editores/as independente de criação.[264]

Como comentamos na seção anterior, o termo independente é uma construção relacional, móvel. Nesse sentido, o surgimento de órgãos de classe permite a construção de um ator público visível para dialogar com outros órgãos de classe e, sobretudo, para estabelecer um diálogo e pressionar por políticas públicas. Além de influenciar o debate público, a criação de associações permite a construção de eventos, encontros e/ou feiras próprias; além disso, uma socialização de conhecimentos sobre ações de distribuição e de difusão da produção independente. É interessante pensar, nessa perspectiva, o que significa ser independente em tais condições e qual o nível de representatividade negra em um órgão como a LIBRE, cuja pauta central é a defesa da diversidade cultural.

---

[264] COLLEU, 2007, p. 114.

A LIBRE é uma rede de editoras independentes que reúne atualmente 190 editoras associadas, que visam cooperativamente o fortalecimento de seus empreendimentos e a defesa da bibliodiversidade. Conforme apresentação do site da organização, é uma organização privada"

> […] de interesse público, sem fins lucrativos, filiação político-partidária, livre e independente de órgãos públicos e governamentais, constituída em 01 de agosto de 2002, de duração indeterminada, entidade máxima de representação das editoras independentes de todo o Brasil.[265]

O nascimento da Liga Brasileira de Editoras ocorreu em um contexto de entrada de multinacionais no mercado editorial brasileiro, especialmente grandes corporações espanholas, e a criação de enormes grupos editoriais brasileiros (como a Record, a Ediouro, a Companhia das Letras, comprada pela Penguin etc.), cuja prática foi a compra de outras editoras menores, transformando-as em selos, como comentamos anteriormente.

A iniciativa, como explica Muniz Júnior[266], originou-se de uma situação concreta: em 2001, a editora Marta Ribas, cofundadora da Casa da Palavra (editora pela qual saiu o livro de *O negócio do livro*, de André Schiffrin, e que, por ironia, foi comprada por uma grande editora), ao ficar indignada com o alto preço e a localização desfavorável do seu estande – "entre o banheiro e a banca de churros" –, na 10ª Bienal do Livro do Rio de Janeiro, em 2001. Ela conta que listou algumas editoras, entrou em contato com elas e a partir disso organizaram coletivamente, no mesmo ano, uma feira de livros alternativa: a Primavera dos Livros.[267] De acordo com Muniz Júnior, Ribas, catalisou a situação para construir uma narrativa ao mesmo tempo simbólica e política (marcada por oposições como dentro e fora; perto e longe; limpo e sujo) para evidenciar a desigualdade econômica expressa na espacialidade dos estandes do evento, mas que está presente em diferentes feiras literárias pelo país. Esta construção de grupo por oposição também está na escolha do título e da data, ao denominar de Primavera opunham-se "à Bienal do SNEL, realizada em pleno outono".[268]

A Primavera dos Livros nasceu no Rio de Janeiro em 2001 e, a partir do ano seguinte, passou a ocorrer em São Paulo – mas sem a periodicidade da versão

---

265 Conforme a seção "Quem somos?" do site da organização: https://www.LIBRE.org.br/associe-se/. Acesso em: 24 dez. 2024.
266 MUNIZ JÚNIOR, 2016.
267 *Ibidem*, p. 152.
268 *Ibidem*, p. 153.

carioca. Enquanto a versão carioca do evento recebeu patrocínio regular e entrou no calendário da cidade, passando a ocorrer nas regiões centrais, como o Museu da República, no bairro do Catete; em São Paulo esse apoio foi descontínuo, porém, a partir de 2004, o evento integra o calendário de São Paulo, com eventos ocorridos em espaços como Centro Cultural São Paulo, Biblioteca Mário de Andrade, entre outros.[269] A partir de 2016, a feira incorporou uma série de atrações para além da venda de livros, como palestras, debates, mesas redondas. Também passou a ocorrer em outras cidades, como Salvador e Belo Horizonte. E se desdobrou na Primaverinha dos Livros – dedicada ao público infantil e infantojuvenil.[270] Destaca-se que, desde seu início, é um evento gratuito e anual de promoção do mercado literário independente e de venda de livros nem sempre acessíveis em livrarias.

Ao longo do tempo, a popularização das edições da Primavera dos Livros contribuiu para a maior visibilidade da LIBRE e o aumento do número de editoras associadas. Ao mesmo tempo, houve editoras que saíram da entidade por variados motivos. Algumas fecharam as portas, a exemplo da editora Cosac Naif; outras saíram por decisão própria, como as editoras universitárias Edusp, Senac, Unesp, UFRJ. Para Muniz Júnior, uma hipótese para essa saída é que as editoras universitárias já estavam beneficiadas pela Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU), organização criada em 1980, que as colocavam em outra configuração de vantagens políticas, econômicas e de visibilidade. Além disso, para o pesquisador, havia um terceiro grupo de editoras que deixaram a entidade: as chamadas “independentes da velha guarda”, como a Zahar, uma editora de porte médio, que passou a destoar das demais independentes da LIBRE, tanto por passar a se vincular à diretoria do SNEL, quanto por dividir com a Companhia das Letras estandes em edições da Bienal do Livro.[271] Em 2018, um ano bastante crítico para a economia e política brasileira, os editores da Zahar resolveram vender o negócio para a família Schwarcz, com quem possuíam afinidades. Assim, a Companhia das Letras comprou a Zahar, que virou mais um dos diversos selos da gigante editora brasileira, que no mesmo ano virou

---

269 *Cf*. Primavera dos Livros, São Paulo, 2023. *In*: **LIBRE**. Disponível em: https://www.LIBRE.org.br/primaveradoslivros/. Acesso em: 3 set. 2024.
270 MUNIZ JÚNIOR, *2016*, p. 156.
271 *Ibidem*, p. 159-160.

parte de uma transnacional, ao ter 70% de suas ações compradas pelo maior conglomerado editorial do mundo, a Penguin Random House.[272]

Um ano depois da formação da LIBRE, a entidade tornou-se um órgão jurídico, com mandatos bienais, com a possibilidade de uma reeleição. E em 2016, lançou um estatuto no qual escrevem que a missão do órgão é defesa da *bibliodiversidade*, como podemos ler:

> A LIBRE tem por missão: Preservar a bibliodiversidade no mercado editorial brasileiro por meio do fortalecimento do negócio da edição independente e constitui-se como uma rede de editores colaborativos em busca de reflexão e ação para a ampliação do público leitor, do fortalecimento das empresas editoriais independentes, e da criação de políticas públicas em favor do livro e da leitura.[273]

Aqui vale um parêntese. É difícil precisar onde o termo *bibliodiversidade* surgiu. Alguns defendem que seria na Espanha, outros no Chile – locais em que a discussão sobre as alianças entre editores independentes estava ocorrendo simultaneamente e onde o termo começou a circular. Para além das disputas de narrativas, para Muniz Júnior, o neologismo tornou-se eficaz politicamente ao pegar emprestado o respaldo e a legitimidade de pautas em voga naquele momento, como as discussões socioambientais, os movimentos alterglobalização, a defesa da diversidade cultural e o discurso da diversidade, como analisou Michel Nicolau Netto. Basta lembrar que entre o final do século XX e início do novo milênio, tivemos eventos como o Rio-92[274] e um documento da UNESCO favorável à diversidade das expressões culturais, lançado em 2005.[275] Em suma, a analogia era poderosa, assim como era (e é) necessário defender a diversidade socioambiental, tornara-se fundamental defender a diversidade sociocultural de ideias e imaginários pelos livros, tarefas com as quais os editores independentes colocaram-se como defensores diante das monoculturas dos grandes conglomerados editoriais.[276] Feita essa explicação, fechamos o parêntese e voltamos.

---

[272] A Companhia das Letras comprou a Zahar: o que isso significa?, 5 out. 2019. **O Globo**. Disponível em: https://oglobo.globo.com/epoca/coluna-a-companhia-das-letras-comprou-zahar-que-isso-significa-23997291. Acesso em: 4 jan. 2025.

[273] Disponível em: https://www.LIBRE.org.br/quemsomos/. Acesso em: 4 jan. 2025.

[274] Também conhecida como Eco-92, foi uma conferência das Nações Unidas ocorrida no Rio de Janeiro que teve como pauta central a ideia de como construir modos de vida mais sustentáveis de modo a não degradar o planeta.

[275] UNESCO, La Convención sobre la Diversidad de las Expresiones Culturales de 2005. Disponível em: https://www.unesco.org/creativity/es/2005-convention -->

[276] GUIMARÃES, Pablo. Verbete Bibliodiversidade. In: Africanidades e relações raciais ... p.32

Para se associar à LIBRE, o site, além de um formulário de inscrição, indica oito requisitos, a serem cumpridos pelas editoras, que precisam pagar uma taxa mensal:

1. Ser editor independente, não ligado a grandes corporações
2. Ser empresa idônea
3. Não contratar trabalho infantil
4. Adotar práticas empresariais socialmente responsáveis em relação a todos os seus públicos
5. Estar afinado com a missão e a visão da entidade
6. Não ter no catálogo nenhum título que faça a apologia do racismo, do fascismo, do sexismo e da pedofilia ou de qualquer outra forma de violência ofensiva aos Direitos Humanos
7. Aspirar e trabalhar pelo fortalecimento de sua empresa como negócio
8. Comprometer-se com a ação em prol do coletivo.[277]

Nota-se, entre os princípios acima, uma série de aspectos éticos e econômicos a serem cumpridos pelas editoras. Alguns itens são bastante genéricos; enquanto outros são bem específicos. O primeiro deles remete ao que é considerado a premissa básica da edição independente – não ser parte de uma grande corporação. Na sequência, temos prerrogativas trabalhistas – ser idôneo, não reproduzir trabalho infantil. Quanto aos valores éticos no catálogo, o item 6 se destaca: as casas editoriais não devem publicar obras que reproduzam opressões, como o racismo, o sexismo, a pedofilia, entre outras práticas contrárias aos Direitos Humanos. Esses grandes valores éticos permitem que as editoras associadas construam uma vitrine de respaldo ético e de boas intenções. Assim, ao subscreverem à LIBRE, a priori, transformam-se em um ator político coletivo a partir desses capitais simbólicos locais e globais transformados em princípios editoriais.

Uma vez associada, a organização coloca como benefícios, aspectos econômicos, políticos e formas de sociabilidade que envolvem a troca de saberes. Entre as vantagens econômicas, por exemplo, informa que oferece descontos para participação em feiras, online e presenciais, nos principais eventos ligados ao livro e, também, os promovidos pela LIBRE (“Primavera Literária”, “Primaverinha dos Livros”, “Casa LIBRE na FLIP”, “Esquenta”, e edições da “Primavera Literária” realizadas em grandes e pequenas cidades”). Em termos profissionais e políticos, coloca como vantagem a possibilidade de aperfeiçoamento profissional do/a editor/a, a partir do treinamento e capacitação; a defesa da lei do preço fixo – instituída em outros países, como os Estados Unidos e a França, mas que no Brasil tramita no Senado por meio

[277] Disponível em: https://www.libre.org.br/associe-se/. Acesso em: 4 jan. 2025.

do Projeto de Lei “Política Nacional do Livro e Regulação de Preços” (PL 49/2015), de autoria da Senadora Fátima Bezerra (PT/RN).

Conforme Muniz Júnior, a LIBRE, a partir de 2003, ganha visibilidade e passa a ser um ator no conjunto dos órgãos de classe e a ser convidada para reuniões com outros órgãos do setor e o governo para negociar por políticas públicas. Ainda de acordo com o pesquisador, a conjuntura do primeiro governo Lula era favorável, e ele lembra que essa disposição de influenciar no jogo das políticas públicas já estava na primeira edição da Primavera dos Livros, quando a entidade publicou uma carta pública.[278] Assim, além da defesa de uma lei do preço comum, a entidade afirma que:

> Uma das grandes conquistas da LIBRE foi a inserção do conceito da *Bibliodiversidade* para nortear a confecção de editais de compra, licitação, pregões e outras compras governamentais, de modo a diluir as verbas públicas e apoios ao setor do livro de modo equitativo entre editoras de múltiplos portes comerciais.[279]

A bibliodiversidade é um dos focos do Plano Nacional do Livro (PNL) e do Plano Nacional de Leitura e Literatura (PNLL), sua efetividade como política pública é bastante importante e será discutida no próximo capítulo, assim como outras políticas setorizadas para o livro e leitura.

A pauta de políticas de fomento mais equitativas é uma dimensão bastante importante e a atuação da LIBRE em nível internacional, especialmente quando ela se filia à Aliança Internacional de Editores Independentes (AIEI), organização sediada em Paris que reúne editores e editoras independentes de todo mundo e suas respectivas organizações. Esta organização, ao produzir uma série de documentos – a exemplo das declarações de Dakar (2003), Guadalajara (2005), Paris (2007) e Cidade do Cabo (2014), inclusive foi a responsável (como já mencionamos) por lançar o, anteriormente citado, livro de Gilles Colleu para municiar as organizações de editores independentes de outros países. Vale destacar que a França, especialmente Paris, constitui-se como um dos polos de articulação cosmopolita da produção intelectual e política da edição independente, cujo foco é tanto refletir sobre “o tema da edição independente em articulação com a temática da diversidade cultural de modo a ‘intervir nos rumos das políticas públicas voltadas a essas questões’”.[280] Muniz Júnior destaca que Paris é também sede da UNESCO, e que frações intelectuais

---

278 MUNIZ JÚNIOR, 2016, p.168.
279 Disponível em: https://www.LIBRE.org.br/servicos/. Acesso em: 7 jan. 2025.
280 MUNIZ JÚNIOR, *op. cit*., p. 92.

autodenominadas independentes vão utilizar o poder dessa organização internacional de direcionar políticas para fazer uma atuação em âmbito internacional para engajar-se na defesa da diversidade cultural (e nomes correlatos, como bibliodiversidade e cinediversidade) no plano das disputas políticas travadas pelos movimentos sociais que vão propor outras formas de globalização e mundialização da cultura.[281]

Por outro lado, não se pode esquecer que o tema da diversidade cultural como resposta ética e política no Brasil tem uma carga simbólica ambígua, pois, facilmente pode evocar simbologias afeitas ao discurso da democracia racial, com a qual se construiu a moderna identidade nacional brasileira nos anos 1930, e foi desconstruída (ao menos intelectualmente) nos anos 1960, por Florestan Fernandes, e pela produção intelectual, cultural e política dos movimentos sociais negros, que desde os anos 1980, operararam um corte epistêmico e político com a ideia de diversidade, para reivindicar no âmbito da educação políticas diferencialistas. Entre essas, destaca-se já na virada do milênio a implementação da Lei 10.639, de 2003, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio. Essa lei incluiu dois artigos (26-A e 79-B) na Lei de Diretrizes e Bases da educação brasileira[282]. A Lei 10639/03 foi alterada cinco anos depois, por mobilização do movimento indígena, pela Lei 11.645, para a inclusão da obrigatoriedade da história e cultura indígena.[283]

Essa discursividade da diversidade cultural pode ser representada de uma maneira enfática, por exemplo, na Feira do Livro de 2023, ocorrida entre 7 e 11 de junho de 2023, na praça Charles Muller, no bairro elitizado de Higienópolis, em São Paulo, onde fiz pesquisa de campo nos três dias do evento. Ao chegar lá, o visitante podia pegar uma publicação da revista Quatro Cinco Um, especial para o evento com matérias e toda a programação. A matéria de capa trazia atenção para a tônica do evento – a diversidade de autores, obras e editoras – a partir do título “Poli Mista – pensadores e autores de vários cantos se encontram para debater livros e ideias”,

---

281 MUNIZ JÚNIOR, 2016, p. 102.

282 A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, previa que a disciplina de história deveria abarcar a diversidade étnica e cultural brasileira. Essa premissa, no entanto, além de restrita a uma disciplina, não tinha a contundência de se nomear o racismo e desfazer politicamente a ideia de harmonia racial da identidade nacional. Sobre isso, *Cf*. SOUZA FILHO, Vinebaldo Aleixo de. Literatura e Descolonização do currículo escolar: um diálogo com autores(as) negros(as). *In*: Afrikas: histórias, culturas e educação. 1. ed. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2019, p. 327-366.

283 Porém, tanto na lei de 2003 quanto em sua atualização de 2008, não se incluiu a obrigatoriedade nos estabelecimentos de ensino da educação básica e no ensino superior para os cursos de formação de professores, as licenciaturas, criando-se uma demanda de formação docente até hoje não implementada.

com destaque para presenças no evento como Davi Kopenawa (escritor e liderança Yanomami), Antonio Bispo dos Santos (pensador quilombola); Jericho Brown (poeta negro estadunidense) e Geni Guimarães (poeta negra brasileira); ficcionistas como Itamar Vieira Junior e Ana Maria Gonçalves, Abdellah Taïa (escritor marroquino), entre outros escritores brasileiros e de outras nacionalidades, com destaque para a socióloga negra estadunidense Patricia Hill Collins. Esse folheto destacava ainda a *bibliodiversidade* dos 130 expositores: “Das editoras quilombolas, periféricas e independentes aos grupos editoriais, das livrarias de bairro às grandes redes, além de outras instituições ligadas ao livro e a leitura”.

Dos grandes grupos, aliás, participaram da feira, por exemplo, a Planeta, a Harper Collins, os grupos editoriais Companhia das Letras e Record, editoras consideradas independentes como UBU, Veneta, Morro Branco, Lote 42, Jabuticaba; e editoras universitárias, como Unesp e Unicamp, as editoras especializadas na produção negra e periférica, como a Malê, Kitembo, Ciclo Contínuo, Patuá, Oralituras, além de diversas livrarias (Megafauna, Martins Fontes, Livraria da Vila).

O que percebi caminhando pelos estandes é que embora não houvesse nenhum estande entre “a banca de churros e o banheiro”, a posição espacial dos estandes, organizado no formato de círculo, privilegiou as grandes editoras brasileiras e multinacionais, que estavam concentradas na parte mais próxima da entrada, e/ou com estandes maiores e mais visíveis. Seria a diversidade apenas um nome figurativo da Feira?

No entanto, na programação a ideia de celebrar a diversidade de fato se concretizou, com a presença de autores e obras de diferentes países, sexualidades e racialidades nos estandes e em uma intensa programação. Ao longo dos cinco dias do evento, subiram ao palco no centro da feira para debater ou lançar seus livros, em diversos horários, poetas, artistas, ficcionistas e intelectuais, como Laerte, Luiz Antonio Simas, João Silvério Trevisan, Aline Motta, Esmeralda Ribeiro, Eliane Marques, Geni Guimarães. Muitos desses nomes, estão atualmente no catálogo das grandes editoras, porém há nomes como Hill Collins (Boitempo), Nego Bispo (UBU), Itamar Vieira Junior (Todavia), que lançaram livros recentes por essas editoras três editoras consideradas “independentes”, porém entre essas, e uma ampla faixa de editoras também denominadas de “independentes”, mas menores e com um catálogo menos premiado ou conhecido, há uma grande diferença de visibilidade, aporte financeiro e vendagens.

Nesse sentido, embora a presença de autorias negras tenha sido frequente em todas as editoras e na programação, no plano editorial, a autodefinição como “independente” não pode ser tomada como um critério único de análise, pois, como já comentamos, esse rótulo se difunde justamente por ser bastante genérico e heterogêneo.

Em termos espaciais e discursivos, é possível apontar um paralelo entre a Feira do Livro de 2023 da Pacaembu e as editoras associadas à LIBRE. No site da entidade é possível ter acesso a todas as editoras associadas e sua localização geográfica. Ao todo ela computa 195 editoras vinculadas, que representam cerca de 26% do conjunto de 740 editoras existentes no Brasil, conforme dados fornecidos pelo site da organização.[284] Um ponto que gostaria de destacar é a concentração geográfica das casas editoriais associadas ao órgão, como se vê na Tabela 2 abaixo:

Tabela 2 – Editoras associadas à LIBRE por Região e Estado

Região	**Número de editoras associadas**	**Porcentagem**
Sudeste	**172**	**88, 21%**
Espírito Santo	2	
Minas Gerais	18	
Paraná	2	
Rio de Janeiro	60	
São Paulo	92	
Região Sul	**11**	**5,64%**
Paraná	2	
Rio Grande do Norte	1	
Rio Grande do Sul	5	
Santa Catarina	3	
Nordeste	**10**	**5,13%**
Alagoas	1	
Bahia	7	
Ceará	1	
Piauí	1	
Centro oeste	**2**	
Goiás	1	
Mato Grosso	1	**1,03%**
Norte	**0**	**0%**
Total	**195**	**100%**

Fonte: elaborada pelo autor.[285]

[284] Esses dados podem variar ao longo do tempo, conforme estudos do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) ou da Câmara Brasileira do Livro (CBL).

[285] A partir da lista de associadas, oferecida pela LIBRE em seu site, disponível em: https://www.LIBRE.org.br/lista-de-associadas/. Acesso em: 19 jun. 2024.

Nota-se, assim, uma concentração das editoras associadas à LIBRE na região Sudeste. Do total de 195 editoras associadas, 162 estão entre São Paulo e Rio de Janeiro. É significativo, além disso, que não exista nenhuma editora associada à entidade da região Norte do país. Esse dado reflete a própria concentração da indústria do livro, centralizada entre as capitais carioca e paulista, como dissemos anteriormente.[286] Mais do que uma concentração geográfica no Sudeste das editoras associadas à LIBRE, presente em outros órgãos de classe do setor, há uma concentração da representação política da entidade, como destaca Muniz Júnior:

> Todo histórico de gestores da LIBRE se caracteriza por duplas São Paulo-Rio de Janeiro – exceto pela segunda gestão e Haroldo Ceravolo Cereza, proprietário da Paulistana Alameda, já vice-presidente foi Gláucia Gonçalves, da belo-horizontina UniDuni. Embora a sede jurídica se localize no Rio, é no escritório de São Paulo onde se estabelece a estrutura burocrática da entidade (primeiro como um anexo as instalações da Estação Liberdade, do então presidente Angel Bojadsen, e depois com uma sede cópia e uma pequena equipe de apoio).[287]

Se olharmos para a representação política do órgão de 2002 a 2017, do ponto de vista da bibliodiversidade, um valor maior do órgão, encontramos editores independentes com linha editorial com um catálogo relevante em termos de quantidade e qualidade de autorias negras em seus catálogos; a exceção é a editora Pallas, do Rio de Janeiro. Fundada em 1975, por Antonio Carlos Fernandes, no Rio de Janeiro, é uma das iniciativas pioneiras na publicação de autores negros, como Conceição Evaristo, Nei Lopes, entre outras/os.

Sua atual diretora, parte da segunda geração de editores da casa, é Cristina Fernandes Warth, uma mulher branca. Ela assumiu a representação política da LIBRE duas vezes. Primeiro, como vice-presidente, entre 2003 e 2005, quando o presidente foi Angel Bojadsen, da editora Estação Liberdade de São Paulo; e depois como presidente, entre 2009 e 2011, quando a vice-presidente foi Eliana Sá, da Sá Editora do Rio de Janeiro.[288] Além disso, do ponto de vista étnico de seus editores, nenhum representante editor ou editora mulher negro/a assumiu a representação política do

---

[286] A este respeito, ver, por exemplo, OLIVEIRA, Luiz Henrique; RODRIGUES, Fabiane Cristiane. **Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra brasileira**. Rio de Janeiro: Malê, 2022; e MUNIZ JÚNIOR, 2016.

[287] MUNIZ JÚNIOR, 2016, p. 175.

[288] A Pallas Editora foi fundada por Antonio Carlos Fernandes, no Rio de Janeiro, em 1975. É considerada uma das iniciativas pioneiras na publicação de obras sobre a temática étnico-racial e de escritores(as) negros(as) brasileiros(as), como Conceição Evaristo e Nei Lopes, além de autores estrangeiros, como os ficcionistas Ondjaki e Teresa Cárdenas, de Angola e Cuba, respectivamente. *Cf*. "Pallas Editora" *In*: **Portal Literafro**. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/editoras/1799-pallas-editora. Acesso em: 8 abr. 2020.

órgão até o momento atual. Vejamos a seguir o histórico de gestões da entidade presentes na tese de Muniz Júnior.[289]

Figura 1 – Composição das gestões da LIBRE

2002-2003	Presidente: Camila Perlingueiro, Pinakotheke (RJ) Vice-presidente: Aluizio Leite Neto, Editora 34 (SP)
2003-2005	Presidente: Angel Bojadsen, Estação Liberdade (SP) Vice-presidente: Cristina Warth, Pallas (RJ)
2005-2007	Presidente: Araken Gomes Ribeiro, Contra Capa (RJ) Vice-presidente: Mary Lou Paris, Terceiro Nome (SP)
2007-2009	Presidente: Renata Farhat Borges, Peirópolis (SP) Vice-presidente: Gláucio Cunha Cruz Pereira, Quartet (RJ)
2009-2011	Presidente: Cristina Warth, Pallas (RJ) Vice-presidente: Eliana Sá, Sá Editora (SP)
2011-2013	Presidente: Haroldo Ceravolo Cereza, Alameda Editorial (SP) Vice-presidente: Gláucio Cunha Cruz Pereira, Quartet (RJ)
2013-2015	Presidente: Haroldo Ceravolo Cereza, Alameda Editorial (SP) Vice-presidente: Gláucia Gonçalves, UniDuni (MG)
2015-2017	Presidente: Raquel Menezes, Oficina Raquel (RJ) Vice-presidente: Joana Monteleone, Alameda Editorial (SP)

Fonte: MUNIZ JÚNIOR, 2016.

Embora a entidade enfatize em seu estatuto a defesa da bibliodiversidade no mercado editorial brasileiro[290], é crescente, porém minoritária, a presença de editoras negras e/ou periféricas entre suas associadas. A propósito, a tese de Muniz Júnior possui uma passagem em que Eduardo Lacerda, editor associado à LIBRE e diretor de uma importante editora independente de São Paulo, a Patuá (criada em 2011), critica a LIBRE tanto pela sub-representação de editoras independentes fora do eixo hegemônico, Rio de Janeiro–São Paulo, quanto pela ausência de editoras orientadas para a publicação de autorias negras e periféricas das grandes cidades brasileiras.[291] Quando Muniz Júnior defende sua tese, em 2016, no rol das associadas da LIBRE, havia a LiteraRua – coletivo de autores e produtores de São Paulo, formalizada em 2002[292] –, como uma das poucas representantes das autorias negras e periféricas.

---

289 MUNIZ JÚNIOR, *op. cit*., p.175.

290 "Art. 1º - A Liga Brasileira de Editoras (LIBRE) é uma rede de editores independentes que trabalha cooperativamente pelo fortalecimento de seus negócios, do mercado editorial brasileiro e da bibliodiversidade." *In*: LIGA BRASILEIRA DE EDITORAS – LIBRE. **Estatuto da Liga Brasileira de Editoras**. Disponível em: https://www.libre.org.br/quemsomos/. Acesso em: 22 dez. 2024.

291 MUNIZ JÚNIOR, 2016, p. 176.

292 Sobre a LiteraRua, *Cf*.: https://www.literarua.com.br/quemsomos. Acesso em: 2 set. 2024.

De lá para cá, a lista de associadas da entidade ficou um pouco mais diversa. Nesse sentido, além das editoras citadas acima, temos as seguintes editoras com catálogo exclusivo ou especializado em autorias negras e/ou periféricas:

Tabela 3 – Editoras Negras e/ou Periféricas Associadas à LIBRE

Editora	Fundador/a	Localização	Criação
LiteraRua	Criação coletiva	São Paulo, SP	2002
Nandyala Livraria & Editora	Iris da Costa Amâncio e Margarida de Carvalho Rocha	Belo Horizonte, MG	2006
Ciclo Contínuo	Marciano Ventura	São Paulo, SP	2009
Aziza	Luciana Soares da Silva	São Paulo, SP	2011
Me Pariú Revolução	Criação coletiva[293]	São Paulo, SP	2012
Malê Editora e Produtora Cultural	Vagner Amaro e Francisco Jorge	Rio de Janeiro, RJ	2015
Figura de Linguagem	Luiz Maurício Azevedo e Fernanda Bastos	Porto Alegre, RS	2018

Fonte: elaborado pelo autor.

Como se vê na tabela 3, cresce o número de editoras com foco na literatura negra e/ou periférica, nesse recorte a maioria é de São Paulo, sendo que Rio de Janeiro, Porto Alegre e Belo Horizonte aparecem com apenas uma editora cada. Nas demais regiões, nenhuma. Ademais, é eloquente a ausência na LIBRE de uma editora como Maria Mazarello, fundadora da editora Mazza Edições, em 1981, em Belo Horizonte, portanto fora do eixo hegemônico editorial. Mazarello é uma mulher editora que está entre as pioneiras a dirigir uma casa editorial voltada para a publicação de autorias negras no Brasil, ela mesma sendo uma mulher negra. Sua trajetória editorial de mais de quatro décadas a coloca como uma editora independente, antes mesmo da popularização e politização do termo a partir dos anos 1990. Sua não vinculação à LIBRE, o principal órgão brasileiro que se propõe a representar e defender os interesses dos negócios editoriais independentes do ponto de vista da bibliodiversidade, mantém pertinentes as críticas feitas pelo editor da Patuá, Eduardo Lacerda. É expressivo também que esta seja uma editora mulher negra, dimensão pouco presente também no órgão.

[293] Formado no Parque Bristol, zona sul de São Paulo, em 1º de setembro de 2013, Me Pariú Revolução é um selo editorial formado por mulheres negras e periféricas: "Tem como objetivo principal garantir o acesso ao livro e à leitura", Conforme o catálogo organizado pela Ong Ação educativa. Disponível em: https://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2020/12/CPL-2020_201207b.pdf. Acesso em; 4 jan. 2025.

Chegou a hora de analisar quais outras organizações e formas de se articular a incidência aparecem, quando não outras categorias de identidade e opressão colocam-se em articulação, como a territorialidade, raça, gênero e classe se misturam na experiência de editoras especializadas em autores negros e periféricos. Podemos ter como hipótese aqui que a mobilização da noção de independência aparece com outros sentidos e a defesa da categoria diversidade cultural precisa ser radicalizada para se pensar questões como racismo, sexismo e classismo.

3.3 Editoras negras e independência editorial

Em que medida a noção de independência editorial é mobilizada, *dá sentido e faz sentido* para as editoras negras aqui pesquisadas? Como politizam esse rótulo em seus projetos estéticos, éticos e políticos de suas editoras? Quais possíveis alianças estabelecem? Para essa parte do capítulo, utilizei como fonte prioritária artigos, livros e entrevistas, que em sua maioria foram realizadas por outros/as pesquisadores/as, ou seja, fontes secundárias de pesquisa, uma vez que na tentativa de ir a campo entrevistar os próprios publicadores, esbarrou em alguns entraves, como a pandemia de Covid-19, a não respostas aos pedidos de e-mail ou telefone para agendar entrevista, com exceção de Vagner Amaro, que me concedeu uma entrevista por videochamada.

No guarda-chuva do termo independente aplicado ao mercado editorial cabem muitos tipos de editoras, desde o livro impresso autoeditado, a publicação vendida de mão em mão de uma recém-criada microeditora[294] ou de editoras pequenas e médias, com propostas, aportes financeiros e tempo de existência muito diversos. Em sua forma de politização é que se associou a essas editoras a noção de defesa da diversidade cultural de obras e livros, bibliodiversidade. Como vimos, no caso das associadas à LIBRE, essa diversidade é limitada, embora crescente. Há, por exemplo, editoras como a UBU e a Darkside Books, conhecidas pela qualidade gráfica de seus livros; editoras com longa trajetória, com linhas editoriais distintas, como a Pallas e a Editora 34, assim como editoras mais recentes e voltadas para a produção literária

[294] MAGALHÃES, Flávia Denise de. A independência de cada um: uma análise das definições de publicadores de Belo Horizonte para o termo. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 41, 2018. **Anais** [...], Joinville: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018, p.01.

negra e periférica, como as editoras negras de São Paulo Ciclo Contínuo Editorial (2009) e a Aziza (2011). Estas possuem a peculiaridade de serem casas editoriais recentes, cuja particularidade também é serem dirigidas por pessoas negras, vide a Tabela 3. De todo modo, como comentamos no capítulo anterior, a presença de autorias negras e periféricas e suas intersecções de gênero e localização, por exemplo, passam a ser mais reconhecidas. Mas, do ponto de vista do discurso da independência editorial, qual o cenário para essas autorias que historicamente estiveram à margem?

3.3.1 A Câmara Periférica do Livro

Diante da efervescência e ao mesmo tempo dificuldade para produzir, circular a produção literária nas periferias de São Paulo, em 2020 a ONG Ação Educativa – a partir de um projeto do ProAC e Economia Criativa junto à Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo – organizou um projeto que originou a Câmara Periférica do Livro (CPL) – rede de editoras e selos editoriais atuantes e/ou situados nas periferias da Capital e grande São Paulo[295], além de uma editora de Belém, no Pará.

O projeto envolveu diversas ações: como a criação de fóruns para discussão e compartilhamento de conhecimentos, experiências, oportunidades e desafios para se publicar, divulgar e comercializar de maneira independente livros impressos de maneira independente. Também, a criação de um catálogo com o perfil de 17 editoras e selos editoriais (que de início integraram o projeto), a partir de um estudo que coletou as principais características e desafios desses empreendimentos.[296] As editoras Ciclo Contínuo, LiteraRua e Edições Me Pario Revolução, também associadas à LIBRE, estão presentes nesse estudo e integram a CPL. O site da Ação Educativa informa que 26 editoras/selos editoriais compõem a CPL, porém em um cartaz distribuído na Feira do Livro de 2023, há a indicação de 29 editoras. Há, portanto, indício de uma variação dos integrantes ou mesmo uma informação não atualizada no site da ONG.

---

[295] No site da Ação Educativa, há a indicação de 26 editoras, mas em um cartaz distribuído na Feira do Livro de 2023, há a indicação de 29 editoras.

[296] Esse perfil, lançado em 2020, está disponível para download, disponível em: https://acaoeducativa.org.br/publicacoes/catalogo-2020-camara-periferica-do-livro/. Acesso em: 4 jan. 2025.

Tabela 4 – Editoras e Selos Vinculados à Câmara Periférica do Livro

Editora	Articulador	Bairro
Baderna Literária/Conecta Brasil	Carol Peixoto	Pirituba
Editora Benfazeja	Wellington Souza	Brasilândia
Academia Periférica das Letras	Gonzaga	Campo Limpo
Em busca das artes	Renato Gonda	Embu das Artes
Borboleta Azul	Marcelo Antunes	Cachoeirinha
Ciclo Contínuo Editora	Marciano Ventura	Cangaíba
Edições do Tietê	Paulo Dauria	Vila Sabrina
Edições Me Pario Revolução	Dinha (Maria Nilda C. Mota)	Jardim São Savério
Edições Mjiba	Elizandra Souza	Grajaú
Editora Areia Dourada	Josué Gonçalves	Freguesia do Ó
Editora Letras Periféricas	Preto Michel	Belém (PA)
Editora Dandara	Juninho (Joselicio Freitas dos Santos Júnior)	Embu das Artes
Editora e Gráfica Heliópolis	Paulo Cesar Marciano	Heliópolis
Editora LiteraRUA	Toni Carlos	Bairro do Limão
Editora Selo Sarau do Binho	Helena Silvestre	Campo Limpo
Elo da Corrente Edições	Michel Yakini	Pirituba
Filoczar	Cesar Mendes	Parque Santo Antonio
Kitembo – Edições Literárias	Israel (mano Réu)	Brasilândia
Selin Trovoar	Ni Brisant	Jardim São Luiz
Selo Capsianos	Alessandra Silva	Grajaú
Vicença	Arlete	Campo Limpo
Edições PB	Paulo Batista	Campo Limpo
Edições do Burro	Daniel Minchone	Butantan
Editora Txai	Helena Silvestre	Capão Redondo
Editora Alquimia	Cristiano Augusto	Jardim Ângela
Editora Cosmos	Sergio Reis	Campo Limpo

Fonte: elaborado pelo autor

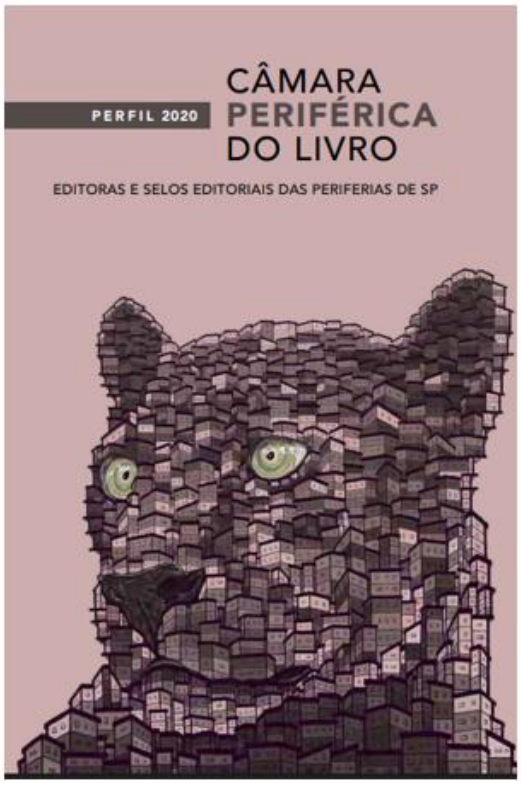
A CPL foi criada para fortalecer a cena de micro e pequenos editores independentes periféricos, como diz uma matéria da Ação Educativa:

> Sem espaço em livrarias e impossibilitados de arcar com descontos extorsivos das grandes plataformas de venda online, as editoras e editores da periferia vendem seus livros de mão em mão e nos eventos. Com a pandemia, essa principal forma de venda se inviabilizou. Por meio da articulação da Rede Câmara Periférica do Livro, a Ação Educativa tem apoiado esses empreendimentos em ações coletivas de venda governamental, na estruturação de uma loja virtual e vendas coletivas em eventos ou compras privadas.[297]

[297] Disponível em: https://acaoeducativa.org.br/projeto/cpl-camara-periferica-do-livro/. Acesso em: 4 jan. 2025.

Vale observar que, no caso acima da Câmara Periférica do Livro, a noção de independência editorial está associada à territorialidade e à produção às margens de São Paulo. Existe uma identidade mais homogênea de grupo na CPL, se comparada à LIBRE, na qual podemos supor que não só as grandes corporações editoriais são o oposto, mas o próprio mercado editorial brasileiro como um todo, o qual historicamente foi dominado por uma visão hegemônica, branca, masculina, de classe média e centrada no eixo Rio-São Paulo, ao menos se considerarmos a produção de romances, conforme a pesquisa de Regina Dalcastgnè.[298]

Figura 2 – Reprodução da capa de livro da Câmara Periférica do Livro



Fonte: Ação Educativa.

Por outro lado, uma questão que ultrapassa a produção das escritas periféricas e negras, mas que apresentam efeitos estruturais de assimetria, é o fato de a maioria de seus autores serem homens, acadêmicos ou que exercem profissão correlata, e cuja publicação é realizada na região Sudeste. Basicamente esta é a síntese da pesquisa realizada por Luiz Henrique Oliveira e Fabiane Rodrigues no livro *Trajetórias*

[298] *Cf*. DALCASTAGÈ, Regina. A personagem negra na literatura brasileira contemporânea. *In*: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, v. 4, p. 312.

editoriais de autoria negra brasileira. Ao estudarem as produções de autores negros nos gêneros conto, poesia, romance e não ficção de autores literários, concluíram que:

> É importante destacar, também que, nos quatro gêneros estudados existe uma concentração de publicações na região sudeste especialmente no eixo Rio - São Paulo. Nas publicações individuais de cada um dos gêneros, a quantidade de publicações na região sudeste sempre ultrapassa 70% do valor total, um dado preocupante e que explicita como os campos editorial e económico se relacionam profundamente, de modo que há uma correspondência entre o acúmulo de renda que o acúmulo de publicações.[299]

Para além desse aspecto estrutural do mercado editorial brasileiro, note-se que, embora seja uma forma de organização mais homogênea em termos de linhas editoriais e localização geográfica, a Câmara Periférica do Livro se articulou com a LIBRE para promover junto à 9ª Primavera dos Livros, ocorrida em São Paulo em 2024, a 3ª edição do Livro Periférico. Para Eleílson Leite, responsável pela CPL e coordenador da área de cultura da Ação Educativa:

> Realizar a terceira edição da Feira do Livro Periférico junto com a Primavera dos Livros será um grande estímulo para as mais de 30 editoras que estão articuladas na CPL. [...] Será um espaço de troca e aprendizado com quem está na batalha do livro há muito mais tempo do que nossas editoras periféricas, a maioria constituída nos últimos dez anos.[300]

Eleílson Leite, na reportagem citada, fala em “mais de 30 editoras” que compõem a CPL, o que indica que os números do site da Ação Educativa podem estar desatualizados ou mesmo que exista uma oscilação das casas editorais que integram essa rede. De todo modo, diante dessa construção histórica nas frestas do mercado editorial, o movimento de autoedições (no qual as antologias tiveram papel central) e as potências da literatura periférica falada, a CPL traça uma linha do tempo que inventa uma tradição da margem na qual insere a produção da própria CPL como “uma terceira onda do movimento literário periférico, precedido primeiro da formação de leitores por meio dos saraus e depois da formação de escritores revelados nas antologias desses saraus publicadas com o apoio de editais públicos”.[301]

É importante frisar que antes dessas “ondas” citadas por Eleíson Leite, houve uma primeira e essencial: o movimento da literatura marginal e periférica. Seu estopim

---

299 OLIVEIRA, Luiz Henrique; RODRIGUES, Fabiane Cristiane. **Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra brasileira**. Rio de Janeiro: Malê, 2022, p. 196.

300 *Cf*. 9ª Primavera dos Livros de São Paulo vai receber mais de 50 editoras. *In*: **Publishnews**. Redação, 6 ago. 2024. Disponível em: https://www.publishnews.com.br/materias/2024/08/06/9-primavera-dos-livros-de-sao-paulo-vai-receber-mais-de-50-editoras. Acesso em: 3 set. 2024.

301 Disponível em: https://acaoeducativa.org.br/projeto/cpl-camara-periferica-do-livro/. Acesso em: 4 jan. 2025.

ocorreu quando o escritor paulistano Ferrez, colaborador da revista Caros Amigos, organizou as três antológicas edições de Caros Amigos/ Literatura Marginal, em 2001, 2002 e 2004. Essas publicações são consideradas o marco inicial desse movimento literário, que, cada vez mais reconhecido, gerou uma diversidade de obras, selos, cursos, debates, editoras e intervenções culturais, que dinamizaram a literatura brasileira, com ativistas-intelectuais multifacetados, como Sacolinha (Ademiro Alves Souza), Allan da Rosa, Rodrigo Ciríaco, Elizandra Souza, entre outros(as).[302]

Nesse breve perfil da CPL, nota-se que a troca de conhecimentos, o mapeamento das dificuldades, a construção de uma linhagem histórica vinculada a uma singularidade estética, territorial e racial, fazem com que o termo editoras independentes por si só não seja suficiente para abarcar a experiência editorial das editoras e selos que compõem essa rede. A este propósito, vale indicar o protagonismo feminino, sobretudo negro, tanto na produção literária periférica, quanto negra.

Uma publicação que traz todos esses elementos é *Publica, Preta! Manual de Publicação independente*, projeto realizado pelo Sarau das Pretas, coletivo artístico-literário com forte atuação na cena cultural das periferias de São Paulo, protagonizado por Jô Freitas, Taisson Ziggy, Débora Garcia e Elizandra Souza. O projeto recebeu incentivo do Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais (VAI)[303], e incluiu uma série de ações formativas, *lives*, oficinas e a escrita desse livro impresso, que tem como autoras Debora Garcia e Elizandra Souza.[304] Débora Garcia é uma escritora, editora e produtora cultural, idealizadora do Sarau das Pretas e Elizandra Souza é jornalista, editora do coletivo Mijiba e integra o Sarau das Pretas.

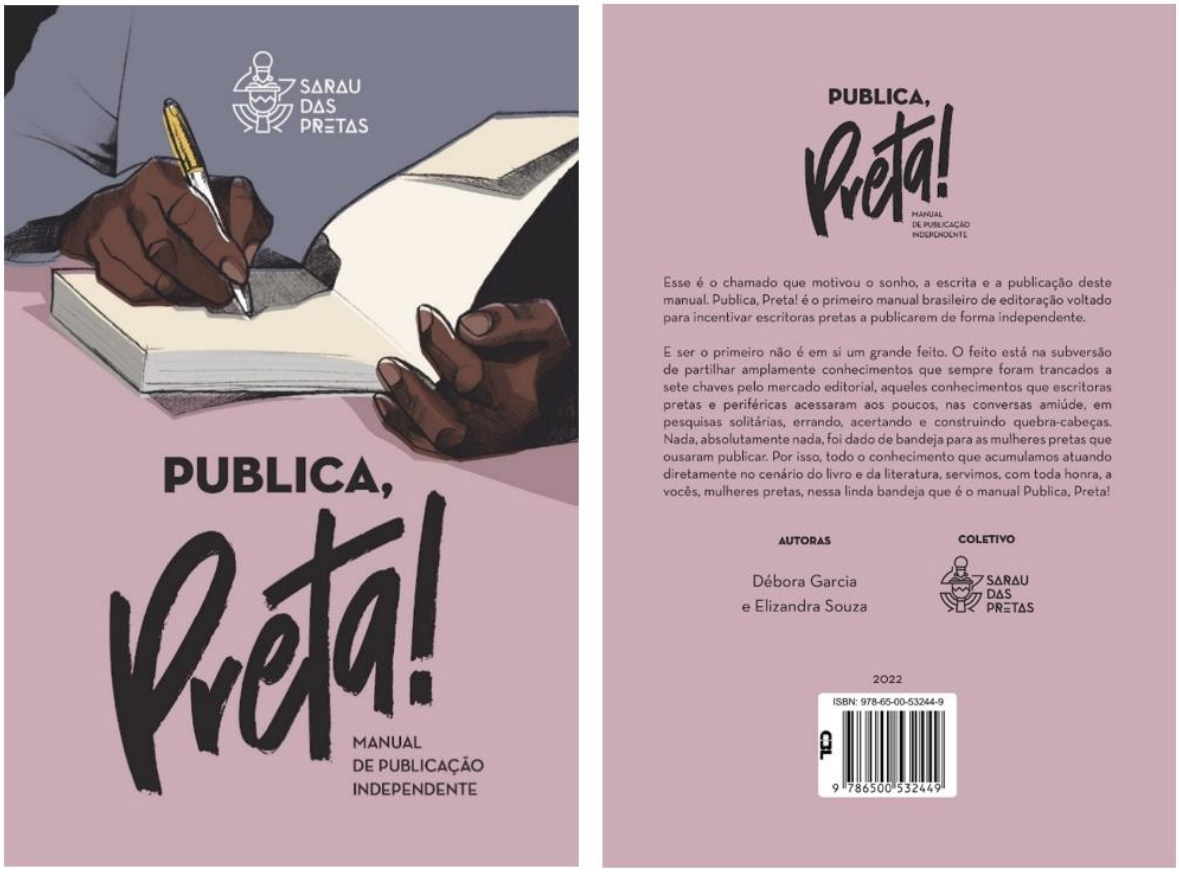
---

302 São diversos os estudos sobre o movimento, ver, por exemplo: NASCIMENTO, Érica Peçanha do (2006). Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo; e SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **A descoberta do Insólito:** literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000). 2. ed. 2023.

303 Sobre o VAI: “Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais (VAI), foi criado em 2003 para apoiar financeiramente coletivos culturais da cidade de São Paulo, principalmente de regiões com precariedade de recursos e equipamentos culturais. Organizados sob duas modalidades, contempla grupos de jovens iniciantes e grupos de jovens e adultos com experiência comprovada de no mínimo 2 anos” Disponível em: https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/projeto/679/. Acesso em: 4 jan. 2025.

304 *Cf*. GARCIA; SOUZA, 2022, p.15-16.

Figura 3 – Capa e contracapa da obra Publica, Preta!



Fonte: LiteraRua

Por mais que as autoras negras publiquem há mais de dois séculos, “contraditoriamente, sempre que uma escritora preta na contemporaneidade é projetada é apresentada como se fosse a primeira e única. Esta é a famosa armadilha do ‘epistemicídio’” [305], afirmam as autoras de *Publica, Preta!* Por isso, o foco da obra é “instrumentalizar e incentivar mulheres pretas a publicar”[306], para que mais mulheres pretas publiquem e consigam driblar os bloqueios e silenciamentos do mercado editorial brasileiro.

Em contraposição ao *epistemicídio* e ao que já vimos como prática da recepção insólita da produção literária negra e marginal e periférica[307], as autoras apresentam um histórico de como as publicações negras são herdeiras de uma longeva luta antirracista expressa por entre letras e organizações político-culturais. Por isso, destacam a importância do movimento negro; o papel estratégico das antologias

305 GARCIA; SOUZA, 2022, p.35.
306 *Ibidem*, p.16.
307 *Cf*. SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **A descoberta do insólito**: literatura negra e periférica no Brasil (1960-2020). 2. ed. Revista e Ampliada. São Paulo: Edições Sesc, 2023.

autoeditadas coletivamente desde os anos 1980, como as realizadas pelos *Cadernos Negros*; a importância do movimento hip hop e da cena de saraus periféricos. Em seguida, detalham o que é um livro impresso, as partes que o compõem. E nas duas partes finais (capítulos 4 e 5), explicam o passo a passo do "processo editorial" e fornecem dicas para as mulheres pretas publicarem de forma independente.

Nesse ponto, discutem quais as melhores estratégias, se editar por uma editora ou fazer a autoedição. Para as autoras, embora o investimento para a autoedição seja maior, ele é o que mais traz retorno financeiro, uma vez que por uma editora o contrato estabelecido de cinco anos, envolve um retorno financeiro de 10% sobre o preço de capa, ao passo que na publicação de maneira independente "As possibilidades de lucro são maiores, mas o trabalho também"[308]

Outra forma que elas sugerem para além dessas duas é a publicação a partir de "vários editais voltados à publicação de livros".[309] Embora reconheçam que o fomento seja uma estratégia a ser considerada, não à toa, a própria publicação em que ensinam essas estratégias foi editada via fomento público e não pela editora Mijiba, de Elzandra Souza, apontam que o fomento público não garante a circulação das obras, a partir do aumento das edições seja por meio de reimpressões ou edições. "O nosso desafio principal tem sido fazer nossos livros conhecidos do público que se interessa pelo que fazemos. A gente consegue editais e apoio para a primeira edição, mas é difícil colocar a segunda para rodar. É preciso fazer com que essas publicações circulem mais". Assim, para a escritora o grande desafio atual é investir na circulação dos trabalhos.

Apesar disso, mesmo enfrentando várias dificuldades, editoras lideradas por mulheres e escritoras mulheres têm conseguido publicar seus livros. Para Elizandra Souza, a presença maior de mulheres na liderança de selos editoriais orientados para a publicação de obras de autoria negra e periférica é uma resposta à ausência de mulheres nesta posição quando se olha para o mercado editorial brasileiro em geral.

> Esse movimento é muito mais uma reação do que uma ação. A maioria das publicações de mulheres ainda está restrita a autopublicação, tudo por conta de quem escreve. As editoras lideradas por mulheres, felizmente, aos poucos, estão mudando esse cenário.[310]

---

308 *Ibidem*, p. 39.

309 *Ibidem*, p. 89.

310 Disponível em: https://acaoeducativa.org.br/a-gente-cria-a-gente-manda-mulheres-assumem-a-lideranca-de-selos-editorais-perifericos/. Acesso em: 30 dez. 2024.

Do conjunto de questões que *Publica Preta!* e das falas de Elizandra trazem é, primeiro, quando se trata de edições independentes, fala-se em duas possibilidades: a edição autopublicada e a edição publicada por editora. Um segundo ponto é que nem sempre editores e escritores possuem os mesmos interesses, pois, se em termos de rentabilidade a autoedição parece ser a melhor opção, por outro lado, inserido/a numa editora, o/a autor/a pode ter as melhores condições de fazer o livro chegar ao leitor, participar de feiras nacionais e internacionais, a depender da estrutura e interesse da editora. Essa divisão de tarefas e de rentabilidade não existe na autopublicação. Não à toa, entre as 15 dicas para a escritora preta, com a qual finalizam o livro, apontam que, ao se tornar uma escritora independente, "você também se torna uma vendedora de livros, não tenha medo de vender seu livro"[311]

3.3.2 Mazza Edições (Belo Horizonte, 1981 – atual)

Figura 4 – Maria Mazarello Rodrigues – a Mazza

Foto de Etiene Martins

É expressivo que uma das editoras pioneiras na publicação de escritores e escritoras negras seja uma mulher negra, de origem pobre e que, antes de ingressar em sua já longa trajetória editorial, tenha sido uma faxineira numa gráfica mineira, conforme vimos no capítulo 1. Maria Mazarello Rodrigues completou em 2025, 84 anos, 44 deles dedicados à Mazza Edições, casa editorial que leva o nome com o qual é mais conhecida e que fundou, em 1981, perto do final da ditadura civil-militar (1964-1985).

Trata-se de uma editora a que se atribui o termo independente, antes mesmo do deste se popularizar e ser politizado em torno do conceito de *bibliodiversidade*.

311 GARCIA; SOUZA, 2022, p. 95.

Porém, efetivamente a editora teve papel crucial para trilhar um caminho ainda pouco desbravado, que passava por editar escritores negros, mas também por encontrar ilustradores capazes de realizar essa tarefa com a dignidade que buscou valorizar ao publicar livros de pessoas negras.[312]

> Evidentemente, quando eu cheguei aqui, pra tentar... Foi uma batalha. Eu sabia que grande eu não ia ser, especialmente pela linha que eu resolvi trabalhar. Foi muito difícil porque, na verdade, o Brasil e até hoje, não admite que ele é um país racista. A dificuldade minha, na verdade, como pequena editora foi desde o princípio para chegar a conseguir publicar. E ilustrador? Não tinha ilustrador negro ou ilustradora que trabalhava com a questão da negritude! Esse também foi um trabalho que a Mazza Edições fez, eu fiz muito esse trabalho. Acabou que a Mazza Edições chegou na frente, em termos de ser a primeira editora brasileira, realmente, a encarar a temática, a trabalhar na temática, na realidade. Isso, sem falsa modéstia, nacionalmente o pessoal reconhece que foi a Mazza Edições que topou essa empreitada. Eu volto para o professor Edgar. Eu topei essa empreitada no fundo, no fundo, com aquela missão que o professor me deu. Ele falou assim: "Você tem que continuar o trabalho o espírito da Vega. Você é editora! Você tem que continuar! Você tem que perseguir!"[313]

Nesta citação, a editora mineira aponta a construção tijolo a tijolo de uma casa editorial pequena. As palavras persistência, batalha e o pioneirismo como mulher negra editora aparecem em sua fala rememorativa. Embora a ideia de "chegar na frente" possa ser contrabalançada por uma experiência editorial pregressa, pois ao que se sabe, antes da Mazza Edições, no Rio de Janeiro, um editor branco, Antonio Carlos Fernandes, fundou uma editora chamada Pallas, em 1975. Esta também se considera pioneira. Porém, a diferença entre as duas editoras, é que a Mazza Edições é uma editora exclusivamente voltada para a autoria negra, enquanto a Pallas mescla em seu catálogo obras de diferentes tendências e uma linha especializada em autorias negras. Trata-se também de uma editora de enorme importância, basta dizer, que é pela Pallas, que, em 2015, Conceição Evaristo, mesmo já tendo sido editada por outras editoras negras (como a Mazza e a Nandyala), lançou o livro *Olhos D´água,* que lhe rendeu o Prêmio Jabuti na categoria conto.

O ponto central é que Mazza é, enquanto mulher negra editora, uma pioneira. Outro ponto da citação acima é a ideia de persistência e longevidade ligada à sua trajetória. Historicamente os empreendimentos negros (livrarias e editoras) duram

---

312 GOMES, Letícia Santana; SILVA, Giani David. Mulheres editoras independentes: Constanza Brunet (Argentina), Maria Mazarello (Brasil) e Paula Anacaona (França) e as projeções de si. **Cuad. Cent. Estud. Diseñ. Comun., Ensayos**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, n. 107, p. 105-106, jun. 2022, p. 101. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853-35232022000600110&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 22 jun. 2024.

313 Ibidem.

menos que uma década, infelizmente, por isso, empreendimentos como os de Maria Mazarello tornam-se referência tanto pela longevidade, quanto pelo quanto pode pavimentar o caminho de outras iniciativas editorais e trajetórias literárias de diversos autores e autoras negras brasileiras.

Em diversos depoimentos, um traço notável na trajetória dessa editora é a confluência entre a vida e profissão. O fato de ser mulher, pobre e negra e o de captar como o racismo moldou essas dimensões interseccionadas desde quando percebeu que mesmo a regra racista da "boa aparência" lhe fechava portas profissionais.[314] Nesse sentido, a aproximação que se faz entre a editora mineira e o discurso da independência passa por essas três experiências de opressão. Em um texto sobre mulheres editoras independentes Letícia Santana Gomes e Giani David entrevistaram três mulheres editoras de diferentes países: Constanza Brunet (Argentina), Paula Anacaona (França) e de nosso país, Maria Mazarello. As pesquisadoras, a partir disso, sintetizam três *ethos* discursivos das formas com essas publicadoras projetaram a si mesmas em suas atividades profissionais. Destacam que, para a editora brasileira, a independência editorial está associada à noção de resistência e a um "perfil militante", vinculado à ideia de combate aos estereótipos.[315]

Chama a atenção que essa editora, mesmo passadas quatro décadas, manteve-se como pequena editora, embora agora investida de um capital simbólico, marcado pelos méritos de um desbravar de caminhos editorais. Isso ampliou-se, sobretudo, em 2021, quando a Mazza Edições completou quarenta anos e sua proprietária, chegou aos oitenta. Em um livro sobre sua trajetória editorial, Conceição Evaristo faz um prefácio que evidencia as camadas de história que as palavras resistência, pioneirismo e militância, por si só, não são capazes de dimensionar:

> Um dos aspectos da história de Maria Mazarello é o pioneirismo de suas ações. Mazza se coloca em um campo marcado pela atuação e pelo poder das pessoas brancas, notadamente homens. A luta dela se dá em uma época de uma quase ausência de mulheres no campo empresarial, e em se tratando de mulheres negras, a não presença era mais sentida ainda. Entretanto, Mazza se constrói, se ergue no campo dos negócios, em um momento em que não contamos com o discurso nem com as ações do Movimento *Black Money* – Afroempreendedorismo. Ela concretiza de fato uma ação que poderíamos chamar de Afro empreendedorismo, isso em 1981, quando funda a Mazza Edições.[316]

---

314 Sobre isso, ver, entre outras, GOMES; SILVA, 2022.

315 *Ibidem*, p. 105-106.

316 EVARISTO, Conceição. Esta história é preciso conhecer. *In*: CRUZ, Márcia. **Maria Mazarello**: preto no branco, lutas e livros. Belo Horizonte: Contafios, 2021, p. 13.

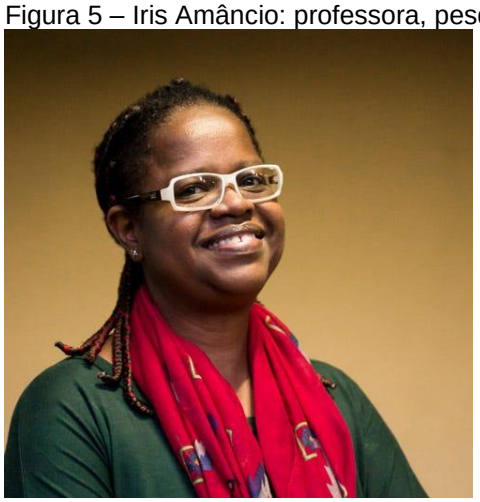
É notável perceber como no contexto atual, Mazza passa a ser lida também como uma mulher pioneira à frente de uma empresa no ramo dos livros em um mundo branco, inserida ou não em um discurso de *empreendedorismo* negro, em termos raciais, de gênero e classe. Atualmente pode-se dizer que Maria Mazarello não anda só mais, existem várias outras mulheres, no âmbito de livrarias e editoras protagonizando a edição de autorias negras.

No âmbito de alianças políticas com órgãos de classe, nota-se que, segundo o Mário Augusto Medeiros da Silva, Mazza estava entre as associadas da LIBRE, porém atualmente não está mais. Por qual motivo deixou de ser interessante para a editora mineira vincular-se a esse órgão? Se possível cogitar uma resposta, minha hipótese é que quais seriam as vantagens para uma editora mineira, reconhecida, embora pequena, de aderir a um órgão como a LIBRE, cuja maioria de seus associados são de São Paulo ou do Rio de Janeiro, na qual a representação política é bastante homogênea em termos raciais e de gênero?

Maria Mazarello, como vimos no final do capítulo passado, considera fundamental a existência de investimentos públicos que valorizem as editoras pequenas, por exemplo, como forma de proteção à ação dos grandes grupos editoriais, que passam a ter as autorias negras, geralmente por meio de selos editoriais. Esse é um ponto, por exemplo, do que poderia ser uma convergência com a LIBRE, já que esta coloca-se como protetora dos interesses dos negócios independentes. Esse é um assunto que abordo no próximo capítulo.

3.3.3 Nandyala: livraria-editora-instituto (Belo Horizonte, 2006 – atual)

Figura 5 – Iris Amâncio: professora, pesquisadora e editora.



Fonte: Medium.

Vinte cinco anos depois da fundação da Mazza Edições, também em Belo Horizonte, nascia a Nandyala. Temos aqui outro capítulo do protagonismo feminino negro contemporâneo no campo da edição e circulação de livros de autorias negras brasileiras, africanas e da diáspora. O catálogo e a linha editorial da Nandyala é exclusivamente voltada para esse segmento. Nele, encontramos, entre outros/as, o pensador cubano Carlos Moore; o poeta martinicano (e cofundador do movimento da negritude) Aimé Césaire; a escritora Paulina Chiziane, de Moçambique; o escritor e poeta mineiro Edimilson Pereira de Almeida.

Como vimos no capítulo 1, o empreendimento nasce como livraria, em 2006, agrega o trabalho editorial no ano seguinte, e firma um tripé de atuação ao ser também um instituto. O projeto estético, ético e político do empreendimento é resultado das trajetórias e do compartilhamento de horizontes ao longo de vários anos entre Iris Margarida da Costa Amâncio e Rosa Margarida de Carvalho Rocha, duas intelectuais com trânsito entre a academia e o ativismo antirracista a partir da educação. Talvez, seja adequado dizer que elas compõem o perfil das intelectuais negras *outsider within*, como definiu Patricia Hill Collins, na medida que aliam em sua bagagem formativa, a experiência acadêmica e as epistemologias negras no campo do conhecimento produzido no ativismo. Essa dupla dimensão, diz a socióloga estadunidense, é o que

permitiu às mulheres negras sociólogas uma percepção crítica dos círculos acadêmicos em sua predominância branca e masculina.[317]

Embora Collins reflita a partir de um contexto específico, sua análise também cabe para se pensar a experiência intergeracional de mulheres negras, participantes ou em alguma medida sintonizadas com o feminismo negro brasileiro. No âmbito da autoria, produção e circulação de livros impressos, basta pensar nas trajetórias singulares e multidimensionais como as de Nair Araújo, Maria Mazarello Rodrigues, Cidinha da Silva, Elizandra Souza, Débora Garcia, Ketty Venâncio (proprietária da livraria Africanidades), entre várias outras.

As futuras livreiras e editoras se encontram nos idos dos anos 1990: Amâncio é formada em literatura africana e Rocha, em pedagogia; passaram a pesquisar, trocar e construir um conjunto de referências negras para uso em seus cursos de formação – muito antes da publicação das leis 10.639/03 e 11.645/08, afirma Amâncio em entrevista.[318] O projeto inicial de ambas, ao fundarem a Livraria Nandyala, em 2006, foi manter um espaço dedicado às autorias negras por cerca de quinze anos, antes de começarem uma editora. Mas, em 2007, uma situação urgente mudou os planos. Amâncio conta que isso ocorreu porque naquele ano haveria um congresso importante de autores negros e africanos na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e uma Feira de artesanato, em Belo Horizonte, que tinha como título “Brasil e África de mãos dadas” [319] Naquele momento, em que Amâncio e Rocha estavam no segundo ano da livraria Nandyala, foram surpreendidas por “dois escritores africanos a procuraram para que elas indicassem editoras ‘diferentes’”. A demanda fazia parte de um conjunto de escritores e escritoras africanas que lançariam suas obras durante o congresso da UFRJ. Após pesquisarem “especialmente em Belo Horizonte”, indicaram uma editora, que perto do dia do congresso declinou de última hora, daí que a Nandyala nasce da urgência dessa demanda, como rememora Amâncio:

> Uma vez que a publicação de autoras e autores africanos negros ocorria, pontualmente, em uma ou outra editora no Brasil, geralmente nas editoras grandes ou naquelas que atuavam há décadas no mercado editorial, mas,

---

[317] COLLINS, P. H. Aprendendo com a outsider within: A significação sociológica do pensamento feminista negro. Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p. 101, abr. 2016. Disponível em: Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf . Acesso em: 25 jun. 2024.

[318] AMÂNCIO, Iris. A Nandyala não é um projeto, mas o resultado de um trabalho político-pedagógico antirracista [2021]. Belo Horizonte: **Vinco - Revista de Estudos de Edição**, Belo Horizonte, 2021. Entrevista concedida a Beatriz Guimarães *et al*. Disponível em: https://seer.dppg.cefetmg.br/index.php/VINCO/article/view/1019. Acesso em 16 abr. 2024.

[319] *Ibidem*, p. 115.

> localmente, em Minas Gerais, não. Desse modo, eu me propus, profissionalmente consolidar uma coleção de autoras e autores africanos e, tendo feito essa proposta para mais de uma editora, ela foi aceita. Porém, quando faltavam 15 dias para os dois eventos que aconteceriam em datas próximas, fomos comunicados pela editora que ela não produziria mais os livros, pois não queria se arriscar, porque não havia registros mercadológicos nem em relação aos dois autores que seriam lançados, e muito menos em termos de impacto de vendas de negros estrangeiros – uma autora africana e um autor afrodiáspórico, ainda desconhecidos aqui no Brasil. Foi um grande susto receber a resposta da editora que seria a nossa parceira, além de uma grande decepção.[320]

Para não deixar os autores "na mão", Iris Amâncio e Rosa Margarida, assim como um conjunto de profissionais "anjos", voluntariamente se disponibilizaram a trabalhar para produzir duas obras em tempo recorde, e lançaram os livros. Uma das obras editadas era de uma poeta da Guiné-Bissau que havia sido convidada para participar do Congresso da UFRJ – com mil pessoas inscritas. A tiragem de seu livro foi toda vendida no evento, diz Amâncio.[321] Esse primeiro sucesso "Foi lindo e assustador, porque isso nos impactou durante uns seis anos", narra Amâncio, já que não foi fácil incluir a dimensão editorial do empreendimento, tanto porque as fundadoras tinham muitos compromissos e horários fixos. Mas também porque era uma transformação "que acabou por assumir muito amplamente nosso espaço físico Nandyala, nosso imaginário Nandyala, e nossa interação social".[322]

São várias as dimensões que interessam nessa narração de Amâncio, desde o amplo conhecimento que essas intelectuais *outsider within* tinham de diferentes autores negros no Brasil e no exterior, o que para elas, como livreiras e editoras, certamente era algo fundamental. Além disso, destacam-se: o conhecimento que foram adquirindo pelo mapeamento de editoras que pudessem publicar os autores "diferentes" para o mercado editorial na primeira década do século XX; a capacidade de organização e cooperação coletiva para tornar aquelas obras concretas; o impacto de se tomar uma decisão "no olho do furação" e de transformar precocemente dentro da projeção inicial a livraria em editora.

Vale pontuar, também, que nessa entrevista, quando Iris Amâncio rememora que ela e sua parceira ao pesquisaram editoras "diferentes", em especial em Belo Horizonte, não há menção, ao menos nesta entrevista, à Maria Mazarello Rodrigues e sua Mazza Edições. Seria um desconhecimento dessa outra editora mineira, uma

---

320 AMÂNCIO, 2021, p. 115-116. A editora não informa na entrevista quem teria sido o e a escritora, nem a editora.
321 *Ibidem*, p. 117.
322 *Ibidem*, p. 117.

das desbravadoras desse mercado de publicações negras pelo menos duas décadas antes, mas contemporânea delas?[323]

Embora com trajetórias distintas, a forma de inserção no mercado editorial da Nandyala possui confluências com a da Mazza Edições, seja do ponto de vista da linha editorial quanto de público. Segundo a editora da Mazza, em entrevista de 2014, o público de sua empresa dividiu-se historicamente entre antes e depois da lei 10.639 de 2003. Antes o que sustentou a casa editorial, diz, foram as demandas de ativistas e professores da rede pública de ensino (seus livros chegavam pouco às escolas privadas); depois dessa lei federal, todo o segmento de ensino passou a ser atendido, ainda que em termos de políticas públicas, ela critique o *afroportunismo* de grandes editoras e suas formas de monopolizar os editais públicos do setor da educação.[324] Já a Nandyala, vale destacar, surgida três anos após esse marco nas políticas públicas da educação, possui uma audiência mais geral para o segmento da livraria, enquanto face editorial; devido à sua linha editorial antirracista, tem um público dividido entre o segmento do "universo da educação", dos "leitores de literatura" e ativistas negros, explica Iris Amâncio.

> Temos também um público muito importante e relevante, que é o público do ativismo negro. A Nandyala é uma livraria e uma editora negra no sentido pleno dessa noção, dessa qualificação. Ela trabalha focada nessa perspectiva de relação e potencialização de um público leitor negro e integra em termos de mobilização editorial, em termos de leituras e formação de leitores em geral. Hoje, as pessoas estão usando a expressão "Educação Antirracista". Outro eixo de leitura, que foca mais em minha trajetória, é o das Literaturas Africanas e Afrodiaspóricas e o recorte estético da Literatura Negra. Nós já tínhamos todas essas trajetórias consolidadas, inclusive, em termos de trabalho, e essas nossas trajetórias se integraram ao universo dos públicos da Nandyala.[325]

Vale aqui um parêntese para comentar, a partir dessa citação, uma tendência entre os editores e editoras mulheres negras aqui pesquisadas: o fato de não serem herdeiros de uma empresa editorial ou livreira, como é o caso de algumas das mais

---

323 Sobre isso, ver por exemplo, o capítulo 10 da segunda edição de *A descoberta do Insólito*, em que o pesquisador Mário Medeiros Augusto da Silva entrevista diferentes gerações de editores e livreiros negros e percebe que é comum que entre eles a atribuição de pioneiro ocorra por desconhecimento de iniciativas pregressas. *Cf*. SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Pequena História sociológica de livrarias e editoras negras (1972 -2020). *In*: SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **A descoberta do insólito**: literatura negra e periférica no Brasil (1960-2020). 2º ed. Revista e Ampliada. São Paulo: Edições Sesc, 2023, p.530-531.

324 *Cf*. RODRIGUES, Maria Mazzarello. Relação da Mazza Edições com o poder público em seus 33 anos de existência. *In*: SILVA, Cidinha da (org.). **Africanidades e relações raciais**: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014. p. 97.

325 AMÂNCIO, 2021, p. 123.

tradicionais editoras brasileiras (Brasiliense, Jorge Zahar, etc.); ao contrário, todos/as editores/as analisados aqui (com exceção do proprietário da editora Mostarda, que vamos comentar depois) inauguram uma ação editorial. E, com exceção de Maria Mazarello Rodrigues (que fez mestrado em editoração na França), chegam ao mercado editorial a partir de outras profissões e experiências. É justamente com base no acúmulo de experiências e do saber-fazer desenvolvido em outras áreas além do mercado editorial, que são futuramente agregadas ao trabalho no segmento dos livros.

A dimensão *outsider within* ao mercado editorial, desses e dessas intelectuais, entre lutas e livros, se destaca nesse aspecto. De todo modo, ainda que poucos editores e editoras mencionem conhecer outra editora negra ou ligada à minorias sociais, o rol de conhecimentos e a linha do horizonte de possibilidades e de conhecimentos é amplamente maior na contemporaneidade do que quando Maria Mazarello fundou em terras mineiras a Mazza Edições.

No caso, das proprietárias da Nandyala, elas construíram parte expressiva de seu público a partir de um *capital simbólico* do ativismo antirracista educacional. Além disso, outra estratégia que elas colocaram em prática para um problema histórico da circulação dos livros impressos no Brasil é que, primeiro, elas constituíram-se como livreiras, para depois agregarem o ofício de mulheres editoras. Desta forma, constituídas como livraria e editora, elas a partir de uma localização de certo modo à margem da concentração editorial entre Rio de Janeiro e São Paulo, conseguiram ampliar o escopo de circulação de sua produção editorial.

Outra estratégia da Nandyala é a participação em eventos e encontros do ativismo negro, como por exemplo, a Feira Preta, na edição deste ano (2024), ocorrida no Parque do Ibirapuera, entre editoras como Kitembo, Filhos da África, Malê, o projeto Cadernos Negros/Quilombhoje. Iris Amâncio estava lá presente no estande da Nandyala, o que a permitiu ter esse contato e conhecimento direto com um dos públicos principais almejados pela editora.

A Nandyala faz parte do pequeno número de editoras fora do eixo, integradas à LIBRE. Vemos, portanto, que sua forma de atuação, a trajetória antirracista, o catálogo, a aproxima das experiências das editoras anteriormente mencionadas, embora talvez pelo fato de serem profissionais que dividem seu tempo entre o projeto de editoração negro e outras demandas profissionais acadêmicas, a disputa por fomentos públicos não parece fazer parte do empreendimento. Na entrevista, Amâncio conta como tanto ela quanto Rosa Margarida buscaram dissociar a própria imagem

da editora, de modo a manter o que faziam antes como algo em paralelo ao empreendimento editorial.

A respeito da ambivalência entre cultura e mercado que ronda o discurso das editoras independentes, Iris Amâncio pontua que ela e Rosa Margarida, não projetaram criar uma empresa para vender livros, nem buscam com esse empreendimento crescer, como diz Amâncio:

> Contudo, para nós, não é um problema sermos uma editora pequena, nunca foi. Muitos dizem sobre as possibilidades de crescimento da Nandyala, mas esse não é o nosso propósito. Não somos uma editora pequena porque não podemos ser grandes. É uma escolha nossa. Não há frustração nisso. Sabemos do nosso potencial e ele não é pequeno. A Nandyala é grande e grandiosa. Essas são interfaces internas acabam, também, significando muito para nós na hora das decisões.

A citação anterior evidencia que, para as editoras, não é a dimensão de crescimento editorial que lhes importa mais, e sim o legado editorial que a Nandyala constrói em três frentes, como livraria, editora e instituto. Como uma editora negra, e não tendo como horizonte disputar mercados, nota-se que para as livreiras-editoras o discurso da independência editorial transparece não com esse nome, mas como ativismo antirracista no âmbito do mercado editorial, algo que lembra os versos: Pedrinha miudinha/Pedrinha de Aruanda, aê/Lagedo, tão grande/Tão grande na Aruanda, aê.[326]

3.3.4 Ciclo Contínuo Editorial (São Paulo, 2009 – atual)

Figura 6 – Marciano Ventura

Fonte: Biblioteca Brasiliana da USP

[326] CORDEL do Fogo Encantado. Compositor: autoria desconhecida. *In:* CORDEL do Fogo Encantado. [*S. l.*]*:* 7 Studio, 2001, (1:21).

Marciano Ventura funda a Ciclo Contínuo Editorial no bairro da Penha, zona leste de São Paulo, em 2009. A casa editorial é especializada na publicação de autorias negras, tanto no âmbito da poesia, ficção (conto e romance) e não ficção. Parte expressiva do catálogo é dedicada a obras de autores da literatura negra e marginal e periférica, assim como a autobiografias, ensaios e pesquisa científica acadêmica contemporânea no âmbito das Ciências Humanas.[327] A Ciclo Contínuo é uma editora negra e independente, é desse modo que Marciano Ventura define seu empreendimento.

Em entrevista em 2017, comenta que o sonho de criar uma editora nasceu após uma longa trajetória trabalhando com o comércio varejista. A concretização do projeto deu-se a partir de uma série de fatores, dentre eles, o acesso a editais públicos para financiar os primeiros títulos, como diz:

> Então a editora ela surge, ela surge mesmo como um sonho né e a gente procurou, procuramos vários modos de fazer esse sonho se tornar realidade né, desde o cara que é a da linha que rotação que financiou a publicação de um livro até a busca de editais públicos onde a gente conseguiria a grana pra financiar as publicações né, e assim foi: pra esse livro nós conseguimos o apoio.[328]

Nesse início, Marciano Ventura diz que publicou oito obras pelo programa VAI e outras a partir de financiamento próprio, o que lhe permitiu não ter prejuízo. Também fez uma parceria com uma livraria especializada em autores negros e africanos, a Iná livros.[329] Com isso, estruturou uma rede de distribuição. Em termos de produção dos livros e estocagem das obras, conta que a tecnologia da impressão digital sob demanda foi um trunfo:

> [...] a impressão digital por demanda foi uma coisa espetacular, cara, porque a gente não tem a perspectiva de disputar mercado editorial, não é essa, o mercado editorial ele é uma coisa que já tá consolidada, tem os grupos e a gente não tem poder pra isso, a gente tem consciência, o que a gente sempre

---

[327] Nota-se, ainda, a aproximação do editor com a construção de um catálogo que aposta também em temas como a intersecção entre gênero, raça e sexualidade. Um exemplo dessa perspectiva é o livro *Transmasculinidades Negras: narrativas plurais em primeira pessoa,* um conjunto de textos a respeito de transmasculinidades, realizadas por homens trans negros. DE SANTANA, Bruno Silva; PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto; CONCEIÇÃO, Vércio Gonçalves (Ed.). **Transmasculinidades negras**: narrativas plurais em primeira pessoa. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2021.

[328] Entrevista concedida a Mario Augusto Medeiros da Silva, 2017, p. 13.

[329] "A livraria é a Iná Livros especializada em relações raciais, literatura africana, infantil com protagonismo negro", diz Leonardo Bento (historiador e professor) em entrevista ao pesquisador Mário Augusto Medeiros da Silva. Bento conta que fundou o empreendimento com sua companheira, Luciana Bento (socióloga e escritora), em São Paulo, em 2014. O empreendimento existiu até 2018. *Cf*. SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Livrarias Negras no Sudeste Brasileiro (1972-2018). **Dados**, v. 67, n. 2, 2024. Disponível em: https://www.scielo.br/j/dados/a/RdZJYXTMkKFHjNcbSPjyVth/. Acesso em: 22 dez. 2024.

> pensou é fazer um caminho alternativo no mercado editorial, porque não há essa coisa do enfrentamento, é uma coisa de mostrar, criar um produto com um conceito, x, y e tal, criar, formar leitores pra esse tipo de produto que é o mais importante.[330]

No trecho acima, nota-se como a construção de uma identidade por relação de oposição, comum as dinâmicas de produção de identidade e diferença e presente no modo como a noção contemporânea de editor independente emerge, está presente na reflexão de Marciano Ventura sobre trilhar um caminho alternativo ao mercado editorial hegemônico e não almejar fazer uma disputa que parte de uma série de desigualdades. E, para isso, ele nota como estratégico a manutenção de um site da editora. O site é a "vitrine" mais acessível para dar visibilidade às obras do catálogo e para tentar aproximar-se dos e das leitoras, almejadas ou concretas. Esses vínculos incluem, para o editor, fazer circular as obras entre pesquisadores e jornalistas, pois estes podem aproximar e mediação a recepção com o público. Outra estratégia – comum a outras editoras negras –, são as atividades formativas, como cursos, palestras e lançamentos de livros.[331]

Um exemplo nesse sentido é o curso *Contextura Negra*, promovido pela Ciclo Contínuo em 2010, e realizado gratuitamente na sede da ONG Ação Educativa, localizada em um bairro na região central de São Paulo. Neste projeto, autores/as e pesquisadores/as presentes no catálogo da editora – a exemplo de Oswaldo de Camargo, Cuti, Lívia Natália – ministraram cursos sobre literatura negra, poesia negra feminina, entre outros temas. Participei de dois cursos do Contextura Negra com salas cheias e percebi como esse tipo de projeto a partir interesses comuns permitia criar laços entre a audiência (professores, autores, pesquisadores, militantes), autores do catálogo e o próprio editor. O editor, aliás, sendo um sujeito negro e periférico, exerce ele mesmo uma representatividade na medida que desmitifica esse profissional que há um tempo era pouco visível em eventos do setor e, no mais das vezes, era uma pessoa branca. A atividade, ao mesmo tempo que cumpria um papel formativo e antirracista, também fomentava a leitura, as vendas de títulos do catálogo e uma interação entre leitores, autores e o próprio editor. Eis, então, uma vitrine alternativa às vitrines convencionais das livrarias, estas bem menos acessíveis.

---

330 Entrevista concedida a Mario Augusto Medeiros da Silva, 2017, p .14.

331 "Que é fundamental assim no projeto, é formação e publicação, são aliadas, não tem como dissociar isso." Entrevista concedida a Mario Augusto Medeiros da Silva, 2017, p. 28.

Esta dinâmica de criar laços a partir de ações educativas, ou aquilo que Antonio Bispo dos Santos, o Nego Bispo, chamou de *confluência* (“quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende”[332]) liga-se à maneira que Marciano Ventura compreende o que é ser um editor independente:

> [...] não falo de um conceito de editora independente da LIBRE, por exemplo, tô falando daqui do meu ponto de vista e de como eu levo esse trabalho e de como eu penso essa ideia né de independência e como isso ela se manifesta nas relações, né, é isso, eu acho que independência é quase que um sinônimo de interdependência nesse caso, né, você vai armando essa rede e vai construindo esse público leitor, como eu disse anteriormente que se fideliza, um público que espera um próximo livro, então, essa é a independência, essas alternativas que a gente busca né.[333]

Portanto, assim, como diz não se considerar independe à maneira da LIBRE, mesmo estando associado a essa entidade, de modo similar, é sua relação com as políticas públicas, para ele não passa pela perda de autonomia, mas como um uso estratégico de verbas públicas, pois o dinheiro do Estado é gerado pelo povo. “A gente sempre teve o entendimento de que esse dinheiro que provém dos editais públicos é um dinheiro nosso nunca tivemos pudor de concorrer a editais a nossa maior preocupação é como trabalhar isso com ética”.[334]

Quando perguntado se se considera uma editora negra, Ventura aponta que sim, pois em sentido estrito é uma editora que tem como protagonismo a autoria negra, embora não se restrinja nem a autores negros, nem à temática racial, como lemos no seguinte trecho:

> É uma editora que, que... Assim, na verdade ela já se anuncia negra porque ela trata especialmente da produção literária feita por negros e negras, pela produção, é... Literária de outros gêneros também que trata sobre a temática negra, né, e... E por isso é uma editora negra. Ela não é um, ela não se limita a publicar autores negros, é... E nem se limita a publicar a temática racial, mas é um, mas é uma, um aspecto, é o aspecto principal da editora, né, pensar a produção literária produzida por negros, a produção cientifica com a temática racial, sabe, é um, é uma coisa que é pensada com cuidado e com prioridade.

Para além deste editor, que se autodefine como editor negro e independente, e cujo discurso pontua uma concepção de independência distinta tanto do mercado editorial, em geral, mas também de uma entidade como a LIBRE, temos outras

---

[332] SANTOS, Antônio Biospo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023, p. 15.
[333] Entrevista concedida a Mario Augusto Medeiros da Silva, 2017, p. 14.
[334] Entrevista concedida a Mario Augusto Medeiros da Silva, 2017 *apud A descoberta do Insólito*. 2. ed., p. 555-556.

editoras aqui pesquisadas. Embora eu não tenha encontrado afirmações próprias se definindo como editoras independentes, pode-se observar aproximações com a noção de independência, como vimos até aqui, e que pode ser entendida como ponto de partida das discussões, pois além da pergunta “independente de quê?”, é importante tentar compreender: independente em que sentido?

3.3.5 A editora Ogum’s Toques Negros (Salvador, 2014 – atual)

Figura 7 – Mel Adún e Marcus Guellwaar Adún

Fonte: Jornal A Tarde: Fotos: Raphael Muller. Ag. A TARDE

Em famoso ensaio, Audre Lorde nos fala dos usos da raiva como ferramenta transformadora para mulheres responderem ao racismo.[335] Não se trata de uma raiva descontrolada, diz a poeta e feminista negra estadunidense, mas uma raiva direcionada para os lugares certos. Em diálogo com Lorde, é possível dizer que, no Brasil, para uma série de ativistas, intelectuais e artistas de diferentes minorias políticas, o constrangimento público é uma das armas possíveis para provocar debates, denunciar, exigir direitos e mudanças. E a partir dos anos 2000, é inegável que uma das ferramentas de resistência usadas para constranger práticas racistas seja do Estado brasileiro ou da sociedade civil é a internet. São metodologias e epistemologias que nascem das ruas e das lutas travadas ao longo do tempo e através

[335] LORDE, Audre. Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo. *In*: **Irmã Outsider**: ensaios e conferências. Trad. Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 155.

das gerações, e que se associam às novas tecnologias. Todas elas são formas de fazer barulho, ou jogar uma pedra na vitrine do país que emprega o afeto relacionado a passividade e cordialidade das relações raciais, na esfera pública, como discurso da moderna identidade brasileira. Vejamos como isso se relaciona com a editora Ogum's Toques a partir da maior feira ligada ao mercado editorial mundial.

Refiro-me à Feira do Livro de Frankfurt, que em 2013 teve como temática a diversidade, e o Brasil como país homenageado. Com curadoria do crítico Manuel da Costa Pinto, o Estado brasileiro, por meio de seu Ministério da Cultura (MinC) enviou uma comitiva de setenta escritores e escritoras para representar o país no maior evento relativo ao mercado editorial do mundo.

O poeta, contista e romancista mineiro Luiz Ruffato fez o discurso de abertura do evento. Nele apresentou um memorando das violências histórias as quais o Brasil é assentamento em sua relação eu/outro – do genocídio indígena na colônia aos tempos atuais – ele escancarou (com uma voz serena) as desigualdades de um país na periferia do capitalismo.[336] Ruffato também falou de si e do significado dos livros em sua vida:

> Filho de uma lavadeira analfabeta e um pipoqueiro semianalfabeto, eu mesmo pipoqueiro, caixeiro de botequim, balconista de armarinho, operário têxtil, torneiro mecânico, gerente de lanchonete, tive meu destino modificado pelo contato, embora fortuito, com os livros.

Porém, não foi só Ruffato que desafinou o coro dos contentes do que poderia ser um evento festivo e comercial em um palco mundial. A imprensa alemã de imediato, e não habituada aos meandros do racismo e da branquitude brasileira[337], estranhou e criticou a falta de diversidade racial do corpo literário brasileiro, predominantemente branco. O jornal Alemão "Süddeutsche Zeitung" destacou que, do conjunto de literatos brasileiros na feira, havia apenas dois não-brancos, o escritor negro, Paulo Lins, e o indígena, Daniel Munduruku.[338] Vale acrescentar, que sob

---

[336] *Cf*. em Jornal Rascunho, disponível em: https://rascunho.com.br/liberado/discurso-em-frankfurt/. Acesso em: 14 set. 2024.

[337] O estranhamento dos meios de comunicação de Frankfurt faz muito sentido, já que visto de fora, o Brasil transmite a imagem de um país cuja presença cultural negra é muito forte. Soma-se a isso que a circulação de autorias negras, seja pela presença física e editorial por meio de antologias de escritores negros, que ocorre desde pelo menos o final dos anos 1980.

[338] Essa nota está disponível na rede, por exemplo na Revista Fórum, e contamos 41 nomes. No entanto, em matéria da Fundação Palmares, de junho de 2024, onze anos após o evento e, após dez anos da fundação da Ogum's, Guelwarr aponta que subscreveram o documento mais de 100 assinaturas. *Cf*. Editora Ogum's: 10 anos de literatura negra, disponível em: https://atarde.com.br/muito/editora-ogums-10-anos-de-literatura-negra-1279293**.** Acesso em: 5 jan. 2025.

outros critérios a presença do escritor Ferrez, principal articulador do movimento da literatura marginal e periférica em São Paulo no início dos anos 2000, e não mencionado pelo jornal alemão, era uma novidade. Ainda que isso não minimize a homogeneidade racial e literária dos escritores brasileiros na feira.[339]

O estranhamento de alguns jornais de Frankfurt tem um chão histórico. Primeiro, porque, visto de fora, o Brasil transmite a imagem de um país cuja presença cultural negra é predominante. Soma-se a isso que a circulação de autorias negras, seja pela presença física e editorial, ocorre desde o final dos 1980 por meio de publicações, especialmente antologias literárias publicadas internacionalmente, principalmente nos Estados Unidos. Neste sentido, a capital alemã, aliás, tem uma relação especial com artistas negros do Brasil.

Para ficarmos apenas na literatura negra, basta dizer que, em 1988, no centenário da Abolição, a crítica brasileira residente na Alemanha, Moema Parente Augel, organizou e publicou duas coletâneas de literatura negra: a *Schwarze Poesie* (Poesia Negra), em 1988; e, devido ao sucesso dessa obra (a publicação esgotou a tiragem de três mil exemplares da primeira edição e foi reimpressa), e a *Schwarze Prosa* – Prosa Negra *(Afrobrasilianische Erzählungen der Gegenwart*), publicada em 1992. Essas duas publicações saíram por uma pequena editora alemã chamada *Diá*, e rendeu peças radiofônicas, espetáculos de teatro e musicais, entre outras iniciativas. Portanto, pelas vias de antologias, a autoria negra, enquanto historicamente no Brasil fez seu caminho pelas vias da autoedição e fortemente associada ligada a coletivos de escritores negros, como o Quilombhoje, de São Paulo, e o grupo Negrícia, do Rio de Janeiro, construiu brechas de inserção internacional, às vezes, com maior projeção e antes da maior publicação de autorias negras atual chegar ao mercado editorial brasileiro hegemônico.

Voltando à Feira de Livros de Frankfurt, na esteira das críticas à falta de diversidade da delegação brasileira, também reverberou na imprensa brasileira manifestações duras, de jornalistas, escritores, como o próprio Paulo Lins e do escritor

---

339 Sobre a circulação literária negra por meio de antologias e coletivos negros, ver, entre outros/as: SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Por uma militância ativa da palavra: antologias, mostras, encontros e crítica sobre literatura negra, anos 1980. **História: questões e debates**, Curitiba, v. 63, n. 2, p. 161-194, jul./dez., 2015. MARQUES DA SILVA, Andressa. O Quilombhoje, o Grupo Negrícia e o debate pioneiro sobre o ensino de literatura afro-brasileira nos anos 1980. **Revista Cerrados**, [*S. l.*], v. 30, n. 57, p. 9-18, 2021. DOI: 10.26512/cerrados.v30i57.39551. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/39551. Acesso em: 23 set. 2024.

Ferrez. Dentre essas manifestações, o coletivo de escritores Ogum's Toques reuniu assinaturas e emitiu uma nota de repúdio ao governo brasileiro.

> O Coletivo Literário Ogum's Toques Negros e xs escritorxs negrx-brasileirxs subscritxs vêm, com esta nota, repudiar a ausência quase absoluta de autorxs negrxs entre xs selecionadxs para representarem a Literatura Brasileira na Feira de Frankfurt, edição 2013. Entre as diversas preocupações deste Coletivo Literário, encontram-se a divulgação e o cultivo da memória dxs artífices da literatura negro-brasileira, principalmente xs que começam a publicar a partir dos anos 1970 e já ganham amplitude nacional e internacional na década seguinte. Além disso, visa contribuir com a possibilidade de que novos nomes possam emergir, a despeito das dificuldades colocadas não só pelo mercado editorial, mas, infelizmente, por cerceamentos oficiais como o exposto aqui, já que a Feira alemã, dentre xs 70 escritorxs escolhidxs, conta apenas com um escritor negro, Paulo Lins.[340]

O documento é assinado por diversos escritores negros e negras de diferentes gerações e regiões do país, como Conceição Evaristo, Allan da Rosa, Lívia Natália, Cuti, Miriam Alves, Ele Semog, Oswaldo de Camargo – parte expressiva desses autores tiveram poemas publicados no exterior por meio de antologias, principalmente, antes mesmo de terem um reconhecimento (quando alcançado) no mercado editorial brasileiro. Chama atenção que subscrevem, ainda, a nota pessoas ligadas à circulação literária negra, como a livraria Kitabu e a Ciclo Contínuo Editorial. A nota de repúdio além de protestar e buscar constranger o Estado brasileiro, dava um recado ao nomear uma série de escritores e profissionais ligados ao livro que poderiam ter sido considerados pelos organizadores da comitiva de literatos brasileiros que poderiam ter dado mais diversidade à delegação nacional.

A carta de repúdio, além de passar um recado para o mercado editorial como um todo, tinha um endereço certo, os argumentos descabidos do curador Manuel da Costa Pinto e da então Ministra da Cultura, Marta Suplicy, ambos brancos:

> Os argumentos apresentados pelo curador Manuel da Costa Pinto de que privilegiou o mercado editorial brasileiro, "não se rendeu a critérios extraliterários" e "não usamos cotas" são facilmente refutados. [...] As alegações da Ministra da Cultura do Brasil são ainda mais criticáveis, pois demarcam uma "ignorância oficial" nociva, fonte de um racismo institucional que opera de modo a legitimar a exclusão étnica que aqui revelamos. Além de dar a entender e verbalizar uma espécie de estágio ainda embrionário da literatura negra, expressando que quem sabe num futuro teremos mais autores negros em um evento de grande porte como a Feira de Frankfurt, a ministra afirma literalmente à Folha de S. Paulo (2/10/2013) que: "o critério não foi étnico, o critério foi outro e eu achei correto. O primeiro era a qualidade

[340] Disponível em: https://revistaforum.com.br/blogs/blog-da-maria-fr/2013/10/13/nota-de-repudio-pela-ausncia-de-escritores-negros-na-feira-de-frankfurt-47543.html. Acesso em: 5 jan. 2025.

> estética, depois autores que tivessem livros traduzidos para o alemão e língua estrangeira".[341]

Entre os escritores que assinam essa carta de repúdio está Guellwaar Adún, integrante o Coletivo Ogum's Toques, dedicado ao ativismo literário e cultural em Salvador e que se desdobrará no ano seguinte – um ano após a Feira de Frankfurt – numa proposta editorial: a Ogum's Toques Negros. Os proprietários e editores da iniciativa são Guellwaar Adún e Mel Adún.[342] O motivo para a criação da editora está tanto nessa Feira Literária quanto na ausência de autores negros no mercado editorial brasileiro, como afirmam na apresentação no site da editora:

> Infelizmente, a Editora Ogum's nasce da falta. Da falta que sentimos ao entrar numa livraria de médio ou grande porte e não encontrar talentos como Conceição Evaristo, Oswaldo de Camargo, Geny Guimarães, José Carlos Limeiras e tantxs outrxs que, há muito, se dedicam à arte e o exercício da escrita; ao desafio da linguagem.
> Nasce da falta de vergonha do país, que responde aos jornais internacionais, justificando a ausência de escritorxs negrxs na Feira de Frankfurt em 2013 (quando a diversidade brasileira era tema) se deve à falta de autorxs negrxs no mercado, quando quase vinte anos antes, era lançado o livro Schwarze Poesie (Ed. Dia/Koln, 1988), organizado por Moema Parente Augel e naquele ano, 2013, devido ao sucesso de vendas que foi no passado, estava sendo lançado na versão e-book.
> A Editora Ogum's nasce para contribuir com a interdição ao epistemicídio; impedir que sejamos apagadxs do mapa das letras. Negras e negros brasileiros escrevem há muito tempo. Não, não começamos a escrever a partir das ações afirmativas, como "ignorantemente" respondeu uma ministra brasileira. Temos Maria Firmina dos Reis, Luís Gama, Machado de Assis, Cruz e Souza, Ruth Guimarães, Carolina Maria de Jesus e tantxs outrxs como prova irrefutável do nosso fazer literário. Independente das condições. Dos contratempos.[343]

Guellwaar Adún, antes de montar a editora com Mel Adún, participou de um ativismo literário na internet, por meio de um blog chamado Ogum's Toques, no qual divulgava obras próprias, bem como poemas de outros autores. Também publicaram pela série *Cadernos Negros* em diversas edições. Assim, fomentam e constroem uma trajetória que vai ser fundamental para o projeto político-editorial de publicação de autoria negra. Portanto, quando apontam a ausência de diversidade editorial tanto na carta de repúdio, quando no site da editora e em reportagens com trechos de entrevistas que acessei, eles não falam de si, ao mesmo tempo transmitem uma

---

341 Disponível em: https://revistaforum.com.br/blogs/blog-da-maria-fr/2013/10/13/nota-de-repudio-pela-ausncia-de-escritores-negros-na-feira-de-frankfurt-47543.html. Acesso em: 5 jan. 2025.

342 *Cf.* Editora Ogum's: 10 anos de literatura negra, disponível em: https://atarde.com.br/muito/editora-ogums-10-anos-de-literatura-negra-1279293. Acesso em: 5 jan. 2025.

343 Disponível em: https://editoraogums.com/somos-ogums/. Acesso em: 5 jan. 2025.

mensagem coletiva intergeracional. Nesse sentido, ao decidirem montar uma editora e enfatizar que ela atua contra o *epistemicídio*[344], constroem um catálogo em que as obras dos próprios editores estão ladeadas por títulos de autoria negra de diversas gerações e da diáspora africana.

Assim, como em 2016, mulheres negras escritoras, entre outros/as, criticaram publicamente a FLIP branca e elitista – o que repercutiu nas edições seguintes da feira com uma presença maior de escritores negros e indígenas, como vimos no capítulo 2 – três anos antes – algo parecido aconteceu. Assim como a criação da LIBRE, em 2002, e a criação da Primavera dos Livros no mesmo ano ocorreram a partir de uma politização de um evento específico, o elitismo da Bienal do Rio de Janeiro do ano anterior. De maneira semelhante, editores e editoras negras aqui analisados/as vão apontar situações específicas relacionadas ao racismo brasileiro, à falta de autorias negras no mercado editorial etc.

Uma questão que nos move aqui é a pergunta: em que medida essa editora liga-se ao discurso da independência editorial? Há confluências entre as editoras independentes e essa casa editorial? Uma das estratégias de politização do discurso da independência é a construção de hierarquias móveis e uma interpretação do mercado editorial a partir de dois blocos: as editoras independentes e as grandes corporações editoriais, aquelas como defensoras da diversidade de obras e autores; estas, vinculadas às obras e autores *best sellers*, já que o lucro é foco editorial primordial.

Na definição de Colleu, o editor independente de criação, como denomina, na contramão das grandes corporações editoriais, não atende a lógica do lucro, que exige a hiperprodução de obras, com ciclo de vida curto que importa, mas sim a construção

---

[344] Epistemicídio é um conceito formulado pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos para discutir como, do período colonial à contemporaneidade, as formas de conhecimento e os modos de vida de povos subalternos são apagados, assimilados e destruídos pelo saber eurocêntrico. Assim, para ele não existe morte de conhecimento sem opressão e aniquilamento dos povos a eles associados. Trata-se de um conceito aberto, pois discutido e desdobrado por vários autores e autoras. No Brasil, a ativista e filósofa Sueli Carneiro popularizou esse conceito ao defender a tese de que há um dispositivo de racialidade que opera no Brasil desde a colonização aos dias atuais. *Cf*. entre outros/as: SANTOS, Boaventura de Sousa, 1998. **La Globalización del derecho**: los nuevos caminos de la regulación y la emancipación. Bogotá, Colombia: IISA; Universidad Nacional de Colombia. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/La_globalizacion_del_derecho_Los_nuevos_caminos_de_la_regulacion_y_la_emancipacion.pdf. Acesso em: 23 set. 2024; CARNEIRO, Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, FEUSP, São Paulo, 2006.. Disponível em: https://repositorio.usp.br/item/001465832. Acesso em: 23 set. 2024.

de um catálogo de qualidade a partir de uma sustentabilidade financeira autônoma, leia-se, nesse caso, não dependente de recursos financeiros externos. “É nesse sentido, que para ele: “O catálogo é realmente o reflexo do que se chama de política editorial do editor”.[345] A Ogum’s Toques, em sua página na internet, define-se como editora negra, baiana e diaspórica, cujo papel é combater o epistemicídio e fomentar a produção autoral negra e da diáspora.[346] A editora, assim como a maioria das editoras fora do Sudeste, não está vinculada à LIBRE.

Essa casa editorial atua fora do eixo do mercado editorial brasileiro, sua presença em Salvador a coloca em outro centro de produção estética, política, simbólica de invenção e reinvenção da África em meio a outras rotas negras afro-atlânticas. E o catálogo da editora evidencia isso, com obras que tratam de temas vinculados às tradições religiosas, questões de políticas de tradução no atlântico negro, assim como obras poéticas, contos e livros para crianças. Por exemplo, há um papel importante dado às antologias no catálogo, a exemplo do livro *Quilombellas amefricanas* (2021), uma reunião 23 poetas do Brasil, Costa Rica, Moçambique, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, Colômbia e Estados Unidos.

Um dos destaques do catálogo é a crítica literária e professora Denise Carrascosa, autora, entre outros, de *O pacto de Bocapiu: a cumplicidade silenciosa do Feminegricídio de Estado nas prisões* e coordenadora de *Firminas em Fuga: poesia*. Esta obra é coletânea poética com a escrita de si de mulheres sentenciadas no Conjunto Penal Feminino do Complexo Penitenciário Lemos Britto, na Bahia. Denise Carrascosa é abolicionista penal e há mais de uma década ensina literatura em presídios como forma de reduzir a pena. O Firminas é um projeto coletivo idealizado por Carrascosa que consiste em leituras literárias e oficinas de escrita ao longo de anos no Lemos Britto. A partir de obras que dialogassem com o universo das mulheres aprisionadas, foram trabalhadas escritoras negras do Brasil, da diáspora e do continente africano.[347] A escolha das participantes da coletânea ocorreu a partir do

---

345 COLLEU, 2007, p. 80.

346 “A Ogum’s não é somente uma editora baiana, nordestina, negra e brasileira. Somos inegavelmente diaspóricos. A Editora Ogum’s nasce tendo como missão, publicar prioritariamente escritoras negras e escritores negros do Brasil e diáspora africana”, in: Somos Ogum’s: https://editoraogums.com/somos-ogums/

347 “É importante destacar que esse é um trabalho organizado de mulheres negras abolicionistas. Artistas, escritoras, cineastas, professoras e advogadas que, em articulação com mulheres que estão encarceradas, organizam formas que são jurídicas, mas também artísticas de construir projetos de libertação. Portanto, um lugar de reivindicar humanidade, beleza e criação para que

primeiro Prêmio Literário Abolicionista Maria Firmina dos Reis*,* de 2022*,* onde cinco mulheres negras sentenciadas foram premiadas e tiveram suas poesias organizadas nesse livro*.* "Toda a renda da venda tanto do livro Firminas como de O Pacto de Bocapiu foi revertida para esse prêmio", explica Carrascosa*, e adiciona que "*O projeto é totalmente autônomo e não conta com financiamento de instituições públicas ou privadas".[348]

Em uma reportagem recente, de 2024, a propósito dos dez anos da editora, Guellwaar Adún e Mel Adún, além de relembrar ema importância da mobilização em torno da Feira de Frankfurt para a criação da editora, festejaram o fato de em dez anos terem lançados 25 obras. "Em 10 anos, foram lançados 25 livros. 'Do ponto de vista da reverberação da sociedade, a gente fez uma contribuição milionária', diz Guell".[349] Para alguns, essa quantidade de obras poderia ser baixa, especialmente se comparada até mesmo com outras editoras consideradas independentes. Todavia, não parece fazer parte da política editorial da Ogum's um crescimento da empresa. Se publicar obras de autorias negras é um ato político, se manter enquanto editora faz parte dessa luta.

No momento que pesquiso essa editora encontro 22 títulos no catálogo online da Ogum's, sendo que duas obras estão fora de estoque. A *Coletânea Ogum's Toques*, emblemática por ser o primeiro livro da editora e o livro de crítica e teoria literária *Traduzindo no Atlântico Negro*: cartas naúticas afrodiaspóricas para travessias literárias. Trata-se de duas obras de grande importância para o acervo, mas que no momento não estão disponíveis. Ou como diz Colleu, de uma maneira mais enfática: "um livro que não está mais presente no catálogo é um livro simbolicamente morto".

Salvo que o catálogo esteja desatualizado no site, talvez possa se especular que um problema que afeta outras editoras e iniciativas independentes possa ocorrer com a Ogum's, que é o da circulação das obras, a partir de reimpressões e/ou edições novas, como comentado por Elizandra Souza anteriormente. Vale dizer que a antologia poética *Ogum's Toques Negros* recebeu financiamento público da Fundação

---

elas possam existir e serem visibilizadas", declara Denise, professora doutora em literatura da UFBA e idealizadora do projeto", explica Carrascosa *apud* DIAS, Vânia. Prêmio Literário reconhece produção poética de mulheres encarceradas. **Brasil de Fato**. Cultura. Salvador, 10/01/2023. Disponível em: https://www.brasildefatoba.com.br/2023/01/10/premio-literario-reconhece-producao-poetica-de-mulheres-encarceradas. Acesso em: 22 set. 2024.

348 Ibidem.

Palmares/MinC e o apoio da editora Marabô, encarregada da parte gráfica. No próximo capítulo, analiso o horizonte de possibilidades de políticas públicas disponíveis, tanto locais, quanto nacionais, destinadas ao fomento da leitura e do livro. Mas é sabido que, se fosse uma corda, o horizonte de possibilidades de políticas públicas para essa área começa a ser puído até que se desfaz completamente em 2018, com o segundo turno das eleições, para apenas em 2022 termos novamente uma possibilidade de novas políticas públicas.

Se aqui temos procurado nexos entre o discurso da independência editorial e o trabalho de editoras negras, na Ogum's o discurso da independência editorial não é politizado. Mas há semelhanças na prática editorial. Uma delas é o fato de a editora não estar vinculada à corporações ou receber aporte de outras empresas e organizações. Sabe-se que o principal recurso para seu projeto editorial provém dos proprietários. E de ações realizadas pelo Coletivo Ogum's Toques, que atua em paralelo com a editora, e organiza eventos como cursos, peças teatrais e saraus para a comunidade, como uma forma de criar laços, divulgar a editora e produzir consciência política.[350]

É possível ainda ver paralelos entre a política editorial da Ogum's Toques e a noção de editor independente de criação, formulado por Gilles Colleu. Para este, a construção de um catálogo editorial de qualidade avesso à lógica da produtividade é parte fundamental da ética editorial independente. Nesse quesito, a Ogum's Toques parece se manter como uma editora que angaria prestígio por sua atuação, pelas obras que edita, pelas ações que mobiliza, assim como pela rede de intelectuais que articula, tendo universidades como a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e um conjunto de trânsitos culturais entre o estético e o político que Salvador proporciona e gera.

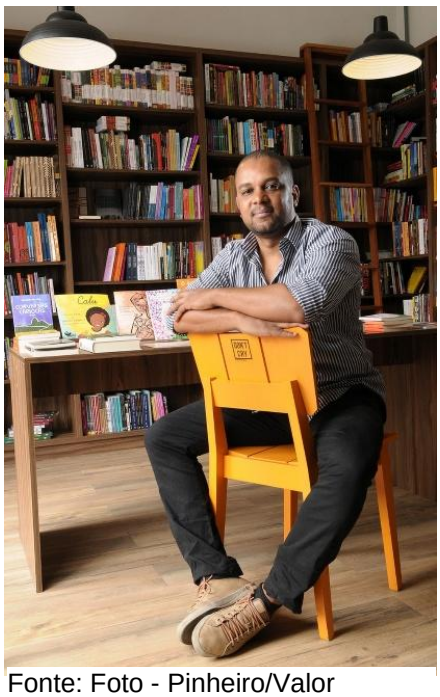
Ademais, a Ogum's Toques, ao se autointitular uma editora – baiana, negra e diaspórica – tira desse tripé sua política editorial. Enquanto no âmbito de atuação da edição independente se tem acionado o conceito de *bibliodiversidade*, como mobilizador político e argumento de legitimação, basta lembrar que esse conceito é forjado a partir da legitimidade que as pautas socioambientais começaram a ter a partir dos anos 1990. Nos materiais que pude consultar, a Ogum's Toques assume uma postura mais incisiva de combate ao racismo e, portanto, sua base de ancestralidade

[350] OGUM'S Toques. **Portal Literafro**. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/editoras/1377-ogum-s-toques-negros. Acesso em: 20 set. 2024.

é mais antiga e precisa: a resistência negra histórica. Nota-se, nesse sentido, que essa casa editorial nutre uma forte identidade ligada ao ativismo literário antirracista, inspirado na geração Quilombhoje e *Cadernos Negros*, mas já conectados com as possibilidades tecnológicas e as transformações de quem começa a atuar apenas na segunda década do século XXI, na qual o ativismo digital pode ser um dos caminhos para se direcionar a resistência.

3.3.6 A Editora Malê (Rio de Janeiro, 2016 – atual)

Figura 8 – Vagner Amaro



Fonte: Foto - Pinheiro/Valor

A Malê é uma editora e produtora cultural, cuja linha editorial e projeto estético-político é predominantemente voltado para a publicação de autorias negras brasileiras e africanas – ensaio, romance, conto e poesia. A ênfase está na autoria negra, pois “Entendemos que a leitura literária é capaz de democratizar o indivíduo”, explica Vagner Amaro.[351]

Essa expansão da dimensão existência pela leitura de livros com imaginários afro-brasileiros e negro-africanos, pela dimensão da leitura, faz-me lembrar o que a psiquiatra Neusa Santos, diz a respeito da importância de se considerar a subjetividade negra a partir de um ponto de vista negro, de modo que a leitura de si se constrói pela leitura de mundo. Em seu famoso livro sobre o processo e os desafios de tornar-se uma pessoa negra em ascensão social, ela entrevista dez pessoas negras que falam em grande medida de como o racismo dilacera a própria forma de se ver e se relacionar como familiares e na dimensão afetivo-sexual. Na abertura desse livro, a propósito, ela diz que: “Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo”.[352] Para exercer autonomia e se colocar na arena pública, ao mesmo tempo política e comercial enquanto editor, que também é autor

[351] Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/editoras/1034-editora-male-entrevista-com-vagner-amaro. Acesso em; 5 jan. 2025.

[352] SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021, p. 45.

de livros de ficção, bibliotecário e pesquisador de literatura, Vagner Amaro, em diversas entrevistas elabora esse trabalho de definir-se a si e a seu empreendimento, inaugurado com seu sócio e amigo, Francisco Jorge, em 2016:

> A Malê é uma editora e uma produtora cultural, planejada com objetivos bem específicos: aumentar a visibilidade de escritores e escritoras negros contemporâneos; ampliar o acesso às suas obras; e contribuir com a modificação das ideias pré-concebidas sobre os indivíduos negros no Brasil. Então, existe uma função social muito definida. Isso se dá a partir da edição de livros, a formação de novos escritores por meio do Prêmio Malê de Literatura e das oficinas de escrita criativa, a produção de eventos literários, o incentivo à circulação de autores e um forte trabalho de divulgação e de assessoria de imprensa aos livros que editamos. No entanto, esta definição é flexível, é uma linha de trabalho que pode vir a ser incrementada por outras frentes, temas e interesses.[353]

Portanto, o projeto de atuação desta editora é como o processo de tornar-se negro do qual fala Santos, um devir – um negócio "que pode vir a ser incrementada por outras frentes, temas e interesses". E, ademais, um projeto político, que surge como uma reação; uma resposta antirracista a uma realidade apreendida entre a primeira e segunda década do século XXI. Respostas estas que também são dadas por pesquisadores e pesquisadoras quando estudam temas ainda pouco considerados na academia. Vale citar mais um trecho desta entrevista, de 2018, em que o editor reflete sobre a importância das editoras negras:

> As editoras negras têm um papel importantíssimo de trazer diversidade e representatividade. Não é um fenômeno apenas brasileiro. Nos Estados Unidos, surgiram muitas editoras negras nas décadas de 1960 e 1970. Elas atendem a algumas demandas: a do leitor, que quer ler uma literatura em que se veja representado, em que se identifique mais facilmente; a do autor, que quer divulgar sua arte; e da literatura de um país, que, quanto mais representativa e pluralizada for, mais coerente estará com sua diversidade. Acredito que a Malê trouxe um novo impulso para esta área e isso se deu pelas competências que eu já trazia na área de livros, leitura e bibliotecas. A Malê levanta algo que é bem polêmico ainda no Brasil, 'priorizar escritoras e escritores negros'. Então, não somos uma editora apenas voltada para divulgar e difundir a cultura negra, já que estes textos podem ser escritos por escritores brancos. O que nos interessa é promover o autor negro. Penso que assumir nossa prioridade de editar autores negros, embora traga reações raivosas de pessoas brancas, muitas que nem são escritoras por sinal, traz um posicionamento novo e isso talvez se dê porque nossas referências principais são o grupo Quilombhoje e os movimentos negros surgidos no final da década de 1970 e também porque surgimos após o advento das cotas raciais nas universidades e concursos públicos, dos editais para artistas negros de diversas áreas, enfim, de políticas públicas que são voltadas exclusivamente para os negros e de todas as discussões e pesquisas que

[353] Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/editoras/1034-editora-male-entrevista-com-vagner-amaro. Acesso em: 5 jan. 2025.

> estas políticas fazem surgir. Cada nova editora negra traz uma contribuição, fortalece a luta, espero que surjam outras.[354]

Conceição Evaristo é como um fio de contas a enredar as editoras negras aqui estudadas, pois tem obras publicadas por todas elas. Na Malê ela ocupa um local especial. Pode-se se dizer que ela está na semente do que viria a ser essa editora, pois Vagner a convidou para uma atividade no Sesc, depois a consultou sobre o projeto da editora, para enfim, ser a primeira autora a ser publicada pela Malê, com um livro de contos, *História de leves enganos e parecenças*, como detalhado no capítulo 1 (ver, p. 52 a 55). Não à toa, Vagner Amaro, na mesma entrevista citada acima, diz que: "Nossa autora de maior destaque é a Conceição Evaristo e o título de maior destaque é o livro Insubmissas lágrimas de mulheres."[355]

Ao lado da premiada poeta e prosadora mineira, o catálogo da editora está bem servido de destaques e de autores(as) negros(as) premiados(as), a exemplo de Eliane Alves Cruz, Elisa Lucinda, Cidinha da Silva, Muniz Sodré, Rosane Borges, Alain Mabanckou (Congo), Fatou Diome (Senegal), Dany Wambire (Moçambique), entre outros(as).

O contexto de criação dessa casa editorial e os seus motivos já os abordei no capítulo 1. O que nos interessa neste momento é compreender como a noção de independência *faz sentido e dá sentido* ao projeto dessa casa editorial.[356]

Em uma entrevista para uma livraria independente, em 2018, o editor conta como vê sua inserção como editor independente:

> No caso das independentes voltadas para as minorias sociais, para muitos leitores consumidores, comprar livros que apresentem os discursos, as ficções e os pensamentos de grupos tradicionalmente invisibilizados, além de satisfazer uma necessidade de leitura, faz mais sentido, alimenta o desejo de representatividade e, mesmo que minimamente, contribui para uma transformação de um cenário de injustiça social, *melhora o mundo.*[357]

Esse posicionamento, afinado com a ideia de representatividade, não é algo exclusivo das editoras independentes, mas uma forma de inserção discursiva de pautas antirracista no discurso da bibliodiversidade. O que podemos destacar é como

---

354 Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/editoras/1034-editora-male-entrevista-com-vagner-amaro. Acesso em: 5 jan. 2025..

355 Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/editoras/1034-editora-male-entrevista-com-vagner-amaro. Acesso em: 5 jan. 2025.

356 Sobre o perfil da Malê e os detalhes desse início editorial, retomar o capítulo 1 desta tese, especificamente a seção 1.3 – "breves perfis das editoras pesquisadas".

357 Disponível em: https://medium.com/blooks/vagner-amaro-da-editora-mal%C3%AA-fala-sobre-os-independentes-e-projetos-futuros-49ae9ebc2dba. Acesso em 5 jan. 2025.

essa mesma visão sobre a noção de representatividade tanto pode ser acionada para mobilizar pautas legítimas da luta histórica antirracistas, mas também traz o mel fascinante que pode transformar agruras em mercadorias, o dilema bem traduzido pela escritora luandense Djaimilia Pereira de Almeida, quando reconhece a potencialidade do contemporâneo em se interessar pelo que diz uma autora negra, e ao mesmo tempo reconhecer que

> Só à superfície vivemos no tempo propício a escritoras negras. Só superficialmente o nosso tempo difere do tempo da minha avó. Por melhor que seja a nossa época não tenho a certeza de que haja muitos leitores interessados hoje no que escreve a escritora negra. Interessa à escritora negra como já interessou a canela, o abacate a telenovela, o futurismo, iogurte terias, o açafrão das Índias, a canção de luta. O que ela escreve como todos sabemos, aqui que ninguém nos ouve interessa muito pouco.[358]

A este tema voltaremos depois. Agora, vale a pena ver como Vagner Amaro faz um diagnóstico do contexto de inserção das editoras independentes em 2018, apontando como se faz necessário o fortalecimento de políticas públicas. E a importância da LIBRE, como ator político público.

> Percebo que ainda há espaço para uma maior participação coletiva na formulação das políticas públicas e planos do livro e da leitura, na formulação dos prêmios e de grandes eventos literários e nas negociações com livrarias e distribuidores. Existem empresas movidas por paixão, mas que naufragam ou ficam estagnadas em menos de 3 anos de existência. Há uma fragilidade financeira muito grande nos empreendimentos das editoras independentes e em uma situação de crise econômica como a que o Brasil vem passando são as *indies* que estão mais vulneráveis. Neste sentido que venho defendendo uma maior valorização das editoras independentes, considerando sua importância na renovação do repertório literário, promoção da pluralidade literária, e promoção da leitura, pois garantem que interesses de leitura sejam contemplados. Seria interessante a existência de um prêmio, por exemplo, para as editoras independentes, assim como, linhas de crédito e editais específicos, considerando a importância destas editoras para a promoção da bibliodiversidade e da democracia cultural. Neste sentido, vale destacar que a existência de uma associação como a LIBRE — Liga Brasileira de Editoras é importantíssima para o fortalecimento das editoras independentes.

Vale dizer que, em 2018, além de um contexto político marcado pela ascensão da direita, desencadeada entre outras coisas pelo golpe político à então presidente Dilma Rousseff, no âmbito da indústria do livro, a crise das grandes livrarias, que resultou nos processos de recuperação judicial da Saraiva, Cultura e Book Partners, gerou perdas drásticas no setor. Jaime Mendes, em matéria para o portal PublishNews, em 2018, salienta que o fato de três grandes livrarias levarem a uma crise no setor evidenciou uma concentração, mas não só, uma fragilidade presente no

---

358 *Cf*. Djaimilia Pereira de Almeida. O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo: ensaios.

setor, que as circunstâncias escancararam. “De um mês para o outro, a quase totalidade das editoras perdeu entre 40% e 60% do faturamento que estes três; sim, um, dois, três clientes representavam”.[359] O autor do artigo, em sua radiografia de como se chegou a tal situação o mercado editorial, considera que as políticas de amplos descontos no setor, aliada a períodos de grande inflação, o processo de concentração da indústria do livro ocorre tanto com a ascensão das grandes livrarias, mas também das grandes corporações que passam a investir no país, como mencionamos anteriormente nesta tese.

Outra iniciativa da Malê é a Revista Mahin[360], de divulgação da autoria negra com resenhas de livros e disponível para download gratuito no site da editora. A publicação pode ser entendida como uma política da memória, pois, ao mesmo tempo que mapeia em tempo real as autorias negras e suas obras, funciona como uma obra de referência para pesquisadores, profissionais do setor e também para o público em geral. Cria-se, assim, um tipo de ação antirracista muito vinculado ao tempo presente no qual a desmaterialização das formas de conhecer e se informar é constante, ainda que o livro permaneça como objeto de apreciação e não tenha caído em obsolescência como outras tecnologias, a exemplo dos *compact discs*.

Figura 9 – Capas do Prêmio Malê de Literatura e da Revista Literária Mahin

Fonte: site da editora Malê.

[359] Disponível em: https://www.publishnews.com.br/materias/2020/05/05/de-como-chegamos-a-este-estado-de-coisas. Acesso em: 5 jan. 2025.

[360] No site que a Malê possui, informa-se que a revista surgiu em 2019, com a proposta de: “ser um espaço de informação, interação, novidades, debates e expansão do conhecimento sobre a literatura, a cultura e a memória afro-brasileira e africana”. Disponível em: https://www.editoramale.com.br/mahin-revista-literaria. Acesso em: 14 set. 2024.

Com relação à sustentabilidade da editora Malê, Vagner Amaro, em entrevista, em 2018, disse que: “Não recebemos nenhum tipo de apoio, para nenhuma edição e nenhuma atividade. Todo o investimento foi feito pelos sócios”. Porém, na mesma entrevista, algumas perguntas depois, informa que: “Também em 2017, fomos comtemplados pelo Programa de Apoio à Publicação, do Escritório do Livro, da Embaixada da França, e assim editamos o livro Memórias de Porco-espinho, do escritor congolês, Alain Mabanckou”.

A pergunta que podemos fazer aqui é: o apoio da Embaixada Francesa não é um apoio financeiro externo? Isso não implicaria em borrar a noção de independência editorial? Podemos imaginar, já que não temos a resposta, que semelhante à postura de Marciano Ventura, editor da Ciclo Continuo, sobre não ter pudor em usar verbas públicas, o editor da Malê dispor de políticas de fomento para lançar obras e autorias africanas no mercado editorial brasileiro não resulta numa perda de autonomia da política editorial. Dessa maneira, numa economia capitalista, a ideia de uma independência editorial precisa ser pensada em termos discursivos e ideológicos como graus de independência possíveis, à maneira que Colleu define, autonomia para publicar, construir e fazer a curadoria de um catálogo com critério etc.

Até aqui analisamos cinco projetos editoriais protagonizados por pessoas negras, ainda que nem todas as pessoas envolvidas nas editoras sejam negras. De todo modo, são pessoas negras à frente de negócios negros com foco em autoria negra. Assim como vemos outras casas editoriais e livrarias que atuam dentro de uma política de representação em que há um alinhamento entre pertencimento étnico (ou outra identidade) e a linha de atuação. E o que acontece se uma pessoa que não é negra resolve montar um negócio aos moldes de uma editora negra e se insere nesse nicho de mercado? A este propósito, penso numa reflexão presente no livro *Como nasce uma editora*, em que Ana Elisa Ribeiro diz: “Uma *editora* nasce de um gesto. Ela quer quebrar um silêncio ou quer provocá-lo onde ele tem o potencial de causar certo espanto ou algum constrangimento. Ou quer talhar um espaço vazio ou ocupado por quem não deveria estar lá – há quem não deva?” [361] Há quem não deva? Esta é a pergunta com a qual entramos em águas turvas na próxima seção.

---

[361] RIBEIRO, Ana Elisa. **Como nasce uma editora**. Belo Horizonte: Entretantas, 2023, p. 25. Disponível em: https://anadigital.pro.br/category/literatura/projetos-especiais/entretantas-edicoes/. Acesso em: 16 set. 2024.

3.3.7 A editora Mostarda (Campinas, SP, 2017 - atual)

Uma das questões mais relevantes do momento atual é a política de representatividade. Nela o conceito de *lugar de fala*[362] é bastante acionado, geralmente em debates acalorados, provavelmente quem me lê já ouviu, leu ou disse frases como estas: "– Esse é meu lugar de fala", e pode ter ouvido a réplica: "– Lugar de fala ou de cala?", ou "– Não tenho lugar de fala para opinar!" etc. Por esse conceito, pretende-se destacar como a origem social tem papel importante historicamente para dimensionar as posições de privilégio, as vantagens sociais e os níveis de opressão.

Em 2017, Djamila Ribeiro, ao publicar *Lugar de Fala*, dava início à bem-sucedida coleção *Feminismos Plurais*. Com uma obra de linguagem acessível, a filósofa popularizou o conceito homônimo ao título e o pensamento de ativistas e pensadoras negras – da abolicionista norte-americana Sojourner Truth à brasileira Lélia González. O cerne da obra foi evidenciar as hierarquias opressivas presentes nos regimes de conhecimento hegemônicos – ocidental, branco, heteronormativo, cristão e europeu – e a consequente subalternização de outras formas de conhecimento.

No entanto, com a popularização desse conceito, também se difundiu a interpretação equivocada de que ele é uma forma de censura àqueles(as) que não são diretamente oprimidos(as) em suas formas de existência. Pense no quanto foram contra hegemônicos, em um ambiente majoritariamente masculino, branco e cristão, os discursos críticos de Marielle Franco na política brasileira e, hoje, a atuação de Benedita da Silva, Sueli Carneiro, Sônia Guajajara e de Erika Hilton em diferentes áreas de atuação, para ficarmos em poucos exemplos. É exatamente essa potência disruptiva (ela diz "contra hegemônica") que Ribeiro enfatiza em sua obra.

Nesse sentido, acho o conceito útil na medida que desvela as relações de poder e dominação nos regimes de conhecimento. Também, por mostrar como nenhuma forma de episteme é universal, mas localizada, frente a diversas outra. Aliás, o mundo seria bastante limitado se cada pessoa pudesse se pronunciar, pesquisar, dançar e festejar apenas dentro dos limites de sua origem e experiência. Não entendo, portanto, o conceito de *lugar de fala* como uma apologia a esse tipo de mundo. Se esta pesquisa

---

362 RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p. (Feminismos Plurais)

fosse sobre o romantismo alemão, o fato de eu ser negro a tornaria menos legítima, em detrimento do valor dos conhecimentos apresentados?

Ao abordar a Editora Mostarda, vamos, em alguma medida, entrar no coração dessa discussão e do debate sobre legitimidade racial e outras questões éticas e mercadológicas.

A editora Mostarda foi fundada por Pedro Américo Fonseca Mezette, em 2019; está localizada na Rua R. Guido Segalho, 273, na região metropolitana de Campinas, em Sumaré/SP. A diversidade e a inclusão em sentido amplo pautam o catálogo da editora, que é especializada em livros da primeira infância aos infantojuvenis. O catálogo possui os populares livros para colorir; biografias de grandes expoentes negros (e atualmente indígenas) de todas as áreas do conhecimento e artísticos são temas, além de quadrinhos e livros em braile. Trata-se de uma editora especializada em autorias negras, mas não exclusiva, pois o grande mote é a diversidade. No site da editora, o visitante é convidado a montar seu combo (selecionando cinco obras) ou a comprar individualmente.[363]

Figura 10 – O editor Pedro Mezette

Fonte: instagram @pedromezette

Como os editores anteriormente estudados, Mezette conta quais os motivos que o levaram a criar a Mostarda. O argumento da falta de editoras reaparece nessa entrevista em vídeo de 2022:

[363] **MOSTARDA,** site: disponível em: https://www.editoramostarda.com.br/. Acesso em: 27 set. 2024.

> Então, a Mostarda nasceu através de um ideal. A gente é da região periférica de Campinas. Eu não sou negro, mas visualizei. Não consegui sentir, né... O que o racismo estrutural faz. E como sempre trabalhei com livros, eu vi que existia, não posso dizer uma demanda, mais que existia uma lacuna onde as crianças, elas não tinham representatividade nos livros que elas compravam. Ou que estavam disponíveis em livrarias. Que que é a referência de uma criança negra normalmente, né? É o traficante ou é o jogador de futebol... Falo a referência de bem-sucedido. O que que a gente quis fazer com a editora Mostarda? Trazer referências, né? Personalidades que se destacaram, que tiveram ascensão. E que possam... e que essas crianças possam, enxergar, né? É... a representatividade. A Mostarda, ela tem 3 anos e meio, né? Hoje a gente tem em catálogo 32 títulos. Agora na bienal de São Paulo, que vai começar no próximo final de semana, a gente tá lançando é... mais 44 títulos. Dentre esses títulos a gente tá lançando a maioria dos títulos da coleção black Power, né? Que é nossa Vitrine. Eles em braile. É um conteúdo acessível. E... e assim é um trabalho que nos empolga muito! E que faz a diferença na vida das pessoas. Na hora que a gente vê que uma criança pega e se sente, pega um livro na mão e se sente representado (sic) isso pra gente então faz uma grande diferença.[364]

Alguns pontos aqui são interessantes. Primeiro, o fato de o editor explicar que não é negro, mas que, vindo de uma região periférica (Sumaré/SP), tentou colocar-se nesse lugar de empatia com o *racismo estrutural*. Aqui, nota, como em sua compreensão, sendo ele branco, não seria corresponsável por ações antirracistas, uma vez que, como ele mesmo disse, o racismo é estrutural e, portanto, está relacionado com o conjunto da sociedade brasileira.

O segundo ponto é sua afirmação, talvez por ato falho ele diga *demanda*, e corrija para lacuna de obras para as crianças negras “eu vi que existia, não posso dizer uma demanda, mais que existia uma lacuna onde as crianças […]”). Em 2019, Mezette repete praticamente o mesmo argumento que outros e outras editoras negras respondem quando perguntadas sobre a motivação para abrir a editora. Também ele, nesse caso, não reporte a existência de quaisquer outras iniciativas nesse mesmo nicho. Mesmo que, quando decidiu montar sua editora, diversas outras editoras especializadas ou exclusivas, geridas por pessoas negras já haviam surgido. Assim como o próprio mercado editorial como um todo, parecia “que finalmente descobriram que os autores negros escrevem, escrevem bem e vendem bem”, como disse o escritor Itamar Vieira Junior, autor do *best seller*, o romance Torto Arado, em uma entrevista de 2013.[365] Todavia, nesse ponto, acrescenta-se que, na editora Mostarda,

---

364 HORA CAMPINAS. **Editora Mostarda**: diversidade e inclusão na Bienal de São Paulo. 2022. 02:36 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KzX3wKJrH2g. Acesso em: 23 set. 2024.

365 **451 MHz**: #33 A Bahia é o meu centro. Entrevistado: Itamar Vieira Junior. Entrevistadores: Paulo Werneck e Paula Carvalho. [*S. l.*], 31 jan. 2013. Podcast. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/2t9qhHlmfHIk8NM5KHD2FQ?si=838ebe58debf40d2. Acesso em: 16 set. 224.

enquanto nas peças publicitárias a presença de pessoas negras é praticamente exclusiva, o próprio editor dificilmente aparece em matérias de jornal ou vídeo, por outro lado, a maior parte das obras é escrita por ilustradores e autores brancos.

Terceiro ponto é a menção à coleção *Black Power* como “a principal vitrine da editora”. Dentro de uma política de representatividade, seu desejo foi trazer como referência para as crianças negras, negros bem-sucedidos, que ascenderam socialmente. Daí a ênfase em nomes como Abdias do Nascimento, Carolina Maria de Jesus, Michele e Barack Obama, Mestre Didi, Aleijadinho, entre outros. Mesmo, sendo difícil encontrar um denominador comum de ascensão social para trajetórias negras tão distintas, percebe-se que a proposta do editor é calcada em um imaginário no qual a ascensão social é limitada à visão capitalista de sucesso, ou seja, uma visão excludente da maioria da população brasileira, negra ou não. De todo modo, em sua concepção as obras que produz têm como referência um público imaginado, que são crianças negras e seus responsáveis e o efeito na autoestima que uma obra de autoria negra pode produzir. O editor, portanto, compreendeu que havia uma demanda (ele diz que é lacuna) e atuou de maneira eficiente para divulgar seus livros, que estão em diferentes livrarias, bibliotecas, no site da Amazon e em escolas públicas, como veremos daqui a pouco.

Outro ponto são os números que ele elenca para o catálogo, conforme o vídeo citado anteriormente, em três anos e meio, 33 obras, com o lançamento de mais 44 livros na Bienal do Livro, ocorrida no mesmo ano. Atualmente, conferi no site e encontrei ao todo 129 obras no catálogo, divididas entre: lançamentos (5), livros infantojuvenis (66), livros Infantis (16), lançamentos (5), obras em braile, entre infantil e infanto juvenil, (42). É um número bastante elevado e que evidencia a proposta da editora a partir do próprio nome escolhido:

> Fazemos parte da segunda geração de uma família dedicada aos livros. A escolha do nome da Editora tem origem no que a semente de mostarda representa: uma pequena semente, mas que se transforma na maior das hortaliças.
> Assim, a meta é ser uma grande e importante difusora do livro e que, nessa trajetória, seja possível mudar a vida das pessoas, agregando conhecimento, quebrando barreiras e preconceitos![366]

[366] MOSTARDA – Cultura Organizacional – Site: https://www.editoramostarda.com.br/cultura-organizacional/. Acesso em: 7 jan. 2025.

Essa editora “pequena” que quer ser uma das maiores hortaliças do mercado editorial está associada à LIBRE. Pode-se dizer, portanto, uma editora independente. E, já nesse momento, podemos dizer que temos o exemplo melhor sobre como esse rótulo pode caber muitas formas de existir editorial, da editora periférica Ciclo Contínuo à Mostarda, que embora diga surgir de uma região periférica, constrói-se de um outro *lugar*, em que o aspecto capitalista estrutura “a cultura organizacional da empresa”. Há de certa forma, uma projeção de si do editor, ele quer ser uma das maiores editoras, e faz um recorte editorial de diversidade no qual seleciona biografias de pessoas negras que ascenderam, segundo seus próprios critérios.

Essa dimensão mercadológica mais latente, está presente também no site da editora. Ao entrarmos nele, o internauta é convidado a montar seu combo (no qual escolhe cinco livros) ou a fazer comprar individuais. Parte expressiva do catálogo está organizado por coleções temáticas, como a já mencionada Coleção Black Power, dedicada às personalidades negras e a Coleção Lideranças Indígenas.

Em seu site, consta a obra *O Macaquinho que Amava a Lua*, de Maria Júlia Maltese (educadora e escritora), como contemplada com o Programa Nacional do Livro Didático Literário (PNLD) de 2022.[367] Além disso, a Mostarda tem participado das principais feiras literárias do país, como a 27ª Bienal do Livro de São Paulo (2024) e da feira literária de Bologna [67º Bologna Children Books Fair], em 2023, para a qual disponibiliza um catálogo online.[368]

Vejamos um pouco da trajetória desse editor. Diferente da maioria dos editores aqui estudados, em que todos são a primeira geração de editores, Mezette explica ser parte de uma segunda geração de pessoas ligadas ao livro, sendo também um “Profissional do livro com mais de 25 anos de experiência, trilhando todos os estágios práticos da profissão em experiências nacionais e internacionais nas Américas, Ásia e Europa”. Em seu currículo no Linkedin[369], explica que ele é diretor geral de um grupo, no qual a editora Mostarda está presente associada a um sebo com “mais de 40 anos de história [...] Fundada por meu Pai, foi aqui que construí toda a minha formação e

---

367 “O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público”, conforme site do Ministério da Educação. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld. Acesso em: 6 jan. 2025.

368 Ver catálogo dessa feira, disponível no site: https://www.editoramostarda.com.br/catalogos/

369 https://br.linkedin.com/in/pedro-mezette-4b56662a. acesso em: 6 jane. 2025.

expertise no universo livreiro, especializando-me para criar as demais empresas do grupo"; e por uma outra empresa, a BookShop, uma livraria, papelaria e loja de produtos pedagógicos, localizada em Juazeiro do Norte, no Ceará, como ele explica:

> […] Bookshop Livros: Nascida para participar de bienais e feiras em todo o país, a Bookshop Livros já realizou mais de 300 eventos. Em 2018, expandimos para Shoppings, operando feiras indoor, e agora contamos com uma Megastore em Juazeiro do Norte.

Se, para a noção do editor independente o binômio cultura e dinheiro apresenta-se como uma questão constantemente problematizada, ao menos discursivamente, como forma de opor um eu (individual ou coletivo) ao outro (a grande editora, o *mainstream*, o hegemônico), no caso de uma editora como a Mostarda, o rótulo independente a que o editor se vincula via LIBRE, coloca uma interrogação sobre a zona cinzenta entre independência, autonomia a afirmação simples do negro como um nicho de mercado no amplo escopo do discurso da diversidade. Ou o que bell hooks denominou de *comodificação da negritude*[370], isto é, quando a negritude passa a ser empregada, pela via da estereotipia, como uma mercadoria rentável. A escritora estadunidense diz que esse fenômeno remonta ao início do século XX, mas podemos dizer que a própria experiência moderna de escravidão não poderia existir sem a construção eurocêntrica e capitalista de que alguns povos poderiam ser tratados como coisas rentáveis.

O que se vê atualmente, portanto, não só no mercado editorial brasileiro, mas no mercado editorial mundial, é uma valorização da diversidade também como mercadoria. Um exemplo concreto disso é que a editora Companhia das Letras, após ser comprada majoritariamente pela Penguin Books, passa a ter uma diretriz mais voltada para as autorias negras, publicando escritores brasileiros, até então bastante ignorados por esta editora, como Oswaldo de Camargo e Carolina Maria de Jesus, entre outros/as. Nesse sentido, a distinção entre editoras independentes, como detentoras da bibliodiversidade, opostas às grandes corporações, fica borrada.

Ainda que possa se olhar para esse momento contemporâneo em que autorias divergentes do cânone estejam na moda, esse foco gera suspeitas (vale reler a epígrafe deste capítulo), uma vez que o motivo que leva a girar as engrenagens da representatividade é mercadológico (não à toa as escritoras que vão ganhar algum

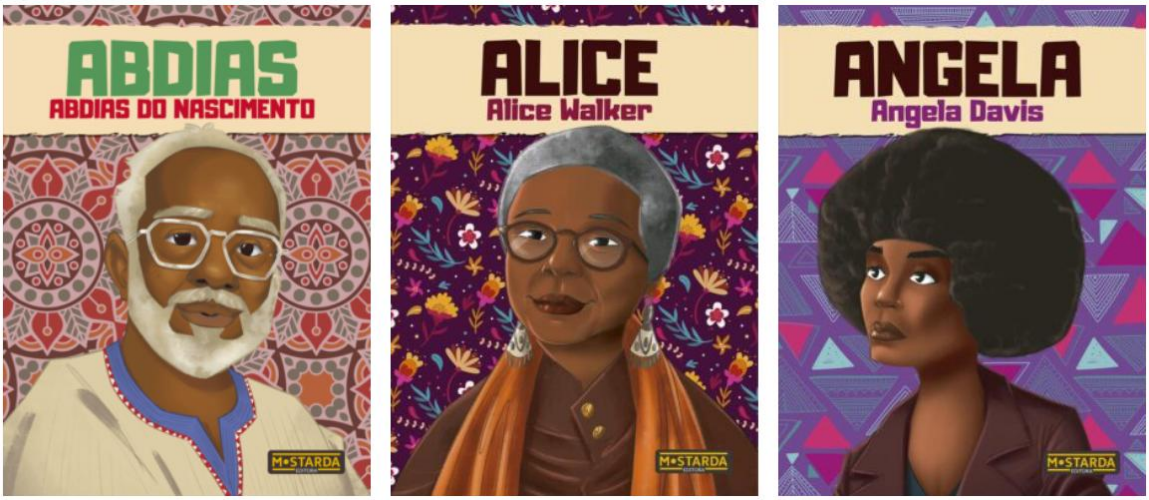
---

[370] hooks, bell. Comendo o outro: desejo e resistência. hooks, bell. *In*: **Olhares Negros**: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019, p. 64-95.

destaque primeiramente são aquelas com popularidade nas redes sociais. Desta forma, se a representatividade pode abrir portas, decerto, ela também é uma moldura que delimita o que fica de fora. E, numa lógica capitalista de representação, o que fica de fora é parte de uma imensidão que alimenta o próprio retrato de uma representatividade ligada à exclusividade e ao privilégio. As artistas visuais contemporâneas Musa Matiuzzi e Jota Mombaça[371] há tempos vêm refletindo sobre as armadilhas da representação e alertado para como para, além de lutas por visibilidade, que são importantes, poder gerir a própria invisibilidade (ou opacidade) é fundamental.

Os livros da editora Mostarda são um exemplo de mercantilização das biografias de autorias negras. A ampla maioria dos títulos do catálogo traz em letras garrafais o nome da pessoa biografada, mas não os nomes de quem escreveu e ilustrou.[372] Na figura 2, abaixo, temos uma reprodução de três capas, entre dezenas de outras encontradas no site da editora, em que esse padrão é repetido.

Figura 11 – Capas de livros da Coleção Black Power da editora Mostarda



Fonte: Reprodução site da Editora Mostarda

Embora seja essencial publicar biografias ilustradas das populações negras e indígenas desde a primeira infância como uma estratégia antirracista, uma crítica ao catálogo da editora Mostarda é a falta de diversidade na autoria, pois a maioria dos títulos é assinada por pessoas brancas, cujos nomes podem ser acessados no site da

371 *Cf.* MOMBAÇA, Jota; MATTIUZZI, Musa Michelle. Carta à leitora preta do fim dos tempos. *In*: FERREIRA DA SILVA, Denise. **A dívida impagável**. São Paulo, 2019, p. 16-27.

372 Consultei o site, assim como bibliotecas e livrarias para pesquisar esses dados, e do conjunto de obras, localizei apenas duas obras com o título do ilustrador e do escritor na capa dos livros.

editora, na folha de rosto ou na ficha catalográfica, mas raramente na capa dos livros. Essa falta de representatividade étnico-racial é problemática, pois reproduz uma prática histórica de comercialização e exploração das vidas negras e indígenas, sem, no entanto, reconhecê-las como autoras de suas próprias histórias, memórias e culturas. Isso pode ser caracterizado como um apagamento das autorias negras e indígenas, presentes nas duas coleções principais da editora: a Coleção Black Power e a Coleção Lideranças Indígenas. Em outras palavras, o que se vende na capa não é a produção de pessoas que escrevem e ilustram, mas a vida negra ou indígena, apresentada como temática. Essa questão torna-se ainda mais relevante na atualidade, à medida que vozes negras, periféricas e indígenas, em suas diversas vertentes literárias e de pensamentos, vêm conquistando maior visibilidade, autonomia e sendo premiadas por suas obras.

Apesar dessa crítica, é preciso reconhecer mudanças na política editorial dessa editora de Campinas, que tem publicado mais escritores(as) negros(as). Um dos primeiros foi o ex-goleiro e escritor Mário Aranha – que ao passar por uma situação de racismo em um jogo, em 2014, e protestar, teve sua carreira prejudicada. Aranha é autor dos livros *Brasil Tumbeiro* e uma biografia infantil de José do Patrocínio.[373] Além dele, outros(as), são Marcos Cajé (autor da biografia de Mestre Didi e do livro infantil *Imani*), Júlio Emílio Braz (que escreveu sobre os irmãos Rebouças e também sua própria biografia). Na ilustração XX, abaixo, reproduzo as três obras da Mostarda que apresentam os créditos autorais do(a) escritor(a) e ilustrador(a) na capa e não somente na folha de rosto. Da esquerda para direita temos, respectivamente, as biografias infantis ilustradas de Lima Barreto (escrita por André Augusto Diasz[374] e ilustrada por Jefferson Costa), de Lélia González (escrita por Flávia Martins Carvalho[375] e ilustrada por Leonardo Malavazzi) e a de Maria Firmina dos Reis (escrita por Majori Silva[376] e ilustrada por Eduardo Vetillo).

---

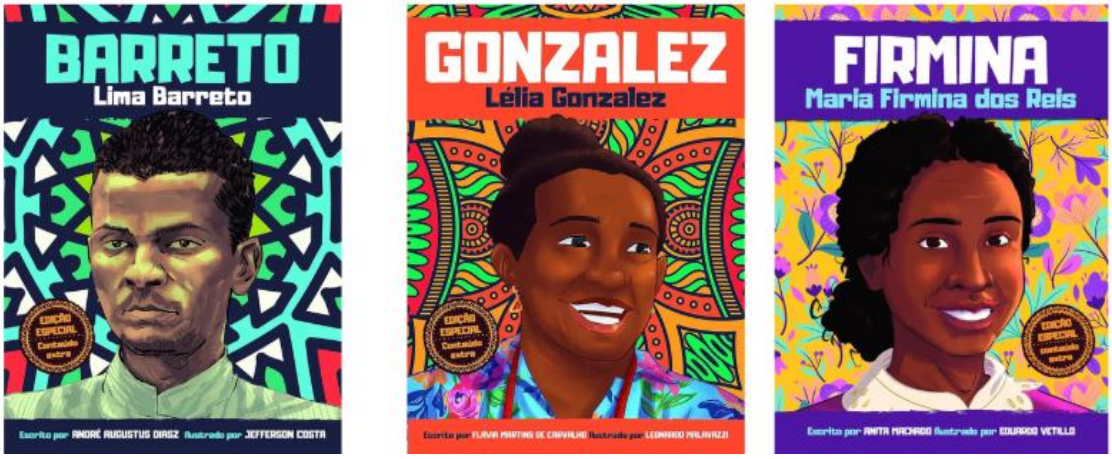
373 *Cf*. **BRASIL DE FATO**. Aranha e o preço de denunciar o racismo no futebol: "Paguei com a minha carreira". 21 ago. 2020. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/podcast/brasil-de-fato-entrevista/2020/08/21/aranha-e-o-preco-de-denunciar-o-racismo-no-futebol-paguei-com-a-minha-carreira/. Acesso em: 20 fev. 2025.

374 O escritor é também escreveu para Mostarda uma biografia de Mario de Andrade (2023).

375 Também escreveu a obra infantil Meninas Sonhadoras, Mulheres Cientistas: linguagens e ciências humanas, matemática e ciências da natureza (Mostarda, 2023).

376 Também escreveu a biografia infantil de Harriet Tubman (Mostarda, 2023).

Figura 12 – Capas da Coleção Black Power com créditos das autorias na capa



Fonte: Reprodução editora Mostarda.

A análise da qualidade literária e gráfica dos títulos presentes no catálogo das editoras aqui estudadas, tanto pela quantidade e qualidade, merecem análises detalhadas, o que não foi objetivo desta tese. Apesar disso, no que se refere à Mostarda, quero destacar, ainda, dois aspectos por serem muito importantes. A primeira é positiva, as capas das obras dessa editora que consultei valorizam a humanidade e dignidade das pessoas biografadas, que são apresentadas de maneira sorridente ou altiva, algo que por si só permite combater estereótipos e preconceitos raciais desde a infância. Esta característica está alinhada com uma premissa antirracista necessária ao mercado editorial e é uma premissa das editoras negras.

Por outro lado, assim, como tem ocorrido com outras editoras[377], em 2022, uma biografia infantil de Luiz Gama publicada pela Mostarda foi adotada na educação fundamental de Campinas (SP), mas posteriormente recolhida pela Secretaria de Educação Municipal após a identificação de símbolos nazistas na capa.

Em nota, o editor Pedro Mezette desculpou-se, afirmando tratar-se de um erro gráfico, e comprometeu-se a substituir os exemplares adquiridos por uma versão

377 A editora Companhia das Letras, por exemplo, enfrentou críticas significativas ao publicar o livro infantil *Abecê da Liberdade: A História de Luiz Gama, o menino que quebrou correntes com Palavras*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta. A principal crítica ocorreu pela forma como a obra retratou a escravidão e a infância do abolicionista Luiz Gama, especialmente em uma passagem que descrevia crianças negras brincando de "Escravos de Jó" dentro de um navio negreiro. Essa cena foi vista como uma romantização inapropriada de um período histórico marcado por extrema violência e sofrimento. A editora lamentou e disse que a obra foi editada sem a revisão necessária, e que tomaria medidas para não repetir a situação no futuro, entre as medidas ocorreu o recolhimento da obra. **O GLOBO.** Editora recolhe livro com ilustração de crianças brincando em navio negreiro. *O Globo*, 2023. Disponível em: https://oglobo.globo.com/cultura/livros/editora-recolhe-livro-com-ilustracao-de-criancas-brincando-em-navio-negreiro-25194098. Acesso em: 18 mar. 2025.

corrigida. O autor da obra, Francisco Lima Neto, também se manifestou, declarando ao portal G1, que “o erro na impressão não havia sido percebido desde 2021, quando a obra foi lançada na Bienal do Rio de Janeiro. Além disso, ele frisou que é preto, tem histórico profissional de atuação na causa antirracista e manifestou confiança na editora”, conforme explica o jornalista Fernando Pacífico.[378] Vale destacar que na capa dessa biografia, o nome de Lima Neto não aparece, como é predominante na editora. Abaixo, reproduzo a capa original e a corrigida; entre elas, inserir a capa com o “erro gráfico” em preto e branco, deixando em colorido apenas as suásticas para melhor visualização.

Figura 13 – Capa da biografia de Luiz Gama com suásticas
Fonte: Editora Mostarda

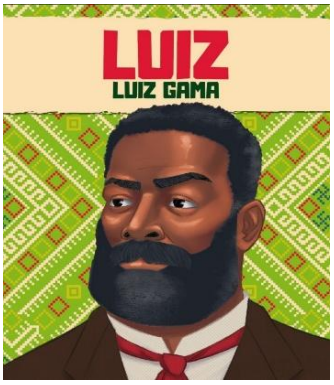
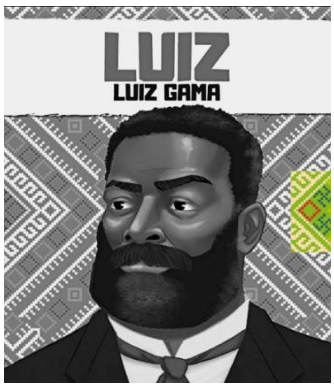
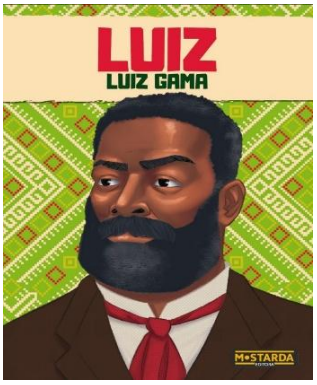


Figura 14 – Capa com suásticas em colorido



Fonte: pesquisador

Figura 15 – Capa da biografia de Luiz Gama corrigida
Fonte: Editora Mostarda



Os pontos anteriormente elencados não se referem ao fato de o editor ser branco, mas ao fato de a editora ter uma atuação de comercialização da alteridade, ignorando a multiplicidade de vertentes literárias negras existentes no Brasil e no mundo. Quando selecionamos trabalhar com editores negros e editoras mulheres negras, pensamos nas especificidades do que é a experiência de ser negro como editor(a), e de que maneira esse fazer vai além de uma questão epidérmica, mas de afirmação de uma identidade política que extrapola para o trabalho editorial. De modo semelhante, Conceição Evaristo fala da literatura negra e de sua conexão com a escrita de autores/as negros/as: “Estamos falando de uma literatura em que seus produtores se propõem consciente e politicamente, criar um discurso, uma escrita que

[378] PACÍFICO, Fernando. Livro sobre abolicionista Luiz Gama sai com suástica em capa e Campinas determina recolha em escolas; editora se desculpa por erro. **G1.** Campinas e Região. Educação. 26/11/2022. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2022/11/26/livro-sobre-abolicionista-luiz-gama-sai-com-suastica-em-capa-e-campinas-determina-recolha-em-escolas-editora-se-desculpa-por-erro.ghtml. Acesso em: 22 set. 2024.

parta do ‘eu negro’, sujeito que se inscreve e escreve negro e não que represente o negro”.[379]

A pesquisadora Flávia Denise Pires de Magalhães, ao refletir sobre a imprecisão da categoria independente e sua consequente ampla adesão, constrói a seguinte análise. Para ela, o editor independente que se encontra à margem, assim como o autor marginal ou maldito, pode extrair dessa condição certa “vantagem” – acrescentando uma dimensão ética e política – ao se posicionar como alguém que produz uma “arte mais ‘pura’ do que aquele autor, aquela editora que age em função da demanda”. Magalhães continua: “Assim, mesmo sem alcançar o sucesso, definido aqui no âmbito do lucro financeiro, esse artista ainda pode declarar-se bem-sucedido na acumulação de um capital cultural ou simbólico.”[380]

Se trouxermos essa reflexão de Magalhães para a experiência das editoras negras, é possível considerar que a condição de “marginalidade” das editoras geridas por pessoas negras, dentro do nicho da autoria negra, pode gerar um capital simbólico ligado à valores éticos e políticos. Esse capital não se sustenta unicamente pela chancela de legitimidade que a priori um editor(a) negro(a) possui ao editar obras negras, mas também pela construção de uma trajetória de experiencias – frequentemente iniciadas fora do mercado editorial, seja como escritor(a) independente, ativista, intelectual, professor(a), feminista, entre outras. Essas experiências, isoladas ou combinadas, fornecem um capital simbólico aplicado à atuação editorial antirracista, que transcende a atuação mais convencional de uma editora comercial, à medida que propõe intervenções culturais, pedagógicas e intelectuais-ativistas, gerando reflexões tanto sobre o mercado editorial, às políticas públicas e à sociedade brasileira de uma perspectiva da consciência racial.

Nesse contexto, Pedro Mezette, editor da Mostarda, representa um ponto de partida distinto das editoras negras. Primeiro, porque provém de uma segunda geração familiar atuando no mercado de livros. Segundo, porque Mezette, na própria identidade de sua editora, assume, sem meias palavras, a condição de empresário,

---

379 BRITO, Maria da Conceição Evaristo. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. 1996. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996, p. 41.

380 MAGALHÃES, Flávia Denise de. A independência de cada um: uma análise das definições de publicadores de Belo Horizonte para o termo. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41, 2018. **Anais** [...], Joinville: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018, p. 1-2.

de alguém que localiza um nicho com potencial de crescimento e nele investe, tendo a diversidade como mote. Em termos capitalistas, a Mostarda apresenta-se como uma empresa competitiva, que tem aperfeiçoado e feito crescer sua linha editorial focada na temática negra e indígena. No entanto, da perspectiva daqueles valores éticos e políticos, em especial do antirracismo, há críticas a se fazer, como a de que esse tipo de abordagem comercial pode compreendida como um "afro-oportunismo", isto é, a transformação do outro em mercadoria, bem como a sub-representação e/ou apagamento da autoria negra no mercado editorial.

A reflexão anterior nos remete ainda à categorização feita por Muniz Júnior em sua tese de doutorado *Girafas e Bonsais*, mencionada neste capítulo algumas vezes. Esse título, para o pesquisador, expressa duas frações da heterogênea categoria de editores independentes brasileiros e argentinos. A editora girafa, para o pesquisador, remete àquela fração da edição independente que é "meio intelectual e meio empresário"; que mantém o pé no chão e a cabeça na nuvem; apesar dessa ancoragem, busca o crescimento econômico e, ao mesmo tempo, instâncias organizativas de representação e pressão. O editor bonsai, ao contrário, é a editora pequena, em cujo projeto editorial há pouca margem para o crescimento econômico. Não dá para ser taxativo com relação às editoras aqui pesquisadas, mas percebe-se maior afinidade com o perfil Bonsai para a maior parte das editoras negras, sendo a editora Malê, das editoras negras, a que mais se aproxima da concepção de editora girafa, da qual a editora Mostarda, desde o nome, uma hortaliça que se agiganta, é um exemplo mais bem acabado.

Para concluir o capítulo, gostaria de mencionar que uma motivação para o escrever foi perceber que o termo independente, ou mesmo editoras independentes, de modo geral é pouco refletido e está muito associado ao porte econômico das editoras, como se editora independente fosse sinônimo de editora pequena. Percebi isso, por exemplo, em cursos de que participei focados em editoras independentes: um deles ministrado por Jiro Takahashi[381], chamava-se "Como montar e manter uma

[381] Editor paulista, com uma contribuição fundamental para o mercado editorial e a formação de leitores no Brasil. Na década de 1970, como editor da Editora Ática, idealizou a coleção Vaga-Lume, que lançou títulos como A Ilha Perdida, O Escaravelho do Diabo e O Mistério do Cinco Estrelas, cuja popularidade atravessou gerações. Além disso, fundou a editora Estação Liberdade e colaborou com outras importantes editoras, como Ediouro, Prumo e Nova Aguilar. Em reconhecimento à sua trajetória de mais de 50 anos dedicados ao livro e à leitura, Jiro Takahashi foi homenageado com o troféu Contribuição ao Mercado Editorial no 8º Prêmio PublishNews, em 2024. Cf.

editora independente", e que foi oferecido pela Universidade do Livro, da Editora Unesp. Outro foi realizado pela escritora mineira Cidinha da Silva, intitulado *Vozes independentes no mercado editorial*. Ambos foram online. No primeiro deles, foi-nos ensinado sobre como montar uma editora, desde a abertura do CNPJ à composição do catálogo. Um argumento usado para abrir uma editora independente/pequena hoje é a possibilidade de atuar em um nicho ao qual uma editora grande não teria acesso. Portanto, assim, não se disputa, em tese, o mesmo público.

No segundo curso, ministrado pela escritora e editora, Cidinha da Silva[382], a perspectiva foi uma leitura do mercado editorial a partir de uma escritora negra que possui larga experiência no mercado editorial e tem mais de vinte livros publicados. As aulas passaram desde as razões para se autopublicar, como e quando, até um mapeamento do mercado editorial independente. Sobre este primeiro ponto, pensando na autoria negra (ou, como a editora denomina, "autoria divergente não hegemônica"), Cidinha da Silva disse que o fundamental para o autor é estudar os perfis editoriais e verificar quais são as condições ofertadas pelas editoras. Para ela, quando se trata de independentes (leia-se, também pequenas editoras), o interessante é publicar por mais de uma editora. Ela deu o exemplo de Edmilson Pereira de Almeida, que publicou três obras em um mesmo ano e cada uma delas por uma editora diferente. Cidinha diz que, por editoras maiores, a tendência é que o autor permaneça mais tempo, já que as condições oferecidas tendem a ser melhores.

Porém, ela não é otimista quanto ao futuro da autoria negra no mercado editorial hegemônico. Outro aspecto que mencionou foi a capacidade das editoras de acessar políticas públicas, já que o Estado brasileiro continua sendo o responsável por metade das vendas do mercado editorial. Em resumo, mesmo trazendo muitos aspectos interessantes, estes dois cursos de que participei não traziam uma reflexão mais aprofundada sobre o que é ser independente para além de uma prática editorial

---

PUBLISHNEWS. Jiro Takahashi é o homenageado do 8º Prêmio PublishNews. 25 abr. 2024. Disponível em: https://www.publishnews.com.br/materias/2024/04/25/jiro-takahashi-e-o-homenageado-do-8-premio-publishnews. Acesso em: 31 mar. 2025.

382 Escritora mineira e editora da Kuanza Produções. Autora de 22 livros, entre crônica, conto, ensaio, dramaturgia e literatura infantil e infantojuvenil. Alguns deles são: *Cada Tridente em Seu Lugar* (Mazza Edições), *Um Exu em Nova York* (Pallas Editora), *Os Nove Pentes de África* (Mazza Edições), *A Menina Linda e Outras Crônicas* (Oficina Raquel). Cf: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/60207-cidinha-da-silva. Acesso em: 31 de março de 2025. Verbete da Enciclopédia.

ou da vida literária de um/a escritor/a. Quanto à literatura sobre o tema, não são muitas, mas tem crescido o número de pesquisas a respeito das dimensões interseccionais entre mercado editorial, gênero e raça, inclusive na dimensão da edição “independente”.

Em resumo, o objetivo deste capítulo foi conectar as pontas entre o discurso independente e as editoras negras, além de analisar as políticas editoriais. Essa abordagem foi inspirada na famosa entrevista de Gay Talese, "Sinatra está resfriado"[383], na qual o renomado jornalista e um dos criadores do jornalismo literário elaborou um perfil de Sinatra apenas por meio de relatos de pessoas e lugares que conviveram com o cantor, já que Sinatra não o atendeu, pois estava resfriado.

Com modéstia e humor, brinquei com os títulos e imaginei: e se Sinatra fosse preto e editor poderíamos intitular este capítulo como: "E os editores estavam com frio: um perfil das editoras negras e seus nexos com a independência editorial". Assim, minha intenção foi contornar esse desafio, buscando fontes secundárias em outras entrevistas desses editores, textos acadêmicos e materiais disponíveis na internet sobre as editoras em questão. Esta é minha garrafa lançada ao mar da pesquisa sobre esse tema, que, sem dúvida, merece diversas outras abordagens e aprofundamentos.

[383] A reportagem está presente no livro: TALESE, Gay. **Fama e anonimato**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.A obra também é facilmente acessível na internet.

4 EDITORAS NEGRAS E O ACESSO ÀS LEIS DE FOMENTO AO LIVRO E LEITURA COM RECORTE INTERSECCIONAL

> Luana Dandara indagou se a professora havia de fato acabado de citar as referências. Berenice disse que sim. Luana perguntou então se ela não tinha alguma outra bibliografia com autoras negras. Berenice esboçou um riso, porque a questão pareceu fora de contexto, descabida até. Então, com calma e certa de seu domínio sobre a turma, disse que aquele programa era fruto de muitos anos de pesquisa, de trabalho e de leitura, e que mexer nele não era uma coisa simples. Luana a interrompeu: *professora, tudo bem, eu já entendi, obrigada*. O tom da aluna soou por demais violento para ela. Em toda a sua carreira era a primeira vez que alguém questionava sua bibliografia.
>
> Jeferson Tenório[384]

Tendo em vista que os programas de incentivo à leitura e ao livro do governo representam historicamente uma parte expressiva dos lucros do setor, sobretudo em termos de livros didáticos, a concorrência para o acesso a essas políticas constitui um âmbito de tensões.[385] A questão passa a ser: como dividir o bolo da diversidade editorial.

Neste capítulo vamos analisar quais são as políticas públicas existentes para o setor de fomento ao livro, leitura e escrita e o acesso das editoras negras a essas políticas. As questões principais são: até que ponto as políticas de fomento nacionais ligadas ao livro e à leitura impactam a almejada sustentabilidade econômica desses negócios negros? E dentre as políticas semelhantes com recorte de diversidade, no âmbito estadual e municipal, quais foram acionadas na trajetória dessas editoras?

Um recorte temporal importante nessa discussão parte da compreensão de que a implementação da Lei 10.639, de 2003, foi um divisor de águas no mercado editorial do país, ao criar uma demanda por livros didáticos, paradidáticos e literários com a temática étnico-racial. Assim, minha análise tem como limites pensar os impactos de

---

384 TENÓRIO, Jeferson. **De onde eles vêm**. São Paulo: Companhia das Letras: 2024, p. 109.

385 *Cf*. CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. **O mercado do livro didático no Brasil do século XXI**, 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

políticas públicas antes dessa lei, antes de 2003, portanto, e depois dela até 2018, período em que teremos uma mudança governamental no país, seguida no ano seguinte pelo desmonte generalizado de políticas públicas, dentre elas, para a leitura.

Nesse sentido, busco compreender e analisar de maneira panorâmica como essa lei, entre outras políticas públicas de leitura no Brasil, impactou o nicho editorial das editoras negras, cuja temática passa a ser de interesse mais amplo do próprio mercado livreiro. Em seguida, analiso quais políticas as próprias editoras negras acionaram, em âmbito nacional, estadual e/ou municipal. Por fim, reflito quais dessas políticas acionadas possuem um recorte intersecional (raça, gênero, sexualidade, classe, território, entre outros).

A hipótese que guia esta análise é de que o maior interesse pela temática étnico-racial e pelas autorias negras no setor livreiro, assim como o surgimento de novas editoras negras na virada do século XXI, estão fortemente influenciados por mudanças ocorridas a partir dos anos 2000, em âmbito nacional e internacional, especialmente na segunda década deste século. Exemplos disso incluem o barateamento e a variedade das formas de publicação; a ampliação do *discurso da diversidade*[386] *e* a ascensão das políticas de representação étnicas nas artes, literatura e nos meios de comunicação em geral.

Esses aspectos, direta ou indiretamente, dialogaram com leis federais da diferença no âmbito da educação, como a lei 10.639, de 2003, e a Lei 12.711, de 2012, também conhecida como Lei de Cotas, que, apesar de níveis distintos de efetivação em âmbito nacional, legitimaram as pautas da mobilização negra e indígena na sociedade. Esse movimento não passou despercebido do mercado editorial em geral, que se tornou mais fértil para o surgimento de editoras focadas em uma linha editorial especializada ou exclusivamente dedicada à temática e, em algumas vezes, na valorização da autoria negra. A comodificação da negritude, inclusive no mercado editorial, como comentado anteriormente, é parte desse processo e não é exclusivamente um fenômeno nacional.

Começo falando de uma lei que foi criada para reconhecer as culturas, histórias e biografias negras brasileiras e africanas (e posteriormente os modos de vida e histórias indígenas) e a há a resistência do real, e da branquitude, corporificada na professora Berenice, personagem do romance *De onde eles vêm*, que se surpreende

386 NICOLAU NETTO, Michel. **O discurso da diversidade:** a definição da diferença a partir da world music. 2012. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Sociologia). IFCH-UNICAMP, Campinas.

com a estudante cotista Luana Dandara, que a questiona sobre a ausência de autoras negras na bibliografia do curso de graduação em letras. Na verdade, não era só uma bibliografia, mas toda uma mentalidade que se surpreendeu com o descompasso da docente e com os saberes construídos para além dos muros acadêmicos de Dandara.

4.1 Preciosos frutos do ativismo negro

> Você não vai ajudar a cantar`
> estas canções de liberdade?
> Bob Marley[387]

A educação é um dos eixos centrais e mais longevos das lutas negras no Brasil. Ela está certamente ao lado de agendas históricas como acesso a formas dignas de trabalho e o combate ao racismo.[388] Um tema recorrente na tradição negra política, filosófica e artística, também literária, é a questão da liberdade que se conquista por conhecimentos adquiridos pelo alfabetizar-se criticamente. Esse aspecto está presente nas autobiografias de Frederick Douglas, como destaca Angela Davis, e também nos poemas e na atuação do abolicionista Luiz Gama, no projeto literário de Carolina Maria de Jesus e em diversos ativistas e artistas negros contemporâneos.[389]

Um exemplo histórico dessa canção está traduzido na trajetória de Abdias do Nascimento.[390] Ele, ao lado de outros(as) intelectuais e ativistas negros, criou e publicou o jornal *Quilombo*, órgão importante para a divulgação do Teatro

---

387 "Won't you help to sing/These songs of freedom?", versos da canção Redemption Song, de Bob Marley.

388 Para um panorama do modo como entidades, organizações e ativistas negros associaram ao longo do século XX suas reivindicações às demandas por educação formal e não formal, *Cf*: GOMES, Nilma Lino. O movimento negro como ato político. *In*: GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

389 Angela Davis no texto "Alguns temas filosóficos recorrentes na Literatura Negra", primeiro curso de ofereceu na Universidade da Califórnia, em 1969, ao refletir sobre a autobiografia *A vida e o tempo de Frederick Douglas*, mostra como sujeitos oprimidos alcançaram uma consciência da opressão pela educação. No caso de Douglas, a partir do momento que aprendeu a ler a bíblia enquanto era escravizado e passou a questionar por que alguns nasciam livres e outros não? Posteriormente, conseguiu fugir e se tornou um dos maiores abolicionistas do século XIX.

390 **Abdias do Nascimento** (Franca, 14 de março de 1914 — Rio de Janeiro, 23 de maio de 2011). Foi um economista, teatrólogo, jornalista, artista visual, pesquisador, deputado, senador e militante político, reconhecido nacional e internacionalmente por sua luta contra o racismo. Tornou-se assim um dos maiores intelectuais brasileiros do século XX. DAVIS, Angela. Lectures on Liberation (1969). In: ROBERTS, Neil (Org.). **A Political Companion to Frederick Douglass**. University Press Scholarship Online, jan. 2019. Disponível em: https://www.universitypressscholarship.com/view/10.5810/kentucky/9780813175621.001.0001/upso-9780813175621. Acesso em: 5 jan. 2025.

Experimental do Negro (TEN)[391] e para a denúncia do racismo. O periódico, que teve dez edições e foi editado entre 1948 e 1950, contou com a participação de importantes intelectuais e escritores brasileiros. Todas as edições de *Quilombo* eram acompanhadas da coluna permanente "Nosso Programa", na qual se exigia, entre outras coisas, uma lei contra a discriminação racial (efetivada com a lei Afonso Arinos, de 1952) e a gratuidade do ensino para todas as crianças negras, assim como financiamento de estudantes negros no ensino secundário e universitário.[392]

Vale dizer que o movimento social negro contemporâneo é entendido aqui como uma pluralidade heterogênea de iniciativas políticas, culturais, religiosas, acadêmicas, artísticas, cujo ponto em comum é a atitude antirracista, como define Nilma Lino Gomes, para quem "é preciso nas ações desse coletivo se faça presente e de forma explícita uma postura política de combate ao racismo"[393].

Gomes destaca o movimento negro como ato político educador[394] na medida em que, ao combater o racismo e ressignificar o conceito de raça – de um sentido pejorativo para um símbolo de luta emancipatória – tem educado as pessoas, a sociedade e o Estado brasileiro. Trazer essa dimensão epistêmica para o fazer de ativistas e movimentos sociais é fundamental, uma vez que, por preconceito, tem-se a ideia de que a esfera política e a produção de conhecimento são mundos opostos.

---

391 O Teatro Experimental do Negro foi um grupo de artistas de origem africana que atuou no Rio de Janeiro entre os anos 1940 e 1960, com ramificações para outras cidades como São Paulo. O grupo foi criado por Abdias do Nascimento e Aguinaldo Camargo e contou com a participação de outros intelectuais negros, como Guerreiro Ramos e Ironides Rodrigues, além de nomes da classe artística e intelectual branca, como Murilo Mendes, Gilberto Freyre e Roger Bastide. Com o papel de revisão da imagem do negro por meio da educação, da cultura e do teatro, a organização teve uma arrojada perspectiva educativa crítica cultural de trabalhadores/as urbanos/as, muitos deles/as semi-alfabetizados, que encenavam as peças do grupo. *Cf*. TEATRO Experimental do Negro (TEN). *In*: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo399330/teatro-experimental-do-negro-ten. Acesso em: 29 out. 2024.

392 *Cf*.: NASCIMENTO, Abdias do. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Rio de Janeiro, ano I, n. 1 ao 10, 9 maio 1949.

393 GOMES, 2017, p. 23-24. Existem várias definições de movimento negro, algumas mais estritas, no sentido de organização política, como definida por Petrônio Domingues; e outras mais amplas que compreendem por movimento negro entidades socioculturais, artísticas e religiosas, como argumenta Joel Rufino dos Santos. Para essa discussão, ver, por exemplo: SANTOS, J. R. Movimento negro e crise brasileira. *In*: SANTOS, J. R; BARBOSA, W. N. **Atrás do muro da noite**: dinâmica das culturas afro-brasileiras, Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares, 1994, p. 157; DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo** [online]. 2007, v. 12, n. 23, p. 101-102. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007. Acesso em: 31 out. 2024.

394 GOMES, *op. cit.*, p. 21-22.

E, como Gomes diz, muito do conhecimento relevante da Sociologia e da Antropologia bebe na fonte das lutas sociais desses movimentos.[395]

Um marco, nesse sentido, foi o surgimento do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR), em 1978 – posteriormente denominado Movimento Negro Unificado (MNU). O MNU e os movimentos antirracistas contemporâneos passam a enfatizar as políticas da diferença racial em contraposição ao discurso nacional da mestiçagem. Segundo Petrônio Domingues, o surgimento do MNU se dá numa terceira fase do movimento negro, de 1978 até os anos 2000, quando este passa a ter maior projeção nacional e adotar um discurso de inclusão que passa pela afirmação da diferença étnico-racial, influenciado pelo marxismo, é o momento em que se discute as desigualdades raciais a partir da articulação entre as opressões de raça e de classe.[396]

Essa atitude afirmativa rendeu frutos no terreno educacional. Entre as pautas nessa área, segundo Domingues, estavam a revisão de preconceitos presentes nos livros didáticos, a capacitação de professores para um ensino interétnico, a revisão da imagem do negro e a proposta de ensino da história da África. Além disso, "Reivindicava-se, igualmente, a emergência de uma literatura 'negra' em detrimento à literatura de base eurocêntrica."[397] É o período em que as principais lideranças dos movimentos negros contemporâneos vão olhar com descrença as políticas universalistas, inclusive educacionais, dado que estas reforçam as identidades hegemônicas, o mito da democracia racial e a miscigenação como identidade nacional. Por isso, passaram a exigir políticas diferencialistas.[398]

Dentre os legados da forte e incessante luta do movimento negro na história contemporânea podemos destacar: o compromisso com a igualdade racial e a tipificação do racismo como crime, presentes na Constituição Federal de 1988; o reconhecimento do Estado Brasileiro da existência do racismo e a afirmação de um

---

395 Contaram muito para apreender essa perspectiva as aulas da professora e doutora em Antropologia, Christen Smith, no curso Métodos do Feminismo Negro, ministrado na faculdade de educação da USP, em 2018. Nessas aulas, Smith discutiu como intelectuais negras do feminismo negro no Brasil e nos Estados Unidos – como Sylvia Wynter, Saidiya Hartaman, Audre Lorde, Lélia González, Conceição Evaristo, Beatriz Nascimento, entre outras – são produtoras de metodologias que não estão dissociadas de outras esferas de atuação como a arte e as lutas culturais e políticas para mudanças sociais.

396 DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo** [online]. 2007, v. 12, n. 23, p. 113. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007. Acesso em: 31 out. 2024.

397 *Ibidem*, p.115-116.

398 *Ibidem*, p. 33.

compromisso para combatê-lo, em 2001; a compreensão do espaço escolar como suscetível de reprodução de preconceitos e práticas discriminatórias.

Em consonância com esse entendimento, data de 2003 a aprovação da Lei 10.639**,** que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e obrigou o ensino de história e cultura afro-brasileira no ensino regular.[399] Além disso, no mesmo ano, foi criada a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e, em 2012, o Supremo Tribunal Federal decidiu, por unanimidade, que as ações afirmativas para promover a igualdade racial são constitucionais.[400] Opto por focar dentro desse rol de conquistas e desafios na Lei 10.639 por seu impacto tanto no campo educacional e quanto no mercado editorial.

Vale destacar as conclusões de uma pesquisa[401], junto a professores-ativistas a respeito de quais seriam as principais conquistas e desafios do movimento social negro contemporâneo, em que a criação da lei 10.639 ficou em segundo lugar, atrás apenas das ações afirmativas no que se refere às conquistas; e sua implementação foi eleita como o segundo maior desafio do Movimento Negro brasileiro contemporâneo – o primeiro foi o combate ao extermínio da juventude negra. Nesse sentido – destacam Thayara Cristine Silva de Lima e Amilcar Araújo Pereira autores desta pesquisa –, essa lei une o presente, o passado e o futuro, sendo simultaneamente celebrada como conquista do passado, horizonte do que se quer efetivar no futuro do movimento negro e da luta antirracista no Brasil.[402]

Os múltiplos motivos pelos quais essa lei federal produz mudanças, mas também provoca resistências (como a falta de formação, desconhecimento da lei, racismo e descontinuidade de sua aplicação), têm recebido análises, sobretudo em

---

399 A lei10.639 foi alterada pela Lei 11.645, de 2008, que tornou obrigatório também o ensino de história e culturas indígenas no currículo escolares brasileiros. Cf.: BRASIL. Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em 28 out. 2024; BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm. Acesso em: 28 out. 2024.

400 BRASIL, 2003; BRASIL, 2008; BENTO, Cida. Prefácio. *In*: SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo"**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. São Paulo: Annablume, 2014.

401 SILVA DE LIMA, T. C.; PEREIRA, A. A.; DIAS, O. P. Tempos de luta: a Lei 10.639/03 como instrumento para a expansão do presente na luta antirracista no ensino de História. **Revista História Hoje**, [*S. l.*], v. 12, n. 25, 2023. Disponível em: https://rhhj.emnuvens.com.br/RHHJ/article/view/1022. Acesso em: 9 out. 2024

402 SILVA DE LIMA, T. C.; PEREIRA, A. A.; DIAS, O. P. Tempos de luta: a Lei 10.639/03 como instrumento para a expansão do presente na luta antirracista no ensino de História. **Revista História Hoje**, [*S. l.*], v. 12, n. 25, 2023. Disponível em: https://rhhj.emnuvens.com.br/RHHJ/article/view/1022. Acesso em: 9 out. 2024, p.69.

recortes locais e por áreas disciplinares, que não revisitarei aqui.[403] Meu foco é discutir brevemente como a sanção da 10.639 – que completou 21 anos – tem impactado o mercado editorial brasileiro, de modo geral, e em específico, as editoras negras aqui estudadas.

4.2 O negro-tema está na moda. Onde estão os negros? Reeditando o racismo institucional

> O mercado editorial, assim como qualquer segmento empresarial *preza agradar o seu público principal*. Adapta-se a produção editorial ao novo momento de mudanças que a Lei exige: ao mesmo tempo surge um espaço propício a publicações de uma literatura que a contemple, mas, por outro lado, não se modificam as estruturas edificantes do racismo institucional que resiste à Lei – ao momento histórico de construção e reconstrução da memória e história dos negros brasileiros e africanos por eles próprios, assim como de uma construção mais democrática para o país.[404]

O fragmento acima é parte de um artigo sobre os dez anos de implantação da lei 10.639/03. Nele, a professora e geógrafa Geny Ferreira Guimarães afirma que essa lei gerou no mercado editorial brasileiro um nicho para a temática negra, que pouco alterou as condições de marginalidade das autorias negras brasileiras e africanas da lusofonia; estas permaneceram invisíveis e continuaram encontrando dificuldades para chegar ao público escolar, que deveria ter acesso a esse material.[405]. Para ela,

---

[403] Sobre esses debates, ver, por exemplo: SILVA, Edson. O ensino de História Indígena: possibilidades, exigências e desafios com base na Lei 11.645/2008. **Revista História Hoje**, v. 1, n. 2, p. 213-223; SOLIDADE, Wilker; Marques, Eugênia Portela de Siqueira. Educação para as relações étnico-raciais e formação docente: dilemas e perspectivas. **Rev. Triângulo** v. 6, n. 1: 53-67, jan/jul., 2013; SANTOS, Elisabete Figueiroa dos; PINTO, Eliane Aparecida Toledo, & CHIRINÉA, Andréia Melanda. A Lei nº 10.639/03 e o Epistemicídio: relações e embates. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 949-967, jul./set., 2018; SANTOS, Sônia Querino dos Santos; MACHADO, Vera Lúcia de Carvalho. Políticas públicas educacionais: antigas reivindicações, conquistas (Lei 10.639) e novos desafios. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 58, jan./mar., 2008.

[404] GUIMARÃES, Geny Ferreira. Mercado editorial brasileiro: seus entraves para a aplicação da Lei 10.639/2003 e o permanente não reconhecimento do negro escrito. **Revista Pensando Áfricas e suas diásporas**, v. 1, n. 1, jan.-jun., 2016, p.78-79, grifos meus.

[405] *Ibidem*, p. 76

isso é resultado de um racismo institucional das grandes empresas editoriais, como a Companhia das Letras e a Record.[406]

A *literatura negro-brasileira,* como escreve Guimarães, não é reduzida à cor da pele do escritor, mas refere-se à escrita literária de autores e autoras negros e negras, tais como Adão Ventura, Solano Trindade, Conceição Evaristo, Miriam Alves, entre outros, cujo texto literário apresenta "uma profunda consciência social da situação da população negra no Brasil", e que justamente por isso, tensionam e expõem o racismo.[407] A pesquisadora, nesse sentido, dialoga implicitamente com o conceito do poeta, ficcionista e pesquisador Cuti (nome literário de Luiz Silva), para quem: "o autor negro-brasileiro" coloca no cerne de sua produção literária "o preconceito e a discriminação como temas de suas obras, apontando-lhes as contradições e as consequências. Ao realizar tal tarefa, demarca o ponto diferenciado de emanação do discurso, o 'lugar' de onde fala'".[408]

Vale dizer que é justamente o texto ficcional e poético afrocentrado que mais foi censurado pelo mercado editorial, já que ela contesta diretamente a mentalidade racista presente na sociedade brasileira. Esse *corpus* literário negro incomoda, como argumenta Conceição Evaristo, porque confronta o padrão literário nacional do que é considerado universal.[409]

Ressalta-se que essa reivindicação pelo reconhecimento da autoria negra no mercado editorial não se refere se trata de uma reivindicação de uma identidade negra essencializada, mas a constituição de uma humanidade que passa pelos diversos setores sociais e na qual o direito à produção de conhecimento e à constituição de imaginário é um segmento fundamental.

Neste caso, ao evocar as noções de negro-tema e negro-vida, neste capítulo, penso nas reflexões do sociólogo baiano Guerreiro Ramos, como ele explica:

> Há o tema do negro e a vida do negro. Como tema, o negro tem sido, entre nós, objeto de escalpelação perpetrada por literatos e pelos chamados "antropólogos" e "sociólogos". Como vida ou realidade efetiva, o negro vem assumindo o seu destino, vem se fazendo a si próprio, segundo lhe têm permitido as condições particulares da sociedade brasileira. Mais uma coisa é o negro-tema; outra, o negro-vida.
> O negro-tema é uma coisa examinada, olhada, vista ora como ser mumificado, ora como ser curioso, ou de qualquer modo como um risco, um

406 GUIMARÃES, 2016, p. 76
407 *Ibidem*, p. 81.
408 CUTI, [Luiz Silva]. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010, p. 25.
409 EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/issue/view/298. Acesso em: 25 nov. 2024.

> traço da realidade nacional que chama atenção. O negro-vida é, entretanto, algo que não se deixa imobilizar; é despistador, protéico, multiforme, do qual, na verdade, não se pode dar versão definitiva, pois é hoje o que não era ontem e será amanhã o que não é hoje. [410]

Para Ramos, o negro tema é objetificado, enquanto o negro vida é dinâmico, pois histórico. A identidade negra, para ele, não é ponto final, mas caminho aberto para sua superação, uma vez que a concebe inserida numa dialética da negritude, na qual a afirmação étnica é parte de um processo necessário de libertação dos estigmas coloniais, que levaria à própria superação dessa identidade para a afirmação de sua humanidade plena, agora sem adjetivos.[411]

Geny Ferreira Guimarães, no artigo já mencionado faz um levantamento estatístico de autores e obras de 1962 a 2012. Nota que referente às autorias africanas, antes dessa lei, destaca a premiada e bem-sucedida série “autores africanos” da editora Ática, que, segundo Guimarães, publicou 27 títulos, entre 1979 e 1991, mas foi um caso isolado na trajetória editorial brasileira.[412] Após a promulgação da 10.639, ela nota que, embora tenha havido um *boom* de publicações de autores africanos, estes seguem em grande medida um cânone eurocêntrico, em que se percebe uma predominância de escritores brancos e homens, sobretudo de Angola e Moçambique.[413] E, no caso das autorias negras brasileiras, não encontrou dados suficientes para mapear a quantidade de obras literárias publicadas por grandes editoras no Brasil, tendo em vista seu recorte temporal antes da lei 10.639 – de 1962 a 2003, e depois desta, até 2012.

Uma das conclusões da análise de Guimarães, a partir de um levantamento estatístico de autores e obras de vozes negras e africanas na literatura é que, tanto nos países africanos da lusofonia quanto no Brasil, predominam no mercado editorial cânones literários eurocêntricos e patriarcais[414], e que isso, contribuiria para explicar a marginalidade de condições de distribuição e circulação das autorias negras, que,

---

410 RAMOS, Guerreiro. Patologia social do ‘branco’ brasileiro. *In*: BARBOSA, Muryatan S. (org.). . **Negro Sou – Guerreiro Ramos**. 1 ed. Zahar: Rio de Janeiro, 2023, p. 225.

411 Muryatan S. Barbosa, em artigo, chama essa dialética da negritude de Guerreiro Ramos de “personalismo negro”, e aproxima o pensamento de Ramos de nomes como Frantz Fanon, em *Peles Negras, Máscaras Brancas*, e outros pensadores decoloniais. *Cf*. BARBOSA, Muryatan Santana. Guerreiro Ramos: o personalismo negro . **Tempo Social**, São Paulo, Brasil, v. 18, n. 2, p. 217–228, 2006. DOI: 10.1590/S0103-20702006000200011. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12522.. Acesso em: 15 nov. 2024.

412 GUIMARÃES, Geny Ferreira. Mercado editorial brasileiro: seus entraves para a aplicação da Lei 10.639/2003 e o permanente não reconhecimento do negro escrito. **Revista Pensando Áfricas e suas diásporas**, v. 1, n. 1, jan.-jun., 2016, p. 80

413 *Ibidem*, p. 81.

414 *Ibidem*, p. 81.

no caso dos escritores/as negros/as brasileiros/as, isso resultou na via histórica da autopublicação por meio de coletâneas ou edição por pequena editora.

No importante mapeamento que fizeram Luiz Henrique Oliveira e Fabiane Cristine Rodrigues, entre 1859 e 2020, sobre a trajetória editorial de autoria negra nos gêneros poesia, conto, romance e não ficção produzida por autores literários, eles afirmam que há um alto custo implicado no filtro de poder praticado pelas grandes editoras. “Tal impacto não se resume à possibilidade de publicação (que pode se dar de outras maneiras, para além da vinculação a uma casa editorial), mas também reflete a visibilidade da circulação das obras e consequentemente, dos discursos que elas veiculam”[415]

No campo da prosa (conto e romance), por exemplo, Oliveira e Rodrigues apontam a dificuldade de se construir uma linhagem de prosadores negros, cuja trajetória de publicação acaba sendo truncada e composta por poucas obras; no levantamento estatístico que fazem, Machado de Assis permanece sendo o escritor afrodescendente com mais romances publicados: nove. É válido que contemporaneamente se evidencie a ascendência negra e a maneira humanizada como as personagens e os temas raciais atravessam as obras do Bruxo de Cosme Velho, dada a história de branqueamento físico e simbólico pela qual passou o país e que atravessa o próprio sistema literário brasileiro. Por outro lado, é fundamental compreender que cada época tem suas formas de compreender as etnicidades, de maneira que Machado de Assis ou Mário de Andrade, são negros hoje, de uma maneira diversa das que poderiam ser lidos e assumidos em suas respectivas épocas.[416]

Um aspecto de grande relevância para nossa discussão refere-se ao fato de como a lei 10.639/03 impactou o segmento editorial negro. A editora Maria Mazzarello destacou como essa lei foi pedra angular para fortalecer a trajetória de sua editora, a Mazza Edições (volto a esta discussão mais à frente). Além disso, no início do século XXI, tomam fôlego novas iniciativas editoriais negras, especializadas ou exclusivamente dedicadas à publicação do texto literário de autoria negra brasileira e da diáspora africana, muitas delas empreendidas por pessoas negras.

---

415 OLIVEIRA; RODRIGUES, 2022, p. 82.

416 Para uma visão dessa construção contemporânea de um Machado de Assis negro, *Cf*. MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Machado de Assis afrodescendente**: escritos de caramujo. DUARTE, Eduardo de Assis (org.). Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas/Crisálida, 2007.

Dessas, para ficarmos no *corpus* aqui estudado, temos o surgimento da Livraria e Editora Nandyala, em 2006, e a Ciclo Contínuo, em 2009; a Ogum's Toques, de 2014, a Malê, de 2015.[417] Além disso, outras editoras já existentes vão se fortalecer, E muitas outras têm surgido, especialmente na região Sudeste, como já comentado no capítulo.

***

José de Souza Muniz Jr.[418] argumenta que o processo de financeirização, concentração e internacionalização pelo qual passa o setor editorial é uma das facetas do que ocorre em diversos setores do mundo capitalista desde a década de 1970, e com maior ênfase a partir da década seguinte. No caso brasileiro, argumenta, isso deu-se tanto com a formação de grandes grupos editoriais nacionais, quanto com a entrada de grandes corporações de mídia e entretenimento no mercado de livros no Brasil, resultando em um processo de concentração e dispersão. De maneira que as grandes editoras passaram a ocupar as fatias mais rentáveis da indústria do livro, enquanto as editoras pequenas e médias passam a atuar em pequenos nichos, no qual buscam construir políticas editoriais nas quais a rentabilidade e o retorno simbólico caminhem juntos.[419]

Em análise de cinco diferentes porta vozes-críticas do setor independente atuantes em diferentes países do mercado editorial, tais como os/as editores/as Silvia S. Bueno, André Schiffrin e Gilles Colleu e as entidades Liga Brasileira de Editores e a Aliança dos Editores Independentes, Muniz Jr. argumenta que, embora concordem que as consequências desse processo de formação de conglomerados editoriais resulta na perda de qualidade e diversidade de obras e autores publicados, apresentam diferentes nuances do que deveria ser a resposta do Estado para resolver o que entendem como um problema – seja uma intervenção mais enfática, como é o caso da Libre, seja uma solução mais de mercado, como o caso de André Schiffrin e

---

417 Esse panorama pode ser ampliado por uma compreensão da história e experiência das livrarias negras desde a década de 1970 ao presente. Para isso, vale consultar o artigo do professor Mário Augusto Medeiros da Silva sobre experiência de livrarias negras no sudeste brasileiro, entre 1972 e 2018; dentre elas, pesquisa, analisa e entrevista integrantes da Livraria e Editora Contexto, da Livraria Eboh, da Iná Livros e da Africanidades. *Cf.* SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Livrarias negras no sudeste brasileiro 1972-2018. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 67, n. 2, pp. 1-37, 2024, p.10. Disponível em: https://www.scielo.br/j/dados/a/RdZJYXTMkKFHjNcbSPjyVth/. Acesso em 11 nov. 2024.

418 MUNIZ JÚNIOR., José de Souza. Políticas editoriais, políticas públicas: análise de cinco vozes críticas às transformações do campo editorial. In: XXXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2012, Fortaleza. **Anais**… São Paulo: Intercom, 2012. p. 1-15.

419 *Ibidem*, p. 2.

sua editora, a *New Press.* No caso das editoras negras aqui estudadas, vamos analisar e dimensionar, na segunda parte deste capítulo, o papel das políticas públicas em relação aos seus princípios geradores de editoração.

Para Muniz Jr., a interpretação que os porta-vozes do segmento independente fazem da financeirização do mercado editorial aponta para uma oposição rígida entre a edição independente como defensora e promotora da *bibliodiversidade*, enquanto as grandes corporações seriam as causadoras da homogeneidade cultural. No entanto, as linhas entre um polo e outro podem se misturar no conjunto das editoras, mesmo aquelas que estão inseridas em grandes conglomerados de mídia, educação e entretenimento, uma vez que: “é preciso sempre considerar exemplos mal definidos segundo tais categorias, empresas que não se enquadram nos dois ‘extremos’ ou onde coexistem linhas díspares”.[420]

O que se nota no mercado editorial brasileiro, portanto, mais do que uma oposição rígida entre empresas médias e grandes e as frações pequenas do mercado editorial são princípios de editoração que podem ser distintos. E que não podemos ignorar que o novo espaço impulsionado pela lei 10.639 no mercado editorial é também um espaço de poder, em uma indústria do livro cada vez mais concentrada por grandes grupos editoriais, nacionais e internacionais, como vimos no capítulo anterior, uma vez que estas por possuem maior capacidade de produção, distribuição e divulgação de obras físicas e digitais (ebook, audiolivro etc.). Não é por acaso que mesmo as autorias não hegemônicas, que alcançaram maior repercussão, premiação e os postos de livros mais vendidos, tendem ser aquelas publicadas por grandes editoras ou derivado delas, a exemplo de Ailton Krenak, Jeferson Tenório e Djamila Ribeiro (os três publicados pela Companhia das Letras) e Itamar Vieira Jr., publicado pela editora Todavia, uma empresa formada por profissionais que saíram daquela.

Embora o setor editorial tenha encolhido em 25% em treze anos, segundo dados da pesquisa "Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro", realizada pela Fundação Fipe desde 2006 e atualizada com dados até 2018[421], o Brasil permanece como o maior mercado consumidor de livros da América Latina. Há um paradoxo em nosso país, nunca realizamos a profecia de ser um país leitor, e o mercado editorial apresenta-se em crise há mais de uma década. Ainda assim “somos um excelente mercado para as editoras de didáticos, em decorrência dos números da educação

[420] MUNIZ JÚNIOR, 2012, p. 3.
[421] Setor editorial brasileiro encolheu 25% entre 2006 e 2018. **CBL Notícias, 28 de maio de 2019**.

brasileira e da compra governamental", argumenta de Célia Cristina de Figueiredo Cassiano, que analisou como o setor de livros didáticos brasileiro se tornou um poderoso nicho de mercado e fez com do final do século XX para o atual, as principais editoras em faturamento deixassem de ser empresas familiares nacionais e se tornassem dominadas por gigantes globais, no ramo educacional, com destaque para as empresas espanholas.[422]

Nesse sentido, é coerente pensar que, para as grandes corporações editoriais, o mercado da diversidade, seja de livros didáticos, paradidáticos e literários é um nicho em que vale investir, como uma nova oportunidade lucrativa, na qual as compras governamentais permanecem como o setor mais vultoso (de acordo com a Fipe, mesmo com a crise no mercado editorial, as vendas ao governo representam ainda cerca de 40% do faturamento).

A seguir, analiso justamente uma política pública voltada para o livro e leitura e de que maneira ela favorece, de modo geral, um impulso para a diversidade de obras e autores na educação brasileira. Volto ao tema da Lei 10.639/03, quando retomar depois na análise das editoras negras.

4.3 Um país de leitores. Quais leitores? Que literatura?

Vimos até aqui como a criação da Lei 10.639/2003 fomentou um nicho de mercado para a temática étnico-racial, mas não para a produção e circulação de obras literárias de autoria negra, o que é fundamental para a diversificação do cânone literário. Entendo que essa tarefa é complexa e demorada, e exige, entre outras medidas, políticas públicas permanentes, de corte interseccional, na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas para formação de novos leitores(as) e autores(as).

Ao longo do século XX, diversas políticas públicas de promoção da leitura foram formuladas, com diversos propósitos – políticos, econômicos e ideológicos –, e com diversos discursos "profundos" associados a eles. A leitura, por exemplo, permite o acesso à cidadania, à ética, à mudança social, mas sobretudo, associa-se à leitura, o desenvolvimento da nação e do povo.[423] E, no entanto, a leitura é mais do que isso.

---

422 CASSIANO, 2013.

423 Para um panorama das políticas públicas no século XX, *Cf.*: SANTOS, Betty Bastos Lopes; GONÇALVES, Luciana Sacramento Moreno. Panoramas e políticas públicas de leitura no Brasil: avanços e retrocessos no século XXI. **Revista Crioula**, [*S. l.*], n. 31, p. 288-309, 2023. DOI:

“Sua importância não é apenas econômica, embora seja apontada como um dos fatores importantes para o desenvolvimento de um país e de um ‘povo’, inclusive economicamente.”[424]

Não pretendo aqui trazer um panorama destas políticas, mas abordar alguns programas nacionais de livro e leitura contemporâneos. Em especial o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), considerada a maior política nacional em vigor nesse setor. Sendo um programa muito próximo à Lei 10.639/03, investigo de maneira sintética como ele está estruturado e qual a ideia de diversidade de autores e obras que ele apresenta.

A discussão a seguir dar-se-á, sobretudo, entre 2003 e 2018. Primeiro, porque delimita a primeira fase do PNLL, cuja segunda fase iniciou-se no ano seguinte e se estende ao presente. Segundo, porque é que entre 2019 e 2022, que o país de maneira mais incisiva e hostil atravessou um desmonte das políticas sociais existentes. É justamente entre esses dois arcos, 2003 e 2018, sobre os quais que a maior parte deste capítulo (e tese) se debruça.

Em 2003, na primeira gestão do atual presidente Lula (2003-2011), é sancionada a Lei 10.753/03, que instituiu a Política Nacional do Livro (PNL) – a "Lei do Livro" –, como ficou conhecida. O Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), ligado ao Ministério da Educação (MEC) e ao Ministério da Cultural (MinC), foi criado em 2006, e ratificado, em 2011, no governo da presidenta, à época, Dilma Rousseff.

Segundo Emílio Rodrigues Junior, o PNLL foi criado em um contexto em que haviam ganhado corpo as discussões sobre os preocupantes índices de leitura dos jovens brasileiros em avaliações internacionais. Além disso, explica que o programa foi um desdobramento Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), de 1992, uma política pública voltada para o fomento da leitura como princípio de cidadania atrelado à democratização.[425]

10.11606/issn.1981-7169.crioula.2023.208707. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/208707. Acesso em: 30 nov. 2024; RODRIGUES JUNIOR, Emílio. **Sobre humanização no PNLL/Brasil e orientalismo no PNL/Portugal, da implantação dos planos (2006) aos dias atuais.** 2018. 107p. Tese (Doutorado em Pós-Graduação em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

[424] ANJOS, Gabriele; PASSIANI, Enio; SALOM, Julio Souto. Para um país de leitores: uma análise do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL). **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 97-110, 2016, p. 98. Disponível em: https://www.santoandre.sp.gov.br/pesquisa/ebooks/433613.PDF. Acesso em: 29 nov. 2024.

[425] RODRIGUES JUNIOR, Emílio. **Sobre humanização no PNLL/Brasil e orientalismo no PNL/Portugal, da implantação dos planos (2006) aos dias atuais**. 2018. 107p. Tese (Doutorado

No Caderno do PNLL, afirma-se que esse plano se estrutura como política de Estado, cuja meta é democratizar a leitura, a literatura e o acesso às bibliotecas, partindo da compreensão de que: "[...] a leitura e a escrita são instrumentos indispensáveis para que o ser humano possa desenvolver plenamente suas capacidades, seja individual ou coletivamente. [...]"[426] Com esse intuito, a lei considera necessária a atuação conjunta de setores públicos (em níveis federais e municipais), o setor privado (entre eles, a cadeia de produção, distribuição e venda dos livros) e o terceiro setor (com projetos de mediação de leitura, oficinas, acesso à leitura etc.).

Para cumprir esses objetivos, o plano fundamentou em quatro eixos principais:

1. "Democratizar o acesso" para a criação de bibliotecas, pontos de leitura e ações para difundir o livro no país.
2. "Formar mediadores" para a qualificação de professores, bibliotecários e outros agentes para a promoção da leitura.
3. Valorizar a leitura com a criação de eventos e campanhas de difusão da importância da leitura.
4. Desenvolvimento da economia do livro para apoiar a cadeia produtiva do livro, incluindo editoras, livrarias e autores.[427]

Note-se que os dois primeiros eixos se voltam para os não leitores, o terceiro para a divulgação da literatura e o quarto para a economia do livro. Nesse sentido, essa política estatal integra objetivos educacionais, culturais e econômicos, assim como setores da sociedade civil (como empresas e órgãos do terceiro setor) e, o que nos interessa ressaltar, apresenta um discurso de promoção da diversidade cultural aplicada à leitura e aos livros a partir do conceito de bibliodiversidade, como se pode ler no objetivo de letra k:

> Incentivar e fomentar a informatização de catálogos online, com vistas a dar visibilidade da bibliodiversidade, da produção editorial brasileira e ampliar o acesso aos registros bibliográficos dos acervos das bibliotecas do País, fomentando a cooperação entre elas e o estabelecimento de sistemas e redes de informação e leitura locais, territoriais e nacionais;[428]

---

em Pós-Graduação em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018, p. 29.

426 BRASIL. **Caderno do PNLL**: Edição atualizada e revisada em 2014. Ministério da Cultura. Brasília: MinC, 2014, p. 23. Disponível em: https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/pnll/arquivos/caderno-pnll.pdf. Acesso em: 2 dez. 2024.

427 *Ibidem*, p. 3.

428 *Ibidem*, p. 26.

Na apresentação do PNLL, José Castillo Marques Neto aponta o caráter pluralista e democrático do programa por promover o diálogo do governo com setores da sociedade civil, e também seus desdobramentos municipais e estaduais a partir de 2009. Tratava-se, como diz ali, de um plano de Estado, gerador de um país de leitores:

> Com o PNLL e seu desdobramento nos Planos Estaduais e Planos Municipais de Livro e Leitura que já começam a acontecer desde 2009 em muitos cantos do país, o Brasil pode afirmar que está próximo de conquistar uma Política de Estado para a leitura.
> O Brasil alcançou com o PNLL um patamar político e conceitual que é imprescindível para se consolidar uma Política de Estado para o setor, isto é, o desejado consenso entre governo e sociedade tanto no diagnóstico do que é preciso fazer quanto nos objetivos a alcançar para se tornar um país de leitores.[429]

Emílio Rodrigues Junior, ao estudar em sua tese dois programas de leitura nacionais, no Brasil e em Portugal, entende que **o conceito de humanização** é central no PNLL. Colhendo inspiração no pensamento de Antonio Candido (em especial seu ensaio *O direito à literatura*), o plano vê na leitura literária um potencial de transformação social, de ampliação de horizontes, do desenvolvimento da criticidade e da empatia.

> Partindo desse conceito de humanização, pode-se afirmar que no cerne do PNLL brasileiro reside a ideia de fazer do livro e das demais formas de leitura um instrumento de promoção de uma vida melhor para toda a sociedade; Logo, o plano tem como objetivos agregar todos os esportes para contribuir na superação das desigualdades históricas veio por meio de políticas programas projetos e ações continuadas, envolvendo governos estaduais e municipais, empresas públicas e privadas, organizações da sociedade e voluntárias em geral, um verdadeiro processo humaniza dor.[430]

O PNLL foi elaborado como política de Estado, por isso projetado para ser longevo. Sua primeira fase ocorreu entre 2006 e 2018. Nesse sentido, apresentou avanços no que diz respeito à estruturação de diretrizes para uma ampla política pública de leitura, com foco na democratização do acesso ao livro, fomento à leitura e formação de mediadores, valorização do livro e da comunicação, e desenvolvimento da economia do livro. Teve elaboração com ampla participação da sociedade, governo e ministérios da Educação e Cultura. No entanto, algumas críticas podem ser feitas a ele. Vejamos algumas.

---

429 MARQUES NETO, 2010, P.14.

430 *Ibidem*, p. 60. No Plano Nacional de Leitura (PNL) de Portugal (criado também em 2006), a literatura assumiu uma perspectiva orientalista (na esteira de E. Said), calcada na hierarquia entre o nós (europeus) e os outros(não-europeus), salienta.

De acordo com Gabriele Anjos, Enio Passiani e Julio Souto Salom, em artigo, o PNLL, ao atuar como um conjunto de diretrizes, reduz o Estado a mero coordenador e orientador das ações a serem implementadas pelos diferentes níveis locais de governo (estados, distritos e municípios) e a sociedade civil (setor privado e terceiro setor). O efeito político, complementam, é a dispersão de agentes e recursos, que leva a uma dificuldade de mensurar resultados concretos.

> Portanto, faz-se difícil uma avaliação conclusiva do PNLL, que, em essência, não possui uma lista concreta de ações. Como veremos, a dispersão de agentes e fontes de recursos para levar a termo as diretrizes enunciadas dificulta a ação unilateral do Governo Federal — concretizada em ações do Ministério da Cultura (MinC), do Ministério da Educação (MEC) ou da Coordenação-Executiva do PNLL —, que, até agora, não exerce papel de provedor e executor de políticas públicas nessa área, mas de coordenador e articulador (sendo o documento do PNLL sua principal ferramenta).[431]

Essa dificuldade de mensurar as ações concretas, no entanto, não impede de avaliarmos outros fatores, como, por exemplo, sua eficácia em aumentar os índices de alfabetização. Nesse sentido, Emílio Rodrigues Junior argumenta que, embora o PNLL seja um inegável avanço, pouco alterou os índices de leitura e alfabetização que o próprio programa constatava como preocupantes em no contexto de sua implantação em 2006.[432]

Assim, os pesquisadores mencionados acima concordam que, tanto conceitualmente quanto na prática, esse programa, em seus documentos oficiais, apresentou uma falta de rigor sobre o que entende por “literatura” e “leitura”, dando margem a noções pré-concebidas a este respeito. Isso contribui para a manutenção desses índices. Nesse contexto, o pressuposto dessa política é que o simples ato de ler seria suficiente para atingir os objetivos éticos, estéticos e políticos previamente propostos, como argumentam Anjos, Passiani e Salom.[433]

Atreladas a isso duas outras críticas são importantes. O PNLL, ao focar mais no acesso ao livro – sem se preocupar a qualidade e profundidade do que se lê, isto

---

431 ANJOS, Gabriele; PASSIANI, Enio; SALOM, Julio Souto. Para um país de leitores: uma análise do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL). Indicadores Econômicos FEE, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 97-110, 2016. https://www.santoandre.sp.gov.br/pesquisa/con_detalhe.asp?ID=159821. Acesso em: 5 jan. 2025.

432 RODRIGUES JUNIOR, Emílio, 2018, p. 39-40.

433 ANJOS, Gabriele; PASSIANI, Enio; SALOM, Julio Souto, *op. cit.*, p.102.

é, com a formação do leitor –, teria transformado as pessoas que não leem em consumidoras de livros.[434]

Nesse sentido, o eixo 4 do PNLL, por exemplo, é voltado para fomentar a indústria do livro, estabelecendo uma relação de causalidade entre a disponibilidade de livros no mercado e os índices de leitura, como afirmam Anjos, Passiani e Souto. Para os autores, seria mais eficaz o investimento em mediadores de leitura, pois estes seriam capazes de aproximarem livros dos potenciais leitores.

Outro ponto que destacam é que a falta de uma política pública sistemática com suporte público para o setor resulta, deixa à mercê das empresas e fundações, que em grande medida tendem a investir em projetos com apelo midiático e publicitário.[435] E, por fim, criticam os usos de programas de fomento como o PNLL para a resolução de problemas sociais, como a inclusão social, sem que ele esteja calcado em uma base sólida de estudos. Ainda que bem aceitos pelo público, programas como o PNLL, dada a sua dispersão de ações dificulta que se construam dados confiáveis de sua efetividade, concluem os pesquisadores.

E podemos acrescentar que, embora os índices de leitura sejam difíceis de mensurar no PNLL, a quantidade de investimento estatal em obras literárias, didáticas e paradidáticas mantém-se, ainda que com variação, em um nível bastante alto, mostrando como o mercado parece ser o principal favorecido por programas de fomento à leitura.

Embora comente valorizar a bibliodiversidade, as diretrizes do PNLL, ao restringirem-se a valorizar de maneira idealizada e superficial a leitura de livros como dotada de seu potencial humanizador – e ao não definirem o que entende por leitura e literatura – tornam o plano pouco eficaz em impulsionar o reconhecimento das vertentes literárias marginalizadas (indígenas, negras, marginal periféricas, etc.) para que estas sejam incorporadas em currículos, acervos e projetos de leitura. Essa falta de contundência política deixa nas mãos dos estados e municípios e da sociedade civil (terceiro setor e esfera privada) a responsabilidade em avançar ou não nesse ponto.

Antes do PNLL, existiu uma série de programas de fomento à leitura, um deles foi o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), que atravessou a gestão de três presidentes. Criado em 1997, pelo Ministério da Educação do governo de

---

[434] RODRIGUES JUNIOR, 2018, p. 42; ANJOS; PASSIANI; SALOM, 2016, p. 107.
[435] ANJOS; PASSIANI; SALOM, 2016, p. 107.

Fernando Henrique Cardoso, esse programa foi mantido nas presidências de Luiz Inácio Lula da Silva (2003 a 2011) e de Dilma Rousseff (2011 a 2016). “Entretanto, constatamos que a última distribuição de livros feita pelo PNBE foi em 2014, ficando uma lacuna até 2017, quando o programa foi substituído pelo PNLD Literário”, explicam Betty Bastos Lopes Santos e Luciana Sacramento Moreno Gonçalves, em artigo que fazem um panorama das políticas de livro e leitura no Brasil.

Em 2017, o PNBE é extinto e substituído pelo PNLD Literário, como parte do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Na avaliação de Santos e Gonçalves, esse programa unificou as ações de aquisição e distribuição de livros didáticos e literários (antes separadas em PNLD e PNBE). Também distribuiu obras para bibliotecas escolares e acervos pessoais de alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio. Seu diferencial foi permitir a escolha de livros pelos professores em conjunto com a equipe pedagógica, considerando o contexto e realidade de cada escola.[436]

> Esses programas revelaram-se muito importantes no contexto da educação brasileira nas últimas décadas, pois facilitaram o acesso dos alunos a um número expressivo de autores cujas obras já possuem reconhecimento consagrado no campo da literatura brasileira bem como obras de autores novos, contemporâneos, brasileiros e estrangeiros, abordando temas relevantes para a formação dos jovens na atualidade com os quais os professores podem desenvolver atividades de incentivo à leitura tanto nos espaços das salas de aula quanto nas bibliotecas escolares.[437]

Em 2018, foi aprovada a Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE), conhecida como "Lei Castilho", proposta por José Castilho Marques Neto, o secretário executivo da PNLL. Essa lei teve como objetivo promover o livro, incentivar a leitura e a escrita e o acesso à literatura, além de fortalecer as bibliotecas públicas. A medida se origina nos esforços iniciados em 2006 com o PNLL.[438]

No entanto, ela não foi regulamentada no governo de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), o que deveria ter sido feito nos primeiros seis meses de sua gestão. Ao contrário, é nesse período que ocorre um desmonte generalizado das políticas públicas da gestão anterior, cujos efeitos, destacam Santos e Gonçalves, foram a extinção do Conselho Executivo do PNLL e a limitação da participação da sociedade civil, afetando a atuação de diversos setores ligados à leitura. E a extinção do

---

436 SANTOS; GONÇALVES, 2023, p. 295.
437 *Ibidem*, p. 295.
438 *Ibidem*, p. 296-297.

Ministério da Cultura, outra forma de se desarticular o PNLE, já que este partia da parceria entre o Ministério da Educação e da Cultura.

Ocorre, também, a criação do *Programa Literacia Familiar* – “Conta pra mim”, lançado pelo Ministério da Educação, coordenado pelo então ministro Abraham Weintraub. “O programa traduziu-se como um verdadeiro instrumento de controle e cerceamento da liberdade de leitura”.[439] Na medida em que, em seu Guia, transferiu para as famílias a responsabilidade pelo desenvolvimento da alfabetização, ignorando a desigualdade social e a realidade de muitas famílias brasileiras.

Santos e Gonçalves fornecem uma análise de como ocorreu um conjunto de censuras que o Edital do PNLD Literário de 2023, com a supressão das palavras "democrático" e "diversidade", além da retirada de trechos sobre a importância do combate à discriminação racial, de gênero e à intolerância religiosa presentes no item “Observância aos princípios éticos e democráticos necessários à construção da cidadania, ao respeito à diversidade e ao convívio social republicano” do Edital de 2019, do PNLD – princípios estes que poderiam acarretar a exclusão das obras desse PNLD, tais como:

> a. Veicular estereótipos e preconceitos de condição socioeconômica, regional, étnico-racial, de gênero, de orientação sexual, de idade, de linguagem, religioso, de condição de deficiência, assim como qualquer outra forma de discriminação ou de violação de direitos humanos;
> b. Fizer doutrinação religiosa, política e/ou ideológica, desrespeitando o caráter laico e autônomo do ensino público;
> c. Utilizar o material escolar como veículo de publicidade ou de difusão de marcas, produtos ou serviços comerciais;
> d. Promover negativamente a imagem da mulher, desconsiderando sua participação em diferentes trabalhos, profissões e espaços de poder, desvalorizando sua visibilidade e protagonismo social;
> e. Abordar a temática de gênero segundo uma perspectiva sexista não igualitária, inclusive no que diz respeito à homo e transfobia;
> f. Desconsiderar o debate acerca dos compromissos contemporâneos de superação de toda forma de violência, com especial atenção para o compromisso educacional com a agenda da não-violência contra a mulher;[440]

De acordo com Santos e Gonçalves, o Edital do PNLD de 2023 retira ou esvazia tais prerrogativas éticas, abrindo espaço para que as editoras não se preocupassem com esses valores ao submeter suas obras.[441] “Essas ações denotam o perfil do

---

439 SANTOS; GONÇALVES, 2023, p. 299.

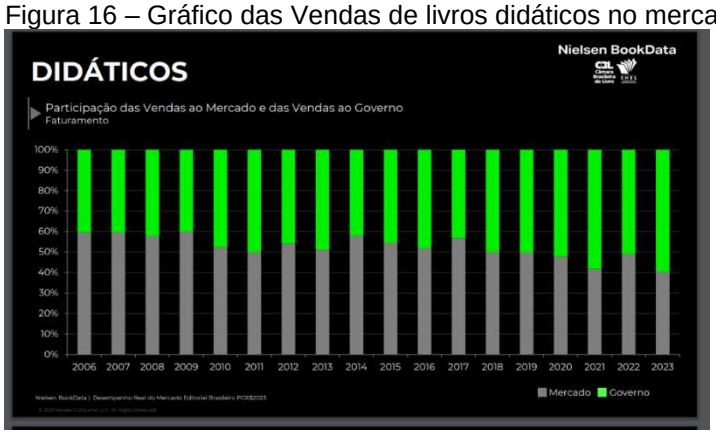
440 BRASIL. Edital de convocação PNLD Literário, 2019. Disponível em: https://www.fnde.gov.br/phocadownload/programas/Livro_Didatico_PNLD/Editais/PNLD_2019/Edital%20PNLD%202019%20-%20MINUTA%208%20RETIF%20%20-%2020.092018%20-%20MEC%20FNDE%20-%20V%207.pdf. Acesso em: 3 dez. 2024.

441 SANTOS; GONÇALVES, *op. cit*, p. 303.

governo do presidente Jair Bolsonaro quanto à postura intolerante em relação à diversidade religiosa a Liberdade de gênero e também com relação ao combate à violência contra as mulheres na sociedade atual."[442]

Entre 2006 e 2023, uma pesquisa sobre o mercado editorial brasileiro coordenada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) e pelo Sindicato Nacional dos Editores (SNEL) e conduzida pela Nielsen Book Data, apontou uma redução de 43% no faturamento real das vendas ao mercado. No entanto, as vendas para o governo – historicamente o maior comprador de livros didáticos – mantiveram-se elevadas ao longo do período, atingindo picos em 2021 e 2023.[443] Isso mostra que, mesmo em momentos de retrocesso político, as compras estatais seguem sendo uma fonte de renda essencial para editoras aptas a competir esses programas de compras de livros. Como mostra o gráfico da Figura 5, de 2018 a 2013, os livros didáticos representaram, no mínimo, 50% das vendas do mercado editorial nesse segmento.

Figura 16 – Gráfico das Vendas de livros didáticos no mercado editorial brasileiro[444]



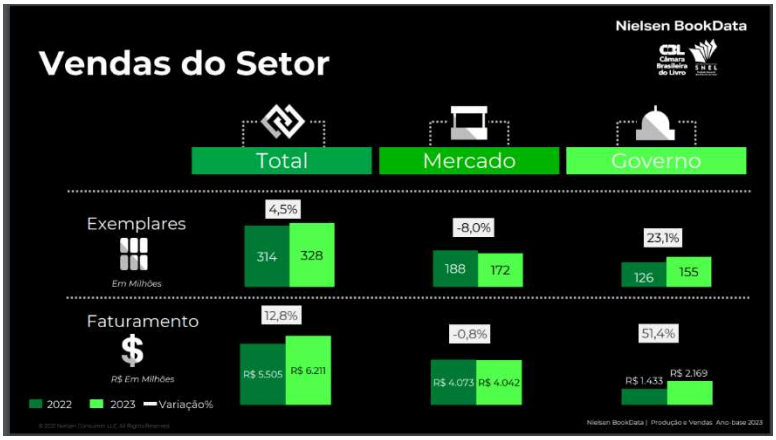
Fonte: CBL; SNEL; Nielsen Book Data (2024).

É importante destacar que, em 2023, o mercado editorial brasileiro faturou R$ 6,2 bilhões, segundo a pesquisa da Nielsen Book Data, encomendada pela CBL e o SNEL.[445] Destes, aproximadamente R$ 2,2 bilhões vieram de compras governamentais – ou seja, cerca de 35% de todas as vendas da indústria do livro. Como se pode ver na tabela abaixo, isso representou um aumento de 23,1% nas

442 SANTOS; GONÇALVES, 2023, p. 302-303.
443 *Cf*. CÂMARA BRASILEIRA DE LIVROS (CBL); SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS (SNEL); NIELSEN BOOK-DATA, 2024. Desempenho real do mercado editorial brasileiro. Série histórica da pesquisa produção e vendas do setor editorial brasileiro: 2006 a 2023. Disponível em: https://abrir.link/UUHrN. Acesso em: 2 de dez. 2024.
444 *Ibidem*, p.15.
445 CBL; SNEL; Nielsen Book Data, 2024,

vendas de exemplares de livros para o governo em comparação com 2022. Esse crescimento foi impulsionado pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), responsável pela compra materiais escolares para a educação infantil, fundamental e médio, aponta o mesmo estudo.

Figura 17 – Vendas governamentais no mercado editorial brasileiro (2022-2023)[446]



Fonte: CBL; SNEL; Nielsen Book Data (2024)

Vimos na discussão anterior a importância das políticas públicas nacionais direcionadas ao livro, leitura, literatura e escrita. Na seção seguinte, o objetivo é partir da análise das editoras negras aqui estudadas e tentar encontrar de que maneira essas políticas foram acionadas e com quais objetivos.

4.4 Há espaços para as editoras negras nos programas de fomento à leitura?

Em que medida as editoras negras pesquisadas acessaram programas públicos de compra de livros nos âmbitos federal, estadual e municipal? Esse e o foco desta seção. Além disso, examino se as políticas de fomento ao livro que essas editoras tentaram acessar possuem um recorte interseccional, ou seja, se tem alguma dimensão de equidade seja de raça, gênero ou região. Para isso, consultei *sites* oficiais do governo em níveis federais, municipais e estaduais (como órgãos de cultura e educação), além de *sites* das editoras, suas redes sociais, entrevistas, pesquisas sobre o tema entre outros registros disponíveis.

O intuito foi cartografar quais fomentos essas editoras acionaram e para quais fins. Com as fontes coletadas, é possível refletir sobre a importância das políticas

446 CBL; SNEL; Nielsen Book Data, 2024.

públicas na prática e nas experiências editoriais. Vale ressaltar que não se buscou listar a totalidade das políticas acionadas, mas apenas aquelas visíveis e suficientes para aferir a relevância dessas leis. Além disso, o método cartográfico adotado se inspira no conceito de cartografia de Gilles Deleuze, que, por sua vez, tem como referência Michel Foucault, conforme explicam Kleber Prado Filho e Marcela Montalvão Teti.

O intuito foi cartografar quais fomentos essas editoras recorreram e para quais fins (publicação de livro, curso, concurso etc). O caminho mais direto para ter essas respostas seria pela entrevista aos(às) editores(as), como isso não foi possível, aqui se buscou por outras fontes e um levantamento de informações disponíveis que permitissem compreender a importância e o impacto dessas políticas públicas nas editoras estudadas

Quanto ao método cartográfico utilizado, vale dizer que ele tem inspiração no conceito de cartografia de Gilles Deleuze, que, por sua vez, se inspirou em Michel Foucault, como explicam Kleber Prado filho e Marcela Montalvão Teti:[447]

> Assim, cartografia social aqui descrita liga-se aos campos de conhecimento das ciências sociais e humanas e, mais que mapeamento físico, trata de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade.

Nesse sentido, cartografar não diz respeito a mapas literais, mas a espaços sociais, cujas relações sociais percorrem territórios sociais públicos, digitais e analógicos, da sociedade; sua arquitetura pode lembrar as raízes de plantas, como as do gengibre, ou as teias de aranha, uma vez que se trata de locais sociais dinâmicos entremeados de poder, disputa e resistência. Em suma, são territórios sociais dinâmicos e mais qualitativos do que quantitativos. Com isso, não pretende também compreender a totalidade do que se investiga.

---

[447] PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-49, jun. 2013, p. 47. Disponível em: https://abrir.link/KGsVV . Acesso em: 07 dez. 2024.

4.4.1 Mazza Edições – uma pioneira na arte de soltar palavras negras no mundo[448]

Ao longo do estudo das editoras negras, começo sempre pela iniciativa mais antiga, como uma forma de saudar as ancestralidades vivas. Por isso, (re)começo com a Mazza Edições de Maria Mazarello Rodrigues.

Chama a atenção, em primeiro lugar, que a história dessa editora mulher negra está encruzilhada com a trajetória de Conceição Evaristo. Aliás, Belo Horizonte, tem algo de *Harlem Renascence*, dados os clubes da encruza que por ali circularam e circulam: Edimilson Pereira de Almeida, Nilma Lino Gomes, Eustáquio Neves, Leda Maria Martins, Milton Nascimento (carioca, porém mineiro de vida toda), Jorge dos Anjos, Cidinha da Silva, entre tantos.[449]

Aliás, Evaristo tece sua trajetória bordando-a à trajetória das editoras e inciativas editoriais negras, como a Nandyala, a Malê, entre outras, e antes destas todas, os *Cadernos Negros*, onde publicou entre 1990 e 2007.[450] Maria Mazarello Rodrigues, a Mazza (como é conhecida) estreia a Mazza em 1981. Uma década antes.

Em 2004, Conceição Evaristo procurou Maria Mazzarelo Rodrigues para lançar o romance *Ponciá Vicêncio*, nos informa Omar da Silva Lima. No que foi bem-sucedida, como sabemos, e a escritora, tecendo suas palavras pelos *Cadernos Negros*, não era uma desconhecida da editora, ambas mineiras ainda por cima. O resultado é que a primeira edição de *Ponciá* foi toda custeada por Evaristo e saiu em 2004. Note-se: um texto gestado em 1988. E na segunda edição dessa obra a escritora entrou apenas com metade do valor. Em 2006, Mazza lançou da autora também o livro de contos *Becos da Memória*.

Conceição Evaristo considera que sua estreia literária se dá em 2004, com *Ponciá Vicêncio*. Esse romance depois foi selecionado para um edital de fomento a

---

448 Subtítulo inspirado nos versões-refrão do poema *Mundo Palavreado*, de Ricardo Aleixo, em que ele joga com o corpo e com a voz os versos em *looping*: “Eu jogo palavras no vento e fico vendo ela voar”.

449 A ideia não é minha, mas de Ricardo Aleixo, que no Sesc Ipiranga, em 10 de novembro de 2022, junto com Natália Alves, trouxe essa reflexão na palestra: “Afrorizonte: uma Renascença Negra em Minas”, na qual ele discute os trânsitos artísticos entre artistas negros em BH. Ver sinopse disponível em: https://www.facebook.com/SESCIpiranga/photos/5183112731795019/?_rdr. Acesso em: 02 dez. 2024.

450 Foram ao todo 31 poemas e 7 contos nesse período, segundo levantamento de Osmar da Silva Lima: Conceição Evaristo: escritora negra comprometida etnograficamente. **Portal Literafro**. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/29%E2%80%93critica-de-autores-feminios/194%E2%80%93conceicao-evaristo-escritora-negra-comprometida-etnograficamente-critica, Acesso em: 04 dez. 2024.

autorias negras e indígenas (como falaremos mais à frente); e, em 2007, foi publicado em Nova Iorque. Antes dela, de escritora negra, apenas Carolina Maria de Jesus tinha alcançado tal proeza, nos diz Lima, que também fala o seguinte:

> Se alguns dos escritores/as brancos têm dificuldades para se inserirem profissionalmente no mercado brasileiro da publicação, para os escritores afro-descendentes é pior. Porém, de acordo com a escritora Conceição Evaristo, todo seu esforço foi válido, pois *Ponciá Vicêncio* tem lhe `proporcionado momentos de interação muito grande com as pessoas` através das inúmeras palestras e conferências sobre este romance. O sucesso de seu investimento inicial garantiu a publicação do seu segundo romance, *Becos da Memória*, por conta da Mazza Edições.[451]

O ano de 2004 é importante por outro motivo: nasciam os "*Kits de Literatura Afro-brasileira, Indígena e Africana*", política instituída pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, "a qual consiste na compra e distribuição de livros (literários, informativos ou especializados e obras de referência), CDs e DVDs para escolas municipais e creches parceiras."[452]

Em consonância com a lei 10.639 e sua atualização, a lei 11.645, a medida visou garantir: o acesso ao objeto livro, fomentar a leitura, promover as autorias negras, indígenas e africanas, contribuir com os acervos das bibliotecas escolares e os materiais em sala de aula.[453]

Daniela Amaral Silva Freitas, em sua tese sobre a literatura infantil nos kits afro-brasileiros da Prefeitura de Belo Horizonte, ao contextualizar essa política, enfatiza a importância da lei 10.639/03, do papel que a literatura assume e do crescente interesse do mercado editorial por esse nicho. Para ela, "o fato de a Literatura ter sido citada como uma das disciplinas que deveriam tratar dessa temática; a explosão no mercado de um sem-número de livros que tematizavam a cultura africana ou traziam o/a negro/a como personagem principal; entre inúmeras outras" favoreceu a aplicação dessa política pela prefeitura de Belo Horizonte.[454]

---

451 LIMA, Osmar da Silva. Conceição Evaristo: escritora negra comprometida etnograficamente. Portal Literafro. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/29%E2%80%93critica-de-autores-feminios/194%E2%80%93conceicao-evaristo-escritora-negra-comprometida-etnograficamente-critica. Acesso em: 04 dez. 2024.

452 Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/educacao/educacao-e-relacoes-etnico-raciais#KITDELITERATURAAFROBRASILEIRAINDGENAEAFRICANA. Acesso em: 5 dez. 2024.

453 Ibidem.

454 FREITAS, Daniela Amaral da Silva. **Literatura infantil dos kits de literatura afro-brasileira da PBH**: um currículo para ressignificação das relações étnico-raciais? Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2014, p. 55-56. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-9HMHL3. Acesso em: 2 dez. 2024.

Sobre o critério de escolha das obras, Freitas argumenta que os pontos centrais foram: qualidade textual, representatividade digna das personagens negras e a historicidade das culturas negras no Brasil.[455] Portanto, essa curadoria possui semelhanças com a atuação do Núcleo de Educação para as Relações Étnico-Raciais (NEER) de São Paulo, mencionado anteriormente nesta tese.

O site da prefeitura de Belo Horizonte fornece os links de todas as obras contempladas, os documentos estão divididos nos segmentos Educação infantil e Ensino fundamental. Mas, em alguns casos, são indicados os nomes das editoras; em outros, apenas os títulos das obras. Em alguns casos, o ano a que se refere o Kit, em outros, não. De todo modo, é possível perceber que a editora Mazza foi contemplada pelo programa, pois conta com diversas obras em diferentes anos. Entre 2004 e 2006, por exemplo, temos, as seguintes obras selecionadas. Como se vê na tabela 5, Ponciá é um dos livros selecionados na edição de 2006 desse programa.

Tabela 5 – Lista de obras da Mazza Edições contempladas com o “Kit de Literatura Afro-Brasileira, Indígena e Africana” – 2004 a 2006

Título	Autor	Ano
O Movimento Negro	Marcos Antônio Cardoso	2004, 2006
Alfabeto Negro	Cristina Agostinho e Rosa Margarida de Carvalho Rochade C Rocha	2004
Negro, qual é o seu nome?	Consuelo Dores Silva	2004
Cantando/contando a história do samba	Marcos A Cardoso, Elzelina Dóris e Edinéia L Ferreira	2004
Almanaque Pedagógico Afro-Brasileiro: uma proposta de intervenção pedagógica na superação do racismo no cotidiano escolar	Rosa Margarida de Carvalho Rochade Carvalho Rocha	2006
Bonecas Negras, Cadê o negro no currículo escolar – sugestões práticas	Maria Zilá Teixeira de Matos	2006
A Ginga da Rainha	Íris Amâncio	2006
Mídia e Racismo - Ensaios	Rosália Diogo	2006
Ponciá Vicêncio	Conceição Evaristo	2006
Professoras Negras: Trajetórias e Travessias	Patrícia Santana	2006

[455] FREITAS, 2014, p. 56.

A Roda do Mundo	Edimilson de A Pereira e Ricardo Aleixo	2006

Fonte: elaborado pelo autor.

Outra fonte, nessa cartografia das políticas de fomento, cruza-se com o Salão do Livro do Vale do Aço (SLVA), evento que completou 15 anos de existência em 2024, e surgiu como uma forma de incentivar a leitura na região do Vale do Aço, em Minas Gerais. O Salão nasce de uma parceria com a Academia Mineira do Livro (AML), a Usiminas e o instituto Usiminas, via Lei Estadual de Incentivo à Cultura.[456] E atualmente conta também com outros patrocinadores, como o banco Sicredi, Governo de Minas Gerais, Sebrae, a Lei Descentra Cultura[457], entre outros.

O SLVA traz uma série de atividades culturais e reúne as principais editoras e distribuidoras de livros mineiras. O evento é uma extensão do Salão do Livro e da Literatura em Minas Gerais, que acontece em Belo Horizonte, desde 2003. O projeto está consolidado "no calendário cultural de Ipatinga, tornando-se também o principal evento literário do Leste mineiro. Em mais de uma década de projeto, conseguimos atingir um público de quase 330 mil visitantes, uma média de 30 mil visitantes por ano."[458], podemos ler no site do projeto, que também contou com a participação da editora Mazza, nas edições de 2022 e 2024, por exemplo. Lá é possível ter acesso a um catálogo desta editora, com as obras que foram selecionadas para programas de leitura em nível nacional e estadual.[459]

A linha editorial está dividida em: Infantojuvenis, Penninha Edições (com livros para as infâncias), Literatura, Ensaios e Paradidáticos. Os programas nacionais para os quais os livros foram selecionados são os seguintes: Fundação Biblioteca Nacional (FBN), Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) e o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). E os estaduais são: Fundação Municipal de Cultura (FMC), Secretaria de Estado da Educação (SEE), Secretaria Municipal de Educação (SME). Na tabela 6, temos um

[456] Essa Lei Estadual está vinculada à Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte, instituída pela lei 9.011, de 2005, com o objetivo de fomentar projetos culturais no município, entre eles, o Festival de Arte Negra de BH (FAN-BH). Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/fundacao-municipal-de-cultura. Acesso em: 04 dez. 2024.

[457] Lei 24.462 de 2023, instituída no governo Zema para incentivar a descentralização do incentivo à cultura em Minas Gerais.

[458] História, Salão do Livro do Vale do Aço, disponível em: https://salaodolivrovaledoaco.com.br/o-salao/historia-2/. Acesso em: 5 jan. 2025.

[459] Disponível em: https://salaodolivrovaledoaco.com.br/wp-content/uploads/2020/08/Catalogo-Mazza.pdf. Acesso em: 5 jan. 2025.

resumo da quantidade de programas que a editora acessou, com base nesse catálogo disponibilizado no *site* do Salão do Livro do Vale do Aço (SLVA).

Tabela 6 – Resumo das Obras da Mazza Edições Contempladas em Programas de Fomento nas Diferentes nas Diferentes Categorias do Catálogo

Gênero	FNB	FMC	FME	FNLIJ	SEE	SME	PNBE	PNLD	PNLD Literário
Infantojuvenis	1	1	1	7	1	39	5	1	1
Penninha Edições	3	0	0	0	0	0	0	0	2
Literatura	0	0	0	0	0	4	4	0	0
Ensaios	1	0	0	0	0	2	1	0	0
Paradidáticos	0	0	0	0	1	10	1	0	0

Fonte: elaborado pelo autor.

Com base nesse catálogo e para facilitar a percepção da importância desses editais, em especial os municipais e o gênero infantojuvenil, sistematizei essas informações em cinco tabelas, divididas pelos gêneros presentes no catálogo da Mazza Edições (infantojuvenis, Penninha Edições, Literatura, Ensaios e Paradidáticos). Como se pode ver mais abaixo. O que o leitor encontra a seguir não é uma listagem completa de todos os programas que a editora acessou, mas uma quantidade representativa do que se encontra no documento da Mazza Edições. Além dele, cruzei informações com obras selecionadas dessa editora para o programa Leituraço nas edições de 2014 a 2016.

Nas tabelas 7 e 8, percebe-se como a editora tem conseguido acessar programas estaduais de fomento à leitura de diversos estados e municípios de toda a região Sudeste, com destaque para Belo Horizonte e outras regiões de Minas Gerais (Betim, Ibirité, Contagem).

Tabela 7 – Obras da Mazza Edições Contempladas em Programas de Fomento na Categoria Infantojuvenil

Título	Texto/Ilustrador(a)	Programa de Fomento
Betina	Nilma Lino Gomes	PNBE – 2010 SME – Belo Horizonte, 2010 SME – Rio de janeiro, 2010 SME – Contagem/MG, 2010 SME – São Paulo – 2014[460], 2017.
O menino que não nasceu da barriga da mãe	Carmem Lúcia Eiterer / Augusto F. Oliveira	SME – Contagem MG –2012. SME – São Mateus/ES – 2010. SME – Contagem MG –2009.
O príncipe da Beira	Josias Marinho (texto e ilustração)	FNLIJ – Feira de Bolonha, 2012. SME – Kit Afro BH/MG, 2012.
Histórias da nossa gente	Sandra Lane/Flávio Fargas	PNLD Obras Complementares, 2013. SME – BH/MG - Kit Afro 2012. SME – Betim/MG, 2012 SME – Ibirité/MG, 2010
Asa da Palavra	Adriano Bitarães Netto/ Maurizio Manzo	FNLIJ (Feira de Bolonha, 2012. Estadinho Top 50 livros, 2011.
Chico Juba	Gustavo Gaivota/ Rubem Filho	SME – Fortaleza/CE, 2013. SME – Nova Lima, 2011.
Omo Obá	Kiusam Oliveira/Josias Marinho	PNBE- 2011 SME – Sobral/CE, 2011 SME – Contagem MG –2010. SME – Betim/MG, 2010 SME – São Paulo – 2016[461], 2018. FNLIJ Catálogo da Feira de Bolonha, 2010
Meia Curta	Andreza Félix/ Santiago Régis	PNLD Literário 2022[462]

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 8 – Selo Penninha Edições: Obras Contempladas em Programas de Fomento

Título	Texto/Ilustrador(a)	Programa de Fomento
O Doce Segredo de Ogbón	Sandra Lane/ Maurizio Manzo	SME- Betim, MG, 2011.
Por onde andará a vaca amarela?	Adriano Bitarães/ Marlette Menezes	SME – São Paulo, 2018.
Embolando Palavras	Madu Costa/Rubem Filho	SME – São Paulo, 2018. PNLD Literário, 2022[463]
Rapunzel e o Quinbungo	Ronaldo Simões Coelho /Cristina Agostinho	PNLD Literário, 2018 SME – São Paulo 2014 SME - Belo Horizonte, MG, 2018
Minha Mãe é negra sim!	Patrícia Santana/Hyvanildo Leite	SME – Betim/MG, 2010 e 2011 SME –Sobral/CE, 2011 SME – São Paulo 2016, 2017

Fonte: elaborado pelo autor.

460 Programa *Leituraço*, SME-SP, 2014.
461 Programa *Leituraço*, SME-SP, 2016.
462 Catálogo da Mazza Edições, seção PNLD. Disponível em: https://mazzaedicoes.com.br/pnld/. Acesso em: 5 dez. 2024.
463 Catálogo da Mazza Edições, seção PNLD. Disponível em: https://mazzaedicoes.com.br/pnld/. Acesso em: 5 dez. 2024.

A maioria das seleções encontradas de obras da Mazza são de livros para as infâncias e destinadas a programas públicos. Uma exceção é a obra *Asa da Palavra*, de autoria de Adriano Bitarães Netto (texto) e Maurizio Manzo (ilustração), também selecionada para o Estadinho Top 50 Livros de 2011. Assim, seja por meio das obras infantojuvenis ou pelo Selo Penninha, Maria Mazarello Rodrigues tem conseguido concorrer a esses programas de fomento ao livro e à leitura, sobretudo com relação ao público escolar. A consciência da importância de atuar nessa faixa de leitores está expressa no catálogo:

> Com o objetivo de ampliar sua atuação no mercado de obras infantis e infantojuvenis, Maria Mazarello Rodrigues aposta na criação de seu novo selo editorial, a PENNINHA EDIÇÕES. O nome do novo selo é uma homenagem à sua mãe, Amarilles Pena Rodrigues, falecida em 1978.[464]

Nas tabelas 9 e 10, com obras selecionadas no gênero literatura e paradidático, percebe-se como a ênfase recai nos programas das Secretariais Estaduais de Educação (SMEs), que continuam concentrados na região Sudeste, mas aparecem também em alguns estados do Nordeste, como no Ceará e no Piauí.

Tabela 9 – Obras da Mazza Edições Contempladas em Programas de Fomento no Segmento de Literatura

Título	**Texto/Ilustrador(a)**	**Programa de Fomento**
Ouvindo Estrelas	José Mauro da Costa (org.)	PNBE,2005.
Leite do Peito	Geni Guimarães/Regina Miranda	PNBE,2006.
Negro em Contos	Cuti	SME – Belo Horizonte/MG, 2006.
Negroesia	Cuti	SME – Belo Horizonte/MG, 2007.
Sanga	Cuti	SME – Belo Horizonte/MG, 2007.
Cada Trindente em seu Lugar	Cidinha da Silva	SME – Belo Horizonte/MG, 2009.
Bebo chá enquanto os ratos Grasnam	Leida Lusmar	PNBE – 2009
O Olhar de espanto	Marcia Carrano	PNLD 2021[465]

Fonte: elaborado pelo autor.

[464] Catálogo, p.32.

[465] BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **PNLD 2021 - Objeto 5: composição dos acervos**. Brasília: FNDE, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/fnde/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/escolha-pnld-2021-2013-objeto-5-obras-literarias/PNLD2021Objeto5ComposiodosAcervos.pdf. Acesso em: 17 dez. 2024.

Tabela 10 – Obras da Mazza Contempladas por Programas de Fomento no Segmento de Paradidáticos

Título	Texto	Programa de Fomento
Os comedores de Palavras	Edimilson Pereira de Almeida e Rosa Margarida de Carvalho Rocha	SME – Ribeirão Preto, 2007. SME – Belo Horizonte/MG, 2007. SME –Teresina/PI, 2009
Almanaque Pedagógico Afro-brasileiro: uma proposta de intervenção pedagógica na superação do racismo no cotidiano escolar	Rosa Margarida de Carvalho Rocha	SME – Sete Lagoas/MG, 2014. SME – Tianguá/CE, 2011. SEE – Ceará, 2010. SME – Betim/MG, 2010. SME –Teresina/PI, 2009. SME – São Paulo 2010.
Coleção Negritude, Cinema e Educação Volumes 1, 2 e 3	Edileuza Penha de Souza(org.)	PNBE Professor, 2013 SME – Tianguá/CE, 2011. SME – Belo Horizonte/MG, 2007. SME – Contagem MG –2008.
Alfabeto Negro	Cristina Agostinho e Rosa Margarida de Carvalho Rocha	Kit de literatura afro-brasileira – 2004 SME – Betim/MG, 2010. SME – São Mateus/ES, 2010. SME –Teresina/PI, 2009.
Zumbi dos Palmares	Marco Antônio Cardoso e Maria L. de Siqueira	SME – Tianguá/CE, 2011.

Fonte: elaborado pelo autor.

Por fim, a seção “Ensaios” do catálogo da Mazza reúne pesquisas acadêmicas em Ciências Humanas, autores(as) destacados(as), como Leda Maria Martins, Nilma Lino Gomes, Edmilson Pereira de Almeida. Essa é a área que encontrei menos obras contempladas por programas de fomento da editora, talvez porque também seja um perfil editorial mais específico de leitores(as) mais experientes. A tabela 11, apresenta uma amostragem de obras selecionadas conforme o catálogo da Mazza.

Tabela 11 – Obras da Mazza Edições Contempladas em Programas de Fomento na Categoria de Ensaios

Título	Texto	Programa de Fomento
Imagens Negras: Ancestralidade, diversidade e educação	Maria de Lourdes Siqueira (org.)	Seleções FBN - 2010
O Movimento Negro	Marcos Antônio Cardoso	Kit de literatura afro-brasileira – 2004 SME - Contagem/MG, 2006
Professoras Negras – Trajetórias e Travessias	Patrícia Santana	SME – Contagem MG –2006.
Juventude Negra na EJA: O direito à diferença	Natalino Neves da Silva	PNBE - 2013

Fonte: elaborado pelo autor.

Em uma publicação de 2014[466], Esmeralda Ribeiro e Maria Mazarello Rodrigues apresentam depoimentos textuais bastante elucidativos, embora curtos, sobre a importância e desafios de se manter editoras negras. Dos temas abordados, destacam-se: a) a relação de suas iniciativas com o poder público; b) os motivos para a difícil popularização, circulação e venda desses livros voltados para a temática étnico-racial; c) medidas efetivas de políticas públicas nessa área.

Ribeiro explica que a tiragem anual dos Cadernos Negros é de 1000 exemplares, divididos entre o montante que vai para os(as) escritores(as) participantes da antologia – e que de modo cooperativo financiam cada edição – e a outra parte é comercializada nos lançamentos anuais, que são eventos caracterizados por debates, saraus, apresentações musicais ligados às africanidades e que, para Ribeiro, funciona como "nossa livraria". Ribeiro destaca que a comercialização dessas antologias fora desses lançamentos é bastante difícil, pois o mercado editorial brasileiro é dominado pelas grandes livrarias e editoras. Outra forma de circulação dos livros seria por meio de exposições. Todavia, assinala a escritora, o entrave financeiro dificulta: um estande em bienais e feiras de livros custa em torno de R$ 9.000,00.

Além disso, diz que as publicações do coletivo não são aceitas pelas grandes distribuidoras, ou seja: livrarias, lojas de aeroporto etc. Desse modo, uma estratégia fundamental de circulação ocorre pelas mídias sociais e listas de e-mails. Além disso, observa que outros espaços de circulação das obras, nos últimos tempos, têm sido em parcerias com o Museu Afro de São Paulo, que vende a série *Cadernos Negros* em sua livraria, e através de parcerias com editoras negras, como a Nandyala (MG) e a Kitabu (RJ) e alguns intelectuais que legitimam a produção na academia.[467]

Rodrigues, em seu texto, explica que a atuação da Mazza pode ser dividida em dois períodos. a) de 1981 a 2003: da criação da editora até a lei 10.639. b) de 2003 a 2014 (ano do depoimento). Ela diz que no primeiro período, o público que sustentou a existência da editora era formado por ativistas e professores das escolas públicas – nas escolas privadas, o acesso foi mais restrito. No segundo período, considera um

---

[466] SILVA, Cidinha da. (org.). **Africanidades e relações raciais**: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014. 207

[467] RIBEIRO, Esmeralda (Quilombhoje-Literatura). 37 anos de Cadernos Negros – uma trajetória de resistência no mercado editorial. In: SILVA, Cidinha da. (org.). **Africanidades e relações raciais:** insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014. p. 101. 207

marco histórico a lei 10.639/03, uma vez que essa lei cria a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana em toda rede de ensino, público e privado. No entanto, Rodrigues, assim como Ribeiro, critica a ação de grandes editoras – algumas multinacionais – que criaram selos negros para conseguir os lucrativos editais específicos do poder público. Ainda assim, Rodrigues diz que para as pequenas editoras, comprometidas com a "erradicação de estigmas" bem antes da lei federal, os recursos do governo têm sido poucos por seleção de edital, mas tem sido uma fonte de renda importante.[468]

A amostra acima do levantamento de políticas públicas acessado pela Mazza, dá uma dimensão da importância desses programas. Essa trajetória de mais de quatro décadas tem sido reconhecida, em livros, entrevistas, pesquisas e homenagens, como a ocorrida, em 2021, no 4º Festival Literário Internacional de Belo Horizonte (FLI BH), que pela primeira vez homenageou uma editora.

> A homenagem desta edição é dedicada a Maria Mazzarelo Rodrigues, mais conhecida como Mazza. Ela será a primeira editora homenageada do Festival, que até então já lembrou nomes de grandes autores(as), e a primeira pessoa viva homenageada pelo FLI BH. Com percurso intelectual e humano marcado pelo envolvimento com as questões sociais, políticas e culturais do país, criou e dirige a casa editorial que leva seu nome. Mulher negra, uma das fundadoras da Editora do Professor e da Editora Vega, se consolidou através da Mazza Edições, que testemunhou alguns dos principais acontecimentos da sociedade brasileira das últimas décadas.[469]

4.4.2 O caminho singular da livraria e editora Nandyala

> À noite, no evento, entre CDs, DVDs, candomblés, atabaques, meus sambas, poesia, gente inteligente, música boa, a revelação da Livraria e Editora Nandyala, a efervescência cultural da Belo Horizonte negra, o orgulho das entidades da militância, a preservada ingenuidade das escolas-de-samba... E sabes sobre o quê mais se comenta? Sobre o teu novo livro, Carlos Moore.
> Aos demais leitores, informo que o livro se chama "A África que incomoda" (Belo
> Horizonte, Nandyala, 2008) e contém, em cerca de 220 páginas, formato de bolso e ao preço de "uma bala e

---

468 RODRIGUES, Maria Mazzarelo. Relação da Mazza Edições com o poder público em seus 33 anos de existência. In: SILVA, Cidinha da. (org.). **Africanidades e relações raciais**: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014. p. 97.

469 O Festival contou que contou com a curadoria de Ana Elisa Ribeiro e Madu Costa, e realização da prefeitura de Belo Horizonte. Ver, https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/festival-literario-internacional-de-bh-apresenta-mais-de-100-atracoes-gratuitas.

> uma mariola", tudo aquilo que sempre quisemos e precisamos saber na hora de encarar o Racismo Organizado. Nei Lopes[470]

A livraria-editora Nandyala trilha um caminho distinto da Mazza Edições, mas partem de várias confluências. Maria Mazarello Rodrigues, Iris Amâncio e Rosa Margarida de Carvalho Rocha[nome completo] são mulheres negras com formação acadêmica e experiencia anterior no setor livreiro e editorial, no caso da Mazza e de Iris Amâncio. Todas elas atuam em um mercado editorial bastante relevante e pulsante, porém à margem do eixo Rio e São Paulo. Tanto a Mazza quanto a Livraria-Editora e Instituto Nandyala, fundado em 2011, possuem forte conexão com o público ativista, educadores e apreciador de literatura de autoria negra.

No catálogo essas mulheres editoras encontramos obras de ciências humanas, conto, romance, poesia. Se no catálogo da Mazza encontramos nomes um sotaque mais nacional de obras de autoria negra brasileira, na Nandyala há maior espaço para escritores(as) da África Negra e da diáspora, como o pensador cubano Carlos Moore. A ideia é trazer um recorte editorial de uma literatura africana feita por autores(as) negros e não apenas com os mais conhecidos, os escritores brancos. Um destaque do catálogo é a escritora de Moçambique, Paulina Chiziane.

Para essas duas editoras de Belo Horizonte o vínculo entre a linha editorial e a lei 10.639/03 é forte. Iris Amâncio, conta, em entrevista, que quando ela e Margarida escolhem montar uma livraria especializada, pesou não apenas o ativismo, mas também o tino comercial, pois em Belo Horizonte, a concorrência para livros em geral era maior. Além disso, a escolha pela literatura africana tinha a ver com a formação de Amâncio nessa área e no crescente interesse por materiais ligados à etnicidade no período.[471]

Em termos da maneira como organizam a empresa e fazem a distribuição do catálogo, em uma entrevista, Amâncio conta que trabalha com uma pessoa fixa, alguns colaboradores freelancers e, que em termos de distribuição, com a parceria com a editora Paulinas (MG), a livraria Kitabu (Rio de Janeiro), e outras distribuidoras

---

[470] Disponeivel em: https://areteeducar.blogspot.com/2008/09/nei-lopes-destaca-nandyala-livraria-e.html. Acesso em: 5 jan. 2025.

[471] ASSIS, Alessandro *et al.* Nandyala: nascida em tempo de fome. In: QUEIROZ, Sônia (org.) **Editoras Mineiras: Panorama Histórico.** Publicações Viva Voz, FALE/UFMG: Belo Horizonte, 2009, p.24.

em outras localidades brasileiras, assim como com a editora Chá de Caxinde em Angola.[472]

Assim, como a Mazza, Amâncio e Rosa Margarida, constroem um percurso no ativismo político-pedagógico e literário que as possibilitam chegar a autores como Carlos Moore, pensador cubano renomado, que em 2008, apenas dois anos do nascimento da Livraria Nandyala, publica pela já editora, seu livro *A África que incomoda.*

Vimos como para a Mazza Edições o papel das políticas públicas é importante para manter essa casa editorial no cenário editorial brasileiro. E no caso da Nandyala? Já sabemos de antemão através de entrevistas com Iris Amâncio (vale dizer, que apenas encontrei entrevistas com essa editora e não com Rosa Margarida) que essa livraria editora aponta que sua sustentabilidade provém dos próprios meios, das vendas de livros, de cursos e campanhas promovidos pela Nandyala, e pelo instituto com o mesmo nome, fundado em 2011, na zona da mata mineira em Muriaé-MG (terra natal de Amâncio). No perfil do site Literafro, conta-se que esse instituto foi levado para Belo Horizonte, devido a ampliação de suas atividades.[473] Entre seus projetos, o mesmo perfil destaca, o “Leitura em diferença”, o “Ocupações Literárias” e a “Fliafro” (Festa Literária do Brasil).

Faço a partir de agora uma costura livraria-editora para compreender se existem inciativas da Nandyala vinculadas às políticas públicas de fomento em nível nacional, municipal ou estadual? Se existem, são para quais fins? Percorro *sites* institucionais, espaços digitais da Livraria-editora, vejamos o que é possível encontrar.

Em 2008, podemos imaginar que as pessoas bonitas, apreciadora de atabaques, sambas, CDs e DVDs, puderam comprar ou pelo menos saber da existência do novo livro de Carlos Moore, e quem sabe, do curso de Férias promovido pela Nandyala e ministrado por Rosa Margarida de Carvalho Rocha, que ocorreria naquele mesmo ano. A mensagem, em 2008, ainda corria mais de boca a boca, antes das facilidades que ocorreriam como a popularização da internet em breve. Vejamos o anúncio:

---

472 ASSIS, 2009, p. 27.

473 A editora não recebe apoio de instituições de quaisquer ordens. As fontes financeiras advêm de seu próprio esforço comercial e de suas ações, como cursos de formação, palestras e consultorias. Para tal, entra em cena o Instituto Nandyala, fundado na Zona da Mata Mineira (Muriaé/MG), em 2011, e atualmente sediado em Belo Horizonte devido à ampliação do leque das suas atividades.”Literafro - http://www.letras.ufmg.br/literafro/editoras/1376-nandyala

> “PRESSUPOSTOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA" CONTEÚDOS PRIORITÁRIOS, ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS E BIBLIOGRÁFICAS – ROSA MARGARIDA DE CARVALHO ROCHA
>
> Módulo I: 25/01/08, Sexta feira (18h às 22h)
> Referenciais para a organização da prática pedagógica; construção de um projeto de intervenção quanto ao ensino da História da África e dos afro-brasileiros no cotidiano escolar
> Módulo II: 26/01/08, Sábado (9h às 17h)
> Currículo, relações escolares, escola, professor, recursos e materiais didáticos;disciplinas escolares e seus conteúdos em diálogo com a história da África.
> Investimento: R$ 80,00 (inclui CD com textos do mini-curso e coffee-break)
> Promoção: Grupos com 03 ou mais inscrições: R$70.00 (por pessoa)
> Aproveite para conhecer as novas seções da NANDYALA Livros !
> (TUDO EM 03 VEZES - MASTERCARD/VISA ou cheque para 15 de MARÇO)
> Inscrições e informações: 07 a 24 de janeiro/2008
> NANDYALA Livraria e Editora - (31) 3281-5894
> Av. do Contorno, 6000 - Loja 01 - Savassi - Belo Horizonte - MG[474]

Se páginas atrás, comentamos uma pesquisa, dizendo que para professores e ativistas, a lei 10.639/03 era tanto uma das maiores conquistas, como um dos maiores desafios, vemos aqui como as editoras colocam a livraria-editora ã favor de atividades que elas já desenvolviam antes dessa lei, mas que com a demanda maior por conta dela, cursos voltados para a história e cultura da África Negra, até hoje permanecem como grandes desafios para o currículo escolar.

Numa manhã de 26 de março de 2010, ocorreu o Seminário Nandyala Editora, no auditório da Una, localizado na Rua Aimorés, 1451 – Bairro Lourdes, Belo Horizonte, MG. Com professores brasileiros e africanos, de Moçambique e de Guiné Bissau, as discussões passaram pelos desafios da educação étnico-racial, “formação de professores e religiões de matrizes africanas”, “O imaginário sobre África e seus impactos na educação brasileira”, “Educação e Cultura na Guiné-Bissau”. Ao final, as pessoas participantes receberam um certificado e livros da Nandyala.[475]

---

[474] Disponível em: https://areteeducar.blogspot.com/2008/01/curso-de-frias-nandyala-livros.html. Acesso em: 5 jan. 2025.

[475] Disponível em: https://areteeducar.blogspot.com/2010/06/seminario-africanidades-e-educacao.html. Acesso em: 6 jan. 2025.

Figura 18 – Programação do Seminário Nandyala Editora: Africanidades e Educação

Fonte: Editora Nandyala (2010)

A parceria entre a Nandyala e esse centro universitário atuou justamente em um dos gargalos da lei 10.639/03, que foi tornar obrigatório o reconhecimento das culturas negras e africanas e posteriormente com a lei 11.645/08, acresce-se as culturas e histórias indígenas, mas sem uma política nacional consistente para tornar essa lei uma realidade mais concreta.

Em outubro de 2013, a Nandyala junto com o Sindicato dos Professores do Estado de Minas Gerais – o Simpro-Minas, e outras entidades, lançam o prêmio Educa Minas para a Diversidade Racial. No edital do prêmio estabelece-se as regras para o envio de propostas. "Os professores vencedores receberão um netbook e um kit étnico-literário, além da publicação de sua Ação Pedagógica em livro, a ser organizado pela Nandyala Editora". O edital é destinado a educadores da educação básica de Minas Gerais do ensino público e privado. E tem o objetivo premiar as boas práticas do docentes que implementam as leis federais de reconhecimento dos povos africanos, negros e indígenas. Para isso, uma comissão julgadora ficou encarregada da avaliação das melhores propostas. Os(as) interessados precisaram entregar suas propostas até 20 de novembro na sede da Editora Nandyala, o edital fornece o endereço e o horário.[476]

[476] Disponível em: https://www.sinprominas.org.br/edital-do-premio-educa-minas-para-a-diversidade-etnico-racial/. Acesso em: 6 jan. 2025.

No ano seguinte, Nandyala em parceria com o Simpro promove o Seminário Afropedagógico, com a formação de educadores(as) do Sindicato dos Professores de Minas Gerais. “Palestras, debates e exposição de livros são a tônica do seminário, que possibilita reflexões e sugestões de práticas pedagógicas a partir da interação direta do público da Educação Básica com os especialistas e autores convidados.”[477] O foco foi literatura, contação de históricas em Moçambique, diversidade etc. Iris Amâncio fez uma palestra com o título: “Literatura e diversidade na Educação Infantil – conceitos, estéticas e representações das africanidades”[478]

Esses são bons exemplo de outra parceria da Nandyala atuando como integrante de políticas públicas estaduais a partir de uma parceria local com sindicato dos professores. Estrategicamente, além de incentivar novas práticas docentes antirracistas, a ação era também uma forma de marketing, já que com uma única ação produziu-se a circulação do nome da livraria-editora, sua localização, seu futuro lançamento, além de um kit literário, que mesmo não ganhando o prêmio poderia ser comprado pelos professores.

Em 2016, com a proximidade do Prêmio Zumbi dos Palmares, a Nandyala lançou o livro “Herdeiros de Zumbi – Mestres, Artistas e Grupos Culturais Homenageados pelo Prêmio Zumbi de Cultura”, em parceria com cia Baobá Minas. Esta Companhia, dirigido pela professora, antropóloga e jornalista Júnia Bertolino, promove esse prêmio desde 2010.[479] Dividido em diversas categorias (literatura, música, teatro, educação, dança, entre outros) ele reconhece as práticas culturais negras em Minas Gerais. O(a) premiado(a) em cada categoria recebe uma estátua feita pelo artista Jorge do Anjos.[480]

Olhares sobre a mobilização brasileira para a III Conferência Mundial Contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Intolerância Correlatas, escrito por Amauri Mendes Pereira e Joselina da Silva, é um livro da Nandyala que contou com financiamento público. Ele foi lançado em 29 de maio, de 2013, em Brasília, em parceria com a Fundação Cultural Palmares. O volume reúne depoimentos de

---

477 Seminário Afropedagógico NANDYALA Livros – Sinpro MG.

478 Seminário Afropedagógico NANDYALA Livros – Sinpro MG.

479 Para conhecer os(as) premiados, ver: https://www.secult.mg.gov.br/component/content/article/131-antigas/3606-sesc-palladium-recebe-lancamento-do-livro-herdeiros-de-zumbi-mestres-e-artistas-homenageados-pelo-premio-zumbi-de-cultura-cia-baoba-minas?Itemid=437. Acesso em: 6 jan. 2025.

480 Disponível em: https://academiamineiradeletras.org.br/eventos/lancamento-do-livro-herdeiros-de-zumbi-mestres-e-artistas-homenageados-pelo-premio-zumbi-de-cultura-cia-baoba-minas/. Acesso em: 6 jan. 2025.

militantes negros a respeito dos dez anos da III Conferência Mundial contra o Racismo, a discriminação racial, a Xenofobia e Intolerâncias correlatas. O tema principal é a “preparação da delegação brasileira para a Conferência, que aconteceu em Durban, na África do Sul, em 2001. Segundo Pereira, a delegação brasileira foi a maior do evento, composta majoritariamente por militantes do Movimento Negro.”[481]

Figura 19 – Capa e convite para o lançamento do livro, Olhares sobre a mobilização brasileira para a III Conferência Mundial Contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Intolerância Correlatas, 2013

Fonte: Fundação Cultural Palmares

Antes de criar a Livraria Nandyala, Iris Amâncio publicou pela Mazza Edições o livro de literatura infantil, A ginga da Rainha, em 2005. Rosa Margarida de Carvalho Rocha, parceira na futura livraria-editora, também publicou na Mazza, o Almanaque Pedagógico Afro-Brasileiro: uma proposta de intervenção pedagógica na superação do racismo no cotidiano escolar.

Em 2006, na edição II do Kit de literatura afro-brasileira, africana e indígena destinado ao ensino fundamental, do catálogo da Mazza, sete obras foram

[481] Disponível em: https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/livro-reflete-sobre-os-dez-anos-da-iii-conferencia-mundial-contra-o-racismo. Acesso em: 6 jan. 2025.

selecionadas de um total de 61 títulos.[482] Vale dizer, que essa política possui quase duas décadas sendo implementada, e a partir de sua edição de número 5, também foram realizadas seleções de para a educação infantil, quando o projeto passou a atender não só escolas municipais, mas também creches parceiras.

No catálogo da Nandyala, assim as obras para as infâncias negras estão presentes, tal recorte é basicamente, ao lado dos livros didáticos, o mais interessante para concorrer a editais. Desse modo, fiz uma busca no site da prefeitura e nas edições do Kit Literatura afro-brasileira, para tentar localizar obras da Nandyala nessas seleções. Como a Nandyala vai se constitui primeiro como livraria, em 2006, para meses depois, virar também editora, é possível, caso quisessem, participar do programa nas edições seguintes.

Essa busca não foi muito fácil porque nem todas as edições do kit estão com datas e alguns deles possuem o nome da obra, mas não o do(a) autor(a) e da editora, portanto, fiz uma busca a partir dessas lacunas. Acresce-se que no *site* da Nandyala, também se encontra com falhas e diversas abas inacessíveis (como a correspondente ao catálogo), mas é possível encontrar as obras da livraria-editora, por exemplo, em postagens no *instagram*.[483] Consultando essas listagens do Kit de Literatura afrobrasileira, africana e indígena, não localizei obras selecionadas da Nandyala.

Pelo meu levantamento, assim, podemos concluir (salvo engano) que a atuação da Nandyala é modesta em termos de acesso à políticas públicas do livro. Esse diálogo existe, mas é pontual, de modo que a livraria editora aparece mais como uma parceira para proposição de políticas públicas, como concursos e cursos, como já mencionados. A criação de alianças para projetos de promoção do ensino das relações étnico-raciais, bem como de divulgação e intercambio com autores da diáspora e negro-africanos, é bastante interessante e variado, no pequeno apanhado que fiz, as parcerias da Nandyala foram bem articulados com a cidade de Belo Horizonte, com a prefeitura, com o sindicato dos professores, com a universidade UNA, com a Cia Baobá, mas também com a Fundação Palmares.

---

[482] Ver seleção das obras. Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/educacao/educacao-e-relacoes-etnico-raciais. Acesso em: 6 jan. 2025.

[483] Parte das obras da Nandyala estão visíveis no The Resilient Store, um espaço com múltiplos vendedores, que divulgam suas histórias e produtos em um mesmo lugar. Disponível em: https://theresilientstore.com/collections/nandyala?srsltid=AfmBOopbecCh3KSY-jt19qcJw0zN_9yGz64yKvlj3JY7_z0AdF9XB-dw. Acesso em 4 dez. 2024.

Uma explicação hipotética para a presença discreta da Nandyala, ao que tudo indica nas políticas de governo de fomento à leitura, pode ter muito a ver com uma estratégia de inserção econômica, não apenas política. Enquanto o nicho de autorias africanas de autores negros é menor, os nichos de obras com recorte de diversidade étnico racial, ou vinculados às séries iniciais, como obras infantojuvenis e infantis, assim, como obras de não ficção e paradidáticas tornaram-se bastante concorridas, pois entram no duplo processo concentração/pulverização, como argumentado por José de Souza Muniz[484], na qual as fatias mais rentáveis ficam com os grandes conglomerados, as partes desse mercado menos rentáveis, como as editoras médias.

E mesmo em políticas públicas com recorte interseccional, como o Leituraço, em São Paulo, quanto o kit de literatura afro-brasileira, africana e indígena, a presença de editoras grandes editoras (muitas com selos especializados para esse segmento das infâncias ou da diversidade) como a Agir, Ática, Companhia das Letras (e a Companhia das Letrinhas), Record, Melhoramentos, Summus Editorial (e o selo Negro, especializado na temática étnico-racial), FTD, Moderna, Scipione, entre outras estão fortemente presentes. Trata-se de um afro-oportunismo, como diria Maria Mazarello Rodrigues? Na visão de Guimarães, essas grandes editoras possuem um arsenal maior de distribuição por meio de livrarias, maior número de autores, de marketing e visibilidade nos meios de comunicação, do que editoras especializadas em autoria negras, como a Mazza Edições e a Nandyala, por isso tendem a alcançar um maior número de leitores.[485]

---

[484] MUNIZ JÚNIOR, 2016 p. 02.

[485] A presença dessas grandes editoras em editais públicos é um tema mais amplo do que a proposta desta pesquisa, porém merece investigações mais detalhadas.

4.4.3 Ciclo Contínuo: entre corres, capoeiragens e políticas públicas

Para o grupo étnico Acã, do povo Ashanti, a sabedoria, sagacidade, criatividade e a complexidade da vida estão simbolizadas pelo ideograma Ananse Ntontan. O princípio da teia de aranha, graficamente representada por um círculo rodeado por sete pontas.

Lembro deste adinkra, não só pela ideia de circularidade que conflui com o nome e o logo dessa editora especializada em escritas negras e periféricas literárias e não ficcionais traz, mas também porque se para a pequena editora de livros, em geral, conciliar diversas habilidades e dispor de variadas estratégias é fundamental, para o trabalho de edição de uma empresa especializada em autorias negras, conduzida por pessoas negras, conciliar princípios políticos com a venda de livros, tecer estratégias e fazer alianças além de essencial, é tarefa complexa.

Aliás, fazer alianças afetivas e políticas dá trabalho, exige diálogo, e são afetivas não apenas pelo sentido de ser carinhosa, mas por nos afetar, exigir colocar-se em relação, por isso o pensador e ativista indígena Ailton Krenak diz que é preciso compor alianças mesmo com aquele vizinho que você não gosta, que invade as terras, polui os rios. É justamente esse ato de tecer alianças, compor estratégias, jogar capoeira com as políticas públicas, tem muito a ver com a editora Ciclo Contínuo e seu editor Marciano Ventura.

Marciano Ventura nasceu no Rio de Janeiro, passou a infância no interior de São Paulo, mas foi na capital paulistana que ele trilhou o caminho do movimento punk, do movimento negro, fez abrigo diário na biblioteca do Centro Cultural de São Paulo (localizado no centro da cidade), e dos livros, foi conhecendo diversos nomes de diferentes vertentes literárias negra e marginal e periférica.

Entre suas alianças e inspirações podemos citar, nomes da literatura negra de diferentes gerações, como Cuti (que era bibliotecário do Centro Cultural de São Paulo), Oswaldo de Camargo e Lívia Natália. Ventura também se inspirou nas cenas dos Saraus que passa a florescer nas periferias de São Paulo a partir do final dos anos 1990, com o Cooperifa, o Sarau Elo da Corrente e o Sarau da Brasa – estes dois últimos, inclusive transformaram-se em pequenas editoras[486]; em escritores da

[486] “O sarau, quando começou, não era esse incêndio todo, era uma coisa menor, cada um fazia cinco ou seis poemas numa noite, tínhamos dez pessoas”, pondera Allan da Rosa, em entrevista a Lucía Tennina. Para o escritor e pesquisador, o movimento dos saraus não encerra em si, mas precisa

vertente marginal periférica de São Paulo, dos anos 2000 em diante, com os quais estabeleceu diálogos e vivências, como Elizandra Souza e Allan da Rosa, entre outros. Ventura fala que conheceu Allan da Rosa na capoeira, além disso, foram vizinhos, trocaram muitas ideias e fizeram parcerias.[487]

A propósito, uma inspiração para o projeto da Ciclo Contínuo foi a Edições Toró, que de acordo com Érica Peçanha, foi um projeto criado por Allan da Rosa com alguns amigos, em 2005, para viabilizar a publicação de seu primeiro livro, *Vão*, e de outros escritores da periferia. Segundo a pesquisadora, essa publicação foi financiada pela Ong Ação Educativa e teve tiragem de 600 exemplares. Outras obras publicadas pela Edições Toró foi a antologia de poesia, De passagem, mas não a passeio, de Dinha (Maria Nilda Mota), que também teve um terço de seus custos financiado pela ONG Ação Educativa, o livro *Notícias jugulares: contos, crônicas e poemas do gueto*, de Dugueto Shabazz, *Da Cabula*, peça escrita por Allan da Rosa, entre outras publicações.[488]

Marciano Ventura, diz que "a Edições Toró, ela foi um grande start". Por, em um espaço de 2 a 3 anos, lançaram uma série de livros, em moldes pouco usuais ao mercado, e por também, articular-se com a ideia de sarau periférico, enquanto ele vinha de uma experiencia de organização de encontros para discussão literária, como diz: "[...] a gente não era muito ligado a essa ideia de fazer sarau, mas era ligado a uma ideia de dialogo sobre literatura porque o sarau que a gente conheceu não era nesse formato que em São Paulo, nas periferias de São Paulo começou a pulular, né [...]"[489]

De maneira similar, um dos nomes centrais do movimento da literatura marginal e periférica, o escritor Ferrez, publicou seu primeiro livro, *Fortaleza da Desilusão*, de 1997, às próprias custas, e depois criou o Selo Povo, em 2008, para publicação de

---

agregar outras grafias e projetos, há a necessidade de publicar livros de qualidade e constituir um "circuito de arte-educação com fundamento que pense ciência e cultura nas quebradas, com fundamento". *Cf*. TENNINA, Lucía. Movimento. *In*: PEÇANHA, Érica *et al.* (org.). **Polifonias marginais**. 1. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015, p. 396.

487 Entrevista de Marciano Ventura concedida a Mário Augusto M. da Silva. São Paulo, 14 de fevereiro de 2017.

488 Em estudo que abrange esse nascedouro de publicações de autores periféricos e as múltiplas formas de financiamento das publicações, pode ser encontrado em: NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **"Literatura marginal"**: os escritores da periferia entram em cena. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-133929/. Acesso em: 13 dez. 2024.

489 Entrevista de Marciano Ventura concedida a Mário Augusto M. da Silva. São Paulo, 14 de fevereiro de 2017.

outros autores, como a escritora mineira Cidinha da Silva, com o livro de contos, *Ó margens, reinventa os rios*. Na quarta capa desse livro da Cidinha, lemos o público almejado pelo Selo povo: “Selo feito para livros de bolso, livros esses escritos por e para mãos operárias, rebeldes, marginais, periféricas. Que possa alcançar o público despossuído de recurso, que geralmente vê o livro como um item raro elitista.”[490]

Além desse, surgiram outros selos de dentro da cena dos saraus, como analisa Ary Pimentel:

> Muitas dessas pequenas editoras foram criadas por eles próprios com a finalidade de publicar narradores, poetas e *slammers* da periferia. Este é o caso das Edições Toró (fundada por Allan da Rosa, em 2005), do Selo Povo (criado por Ferréz, em 2008) e do Selo do Burro, que surgiu dentro do Sarau do Burro (Vila Madalena), em 2011, e já publicou nomes de destaque para a cena da poesia escrita por mulheres, como a *slammer* Luiza Romão, que lançou por esta casa publicadora seus dois primeiros livros: *Coquetel Motolove* (2014) e *Sangria* (2017).[491]

Esse conjunto de inciativas de pequenas editoriais forneceram-lhe régua e compasso para tornar-se editor, o que se deu articulado com as organizações culturais de cultura e os circuitos de saraus periféricos. Esse fazer-se editor, deu-se, segundo suas próprias palavras, na tentativa e erro, mais acertos que erros, diz, já que não tinha feito um curso de editoração, e foi pedindo ajuda para os amigos.

Antes disso, havia montado uma fábrica de papel em parceria com outra pessoa, para produção da capa de um disco, que acabou não ocorrendo, mas ficou a experiência e os equipamentos. Seu sócio, como diz, mudou-se para a Bahia, e montou a Lix editora, e ele ficou com a Ciclo Contínuo. “A Ciclo Contínuo era essa ideia da empresa de papel, na verdade naquela época não tinha esse nome, depois que a gente comprou o equipamento e começamos a aplicar aí sim a gente montou uma ideia de Ciclo Contínuo e tal.”[492]

Antes da formalização da Ciclo Contínuo Editorial, Marciano desenvolveu um projeto com Marcio Folhas e outras duas pessoas, denominado os “novos griots”, na cidade Tiradentes, voltado para as culturas negras, entre elas, a literatura negra.

---

490 SILVA, Cidinha da. **Oh, margem! Reinventa os rios!** São Paulo: Selo Povo, 2011.

491 PIMENTEL, Ary. Editoras cartoneras e a literatura fora do cânone: um olhar crítico para as margens do mundo editorial. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, *[S. l.]*, n. 62, p. 10-11, 2021. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/37421. Acesso em: 13 dez. 2024.

492 Entrevista de Marciano Ventura concedida a Mário Augusto M. da Silva. São Paulo, 14 de fevereiro de 2017.

Na conclusão desse projeto, organizou uma antologia poética denominada *Negrafias – Literatura e Identidade Vol. 1*, em 2008, contendo 14 autores de textos literários diversos. O lançamento da obra, diz uma postagem do Blog Elo da Corrente, é um oferecimento da "Ciclo Contínuo, Elo da Corrente e Edições Toró"; o prefaciador é de Oubi Inaê Kibuko, escritor que foi um dos fundadores do Quilombhoje, e, os autores, são: Akins Kinte, Allan da Rosa, Carlos Alberto, Cidinha da Silva, Clodoaldo Paiva, Elis Regina F. Vale, Elizandra de Souza, Geovani di Ganzá, Johnny Pqno, Miguel, Marciano Ventura, Márcio Folha, Michel da Silva e Raquel Almeida.[493]

Para a publicação dessa obra, diz o editor, já estava acertado o financiamento com um político (cujo nome não mencionou), o que acabou não acontecendo. Comentando com uns amigos do bairro onde moravam, que já cobravam a publicação do livro, Marciano Ventura comentou o ocorrido, e em uma semana, eles apareceram com o dinheiro necessário para a concretização da obra.

Em 2009, o editor publicou o volume 2 do *Negrafias*, composto por diferentes textos literários, entre o conto, poesia, teatro e ilustração. Participam da obra 17 autores. E o volume homenageia duas lideranças religiosas e comunitárias de Cidade Tiradentes, Yá Silvia de Oyá e Edu Oju Obá. O lançamento, Literatura Subversiva, ocorreu em 3 datas e localidades distintas, nos dias 10, 18 e 19 de dezembro de 2011, respectivamente: no Sarau Elo da Corrente, Bar do Santista (Pirituba), No Conjunto de Residencias da USP, CRUSP (Cidade Universitária no Butantã) e no Sarau Poesia Na Brasa, Bar do Carlita (Brasilândia).

Além destes dois volumes, publicou, a obra em quadrinhos, Histórias do Tio Alípio e Kauê – *O beabá do Berimbau,* com texto e ilustração de Marcio Folha e prefácio de Oswaldo Faustino. A obra foi reedita, em 2018, conforme se vê na ilustração abaixo.

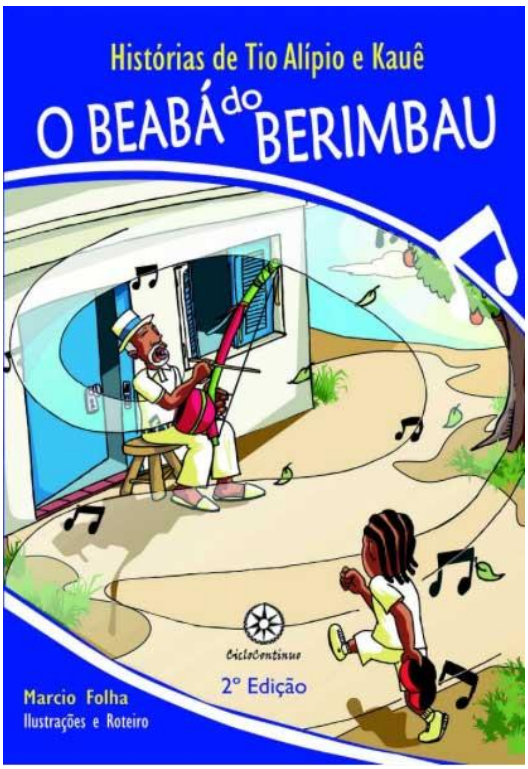
Esse movimento de agregar parcerias, as tais alianças afetivas e políticas, são comuns entre as editoras negras e marginal e periféricas, pois é preciso criar suas próprias vitrines, ou melhor, fazer ecoar o tambor das palavras, para fazer-se visível, distribuir e divulgar as obras publicadas, já que em geral, assim como os escritores de vertentes não-hegemônicas foram invisibilizadas pela crítica e meios de comunicação por um bom tempo, as editoras por serem especializadas nesse segmento, mesmo

---

493 Blog Elo da Corrente. Disponível em: https://elo-da-corrente.blogspot.com/2008/11/lanamenmto-do-livro-negrafias-organizao.html. Acesso em: 6 jan. 2025.

quando publicam autores que depois ganham repercussão numa editora maior, são poucas vezes citadas na imprensa hegemônica.

Figura 20 – Segunda edição da obra Histórias de Tio Alípio e Kauê: O Beabá do Berimbau, 2018.
Fonte: LiteraRua



A partir de 2010, e já tendo feito essas publicações Marciano Ventura considera que a Ciclo Contínuo está formada, a partir de sua própria casa na zona leste da cidade de São Paulo.[494]

> E a partir daí o negócio foi criando mais forma, né, Mário, então apareceu esse livro, daí surgiu a ideia, com esse livro surgiu a ideia de fazer novamente a, um outro volume de antologias, que saiu Negrafias também nesse mesmo ano, então aí foram surgindo aí alguns projetos que nós começamos a elaborar assim no sentido de literatura foram aprovados por leis de incentivo no município.[495]

De início, o nome da editora era Projeto Editorial Ciclo Contínuo, só depois passou a ser chamado de Ciclo Contínuo Editorial, comenta Marciano Ventura.[496] Esse projeto inicial era muito calcado em seu próprio fazer sozinho, diz. Algo que se modifica quando, em 2016, estabelece sociedade com a Inah Livros – uma livraria

494 Entrevista de Marciano Ventura concedida a Mário Augusto M. da Silva. São Paulo, 14 de fevereiro de 2017.
495 Ibidem.
496 Ibidem.

especializada em relações étnico-raciais, literatura infantil, escritores africanos e negro brasileiros.

> Na verdade, antigamente [a editora] levava o nome de projeto editorial Ciclo Contínuo e depois Ciclo Contínuo Editorial. Que hoje não tem, graças a deus não sou mais sozinho, não sou mais office boy, não mais tudo né cara, hoje a gente tem uma sociedade que é com a Inah Livros, então são duas empresas fundidas e a gente tem como uma frente um trabalho de editora, livraria, distribuidora e produtora.[497]

A Inah Livros foi fundada em São Paulo, em 2014, mas fechou em 2018, na iminência de uma das maiores crises política que o país passou. Seus fundadores são Leonardo Bento (historiador e professor) e sua companheira e Luciana Bento (socióloga, especialista em literatura infantil e escritora).[498] Em 2022, a dupla fundadora da Inah Livros, abrem a Ina Livros Quilombo Literário, uma microempresa localizada em uma residência na zona norte de São Paulo, dedicada à educação antirracista nas escolas, tendo por base a literatura negra. É eloquente que esse projeto tenha fechado suas portas em 2018, como outras empresas pequenas e médias, e reaberto em novo formato em 2022, quando o arco de possibilidades no país parece ampliar-se.

O casal Bento, como muitas outras pessoas negras que atuam paralelamente ou como atividade principal em torno da publicação, venda, cursos ou divulgação de autorias negras, possuem elevado nível educacional, em comparação a média da população, em geral, e da população negra, em específico. Note-se também que, em geral, possuem formação em áreas externas ao mercado editorial. Portanto, são as habilidades, conhecimentos e articulações herdadas de outras áreas que colocam a serviço dos livros.

A história das editoras negras (dirigidas por pessoas negras) não é uma história de herdeiros editoriais, cada casa editorial se faz, até o momento, erguendo-se geracionalmente de modo inédito. Por efeito disso, as intempéries sócio-políticas do país têm bastante consequências na gestão desses negócios, já que políticas públicas voltadas para a cultura e as artes, incluindo as direcionadas para o livro e a leitura,

---

497 Entrevista de Marciano Ventura concedida a Mário Augusto M. da Silva. São Paulo, 14 de fevereiro de 2017.

498 Em 2017, Leonardo Bento comenta que a Inah estava dedicada à produção de conteúdos digitais e ao “Quilombo Literário”, um projeto educacional e clube de leitura antirracista, que permanece no instagram, no YouTube e em um *site* próprio. Conforme entrevista Concedida a Mario Augusto Medeiros da Silva, *Cf*.: SILVA, 2023, p. 542.

como discutiremos adiante, permanecem calcadas em um modelo dependente da economia e da iniciativa privada.

Com o fechamento da Inah Livros, Marciano Ventura construiu outras parcerias, uma série de capoeiragens, podemos dizer assim. Nesses múltiplos gestos, a distribuição dos livros constitui uma frente fundamental. A outra, igualmente central, é o fomento ao livro.

Nesta seara, acionou políticas públicas municipais, desde o início da editora, como forma de materializar seus projetos de editor independente à frente de uma editora negra. De maneira que, as primeiras publicações da editora, como já comentado no capítulo anterior, ocorreram num misto entre, capital próprio e o uso de editais de fomento.[499]

Em sua política editorial, a publicação de livros de autoria negra e formação educativa andam juntas, diz Marciano e podemos constatar no pequeno levantamento abaixo e também em seminários e homenagens a escritores negros importantes, e muitas vezes esquecidos. Por exemplo, a editora já promoveu atividades, como um seminário em homenagem à Carolina Maria de Jesus, em 2010, comemoração aos 50 anos da publicação de seu primeiro livro *O quarto de despejo*. A atividade ocorreu na comunidade Quilombaque, em Perus, periferia de São Paulo. Outro exemplo ocorreu em 2015, quando a editora lançou a obra *Raiz de um negro brasileiro,* de Oswaldo de Camargo, na Câmara Municipal de São Paulo, em um evento que esse poeta, pesquisador e escritor fundamental da imprensa e literatura negra de São Paulom, recebeu o título de Cidadão Paulistano.

Interessa agora estudar quais para quais ações de sua política editorial o editor acessou políticas de fomento ao livro, seja para publicação de livros ou para ações educativas (cursos, seminários, homenagens). Começamos pelos editais de fomento municipais, no qual, sem dúvida, o programa Vai, destaca-se.

Em termos de livros e coletâneas, em 2011, a Ciclo Contínuo lançou além a coletânea Negrafias Vol. 3[500] e o livro “Quem Roubou Quem?" de Ana Paula dos

---

499 *Cf*. entrevista Mário.

500 Os escritores participantes são: “André Luis Patrício (SP), Andrio Candido (SP), Damazze Lima (SP), Elis Regina Feitosa do Vale (SP), Fau Ferreira (BA), Fernanda Rodrigues Miranda (SP), Geranilde Costa e Silva (CE), Hamilton Borges Walê (BA), Janaína Santana (SP), Jociara Keila (SP), Juliana Queiroz (SP), Marcelo Mafra (SP), Marciano Ventura (SP), Marcio Folha (SP), Nina Silva (RJ), Paulo Cigano (SP), Pollyanne Carlos da Silva (PE), Priscila Preta (SP), Sirlene Santos (SP), Sueide Kintê (BA).”, informações contida no blog Recanto das Letras de Oubi Inaê Kibuko. Disponível em: https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-literatura/3392065. Acesso em: 4 dez. 2024.

Santos Risos, ambos com o patrocínio do Programa VAI/Prefeitura Municipal de São Paulo. Esses lançamentos, além da apresentação da obra e do autor, resultam em celebrações culturais múltiplas. O lançamento da obra de Ana Paula dos Santos Risos, conforme blog da Ciclo Contínuo, por exemplo, foi na sede da ONG Ação Educativa e contou com uma série de atrações culturais de dança, música, encenação de trechos da obra e exposição de quadros.[501] No folder, abaixo do livro Negrafias, também podemos notar, as atividades culturais incluídas no lançamento.

Figura 21 – Cartaz de Lançamento do livro Negrafias Vol. 3.

Fonte: Balloukiando – blog do escritor Sérgio Ballouk

[501] Disponível em: https://ciclocontinuodeliteratura.blogspot.com/2011/08/mais-um-lancamento-quem-roubou-quem-na.html. Acesso em: 7 jan. 2025.

Tabela 12 – Obras Contempladas em Programas de Fomento da Ciclo Contínuo Editorial

Ano	Publicações	autoria	Tipo de Financiamento
2011	Quem Roubou Quem?	Ana Paula dos Santos	Programa VAI – Secretaria Municipal de Cultura do Município
2015	Pretumel de Chama e Gozo – Antologia da poesia erótica negro-brasileira	Luiz Silva (Cuti) e Akins Kintê	Sistema Municipal de Bibliotecas – Secretaria Municipal de Cultura/SP
2011	Negrafias – Literatura e Identidade 3	Antologia coletiva[502]	Programa VAI / Prefeitura Municipal de São Paulo
2016	Casa de Portugal	Sergio Ballouk	Programa VAI / Secretaria Municipal de Cultura/SP
2016	Lino Guedes: seu tempo e seu perfil	Oswaldo de Camargo	Programa VAI / Secretaria Municipal de Cultura/SP
2016	Sambas Insonhados: o negro na perspectiva de Mario de Andrade	Angela Teodoro Grillo	Programa VAI / Secretaria Municipal de Cultura/SP
2016	*Terça Afro - Território de Afetos*	Ana Caroline da Silva e Whellder Guelewar (org.)	Programa VAI / Secretaria Municipal de Cultura/SP
2016	Pretexto de Mulheres Negras	Suzi Soares (org.)	Projeto Leituraço / Secretaria Municipal de Ensino / SME
2016	Sarau do Binho	Suzi Soares (org.)	Projeto Leituraço / Secretaria Municipal de Ensino / SME
2016	Terra Fértil	Jenyffer Nascimento	Projeto Leituraço / Secretaria Municipal de Ensino / SME
2018	*Nós – 20 poemas e uma Oferenda*	Neide Almeida	Programa VAI / Secretaria Municipal de Cultura/SP

Fonte: elaborado pelo autor.

No âmbito de cursos educativos, também em 2011, a Ciclo Contínuo – em parceria com o Sarau Poesia na Brasa, Sarau Elo da Corrente e representantes de outros grupos culturais – promoveu o lançamento do projeto “Ciclo Contínuo de

[502] A publicação foi organizada por Marciano Ventura, prefaciada por Oubi Inaê Kibuko, conta com os seguintes autores: Akins Kinte , Allan da Rosa, Carlos Alberto Cidinha da Silva, Clodoaldo Paiva, Elis Regina F. Vale, Elizandra de Souza, Geovani di Ganzá, Johnny Pqno, Miguel, Marciano Ventura, Márcio Folha, Michel da Silva e Raquel Almeida. Disponível: https://elo-da-corrente.blogspot.com/2008/11/lanamenmto-do-livro-negrafias-organizao.html. Acesso em: 7 jan. 2025.

Literaturas” (aprovado pelo edital do Programa Vai de 2011[503]) e realizou o primeiro debate que trouxe como tema “Literatura afro-brasileira e a Lei 10.639/03.

E, em 2014, organizou o “Projeto Ima[r]gens Literárias: a letra P”, para incentivar “a formação de público em literatura negro-brasileira por meio da realização de atividades culturais integradas. Leituras dramatizadas, exposição, música e bate papo [...]”[504]. A proposta recebeu fomento da Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas (CSMB), órgão cujo objetivo é universalizar o acesso da população à leitura, por meio de uma série de atividades culturais.[505]

Um destaque na promoção de atividades culturais promovidos pela editora Ciclo Contínuo foi a série de minicursos, Com_texturas negras, com a presença de pesquisadores(as), ficcionistas e poetas, como Oswaldo de Camargo, Cuti (Luiz Silva) e Lívia Natália. Os encontros tinham inscrição gratuita, e ocorria na sede da Ação Educativa, no bairro da Consolação, região central de São Paulo; e contou com fomento do Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais - VAI. Entre os temas dos encontros estavam, a literatura negro-brasileira, conceito elaborado e abordado por Cuti; a poesia negra feminina contemporânea, apresentada pela professora e poeta, Lívia Natália; e os vínculos entre históricos entre ativismo literário negro e as agremiações negras, tópico abordado no encontro com Oswaldo de Camargo. Além de ser uma forma da editora fomentar novos leitores(as), o próprio catálogo, a atividade extrapolava esse fim, ao reconhecer e valorizar a vida literária e a memória desses protagonistas da atividade cultural e literária negra.

Na imagem do cartaz abaixo (Figura 22), temos o anúncio do minicurso do autor Oswaldo de Camargo, “A palavra Negro como resistência na literatura brasileira”.[506] Figura central do ativismo negro literário intergeracional em São Paulo, o escritor, poeta e jornalista, recebeu o título de Cidadão Paulistano, da Câmara Municipal de São Paulo (CMSP).[507] Marciano Ventura há tempos reconhece, admira e procura manter o legado desse intelectual generoso, seja publicando obras suas obras (antes

---

503 Disponível em: https://capital.sp.gov.br/web/cultura/w/noticias/8930. Acesso em: 5 dez. 2024

504 Disponível em: https://capital.sp.gov.br/web/cultura/w/noticias/17294. Acesso em: 5 dez. 2024

505 A atividade ocorreu entre os dias 8 e 15 de novembro, na Biblioteca Amoroso Lima, e aparece como no site da CSMB, como tendo um custo total de R$ 16.000. Disponível em: https://capital.sp.gov.br/web/cultura/w/noticias/17294. Acesso em: 5 dez. 2024.

506 Embora o cartaz anuncie o título “O negro escrito”, o título do minicurso foi “A palavra Negro como resistência na literatura brasileira”, conforme anunciado pelo autor no dia do encontro e também na seleção de fragmentos textuais que recebemos no dia..

507 **PORTAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO**. Com a palavra, Oswaldo de Camargo. Apartes: Revista da Câmara Municipal de São Paulo, n. 19, 2016. Disponível em: https://abre.ai/mrOf. Acesso em: 08 mar. 2025.

da Companhia das Letras), seja por meio de atividades culturais, como esse minicurso.

Figura 22 – Cartaz para o minicurso “O negro escrito” de Oswaldo de Camargo

Fonte: Ciclo Contínuo

Consideremos agora a tabela 13, nela forneço um apanhado de ações educativas fomentadas pela Ciclo Contínuo de 2011 a 2018. Essa breve síntese mostra como o programa Vai foi uma das formas como o editor fomentou sua política editorial especializada em autorias negras literárias e não-ficcionais e com um forte acento para as estéticas e reflexões trazidas pelos movimentos culturais e artísticos periféricos.

Tabela 13 – Ciclo Contínuo Editorial: Ações Educativas, minicursos, homenagens

Ano	Minicursos	Tipo de fomento Municipal (2008 a 2018)
2011	Ciclo Contínuo de Literaturas	Programa VAI / Secretaria Municipal de Cultura/SP
2012	Projeto Ima[r]gens Literárias: a letra P	Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas/SP
2015	Con_Textura Negra: Literatura negro-Brasileira. Convidado: Prof. Dr. Luiz Silva (Cuti)[508]	Programa VAI / Secretaria Municipal de Cultura/SP
2015	Con_textura Negra: "A palavra negro como resistência na sociedade brasileira". Com jornalista, escritor e poeta, Oswaldo de Camargo[509]	Programa VAI / Secretaria Municipal de Cultura/SP
2015	Con_textura Negra: "Femi_Negras: Trajetórias, textos e estéticas da Literatura Negra Feminina". Profa Dra. Lívia Natália[510]	Programa VAI / Secretaria Municipal de Cultura/SP
2018	Mostra de Literatura Negra Ciclo Contínuo	Programa VAI / Secretaria Municipal de Cultura/SP

Fonte: elaborado pelo autor.

Além do programa VAI, vale destacar o Leituraço promovido pela Secretaria Municipal de Educação desde 2014.[511] Trata-se de um exemplo de política de fomento à leitura que leva em conta a diversidade étnico-racial. Essa proposta promove o incentivo à leitura e distribuição anual de obras literárias para os acervos das escolas do município para os segmentos da educação infantil, fundamental e médio do município.[512]

A curadoria, divulgação e formação de educadores ocorreram na implantação dessa proposta com a participação do Núcleo de Educação para as Relações Étnico-

[508] Realizado em 08 de agosto de 2015, na sede da Ação Educativa, na Rua Gal. Jardim, 660, Vila Buarque Centro, das 14h às 17h30.

[509] Realizado em 13 de junho de 2015, na sede da Ação Educativa, na Rua Gal. Jardim, 660, Vila Buarque Centro, das 14h às 17h30.

[510] Realizado em 24 de outubro de 2015, na sede da ONG Ação Educativa, na Rua Gal. Jardim, 660, Vila Buarque Centro, das 14h às 17h30.

[511] Sobre esse programa, informações disponíveis em: https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/noticias/leituraco-novembro-negro/. Acesso em: 7 jan. 2025.

[512] Havia uma curadoria prévia dessas obras feitas por integrantes do Núcleo Étnico-Racial e de educadores da SME e especialistas convidados. Entre os critérios, havia tanto questões estéticas, como as formas como as personagens negras, indígenas e de outras minorias eram abordadas.

Raciais (NEER)[513] da Secretaria Municipal de educação, uma equipe multidisciplinar, integrada à Secretaria Municipal de Educação do município de São Paulo, participei da formulação e aplicação de cursos para a implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08, em articulação com O Leituraço.

O Núcleo nesse período era composto por uma equipe multidisciplinar, responsável por desenvolver e aplicar atividades formativas junto a professores, gestores, educandos e demais profissionais da rede de educação formal de ensino municipal (infantil, fundamental e médio) e dos Centros Educacionais Integrados (CEU). A meta foi construir subsídios teóricos e práticos, para a aplicação da lei 11.645, de 2008, que atualizou a lei 10.639, de 2003, e tornou obrigatório o ensino de história e cultura africana, afro-brasileira e indígena na rede de ensino público e privada da educação básica brasileira.[514]

Autores negros como Conceição Evaristo, Heloísa Pires Lima, Kiusam Oliveira, Carolina Maria de Jesus e Ricardo Aleixo; autores indígenas como Olívio Jekupé, Daniel Munduruku e Yaguarê Yamã; representantes da literatura marginal e periférica, como Ferrez, Rodrigo Ciríaco, Sérgio Vaz e Allan da Rosa, chegaram aos leitores escolares por meio desse programa.

Parte desse rol de autorias chegou por edição de grandes editoras (e seus inúmeros selos) como a Record e Companhia das letras. Além destas, a Editora Peirópolis, Autêntica, Pandas Books, Edições SM, Melhoramentos, Nova fronteira, Cortez Editora, Mundo Mirim, Ática, Brinque-Book, Editora do Brasil. Também, casas editoriais de menor porte com uma linha editorial mais focada em autores negros e das periferias, como as veteranas Editora Pallas e a Mazza Edições, assim como editoras mais novas, como a Ciclo Contínuo e a Editora Noz.

Ao longo de dois anos (2014 a 2016) fui pesquisador e formador, integrante do Núcleo de Educação Étnico-racial (NEER), participei assim, tanto da implementação dessas leis federais promotoras da diversidade, quanto dessa política municipal de

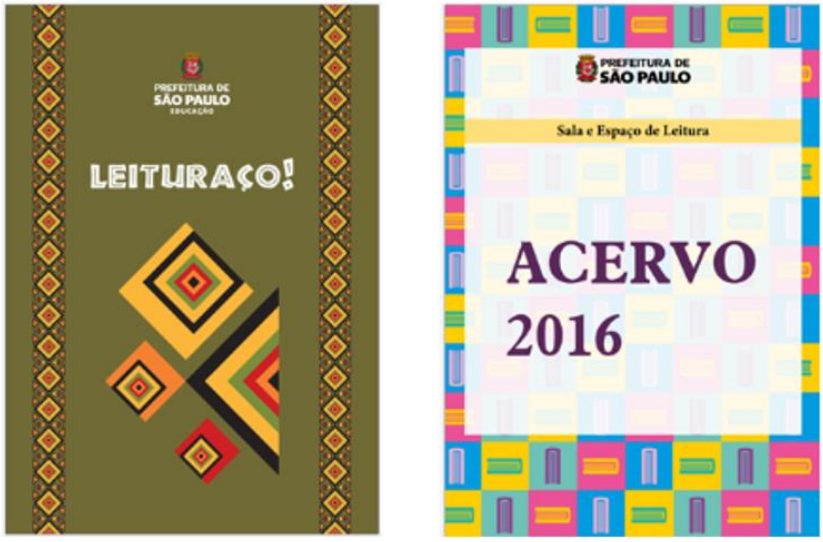
---

513 Ao longo de dois anos (2014 a 2016) fui pesquisador e formador, integrante do Núcleo de Educação Étnico-racial (NEER), participei assim, tanto da implementação dessas leis federais promotoras da diversidade, quanto dessa política municipal de promoção das autorias negras, indígenas, africanas e latino-americanas.

514 Embora efetivamente se trate de apenas uma lei, a 11.645/08, evidenciar as duas leis, foi uma prática do NEER para que a memória dessas duas demandas na qual estão a agenda histórica de movimentos sociais negros, indígenas e antirracistas em geral não se apagasse. Vale dizer, que um dos entraves da aplicação dessa lei esteve, entre outras coisas, no veto a obrigatoriedade de fornecer formação aos profissionais da educação. Então, como cobrar que os educadores implementassem uma educação antirracistas sem que eles passassem por uma formação continuada?

promoção das autorias negras, indígenas, africanas e latino-americanas. Ainda que naquele período eu não conhecesse a história das editoras negras e indígenas, já discutíamos no Núcleo Étnico-racial como contemplar não só obras diversas, mas também a diversidade editorial. E nesse pequeno relato é possível perceber como o nicho da temática étnico-racial e das autorias negras passam a ser atrativas no mercado editorial brasileiro em geral. Algo que já foi possível notar também na política municipal de fomento literário de Belo Horizonte, com os Kits Literários afro-brasileiros, indígenas e africanos.

Figura 23 – Folheto do projeto "Leituraço" da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP)



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Em minha pesquisa a respeito de fomento acessadas pela editora Ciclo Contínuo, encontrei uma articulação apenas projetos estabelecidos no âmbito municipal, através do Programa para a Valorização das Iniciativas Culturais – VAI. Esse programa foi criado em 2003 (lei 13.540, decreto 43.823/2003) e ele estabelece dois públicos prioritários. Há o VAI 1, destinados à coletivos e grupos de jovens entre 18 e 29 anos. As ações podem ter entre 5 a 8 meses e o valor máximo de R$ 54.037 reais.[515] O VAI 2 tem por foco grupos e coletivos de jovens e adultos com dois anos de atuação ou que já tenha recebido o VAI 1. O aporte máximo destinado é de R$ 108.075,39 reais; e a duração entre 5 a 10 meses.[516] Os critérios de duração e fomento

[515] Conforme o edital do VAI 1 de 2024. https://drive.google.com/file/d/1DbwpDgL8WOhq-MY_-MIUk06A4OkcnVFX/view. Acesso em: 7 jan. 2025.
[516] Conforme edital do VAI 2 de 2024.

são distintos. Mas, todos eles destinam-se aos segmentos sociais de baixa renda, sendo o VAI 1, para aqueles com menor experiencia e o VAI 2, para os que possuem maior experiencia. Nenhum deles estabelece recortes étnico-raciais ou de gênero, para além das clivagens socioeconômicas “baixa renda” e etárias “jovens” e “adultos”.

O Programa de Ação Cultural – ProAC – é um programa que apoia a difusão da produção artística e cultural do Estado de São Paulo, nele há um edital específico de fomento à literatura e à leitura, sem especificar o que se entende por literatura. Os projetos contemplados recebem até 100.000 reais. E a seleção apresenta uma forma afirmativa de pontuação. No ato da inscrição, há a opção para a a pessoa física ou jurídica autodeclarar-se em termos de: a) etnicidade (pessoa física ou jurídica, preta, parda, indígena ou amarela); b) gênero (mulher, transgênero e não-binário) e deficiência.[517]

Esse programa tem duas modalidades de fomento: por editais/concursos e por Incentivo Fiscal (ICMS). A modalidade por edital implica uma seleção pública, na qual os projetos selecionados recebem fomento governamental, através da secretaria de Estado da Cultura. Já o ProAC por incentivo fiscal, exige após aprovar o projeto pela Secretaria do Estado da Cultura, a captação de recursos junto ao setor privado até o período de um ano. Nesse sentido, a modalidade por editais é mais interessante para projetos que não precisam ter um apelo comercial ou publicitário, como é o caso das ações vinculadas às pequenas editoras, saraus e coletivos e grupos das periferias de São Paulo.

Foi justamente por meio do ProAC editais que a ONG Ação Educativa, em 2020, aprovou o projeto da Câmara Periférica do Livro (CPL), com o objetivo de apoiar as editoras e selos editoriais independentes das periferias de São Paulo, entre elas, a editora Ciclo Contínuo Editorial.

Em resumo, no caso das editoras negras até aqui analisadas, as formas de incentivo municipais foram mais frequentes. Os programas de incentivo estaduais e nacionais, como o PROAC em São Paulo, ou leis federais como o PNLD Literário, bem menos frequentes. Nesse sentido, um elemento perceptível para concorrer a fomentos de leitura, tem sido a estratégia de construção de selos ou linhas editoriais voltadas para a infância e infantojuvenil, como tem feito diversas editoras, e no caso

---

[517] Conforme os parâmetros específicos do Edital ProAC – Literatura/Produção e realização de projetos de incentivo à leitura – de 2023. Disponível em: https://encurtador.com.br/g5rcn. Acesso em 6 de dez. 2024.

das editoras negras aqui estudadas, a que há mais tempo desenvolve essa perspectiva, é a Mazza Edições.

Fora desse recorte étnico, a editora Mostarda, comentada no capítulo anterior, mostra como o segmento das culturas e temáticas negras, em especial as biografias, é um caminho para se alcançar incentivos públicos. No site dessa editora, , por exemplo, o livro *O macaquinho que amava a Lua*, da escritora e educadora Maria Júlia Maltese foi selecionada para o PNLD literário de 2022.[518] A presença de grandes segmentos editoriais selecionados para programas de recorte étnico-racial municipais, como o Literafro e os Kit de Literatura afro-brasileira, indígena e africana de Belo Horizonte, merecem uma pesquisa à parte, algo que não é objetivo fazer aqui, embora o tema apareça de maneira transversal. Vejamos agora outras duas editoras, a Malê e a Ogum's Toques e e o modo como elas, se articulam ou não com essas políticas públicas.

4.4.4 – A editora Malê e as ações de promoção do livro e da leitura

O logotipo da editora Malê é um pássaro sankofa. Esse adinkra nos lembra que "nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás".[519] Essa sabedoria que une o hoje, o ontem e o amanhã pode ser uma chave para essa sessão, traduzida na questão: como a sankofia[520] está presente nessa editora, especificamente na maneira como ela trilha um caminho próprio de promoção da autoria negra, ao mesmo tempo cria formas de sustentabilidade a partir de seus diversos projetos?

---

518 MOSTARDA – PNLD. Disponível em: https://www.editoramostarda.com.br/pnld/ . Acesso em: 6 dez. 2024.

519 Princípio adinkra do pássaro Sankofa, "símbolo da sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro". Esse ideograma pode ser encontrado na forma que lembra um coração em portões e janelas das casas antigas de diversas regiões brasileiras, além de contemporaneamente em diversos suportes, em ilustrações de livros para as crianças, em acessórios, como brincos, e em tatuagens. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos. Adinkra. Sabedoria em símbolos africanos. 2 ed. Rio de Janeiro : Cobogó: Ipeafro, 2022, p.27.

520 Pego emprestado o neologismo de um livro afro-futurista de Lu-Ain-Zaila, **Sankofia**: breves histórias sobre afrofuturismo. Rio de Janeiro: Edição da Autora, 2018.

Figura 24 – Reprodução do Logotipo da Editora Malê e do Adinkra Sankofa

Fonte: Editora Malê

O logotipo da editora Malê é um pássaro sankofa. Esse adinkra é um símbolo gráfico africano, do grupo étnico Acã, de Gana e Costa do Marfim, que nos lembra da importância da ancestralidade como elemento central da vida. Trata-se de uma visão de tempo não-linear, não-circular, mas constitutivos de camadas de tempos espiralares, como nos ensina Leda Maria Martins a respeito das tradições culturais afro-brasileiras, como o Reinados.[521] Uma das frases associadas ao sankofa é: “nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás”.[522] Essa sabedoria que une o hoje, o ontem e o amanhã pode ser uma chave para essa sessão, traduzida na questão: como a sankofia está presente nessa editora, especificamente na maneira como ela trilha um caminho próprio de promoção da autoria negra, ao mesmo tempo cria formas de sustentabilidade a partir de seus diversos projetos?

Assim como Marciano Ventura, Vagner Amaro é outro editor, que a frente de uma editora negra, se autodeclara independente. Ambos afirmam que seus negócios se sustentam com recursos próprios. No caso do editor da Ciclo Contínuo, o recurso ao fomento manteve-se fundamental para fazer a gira girar. No caso de Amaro, além do financiamento do programa de apoio da embaixada da França no Brasil para a publicação de *Memórias de um porco espinho*, do escritor congolês Alain Mabanckou, a questão é: a Malê tem recebido fomento para a publicação de livros ou para outras atividades?

Inicialmente é interessante destacar que esse programa de incentivo da Embaixada Francesa de Apoio à Publicação – Cessão de Direitos existe desde 1990, resultando em mais de 26 mil traduções de autores franceses e francófonos de mais

---

521 MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poética do corpo-tela**. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021

522 Princípio adinkra do pássaro Sankofa, “símbolo da sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro”. Esse ideograma pode ser encontrado na forma que lembra um coração em portões e janelas das casas antigas de diversas regiões brasileiras, além de contemporaneamente em diversos suportes, em ilustrações de livros para as crianças, em acessórios, como brincos, e em tatuagens. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos. Adinkra. Sabedoria em símbolos africanos. 2 ed. Rio de Janeiro : Cobogó: Ipeafro, 2022, p.27.

de 80 países.[523] Para 2024, tendo em vista do “Ano da França no Brasil e do Brasil na França em 2025”, os seguintes temas serão prioridades do Instituto Francês: democracia, meio ambiente, diversidade dos “povos afrodescendentes e indígenas, LGBTQIA+ e relações internacionais”[524] Não faz parte do programa livros didáticos, técnicos e práticos. Como parte desse planejamento para 2025, o instituto francês abriu edital neste ano, 2024, de apoio à publicação denominado “Atlântico Negro”, com o foco nas “identidades afrodescendentes e relações com a África”.[525]

São políticas de fomento à publicação que trazem um recorte de interseccionalidade, ainda pouco frequentes nas políticas de fomento brasileiras. Deve-se levar em conta, de passagem, que tal incentivo está dentro de um projeto internacional de expansão da francofonia, mas ao mesmo tempo pode promover algum tipo de diversidade no mercado editorial brasileiro, sobretudo no caso de autorias negras francófonas.

Nessa chave de promoção da diversidade étnica, a prefeitura do Rio de Janeiro, em 2021, lançou um edital de fomento à cultura carioca[526], na seção denominada “Categoria Antirracista”, os projetos dois projetos selecionados receberam R$ 50.000 reais. A Malê se inscreveu com o projeto FLIN – Festa da Literatura Negra, ficando na lista dos suplentes.[527]

E o que é a FLIN? É um Festival da Literatura Negra que teve três edições no Rio de Janeiro em 2017[528], 2018 e em 2020. Certamente o edital carioca poderia ter contribuído para a 4º edição dele. A proposta do evento é promover a literatura de autoria negras, produzir debates, reunir atores do segmento livreiro, além de vender livros de autorias negras.

A primeira edição desse festival foi promovida pela Malê e ocorreu na Casa França Brasil, em 09 de dezembro das 11h às 18h, com entrada gratuita. A Festa homenageou os escritores Carolina Maria de Jesus e Lima Barreto.

---

523 Disponível em: https://br.ambafrance.org/Edital-Programa-de-apoio-a-publicacao-cessao-de-direitos-do-Institut-Francais-5154. Acesso em: 7 jan. 2025.

524 Ibidem.

525 Disponível em: https://br.ambafrance.org/Edital-Programa-de-Apoio-a-Publicacao-Atlantico-Negro-Sessao-unica. Acesso em: 7 jan. 2025.

526 Seleção SMC nº 3, de 6 de agosto de 2021.

527 Homologação do resultado final do edital “Fomento à Cultura Carioca - linha 1 edital de seleção SMC nº 03, de 06 de agosto de 2021”, disponível em: https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/13909231/4347908/ARTEANTIRRACISTAHOMOLOGACAODORESULTADOFINALDASELECAO.pdf. Acesso em: 6 dez. 2024.

528 A programação deste primeiro festival pode ser acessada aqui: https://bafafa.com.br/arte-e-cultura/letras-e-livros/festa-da-literatura-negra#

A segunda, teve como tema “Negras em movimento”, ocorreu na biblioteca Parque Estadual, que foi uma das patrocinadoras, ao lado do Governo do Rio de Janeiro, da Secretaria de Cultura, da UNEGRO, da Articulação de Mulheres Negras, entre outros. O nome da Malê não aparece como vinculado à programação, porém escritoras como Eliana Alves Cruz e Lia Vieira, presentes no catálogo da editora, foram convidadas palestrantes.[529]

Já a terceira edição da FLIN foi promovida pela Malê, em 2020. E ocorreu teve toda sua programação transmitida pelo youtube, dentro de uma série de atividades que ocorrem em modelo virtual devido a pandemia da Covid-19.

Figura 25 – Cartaz do I Festival da Literatura Negra (FLIN), 2017

Fonte: Instagram da casa França Basil: @casafrancabrasil

Figura 26 – Cartazes do II e do III Festival da Literatura Negra (FLIN)

Fonte Casa França-Brasil; Editora Malê

[529] Disponível em: https://www.instagram.com/p/BpzPkwrFWDD/. Acesso em: 5 jan. 2025.

Além desta FLIN, a Malê tem participado dos principais eventos literários do país, como as Bienais. Em 2024, por exemplo, a editora convidou autores para sua Casa Malê Festa Internacional do Peulourinho (Flipelô)[530] e para a Casa Malê na Festa Literária de Paraty (Flip).[531]

Também no Rio, a Malê tem participado em diferentes edições da Festa Literária das Periferias (Flup), cuja 14º, em 2024, homenageou Beatriz Nascimento. E contou com uma programação composta por mais de 90% de mulheres negras.[532]

Diferentemente de outras feiras que ocorrem nas periferias,[533] a Flup foi criada por Écio Sales e Julio Ludemir, em 2012 e ganhou uma amplitude nacional e institucionalização que a colocaram em outro patamar em termos de infraestrutura, divulgação, aporte, tornando-se assim parte do calendário institucional do Rio. Tanto que, em 2023, foi declarada Patrimônio Cultural de natureza imaterial do Rio de Janeiro, por meio da Lei 10.235/23.[534] Além disso, suas edições são promovidas pelo Ministério da Cultura e Shell, contam com patrocínio do Instituto Vale e da Globo, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei 8.313/91, mais conhecida como lei Rouanet), e tem o apoio da Fundação Ford.

Como outras editoras negras, a Malê tece suas parcerias também em nível municipal, mas não só. Desta maneira, em 2024, a partir de um curso promovido pela FLUP, em parceria com a editora Malê e a organização religiosa Santuário Nacional do Zé Pelintra, a editora lançou *Laroyê, cartas para exú*, organizada por Juliana Berlim e Julio Ludemir. Na sinopse do livro, lemos: “[...] A coletânea, que a Malê apresenta em parceria com a FLUP, é fruto do processo formativo com 49 participantes que mergulharam nas tradições ancestrais, traduzindo em palavras a potência de uma

---

530 Disponível em: https://www.editoramale.com.br/c%C3%B3pia-casa-mal%C3%AA-na-flipelo. Acesso em: 7 jan. 2025.

531 Disponível em: https://www.editoramale.com.br/casa-mal%C3%AA-na-flip-p. Acesso em: 7 jan. 2025.

532 BRASIL. Ministério da Cultura**. Roda a saia, gira a vida: Flup 2024 homenageia Beatriz Nascimento**. Disponível em: https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/roda-a-saia-gira-a-vida-flup-2024-homenageia-beatriz-nascimento. Acesso em: 16 dez. 2024.

533 Em São Paulo, cito três: na zona sul, a Mostra Cooperifa, idealizada e coordenada pelo Sarau da Cooperifa, desde 2008, e a Feira Literária da Zona Sul (Felizs), idealizada e coordenada pelo Sarau do Binho, desde 2017. Na zona leste, ocorre o Festival do Livro e da Leitura de São Miguel Paulista, desde 2015, idealizado e coordenado pela Fundação Tide Setubal.

534 REDAÇÃO. Festa Literária das Periferias é declarada Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro: celebração acontece em comunidades da capital fluminense e tem o objetivo de fomentar a cultura literária. **Brasil de Fato**, Rio de Janeiro, 18 dez. 2023. Disponível em: https://encurtador.com.br/pBYYL. Acesso em: 16 dez. 2024.

espiritualidade que resiste e inspira, revelam textos que transcendem e reverenciam o poder desse orixá controverso e essencial."[535]

Dos fomentos em nível nacional, *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, de Conceiçao Evaristo, publicado pela Malê, em 2016, está no PNLD de 2021.[536] Não encontrei outras obras selecionadas, mas uma menção no instagram[537] da editora que outras obras foram adotadas pelas escolas.

De fato, antes de passar para a próxima sessão vale adiantar aqui, que a editora Malê possui uma série de ações que articulam promoção da literatura negra e sustentabilidade econômica.

Em termos de divulgação, podemos destacar, por exemplo, que a editora possui um clube de literatura por assinatura: o clubelê. Contratou *influencers* para aproximar o leitor das obras da editora, por meio da mediação literária pelas redes sociais.[538] Desde as crises recentes do mercado editoral, de 2018 em diante, novas formas de se aproximar do leitor foram buscadas. A internet mostrou-se como um caminho sem volta. A última pesquisa do Retratos da Leitura de 2024, comprova. O número de leitores diminuiu, chegando ao inédito índice de 53% de não leitores. Mesmo a pesquisa tendo uma concepção bastante ampla de leitor, como aquele que leu um livro físico ou digital nos últimos três meses. Um dado interessante são as conclusões sobre o que influencia a querer ler um livro. Os maiores índices, foram professores, obras inspiradas em filmes, pessoas próximas como a mãe, amigos, parentes, e o influenciador digital aparece com um índice de 24% para leitor de livros físicos de literatura, e 19% para leitura de literatura em outros suportes. Não aparece na pesquisa, a influência do jornalismo nessa decisão, o que embasa a decisão da Malê e de uma série de editoras a contratar influencers para divulgação literária.

Ainda em termos de divulgação, a editora fomenta a publicação de novos autores, por meio do Prêmio Malê de literatura. Em seu catálogo, diversos intelectuais e autores literários são representativos de diferentes gerações, como Miriam Alves,

---

535 MALÊ. Cartas para Exú. Sinopse: https://acesse.dev/RsfID. Acesso em: 16 dez. 2024.

536 BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **PNLD 2021 - Objeto 5: composição dos acervos**. Brasília: FNDE, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/fnde/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/escolha-pnld-2021-2013-objeto-5-obras-literarias/PNLD2021Objeto5ComposiodosAcervos.pdf. Acesso em: 17 dez. 2024.

537 Disponível em: https://www.instagram.com/editoramale/p/Cjsa9vhrrKg/. Acesso em: 6 jan. 2025.

538 INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil 2024: apresentação dos resultados**. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2024, p.75. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf. Acesso em: 16 dez. 2024.

Cuti, Geni Guimarães, Conceição Evaristo, Muniz Sodré, Tom Farias, assim, como de novas gerações, a exemplo, de Eliane Alves Cruz, Cidinha da Silva, Giovana Xavier, Fernanda Miranda, entre outros(as). Além disso, a editora possui selos voltados para os pequenos leitores, um segmento, que como dissemos, é um segmento que depois dos livros didáticos, seja o mais lucrativo do setor, em termos de fomento governamental.

Nota-se também que em termos de distribuição, a Malê tem parcerias com livrarias como a Travessa e a Blook, uma livraria independente, com a qual desenvolve atividades. Seus livros também estão na Amazon, o que é um paradoxo, muito comum atualmente. Possui uma revista eletrônica de divulgação literária, a Mahim, digital e gratuita. Possui um site bastante organizado e atraente, algo que noto em algumas editoras negras, é a presença de sites um pouco confusos, com links às vezes quebrados.

Além desse trabalho de divulgação, a editora investiu em obras em formatos eletrônicos, como e-book e audiolivros, segmento do mercado literário que mais representou aumento nas vendas nos últimos anos. Conforme os dados da Câmara Brasileira do Livro, houve um aumento de 15% na produção de livros em formato digital, como e-books e audiolivros, entre 2021 e 2022. A pesquisa revela que dos 13 mil lançamentos em 2022, 12% eram de audiolivros. "Essa ampliação na disponibilidade permitiu atrair a atenção do público para diferentes maneiras de consumir literatura."[539]

4.4.5. De Salvador ouvem-se os tambores de Ogum

Aprendi com meu pai Ogum
e com seu amigo Exu
a nunca ficar parado
para que o inimigo pense
que tem sempre
mais de um
combatendo
do meu lado [540]

---

[539] MORETTI, Juliene. Como audiolivros devem crescer ainda mais em 2024 e podem virar prioridade nas editoras: formato tem impulso com novas plataformas e iniciativas das editoras para produções de mais qualidade. Série de reportagens do g1 explica crescimento do mercado dos audiolivros. **G1**, 8 jan. 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2024/01/08/como-audiolivros-devem-crescer-ainda-mais-em-2024-e-podem-virar-prioridade-nas-editoras.ghtml. Acesso em: 16 dez. 2024.

[540] ALEIXO, Ricardo. Dendorí: uma poética-muitas. In: RIBEIRO, Mônica; MENCARELLI, Fernando (orgs.). **Mundos possíveis: culturas em pensamento**. Belo Horizonte: Incipit, 2022.

Nesta parte final, analiso a Ogum's Toques e suas possíveis relações com políticas de fomento, considerando o desafio de equilibrar intenções políticas e desafios econômicos de sustentabilidade do negócio. A reflexão é de mão dupla: por um lado, investigar se há evidências, a partir do catálogo da editora, de títulos viabilizados por políticas de fomento; por outro, examinar quais políticas foram acessadas e se elas promovem algum critério de diversidade e/ou de equidade na publicação de obras, autores(as) e editoras voltadas para essa perspectiva.

Como a Ogum´s Toques iniciou suas atividades em 2014, sendo antecedida por atuações individuais de seus editores(as) e do Coletivo Ogum´s Toques, a pesquisa abrange um período anterior ao surgimento da editora e segue a cronologia das publicações. As fontes de pesquisa foram órgãos públicos, direcionadas à educação e cultura, assim como matérias da imprensa sobre a editora e seu catálogo disponível no site.

O estudo da articulação com políticas públicas é interessante para pensar em formas de sustentabilidade econômica da editora. Nesse quesito, como comentamos no capítulo anterior, a editora se sustenta em dois pés básicos: as ações comerciais da editora (vendas de livros, participação em eventos e feiras literárias) e ações do Coletivo Ogun's Toques, que gera renda ao produzir eventos (saraus, oficinas de teatro, almoços temáticos, cursos etc), que constituem também recursos simbólicos de mobilização e conscientização, é o que nos informa um perfil do site Literafro.[541]

Para essa discussão é fundamental comentar o Plano Estadual do Livro e Leitura da Bahia (PELL-BA), aprovado em 2014, que institui diretrizes e estratégias de aperfeiçoamento do livro e da leitura.[542] Esse programa foi elaborado em cooperação com as Secretarias de Cultura e Educação da Bahia e partiu de uma ampla escuta e debate com diferentes segmentos da sociedade civil. O documento cita destes: representantes da economia do livro (livreiros, editores, gráficas, fabricantes de papel), bibliotecários, especialista na área do livro e leitura, o setor privado e público.

---

[541] OGUM'S TOQUES NEGROS. Literafro: o portal da literatura afro-brasileira. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/editoras/1377-ogum-s-toques-negros. Acesso em: 17 dez. 2024.

[542] "Decreto nº 15.303, DE 28 DE JULHO DE 2014 - Aprova o Plano Estadual do Livro e Leitura - PELL-BA e altera o Decreto nº 13.394, de 31 de outubro de 2011, que institui o Plano Estadual do Livro e Leitura da Bahia e dá outras providências." Disponível em: http://www.fpc.ba.gov.br/livro-e-leitura-pell/. Acesso em: 17 dez. 2024.

O plano cita como base as diretrizes de qualidade sobre leitura e livro da UNESCO, o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), o Programa Nacional de incentivo à Leitura (Proler) o Plano Estadual e Nacional de Cultura (PNC) e o Plano Nacional de Educação (PNE).

A partir dessas referencias e experiencias a PELL-BA estrutura-se em três eixos: democratizar o acesso, valorizar a leitura como prática social e desenvolver a economia do livro. Para tanto, são elaboradas 56 ações a serem atingidas até o ano de 2022. Estas ações têm por base um diagnóstico amplo dos principais problemas encontrados, entre eles destacamos:

- O elevado índice de analfabetismo e o baixo índice de escolaridade;
- A fragilidade das práticas leitoras nas escolas;
- A dificuldade de acesso da população aos livros;
- A ausência de políticas de incentivo à leitura e o acesso aos livros estaduais e municipais
- O pequeno número de bibliotecas, livrarias e profissionais qualificados;
- A fragilidade do mercado editorial;
- A falta de integração das políticas públicas,
- A escassez de projetos de projetos sociais de leitura, apoiados pelo estado;
- “Ausência de políticas para a distribuição de livros de autores e editoras baianas.”;
- “Não adoção de livros de autores baianos nas escolas públicas e vestibulares.”
- “Pequena participação de autores baianos em eventos destinados a livro e leitura.

Lemos que o PELL-BA está estruturado em 3 eixos, divididos em 8 estratégias e 56 ações a serem atingidas até 2022. No eixo 3, destinado ao “Desenvolvimento da economia do livro, reitera-se a importância de se apoiar a rede criativa do livro, de modo a valorizar as livrarias, editoras, escritores e a literatura baiana no Brasil e no exterior. Em apenas um momento ressalta-se a importância de um enfoque racial, como se lê na estratégia 8: “Criar editais para publicação de escritores baianos por

editoras baianas, considerando a produção de recorte identitário, em especial afro-baiano.”[543]

Vale destacar que o plano apresenta duas definições importantes. De leitura enquanto “uma decodificação mecânica de signos linguísticos”, em que o aprendizado ocorre por meio de estímulos e respostas (em termos behavioristas). E uma concepção de leitura menos mecanicista, qual a leitura abarca outros sentidos, as dimensões sensoriais, emocionais, intelectuais e culturais, assim como aspectos culturais, econômicos e políticos. Outra definição é a de editor baiano, sendo aquele que além de possuir 20 livros editados, 70% dos autores do catálogo precisam ser baianos. Além disso, a editora não pode fazer distribuição de livros de editoras ou livrarias de fora do estado.

Na primeira definição embora traga a importância de compreender a leitura também em sua dimensão holística, não há referencia a que tipo de leitura, nem a qual suporte. No caso da definição de editora baiana, essa política visa fomentar o mercado editorial local, que como já comentamos é concentrado em estados do sudeste. Porém, seus critérios parecem ser bastante restrito, pensando em projetos editoriais como a Ogum’s toques em que as autorias abarcam diversos autores baianos, porém muitos de outros estados e de países africanos.

Além de fazer esse diagnóstico, o estudo realizado por esse programa oferece um resumo de como está organizada a estrutura e gestão das instituições de fomento ao livro e a leitura na Bahia. As duas instancias principais são a Secretaria de educação e Secretaria da Cultura.

Na Secretaria da Educação temos a Fundação Pedro Calmon, que possui duas diretorias: a Diretoria do Livro e Leitura (DLL), criada em 2011, é responsável pela distribuição de livros e incentivo à leitura; e a Diretoria de Bibliotecas Públicas (DIBIP), que gerencia as bibliotecas públicas – existem 8 ao total, 6 em Salvador. Há ainda a Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB), que gere os programas públicos de literatura.

Na Secretária da Cultura, existem três instancias com focos específicos: a) Gabinete do Secretário, gere as diretrizes e programas educativos para a educação

---

543 Decreto nº 15.303, DE 28 DE JULHO DE 2014 - Aprova o Plano Estadual do Livro e Leitura - PELL-BA e altera o Decreto nº 13.394, de 31 de outubro de 2011, que institui o Plano Estadual do Livro e Leitura da Bahia e dá outras providências.” Disponível em: http://www.fpc.ba.gov.br/livro-e-leitura-pell/. Acesso em: 17 dez. 2024.

de crianças e adultos; b) Superintendência de Desenvolvimento da Educação Básica (Sudeb), que desde 2009, possui um programa de leitura e escrita criativa nas escolas; c) Instituto Anísio Teixeira (IAT), voltado para habilitação de professores e bibliotecários para o incentivo à leitura na rede pública estadual.

Além destes órgãos citados por esse documento, em nível estadual temos a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial e dos Povos e Comunidades Tradicionais (SEPROMI), que possui uma série de ações de fomento à leitura de autorias negras e leituras antirracistas, com valorização da cultura e literatura negra. Várias dessas iniciativas estão divulgadas no site deste órgão.[544] Em uma busca no feed deste site, com as palavras-chave, "livro e leitura", encontrei 6 páginas de feed com notícias sobre editais e eventos voltados para a igualdade racial, literatura, juventude, "igualdade racial nas bibliotecas", artes negras, entre outros. Todos eles diretamente relacionados ao livro e leitura.

Em 2015, por exemplo, a SEPROMI lançou um edital com a temática da igualdade racial, que destinou R$ 250 mil para fomentar 5 projetos relacionados ao movimento baiano emancipatório e popular do século XVIII, nas áreas da educação, cultura, empreendedorismo, juventude negra e combate à intolerância religiosa.[545] Entre diversas outras matérias, em 2016, a educadora Ana Célia e o coletivo Ogum's Toques recebem a medalha Luiz Gama na Universidade Federal da Bahia. O prêmio, que então estava em sua terceira edição, "destina-se ao reconhecimento das lutas de mulheres e homens negros, além de organizações com notória atuação política de combate ao racismo e às desigualdades."[546]

Como ocorre em outras editoras negras aqui analisadas a dimensão pedagógica e o ativismo editorial caminham juntos, seja como atividade inerente à linha editorial (a Mazza é um grande exemplo), ou gerando transbordamentos para outras ações; promoção de saraus, seminários, cursos, concursos... e protestos. E no caso da Ogum's noto que o empreendimento estabelece conexões em seu ativismo

---

544 BAHIA. Secretaria de Promoção da Igualdade Racial e dos Povos e Comunidades Tradicionais. **Página inicial**. Disponível em: https://www.ba.gov.br/sepromi/. Acesso em: 20 dez. 2024.

545 BAHIA. Secretaria de Promoção da Igualdade Racial. Sepromi lança Edital Agosto da Igualdade 2015. 3 set. 2015. Disponível em: https://www.ba.gov.br/sepromi/noticia/2024-03/3485/sepromi-lanca-edital-agosto-da-igualdade-2015. Acesso em: 20 dez. 2024.

546 BAHIA. Secretaria de Promoção da Igualdade Racial. Educadora Ana Célia e Coletivo Ogum's Toques recebem Medalha Luiz Gama na UFBA. 2 dez. 2016. Disponível em: https://www.ba.gov.br/sepromi/noticia/2024-03/1700/educadora-ana-celia-e-coletivo-ogums-toques-recebem-medalha-luiz-gama-na-ufba. Acesso em: 20 dez. 2024.

literário negro tanto no espaço público social, quanto digital. Por essas vias híbridas da contemporaneidade, destaca-se a atuação do Coletivo Ogum's Toques.

Mas, o que (e quem) é o Coletivo Ogum's Toques? Não há muitas informações a respeito, mas sabemos que Mél Adún e Marcus Guell Waar, participam dele. E em 213, organizaram uma Semana Literária Internacional, cuja programação traz escritores brasileiros e africanos: "Yves Mudimbe (Zaire), Isabel Ferreira (Angola) e Alberto Guerra Naranjo (Cuba), para representar a nação verde e amarela teremos os brasileiros Henrique Freitas, Fernanda Felisberto, Éle Semog, Cidinha da Silva, José Carlos Limeira, Claudia Santos, Kiusam de Oliveira e Jesiel Oliveira."

Figura 27 – Divulgação da Semana Literária Internacional, Salvador, BA, 2013

Fonte: Ogum's Toques

Naquela semana literária os presentes assistiram ainda "a inauguração do encontro intitulado Ogum's Toquinhos, que terá a participação da escritora Kiusam de Oliveira que lançará o livro infantil – O Mundo no Black Power de Tayó (Ed. Peirópoles, 2013)"3 Uma matéria ainda diz que o poeta Guellwarr Adún e Hamilton Borges Walê, somam forças na Campanha Reaja ou será morto ou morta, para uma atividade na Penitenciária Lemos de Brito.4 No cartaz abaixo, à direita, o logo do coletivo Ogum's Toques é o mesmo da editora, formada um ano depois.

Efetivamente, Marcus Guellwaar Adún (ou Marcus Gonçalves da Silva) e Mél Adún fundam a editora Ogum's Toques em 2014. Mas, seus proprietários já atuavam na cena literária de Salvador desde 2011, promovendo a literatura negra, por meio de encontros entre escritores brasileiros e de outros países e pela articulação de suas redes sociais, como é o caso de Marcus Guellwarr em seu blog, onde postava poemas próprios e de outros autores negros.

Marcus Guellwaar, além de diferentes trabalhos educacionais em organizações como a Steve Biko e o Instituto Oyá, no qual foi coordenador, publicou em números da série Cadernos Negros, antes de publicar *Desinteiro*, pela Ogum's Toques, em

2016. Mél Adún, é mestre em literatura africana pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), também publicou pelos Cadernos Negros. “Ela idealizou o primeiro programa de *webtv* feito por e para mulheres negras, o *Tobossis virando a mesa*, no qual trata de questões de raça e gênero.”[547] Além disso, na Ogum’s Toques publicou obras para o público infantil, como o livro, *A lua cheia de vento, em 2014*.

Em 2022, em entrevista, Mél Adún, relembra como o começo da editora é um desdobramento do ativismo literário do coletivo Ogum’s Toques:

> Em 2011, levamos à Bahia mais de 60 escritoras e escritores negros de diversas partes do país, e fora, para falar da sua produção literária no evento Ogum’s Toques do/a Escritor/a (OTE), atividade cujo objetivo principal era formação de público leitor. Contamos com nomes importantes da literatura negra brasileira e internacional como Abelardo Rodrigues, Oswaldo de Camargo, Miriam Alves, Isabel Ferreira entre tantos outros.

Na sequência, rememora a Feira de Frankfurt, os protestos que promoveram contra a falta de diversidade de autores negro, como estopim para a criação da editora, que nasce a partir da publicação de uma antologia que leva o nome da editora:

> Contudo, é a partir da participação fatídica do Brasil na Feira de Frankfurt em 2013 – quando a Feira homenageava a diversidade brasileira e o governo mandou 70 escritores para representar o país, sendo 1 negro, 1 indígena e 68 brancos – que resolvemos nos publicar. No mesmo ano escrevemos uma nota de repúdio que foi traduzida para o inglês e para o alemão e assinada por mais de cem escritoras negras e escritores negros e lançamos a Coletânea Poética Ogum’s Toques Negros, com 22 poetas de diferentes gerações da Literatura Negra brasileira. Daí percebemos que não havia outro caminho e, em 2014/15, lançamos o livro *Encantadas*, do poeta José Carlos Limeira (1951/2016). De lá pra cá, publicamos mais de 20 livros e seguimos publicando, em ritmo de ijexá, textos que acreditamos que precisam ser publicados.[548]

A publicação da coletânea Ogum’s Toques Negros, ocorreu em março de 2014, e contou com o apoio da Fundação Cultural Palmares (FCP) e da editora Barabô, que assinou o projeto gráfico.[549]

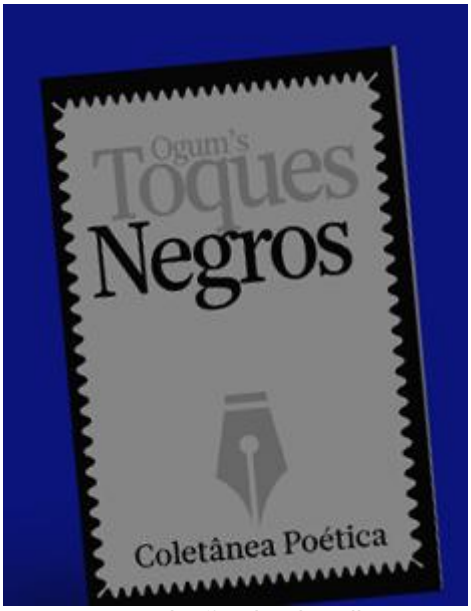
---

547 Ogum's Toques Negros - Literatura Afro-Brasileira. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/editoras/1377-ogum-s-toques-negros#_ftn1. Acesso em: 7 jan. 2025.

548 Disponível em: https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/coletanea-ogum2019s-toques-negros-sera-lancada-em-21-de-marco-em-salvador. Acesso em 7 jan. 2025.

549 Disponível em: https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/coletanea-ogum2019s-toques-negros-sera-lancada-em-21-de-marco-em-salvador. Acesso em: 7 jan. 2025.

Figura 28 – Coletânea Ogum's Toques: marco editorial inicial



Fonte: Reprodução site da editora

Em uma matéria da FCP, Guellwaar Adún fala dos lançamentos da publicação em diversos outros estados brasileiros: Minas Gerais, Maranhão, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo e Tocantins. Para ele, o livro significava "Uma oportunidade que abrirá portas a negociações e a outras formas de divulgação da cultura negra brasileira".

Naquele momento de consolidação, o editor projetava que até o final de junho daquele ano, sairia a 2ª edição revisada da coletânea *Ogum's Toques Negros*, além da publicação de outros 10 livros com diferentes gêneros literários. Entre eles, romances, culinária, cânticos negros, filosofia e obras voltadas ao público infantil.[6]

Passados dez anos dessa entrevista, essa coletânea icônica está esgotada no catálogo online da editora, sem ter chegado a uma segunda edição. O que atesta, entre outras coisas, como comentado pela escritora Elisandra Souza, sobre os desafios de obras lançadas com captação pública chegar à segunda edição. Trata-se não só de um problema de distribuição, mas das condições adversas para uma editora que se coloca como negra numa sociedade racista, ainda que em Salvador, e com uma população de maioria negra, o racismo estrutural vigora e cerceia um mercado editorial que já é por si desigual.

Em 2014, a editora abriu uma campanha sua reestruturação. Arrecadando cerca de 16% da meta (quase 30 mil de uma meta de 183.594).[7] O que demonstra que aquele primeiro ano de atividade apresentou instabilidades.

Como parte das dinâmicas políticas editoriais e das estratégias de sustentabilidade também, como outras editoras independentes, e editoras negras em específico, a Ogum's Toques faz parcerias. A editora Barabô é uma delas.

Em dezembro de 2014, por exemplo, no primeiro ano da editora, a Ogum's Toques (coletivo/editora) oferece "II semana Literária Internacional Ogum's Toques" no evento acadêmico Primavera Literária, realizado em parceria com o Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (e outros institutos de pós-graduação da mesma universidade).[550] No cartaz do evento, a editora Barabô é uma das apoiadoras (ver, Figura 27, na próxima página).

Sobre a Editora Barabô há poucas informações disponíveis desta casa editorial, que não possui site. Suas divulgações ocorrem por um perfil do Facebook homônimo, lá por exemplo, sabemos que em 7 de julho de 2022, a 2ª edição do livro *Equede: a mãe de todos* estava em pré-venda. "Garanta o seu pelo site da Editora Ogum's Toques", está escrito numa arte de divulgação, que indica essa parceria. Este título atualmente não está no catálogo online da Ogum's, mas há apenas um outro título, o livro *Obaràyí Babalorixá Balbino Daniel de Paula*, de Agnes Mariano, publicada em 2009 pela Barabô.

Sobre a Editora Barabô há poucas informações disponíveis desta casa editorial, que não possui site. Suas divulgações ocorrem por um perfil do Facebook homônimo, lá por exemplo, sabemos que em 7 de julho de 2022, a 2ª edição do livro *Equede: a mãe de todos* estava em pré-venda. "Garanta o seu pelo site da Editora Ogum's Toques", está escrito numa arte de divulgação, que indica essa parceria. Este título atualmente não está no catálogo online da Ogum's, mas há apenas um outro título, a obra bilíngue, *Obaràyí Babalorixá Balbino Daniel de Paula.* Esse babalorixá, de 85 anos, é fundador do terreiro Ilê Axé Opô Aganju, em Lauro de Freitas/BA, em 1966. A autora da obra foi a jornalista baiana, Agnes Mariano. Publicada em 2009 pela Barabô

[550] A programação deste evento que buscou promover, por meio de debates e apresentações artísticas, o intercambio entre povos africanos e da diáspora e se desdobou em duas partes: "I Seminário Áfricas & Negritudes: vozes, escritas, epis-temes & e(sté)ticas" e "II Semana Literária Internacional Ogum's Toques", ocorridos no *campus* de Ondina e no Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA. Materializam ainda esse intercambio, os convidados: "Nilma Lino Gomes (reitora da UNILAB), Jorge Ferrão (reitor da UNILURIO/Moçambique) e Kabengele Munanga (USP/UFRB)." UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA). *Semana da Primavera Literária acontecerá na UFBA*. Disponível em: https://www.ufba.br/ufba_em_pauta/semana-da-primavera-liter%C3%A1ria-acontecer%C3%A1-na-ufba. Acesso em: 18 dez. 2024.

Desing Gráfico e Editora, teve o projeto idealizado por Dadá Jaques, foi patrocinada pela Agência África e Citéluz, por meio da Lei Rouanet.[551]

Figura 29 – Cartaz da Primavera Literária e Logomarcas das Editoras Barabô e Ogum´s Toques

Fonte: UFBA, Facebook da Editora Barabô, Editora Ogum´s Toques

Em 2015, vemos que é o coletivo que recebe financiamento público para duas atividades, uma da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (Sepromi), outra da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Funceb).

No primeiro caso, a editora foi convidada pelo órgão de promoção da igualdade racial, e levou para o evento títulos de seu catálogo: Ogum's Toques Negros (composta por 22 autores negros brasileiros), *Encantadas*, de José Carlos Limeira, e *Correntezas e outros estudos marinhos*, de Lívia Natália. "Estamos apresentando diversos escritores e escritoras negras, com bate papo mais direto com o público", pontuou Guellwaar Adún, que destacou também a necessidade de maior abertura do mercado editorial para o segmento de autorias negras.[552]

---

551 MIRANDA, DORIS. Xangô é quem manda. **CORREIO**, Salvador, 26 ago. 2009. Disponível em: https://agnesmariano.wordpress.com/wp-content/uploads/2009/08/correio-da-bahia.pdf. Acesso em 20 mar. 2025.

552 Temática racial está presente na programação da Flica | SEPROMI - Secretaria de Promoção da Igualdade Racial e dos povos e comunidades tradicionais. Disponível em: https://www.ba.gov.br/sepromi/noticia/2024-03/3177/tematica-racial-esta-presente-na-programacao-da-flica. Acesso em: 7 jan. 2025.

No segundo, o coletivo Ogum's Toques convida dois decanos da literatura negra, Éle Semog e José Carlos Limeira para o projeto *Ogum's Toques dos Escritores*, realizado no dia 21 de maio, quinta-feira, às 18h30, no Teatro Sesc-Senac Pelourinho. "O encontro é organizado pelo Coletivo Artístico e Literário Ogum's Toques Negros e é o primeiro de três eventos do projeto selecionado pelo edital setorial de literatura, da Fundação Cultural do Estado da Bahia – FUNCEB, unidade da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia."[553] Existem uma série de outra atividades envolvendo esse coletivo, mas o nosso foco será o catálogo da Ogum's Toques.

Outro exemplo de atuação da editora para fomentar a escrita de autoria negra é a publicação do livro *Enegrescência*, fruto de um concurso literário promovido pela editora Ogum's toques em parceria com o projeto *Enegrescência*, coletivo dedicado à publicação de autorias negras e africanas e a constituição de um acervo digital.[554]

Fiz um levantamento do total de obras publicadas pela Ogum's Toques, tendo por base a seção "loja" do site da editora, complementadas pelos sites de outras organizações com as quais a editora estabeleceu parceria. Os resultados estão organizados na Tabela 14, na página seguinte. Nesse levantamento, identifico 28 títulos, sendo um deles, o livro da jornalista Agnes Mariano, publicado pela Marabô e comercializado pela Ogum's Toques. Desse levantamento, três obras estão fora de estoque no site da editora, e uma obra não consta no catálogo, por ser uma obra em parceria com o Fundo Baobá e com a Fundação Ford, que foge à linha editorial da Ogum´s, o e-book, *Consolidando capacidades e ampliando Fronteiras: filantropia para equidade racial no Brasil*, organizada por Fernanda Lopes.

---

553 Coletivo Artístico e Literário Ogum's Toques Negros realiza mais uma edição do Ogum's Toques do(a) Escritor(a) | SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DA BAHIA - SECULTBA // Jornal da Cabriola: Projeto selecionado por edital da Funceb reúne escritores da literatura negra

554 QUEIROZ, Louise. **Afetividade e ancestralidade:** ensaio crítico-literário sobre o amor negro na poesia de Cidinha da Silva e Gonesa Gonçalves. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Vernáculas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024, p.25.

Tabela 14 – Ogum's Toques: Obras, Parcerias, Financiamentos

Ano	Título	Autoria(as)	Parceria e/ou financiamento	Disponível Catálogo	Gênero
2009	Obaràyí Babalorixá Balbino Daniel de Paula	Agnes Mariano	Editora Barabô[555]	sim	Memória e Biografia Negra
2014	Ogum's toques negros: coletânea poética.	Mel Adún, Guellwaar Adún e Alex Ratts (org.)	Fundação Cultural Palmares	**não**	Poesia
2015	Correntezas	Lívia Natália (BA)		sim	Poesia
2015	Bará - Na trilha do Vento	Miriam Alves (SP)		sim	Romance
2015	Xirê, a brincadeira lírica	Eduardo Oliveira		sim	Poesia
2015	Encantadas	José Carlos Limeira (BA)		sim	Poesia
2015	A lua cheia de vento	Mél Adún (EUA)	Prefeitura de Salvador - Espaço Cultural da Barroquinha	sim	infantojuvenil
2016	O Arco e a Arkhé: ensaios sobre literatura e cultura	Henrique Freitas (BA)		sim	Crítica e Teoria Literária
2016	Adumbi	Mél Adún (texto) e Reane Lisboa (ilustração)		sim	infantojuvenil
2016	Á Ipásia que o espera	Ronald Augusto (RS)		sim	Poesia
2016	Enegrescência: coletânea poética	Coletiva	Projeto Enegrescência	sim	Poesia
2016	Desinteiro	Marcus Guellwaar Adún (RJ)		sim	Poesia
2017	Traduzindo no Atlântico Negro: cartas náuticas afrodiaspóricas para travessias literárias	Denise Carrascosa (org.)		**não**	Crítica e Teoria Literária
2017	Caderno de Retorno 2 ed.	Edimilson Pereira de Almeida (MG)		sim	Poesia
2021	Quantas Tantas	Mél Adún (EUA)		sim	Poesia
2021	Quilombellas amefricanas - Coletânea Poética Vol.1	Mel Adún, Ana Rita Santiago e Claudia Santos (org.)		sim	Poesia
2021	Peixe Fora da Baía	Mél Adún		sim	Contos
2021	Quilombellas amefricanas - Coletânea Poética Vol.2	Mel Adún, Ana Rita Santiago e Claudia Santos (org.)		sim	Poesia

[555] Como já mencionado, a Editora Barabô obteve patrocínio por intermédio da Lei Rouanet e o livro é comercializado pelo catálogo da Ogum´s Toques. Não localizei um site da editora Barabô, que mantém um perfil no Facebook.

2022	Consolidando capacidades e ampliando Fronteiras: filantropia para equidade racial no Brasil (ebook)	LOPES, Fernanda (org.)	Fundo Baobá para Equidade Racial e Fundação Ford	**não**[556]	Obra científica
2022	Crítica parcial: crítica e teoria literária	Ronald Augusto	Universidade Federal de Pelotas - Pro-Reitoria de Extensão e Pesquisa	sim	Crítica e Teoria Literária
2023	Gonzo	Louise Queiroz		sim	Poesia
2023	Firminas em fuga	Denise Carrascosa (org.)		sim	Poesia
2023	Traduzindo no Atlântico Negro: dinâmicas exusíacas em rotas de fuga e performances de religação afroancestral	Denise Carrascosa *et al*. (org.)	Grupo de Pesquisa: Traduzindo no Atlântico Negro	**não**	Crítica e Teoria Literária
2023	O pacto de Bocapiu: a cumplicidade silenciosa do feminegricídio de Estado nas prisões	Denise Carrascosa		sim	Teatro
2024	Todo Preto: Poesia Completa de 1977 a 2020	Éle Semog		sim	Poesia
2024	O regresso pela porta de Marfim	Ronald Augusto		sim	Conto
2024	O ponto e a Encruzilhada	Ivana Freitas		sim	Crítica e Teoria Literária
2025	Um abc do Jazz	Robin Michelle Wilson[557]		sim	Infantojuvenil

Fonte: elaborada pelo autor.

A partir da tabela acima, nota-se que os anos de 2015 e 2016, é o período em que a editora mais lançou obras, 5 em cada ano, ou seja, cerca de 40% de todo o catálogo da editora em cerca de uma década foi lançado em dois anos. É uma hipótese plausível é que o acesso à fomento, tenha contribuído para esses índices.

Além disso, desse conjunto, apenas quatro títulos receberam financiamento. A primeira delas é a icônica antologia que abre a editora, a *Coletânea Ogum's Toques*, que recebeu fomento da Fundação Cultural Palmares. Também o livro infantojuvenil, A *lua cheia de vento, de Mél Adún,* publicada em 2015, contou com patrocínio da prefeitura de Salvador. O livro inaugurou o selo Ogum's Toquinhos, que conta ainda

[556] Por fugir a linha editorial da Ogum´s, o livro, em formato digital, não consta no catálogo, mas sim no site do Instituto Baobá, onde pode ser baixado gratuitamente. *Cf*, **INSTITUTO BAOBÁ.** *Baobá – Fundo para Equidade Racial*. 2022. Disponível em: https://baoba.org.br/wp-content/uploads/2022/08/BAOBA.pdf. Acesso em: 1 abr. 2025.

[557] Traduzido por Marcus Guellwaar Adún

com outro livro da mesma autora e editora da Ogum's, a obra *Adumbi*, ilustrado por Reane Lisboa.

Outra obra que recebeu financiamento é a obra bilíngue, *Consolidando capacidades e ampliando Fronteiras: filantropia para equidade racial no Brasil*, publicada em 2023, e na qual a Mél Adún foi convidada para coordenar essa obra digital (EPUB)[558], que tem financiamento do Fundo Baobá[559] para Equidade Racial e da Fundação Ford.[560]

> O Baobá se comprometeu com uma publicação eletrônica, bilíngue. Uma publicação amigável, embora seguindo regras editoriais rigorosas, cuidadosamente aplicadas. A editora escolhida para realizar esse trabalho foi a Ogum's Toque, que nasceu oficialmente em 2014, em Salvador, Bahia, mas cuja movimentação na cena literária começou em 2011.[561]

Trata-se de uma obra de pesquisa científica técnica, distinta das demais obras da linha editorial – composta por livros de poesia, conto, romance, crítica e teoria literária e obras de tradução. Talvez, por ser uma obra distinta, de download gratuito e encomendada, o livro não consta no catálogo.

O último livro que localizei com financiamento é, *Crítica parcial: crítica e teoria literária*, do poeta e crítico do Rio Grande do Sul, Ronald de Augusto, e que recebeu fomento da Universidade Federal de Pelotas - Pro- Reitoria de Extensão e Pesquisa.

Outro ponto a se destacar a periodicidade das publicações. No levantamento acima, nota-se um decréscimo de publicações em 2017 (duas obras) – de 2018 a 2020 nenhuma obra – até que em 2021, foram lançados novos títulos (ao todo 4); e em anos recentes, notamos que a permanência de uma média de publicações entre 3 e 4 obras por ano.

Desse conjunto, nota-se que o principal meio de divulgação da editora são os eventos, diversos deles organizados pelo Coletivo Ogum's Toques e, de um modo frequente, por meio da internet, a partir de postagens nas redes sociais (facebook e

---

558 LOPES, Fernanda (org.) Consolidando capacidades e ampliando Fronteiras: filantropia para equidade racial no Brasil. Traduçao de Paula Santos. Ilustração de J. Cunha. Brasília: Ogum's Toques Negros, 2022. EPUB. Disponível em: https://baoba.org.br/wp-content/uploads/2022/08/BAOBA.pdf. Acesso em 20 dez. 2024.

559 É uma organização social privada, fundada em 2011, que apoia ações de grupos e coletivos comprometidas com a equidade racial. https://baoba.org.br/

560 Criada em 1936, em Nova Iorque, volta-se para ações de fortalecimento de direitos, redução do racismo e da pobreza. https://gife.org.br/associados/fundacao-ford/

561 **BAOBÁ – Fundo para Equidade Racial.** Textos selecionados no edital Chamada de Artigos são compilados em publicação bilíngue. 29 jul. 2022. Disponível em: https://baoba.org.br/fundo-baoba-publicara-o-livro-do-chamada-de-artigos/. Acesso em: 22 dez. 2024.

instagram) e a produção de lives. A lacuna de edição de novos livros entre 2017 e 2021, tem grande possibilidade de ser resultado da própria conjuntura de crise política, sanitária e de destruição de políticas públicas do país.

O livro *Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra*, de Luiz Henrique Oliveira e Fabiane Cristine Rodrigues, publicado pela editora Malê, em 2022, traz um dado muito significativo a esse respeito: entre 1859 e 2020, apenas quarenta escritores/as negros/as publicaram romances, e apenas 85 romances. Ou seja, até 2020, não tínhamos nem cem romances de autoria negra publicados. Essa situação explica-se por um conjunto de desigualdades acumuladas, que passa tanto pela concentração editorial no Sudeste, quanto pela ausência contínua de políticas públicas no setor, no âmbito da leitura e da literatura. Desta forma, mesmo tendo crescido esse índice nos últimos anos, o romance para um/a autor/a negro foi mais difícil de emergir frente a outros gêneros, como a poesia, o conto e a não ficção, uma vez que, em geral, exige mais em termos de tempo e dedicação. Para Oliveira e Rodrigues, o mapeamento que realizaram revela:

> [...] as dificuldades de absorção que os autores negros encontram no campo editorial do nosso país. Para publicar, tais artistas precisam também construir, em grande medida, suas redes editoriais, isto é, a perspectiva de aceitabilidade de um discurso que afronte à "hierarquia" discursiva epidérmica em enraizada em nossa tradição literária.[562]

Além da constatada falta de políticas públicas com recorte interseccional e com uma perspectiva de equidade, é importante notar que novos desafios se somam.

4.5 Para encerrar, algumas reflexões

Começamos refletindo como a lei 10.630/03 como fruto da mobilização social negra e antirracista. Vimos também que o mercado dos livros passou por uma tendência global de concentração e monopolização, desde os anos 1980, e que no Brasil esse processo coincidiu na virada do século XXI, cujo resultado foi que as grandes editoras concentraram seus esforços nos segmentos mais lucrativos, e as pequenas editoras ficaram restritas aos demais segmentos.

---

[562] OLIVEIRA, Luiz Henrique; RODRIGUES, Fabiane Cristiane. **Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra brasileira**. Rio de Janeiro: Malê, 2022, p. 82.

Um dos grandes focos desses segmentos nacionais e internacionais foi o mercado de livros didáticos e paradidáticos, uma seara com a qual as editoras negras, aqui estudadas pouco atuam, vale lembrar, por exemplo, que esse é um segmento com a qual a Mazza Edições possui diversos títulos. Paradoxalmente, mesmo quando existem políticas que podem favorecer as editoras e autorias negras, estas acabam sendo minorias dada a competição com essas grandes editoras e conglomerados – o famoso afro-oportunismo.

Nesse sentido, aquando cresce o interesse pela temática étnico-racial, impulsionado pela ei 10.639/03, forma-se um nicho de mercado para suprir as demandas de livros sobre a temática negra nos editais de fomento para a educação básica e educação infantil. Assim, a “novidade” da lei favoreceu as grandes editoras e os conglomerados internacionais, não alterando a lógica do poder econômico desse mercado, já que se trata de um segmento editorial, bem pouco acessado e acessível para pequenas editoras, como as editoras negras que pesquisamos.

No âmbito desses interesses de mercado, a questão ética, estética, da importância de uma obra ser de autoria negra ou não, não era uma questão relevante. Entre o *negro-tema* e o *negro-vida* (como diz Guerreiro Ramos), para as grandes editoras nacionais e internacionais, ou para pequenas editoras aspirantes à grande, como a editora Mostarda, o foco permanece sendo o que dá mais retorno financeiro. Nesta seara, um verniz de diversidade discursiva compõe bem o cardápio da disputa pelo mercado da diversidade.

Nesse sentido, a dicotomia entre editores independentes e grandes conglomerados editoriais ganhou dezenas de tons de cinza, na medida que o mercado da diversidade editorial ganhou fôlego e conceitos guarda-chuvas, como bibliodiversidade, viram *commodities* assim, como as obras de autores e autoras negros, indígenas, quilombolas, queers. O slogan passa a ser somos todos… antirracistas!

Já na segunda parte deste capítulo, busquei mostrar como as cinco editoras negras estudadas nesta tese aderem, em maior ou menor medida, às políticas públicas de fomento ao livro e à leitura, e como estas, de modo geral, não se configuram como leis que contemplam a diversidade. Vale destacar que, quando essas editoras acessam editais, em geral, eles são municipais ou estaduais, e sobretudo estão associados a políticas interseccionais de promoção da leitura e literatura e de promoção da equidade racial.

E além dessas leis, constroem diversas alianças políticas e afetivas. Por isso, vimos também que tais editoras não atuam unicamente como editoras, mas como projetos editoriais antirracistas, cuja forma de atuação mira o livro e vai além dele, promovendo cursos, seminários, palestras, saraus, concursos de escritores e, obviamente, para fazer o prato da sustentabilidade girando, junto com o da política antirracista, promovem encontros, vendem livros, fazem alianças com outros editores, livrarias e demais agentes de cultura. Movem, em outras palavras, um ativismo literário antirracista, em um país onde o livro e a leitura cada vez mais se desmaterializam e diminuem.

E que seus agentes são, em grande medida, formados em um circuito protagonizado por pessoas negras com escolaridade elevada, geralmente curso universitário nas áreas de humanas (como história, pedagogia, letras), e que poucos possuem formação especializada no mercado editorial. E nenhum é herdeiro de uma empresa editorial. Como disse, a inferir desse *corpus* estudado, a história editorial negra é feita de empreendimentos que se constroem a partir de trajetórias inéditas e ponteando experiências de outras áreas e convívios sociais.

A história das editoras negras apresenta diversas lacunas, que podem (e seriam bom) que fossem pesquisadas. Busquei aprofundar um tema específico neste capítulo, a relação entre sustentabilidade econômica e política editorial. Notei como são as políticas mais localizadas (estaduais e municipais) e os programas de promoção da equidade racial, que tendem a fomentar parte dessas editoras, mas ainda de uma maneira assimétrica e fragmentada.

Isso porque, embora note-se nos últimos anos o crescimento das publicações dentro do mercado editorial e pelas margens, na forma de autoedição, elas permanecem concentradas na região Sudeste do país, sobretudo em São Paulo e Rio de Janeiro, por seu histórico de desenvolvimento econômico. Essa “hegemonia”, diz Eduardo de Assis, em dois polos de produção da indústria do livro no Brasil, evidencia como o que chega a ser editado e vai para as estantes de leitores está condicionado aos polos de produção econômica.[563]

Essa polarização econômica tem impacto nas leis de incentivo, nas políticas públicas e nas dinâmicas culturais. Uma das faces do problema é que a lógica de

---

[563] DUARTE, Eduardo de Assis. Entre a autoedição e o quilombo editorial. *In*: OLIVEIRA, Luiz Henrique; RODRIGUES, Fabiane Cristiane. **Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra brasileira**. Rio de Janeiro: Malê, 2022, p. 16-17.

destinação à cultura se dá por meio de isenção fiscal, que resulta no que Oliveira e Rodrigues denominam de “tirania do dinheiro”. A outra face desse problema é a questão do Produto Interno Bruto (PIB) – a soma da riqueza do país –, que também está concentrado em poucas regiões. O resultado é que a destinação de recursos para a cultura é concentrada. Um dos efeitos disso, concluem Oliveira e Rodrigues, é que a materialização do livro impresso reflete a subordinação do campo cultural ao campo econômico.[564]

Em conclusão, é possível dizer que nossas cinco editoras, mais do que acessarem políticas de fomento à leitura e ao livro, são propositoras, em maior ou menor grau de êxito, dessas políticas. Assim, transformam o mercado editorial em espaço de resistência antirracista, um aspecto nas conclusões abertas a esse estudo.

[564] OLIVEIRA; RODRIGUES, 2022, p. 64.

CONCLUSÕES ABERTAS: PARTILHAR O SENSÍVEL, AFINAR LÂMINA DA PALAVRA, HABITAR A PRÓPRIA CASA

> Mas aonde ir e a quem solicitar se aquilo que queremos recuperar é a interioridade negra?
> Djaimilia Pereira de Almeida[565].
>
> Os preto é chave, abram os portões
> Rincon Sapiência[566]

Corre um rio em mim ao acabar essa tese, um rio de palavras, bem-ditas. Vale toda uma vida a luta antirracista, mas ela é muito pouco sem Djavan, sem Liniker, sem Milton Nascimento, Alice Coltrane e sem Djaimilia Pereira de Almeida, e tantas escritas negras e de tantos povos diversais (como gostava de dizer Antônio Bispo dos Santos, o Nego Bispo). Em um ensaio luminoso, Djaimilia conta que, assim como vivemos tempos de reivindicar que as nações que nos saquearam no período colonial devolvam nossos pertences, a quem devemos pedir a restituição de nossa interioridade? De fato, neste caso há que se tomar a voz, esta não se encontra sozinho, mas também não se pode receber de fora para dentro.

> Pode se muito bem definir como crime contra a humanidade o apagamento da interioridade negra por meio da opressão colonial e a maneira como ele se perpétua na desconsideração pela experiência diaspórica. Tribunal algum vai acolher o pedido dessa restituição. A interioridade negra foi tomada de *nós*. Mas a sua restituição é tarefa *nossa*.[567]

Mas aonde ir para restituir a nossa interioridade senão para dentro, de si, de nós? O evento colonial foi um duplo expropriar, material e subjetivo, por isso, o restituir multidimensional. Esse expropriar deu-se de múltiplas formas, no *glotocídio* de tantas línguas indígenas, no *espistemicidio* de formas de conhecimento, razões sensíveis, grafias múltiplas. E de poéticas.

Leda Maria Martins assinala que: “A textualidade dos povos africanos e indígenas, seus repertórios narrativos e poéticos, seus domínios de linguagem e modos de aprender e figurar o real, deixados à margem, não ecoaram em nossas

---

565 ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. **O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo**: ensaios. São Paulo: Editora Todavia, 2023.

566 RINCON SAPIÊNCIA. Ponta de lança. *In*: **Galanga Livre** [streaming]. Local: Boia Fria Edições, 2017. Disponível em: https://encurtador.com.br/OcJOj. Acesso em: 21 dez. 2024.

567 ALMEIDA, *op. cit*., p. 62-63.

letras escritas."[568] E, investigando textualidades, entre a fala e o escrito, reconhece a *oralitura*, termo com o qual, apreende as formas culturais em multidimensionais, entre o canto, a fala, a performance, como nas múltiplas grafias dos *orikis* à festa do Rosário. Leda lembra que é precioso apreender que a etimologia da palavra *ntanga*, de uma das línguas Bantas[569], as palavras escrever e dançar guardam a mesma raiz.

A restituição de nossa interioridade passa por rever nossas heranças culturais, ver para notar, o que aqui já está. A textualidade corporal, o corpo como lugar de memória, é uma das vias com as quais as narrativas negras vão se encruzilhar com as várias vozes da literatura brasileira, o texto como outro lugar de memória.

O que tentei mostrar nesta pesquisa a partir de apenas cinco editoras negras contemporâneas é que a escrita e o movimento estão presentes no fazer dessas editoras. Para além do vender livros, sustentar um negócio editorial, os e as agentes do livro desta pesquisa projetam projetos, constroem institutos como as proprietárias da Nandyala fizeram, constroem cursos, como as Com_texturas negras, de Marciano Ventura, ou os concursos de novos escritores, promovidas pela editora Malê.

É dentro de uma ética antirracista que compõem princípios geradores de editoração, multiplicado por diferentes estéticas que habitam as autorias negras diaspóricas, incluindo o Brasil, e africanas ou da diáspora, no campo da prosa, da poesia, da não ficção.

Procurei ao longo da tese evidenciar pontos nevrálgicos dessa discussão, passando pela questão da marginalidade da produção, distribuição e consumo, a qual o professor e pesquisador Mário Augusto Medeiros da Silva pesquisou e pesquisa, passando pela intersecção entre editoras e a edição independente. E passando, por fim, pela discussão das políticas públicas, do racismo institucionalizado no mercado editorial, do afro-oportunismo e pela atuação editorial negra nas frestas.

Essa pesquisa é como um retrato em movimento, exige análises e pensamentos que fluam abertos, então, uma das perguntas que caminharam comigo ao longo da pesquisa, formulada na banca de qualificação com os professores

---

568 MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, [*S. l.*], n. 26, 2003, p. 63-64. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881. Acesso em: 21 dez. 2024.

569 Para a etnolinguista Ieda Pessoa de Castro, a família linguística banto inclui 500 línguas, muito semelhantes, e faladas em 21 países, incluindo Moçambique, Angola e África do Sul. A maior incidência no português do Brasil veio do Quicongo, Quimbundo e Umbundo, três língua dessa ampla família, explica. *Cf.* CASTRO, Yeda Pessoa de. **Camões com dendê: o português do Brasil e os falares afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2022.

Alexandro Henrique Paixão e Michel Nicolau Netto, é: que legados as editoras negras querem construir? Feito esse percurso, compreendo que todas elas, com as singularidades que toda casa editorial tem, estão empenhadas em ajudar a construir, a partir do objeto livro, formas de partilhar sensibilidades, belezas, uma vez que em todos os catálogos estudados o texto literário está presente em destaque. Essa é uma forma de se construir nossa interioridade, lendo textos, imaginários, de vivências, culturas e conhecimentos emanados de autores/as negros e negras, como Cidinha da Silva, Conceição Evaristo, Lívia Natália, Fábio Mandingo, Eliana Alves Cruz.

A outra forma é pela fina lâmina da palavra, como denominei, o pensamento expresso em textos não ficcionais, de autores negros, como Denise Carrascosa, Carlos Moore, Muniz Sodré, Deivson Faustino, entre outros/as.

Vale dizer que é interessante pensar que editoras têm uma semântica ligada à casa, casa editorial, e também a dar à luz, uma casa que dá à luz, então penso que entre os vários legados e políticas editoriais, que editoras antirracistas como Nandyala, Mazza, Ogum's Toques, Malê, Ciclo Contínuo, e diversas outras livrarias e editoras negras, como a Dandara, Figura de Linguagem, Oralituras, Kitabu, Africanidades, entre outras, fazem são formas de voltar para casa, ou melhor, maneiras de restituir nossa interioridade. Claro, não será apenas pelo consumo de livros que isso ocorrerá, principalmente se o livro, para ser lido, precisa ser antes comprado, mas por políticas públicas de governo bem estruturadas, que contemplem dimensões intersecionais de raça, classe, gênero, região, sem provocar novas desigualdades.

Os resultados das pesquisas Retratos da Leitura, promovidas pelo Instituto Pró-livro, têm mostrado dados alarmantes, como em sua última edição de 2024, em que o número de pessoas não leitoras [quanto] superou pela primeira vez, as pessoas que leem. Vale dizer que a concepção de leitor desta pesquisa é bem ampla e generosa, pois considera que uma pessoa é leitora se leu, em partes ou integralmente, nos últimos três meses, algum livro físico ou digital.[570]

Apesar disso, nunca se leu e se escreveu como agora, por conta de nossa enorme imersão contemporânea nas tecnologias digitais, as mesmas que permitiram baratear os meios de produção do livro, as mesmas que foram pouco a pouco descentralizando a autoridade que a imprensa convencional, analógica, possuía. De

[570] INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Apresentação: retratos da leitura 2024**. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2024. Disponível em: https://encurtador.com.br/Xp3o0. Acesso em: 21 dez. 2024.

modo geral, não é um Antonio Candido contemporâneo que irá nos dar os parâmetros das autorias e nos levará sob sua influência à livraria ou biblioteca. Atualmente, seguindo os parâmetros da pesquisa Retratos da Leitura, são os professores, a mãe, amigos, o influencer digital, que pode levar alguém a querer ler, gastar os olhos na internet ou em jogos de celular, isso para a parcela que pode acessar a internet e dispõe de um equipamento para isso.

A pesquisa, por fim, destas cinco editoras mostra como as concepções de leitura e literatura podem ser ampliadas. E que elas mesmas, no muito que tentam, e no que realizam, são movimentos educadores da sociedade brasileira, a partir de epistemes herdadas de heranças culturais e políticas de diversos coletivos e movimentos sociais, que em alguma medida colocaram o ativismo antirracista como ponta de lança de sua atuação.

Termino essa pesquisa com Conceiçao Evaristo[571], uma pensadora, poeta e ficcionista que como em um colar de contas reúne em seus fios narrativos materializados em livros a história das editoras negras, aqui pesquisadas, e de muitas outras.

Na autoria
desta nova história.
E neste novo registro
a milenária letra
se fundirá à nova
grafia dos mais jovens.

[571] EVARISTO, Conceição. Cremos. *In*: **Poemas da Recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017, p. 64.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única**. TEDx Global 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt. Acesso em: 11 jul. 2023.

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. **O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo**: ensaios. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2023, p.9.

ALMEIDA, Edimilson Pereira de. Panorama da Literatura Afro-Brasileira. *In*: **Portal Literafro: o portal da literatura afro-brasileira**. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/147-edimilson-de-almeida-pereira-panorama-da-literatura-afro-brasileira. Acesso em: 11 jul. 2023.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

AMÂNCIO, Iris. A Nandyala não é um projeto, mas o resultado de um trabalho político-pedagógico antirracista [2021]. **Vinco - Revista de Estudos de Edição**, Belo Horizonte, 2021. Entrevista concedida a Beatriz Guimarães et al. Disponível em: https://seer.dppg.cefetmg.br/index.php/VINCO/article/view/1019. Acesso em: 16 abr. 2024, p. 115.

ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro**: princípios da técnica de editoração. São Paulo: Lexikon Editora, 2019.

ASSIS, Alessandro *et al.* Nandyala: nascida em tempo de fome. *In*: QUEIROZ, Sônia (org.). **Editoras Mineiras:** Panorama Histórico. Publicações Viva Voz, FALE/UFMG: Belo Horizonte, 2009, p. 23-29

BRAGANÇA, Aníbal. **Eros pedagógico**: a função editor e a função autor. 2001. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

CAINE, Danny. **Como resistir à Amazon e por quê**: a luta por economias locais, proteção de dados, trabalho justo, livrarias independentes e um futuro impulsionado por pessoas. São Paulo: UBU, 2023.

CAMARGO, Oswaldo de. **O Negro Escrito**: apontamentos sobre a presença do negro na Literatura Brasileira, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1987.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. **O mercado do livro didático no Brasil do século XXI**, 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

CEDRO, Marcelo. Praça Sete, Pampulha e Savassi: centralidades urbanas e modernidade periférica na cidade de Belo Horizonte. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH**, 30., 2019, Recife. Anais [...]. Recife: ANPUH, 2019. Disponível em: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564788871_ARQUIVO_MARCELOCEDROtrabalhocompletoparaanaisANPUH2019.pdf. Acesso em: 18 fev., 2025.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

COLLINS, Patricia Hill. “Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro”. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, 2016, p. 100-127.

COLLINS, Patricia Hill. “Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão”. Moreno, Renata (org.) **Reflexões e práticas de transformação feminista**. São Paulo: SOF, 2015, p.13-42.

COLLINS, Patricia Hill. Epistemologia feminista negra. *In*: **Pensamento feminista negro**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 401-432

COSTA, Aline. Uma história que está apenas começando. *In*: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio (Ed.). **Cadernos Negros**: três décadas: ensaios, poemas, contos. São Paulo: Quilombhoje, SEPPIR, 2008.

CRUZ, Márcia Maria. **Maria Mazarello**: preto no branco, lutas e livros. Belo Horizonte, MG: Contafios, 2021.

DALCASTAGÈ, Regina. A personagem negra na literatura brasileira contemporânea. *In*: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, v. 4, p. 312.

DALCASTAGÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, v. 4.

DUARTE, Eduardo de Assis. Entre a autoedição e o quilombo editorial. *In*: OLIVEIRA, Luiz Henrique; RODRIGUES, Fabiane Cristiane. **Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra brasileira**. Rio de Janeiro: Malê, 2022, p.16-17.

FREITAS, Daniela Amaral da Silva. **Literatura infantil dos kits de literatura afro-brasileira da PBH**: um currículo para ressignificação das relações étnico-raciais? Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2014. 280 f. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-9HMHL3. Acesso em: 2 dez. 2024.

GALINDO, Caetano. ‘O mundo virou uma grande rede de contato e de contágio; e as línguas estão mudando cada vez mais rápido’. **Agência FAPESP**, 22 out. 2024. Disponível em: https://agencia.fapesp.br/o-mundo-virou-uma-grande-rede-de-contato-e-de-contagio-e-as-linguas-estao-mudando-cada-vez-mais-rapido/53096. Acesso em: 16 dez. 2024.

GARCIA, Débora; SOUZA, Elizandra. **Publica, Preta! Manual de publicação independente**. 1. ed. São Paulo: Edição das autoras, 2022.

GUIMARÃES, Pablo. Sobre lutas e livros: resistência editorial e busca por alternativas. *In*: SILVA, Cidinha da. (org.). **Africanidades e relações raciais**: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014.

HALL, Stuart. “Que negro é esse na cultura popular negra?”. *In*: **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. SOVIK, Liv (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 317-330.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil:** Sua história. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2005.

HOFBAUER, Andreas. Ações afirmativas e o debate sobre racismo no Brasil. **Lua Nova**, n. 68, p. 9-56, 2006, p. 47-48. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/69418.

hooks, bell. Comendo o outro: desejo e resistência. *In*: hooks, bell. **Olhares Negros**: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019, p. 64-95.

hooks, bell. Comendo o outro: desejo e resistência. *In*: hooks, bell**. Olhares Negros**: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019, p. 64-95.

HOUAISS, Antônio. **Elementos de bibliologia**. São Paulo: Instituto Nacional do Livro/HUCITEC, 1967.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Apresentação: retratos da leitura 2024. São Paulo: **Instituto Pró-Livro**, 2024. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf. Acesso em: 21 dez. 2024.

KNAPP, Wolfgang. **O que é editora**. Editora Brasiliense, 1992 (Coleção Primeiros Passos).

KRENAK, Ailton. As alianças afetivas. Entrevista a Pedro Cesarino. *In*: **Incerteza Viva***.* Dias de Estudo*.* São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016, p.169-188.

LOPES, Fernando Ruivo; Ação Educativa (coord.). **Editoras das periferias de São Paulo**: perfil 2020. São Paulo: Ação Educativa, 2020. Disponível em: https://encurtador.com.br/cnsOW.

LÓPEZ WINNE, Hernán; MALUMIÁN, Víctor. **Independientes, ¿de qué?**: hablan los editores de América Latina. México: FCE, 2016.

MACHADO CAVALCANTE, Sávio. A condução neofascista da pandemia de Covid-19 no Brasil: da purificação da vida à normalização da morte. **Calidoscópio**, [*S. l.*], v. 19, n. 1, p. 4–17, 2021. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/22745. Acesso em: 24 jun. 2023.

MACEDO, Márcio. **Abdias Nascimento: a trajetória de um negro revoltado (1914-1968)**. Dissertação [Mestrado]. São Paulo: FFLCH-USP, 2005.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, [*S. l.*], n. 26, p. p. 63-81, 2003, Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881. Acesso em: 21 dez. 2024.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poética do corpo-tela**. 1º ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional *versus* identidade negra. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MUNIZ JÚNIOR, José de Souza. **Girafas e bonsais editores 'independentes' na Argentina e no Brasil (1991-2015).** 2016. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos. Adinkra. **Sabedoria em símbolos africanos**. 2º ed. Rio de Janeiro : Cobogó: Ipeafro, 2022

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **"Literatura marginal**": os escritores da periferia entram em cena. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-133929/. Acesso em: 13 dez. 2024.

NETO, Leonardo. **100 nomes da edição no Brasil**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2020.

NICOLAU NETTO, Michel. **O discurso da diversidade**: a definição da diferença a partir da world music. 2012. Tese (Doutorado em Sociologia) – IFCH-UNICAMP, Campinas, 2012.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. Mazza Edições. **Literafro – O portal da literatura afro-brasileira**, 24 de julho de 2018. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/editoras/1093-mazza-edicoes. Acesso em 10 abr. 2024.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. Os quilombos editoriais como iniciativas independentes / Editorial Quilombos as Independent Initiatives. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S.l.], v. 28, n. 4, p. 155-170, dez. 2018. Disponível em: <https://cutt.ly/ak4ihWd>. Acesso em: 17 fev. 2021.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva. Quilombos editoriais: características e estratégias. *In*: **Literafro – o portal da literatura afro-brasileira**. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/1382-luiz-henrique-silva-oliveira-quilombos-editoriais-caracteristicas-e-estrategias . Acesso em 17 abr. 2024

OLIVEIRA, Luiz Henrique; RODRIGUES, Fabiane Cristiane. **Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra brasileira**. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

PEREIRA, Alessandra *et al*. (orgs.). **Maria Mazarello Rodrigues**. Belo Horizonte: Coleção Edição e Ofício, 2015. Disponível em: https://issuu.com/edicaoeoficio/docs/mazza_issuu. Acesso em 10 abr. 2024.

PIERRUCCI, A. F. "A direita e a diferença: o dado empírico". *In*: **Ciladas da diferença**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 14-57.

PIMENTEL, Ary. Editoras cartoneras e a literatura fora do cânone: um olhar crítico para as margens do mundo editorial. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, *[S. l.]*, n. 62, p. 1–14, 2021. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/37421. Acesso em: 13 dez. 2024.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-49, jun. 2013,p.47. Disponível em: https://abrir.link/KGsVV . Acesso em: 7 dez. 2024.

RIBEIRO, Ana Elisa; GUIMARÃES, Pablo Araújo. Livrarias-editoras em Belo Horizonte-MG: Breve história, cenário contemporâneo e perspectivas. *In*: **INTERCOM** – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO XXXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – Foz do Iguaçu, PR – 2 a 5/9/2014. Disponível em: http://www.academia.edu/download/36772515/1-livrarias.pdf. Acesso em: 11 set. 2017.

RIBEIRO, Ana Elisa; VINÍCIUS, Mário (org.). **Minas geográfica**. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2019. Disponível em: https://abrir.link/NAxTA. Acesso em: 4 dez. 2024.

RIBEIRO, Esmeralda (Quilombhoje-Literatura). 37 anos de Cadernos Negros – uma trajetória de resistência no mercado editorial. n: SILVA, Cidinha da. (org.). **Africanidades e relações raciais**: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014.

RODRIGUES, Maria Mazzarelo. Relação da Mazza Edições com o poder público em seus 33 anos de existência. In: SILVA, Cidinha da. (org***).*** **Africanidades e relações raciais**: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014.

SANTOS, Betty Bastos Lopes; GONÇALVES, Luciana Sacramento Moreno. Panoramas e políticas públicas de leitura no Brasil: avanços e retrocessos no século XXI. **Revista Crioula**, [*S. l.*], n. 31, p. 288-309, 2023. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/208707. Acesso em: 30 nov. 2024

SCHWARCZ, Lília Moritz. Questão racial no Brasil. *In*: SCHWARCZ, Lília Moritz; REIS, L. V. S. (org.). **Negra Imagens**. São Paulo: Edusp, 1996.

SILVA, Cidinha da. A roda gira. Prefácio. *In*: JESUS, Carolina M., **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. Edição comemorativa (1960-2020). 1. ed. São Paulo: Ática, 2020.

SILVA, Cidinha da. Oh, margem! Reinventa os rios! São Paulo: Selo Povo, 2011.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **A Descoberta do Insólito**: Literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000). 1. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Uma pequena história sociológica de Livrarias e Editoras negras entre 1972 e o presente. *In*: SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **A descoberta do Insólito:** literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000). 2. ed. 2023.

SILVA, Sivaldo Pereira da. Políticas de acesso à Internet no Brasil: indicadores, características e obstáculos. **Cadernos Adenauer XVI**, n. 3. Disponível em: https://ctpol.unb.br/wp-content/uploads/2019/04/2015_SILVA_Acesso-Internet.pdf. Acesso em 09 maio 2024.

SILVA, Tomás Tadeu da. “A produção social da identidade e da diferença”. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p.73-102.

SOUZA, Florentina S. **Afro-descendência em jornais negros e no MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOUZA FILHO, Vinebaldo Aleixo de. Em busca dos jardins de nossas mães: letramentos estéticos antirracistas em Conceição Evaristo e Victoria Santa Cruz. In: **Educação para as Relações Étnico-raciais nas escolas**: por uma educação antirracista, inclusiva e multiétnica. OLIVEIRA, G.A.; COSTA, K. C; MORAIS, A. A. (org.). Instituto Federal do Tocantins – IFTO, Araguaína, Tocantins, 2022.

SOVIK, Liv. Afeto, diferença e identidade brasileira. *In*: SOVIK, Liv. **Aqui ninguém é branco**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009, p. 40.

YAMAZAKI, Cristina. **Edição de texto na produção editorial de livros**: distinções e definições. 2009. Dissertação (Mestrado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-31082015-132242/en.php. Acesso em: 6 abr. 2022.

Sites das editoras:

CICLO CONTÍNUO EDITORIAL. Um pouco sobre nós. Disponível em: <http://ciclocontinuoeditorial.com/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

COLEÇÃO FEMINISMOS PLURAIS: SELO SUELI CARNEIRO E PÓLEN LIVROS. Disponível em: <https://feminismosplurais.com.br/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

KAPULANA. A Kapulana. Disponível em: . Acesso em: 30 mar. 2021.

MALÊ EDIÇÕES. Somos. Disponível em: . Acesso em: 30 mar. 2021.

MAZZA EDIÇÕES. Mazza Edições e Penninha Edições / Pioneirismo e resistência. Disponível em: <https://mazzaedicoes.com.br/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

NANDYALA. A editora. Disponível em: <http://nandyalalivros.com.br/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

OGUM'S. Somos Ogum's. Disponível em: <http://www.editoraogums.com/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

Matérias e seções da internet

CARNEIRO, Julia Dias (repórter). “"É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos, diz escritora”. BBC News. 09 de março de 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948>. Acesso em: 02 fev. 2022.

CIDINHA da Silva. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/60207-cidinha-da-silva. Acesso em: 20 de março de 2025. Verbete da Enciclopédia.

AUGUSTO, Ronald. Ogum's toques negros: o direito à invenção**. Portal Geledés**, 05/10/2015. Disponível em: https://www.geledes.org.br/ogums-toques-negros-o-direito-a-invencao/

FARIAS, Elaíze. Ailton Krenak rompe um silêncio de 127 anos dos indígenas na ABL, **Amazônia Real**, 04/04/2024. Cultura. Disponível em: https://amazoniareal.com.br/ailton-krenak-na-abl/. Acesso em: 30 abr. 2024.

GOMES, Karina. Quais são as acusações contra Dilma? **DW**, 26/08/26, disponível em: https://www.dw.com/pt-br/quais-s%C3%A3o-as-acusa%C3%A7%C3%B5es-contra-dilma/a-19249899. Acesso em: 24/06/23/

MASSALI, Fábio. Gilberto Gil toma posse na Academia Brasileira de Letras. *Agência Brasil*. 08/04/22. Disponível em:https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-04/gilberto-gil-toma-posse-na-academia-brasileira-de-letras. Acesso em 08 ago. 2022.

MASSUELA, Amanda. **Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro**, Revista Cult, 2018. https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/

MIRANDA, DORIS. Xangô é quem manda. **CORREIO**, Salvador, 26 ago. 2009. Disponível em: https://agnesmariano.wordpress.com/wp-content/uploads/2009/08/correio-da-bahia.pdf. Acesso em 20 mar. 2025.

MURARO, Cauê. "Flip 2018: veja momentos marcantes da 16ª edição em 10 palavras. *G1* (Pop & Arte). 30/07/2018. Disponível em https://g1.globo.com/pop-

arte/flip/2018/noticia/2018/07/30/flip-2018-veja-momentos-marcantes-da-16a-edicao-em-10-palavras.ghtml. Acesso em 05 ago. 2022.

NETO, Leonardo, “Companhia das Letras lança manifesto público a favor da diversidade”, Publishnews, 29 jul. 2020: https://www.publishnews.com.br/materias/2020/07/29/companhia-das-letras-lanca-manifesto-publico-a-favor-da-diversidade

PUBLISHNEWS. Jiro Takahashi é o homenageado do 8º Prêmio PublishNews. 25 abr. 2024. Disponível em: https://www.publishnews.com.br/materias/2024/04/25/jiro-takahashi-e-o-homenageado-do-8-premio-publishnews. Acesso em: 31 mar. 2025.

REDAÇÃO. "A ABL tem que tomar cuidado, porque senão perde o bonde da história”, afirma Conceição Evaristo. UOL Notícias, 06/09/21. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/noticias/38626_academia-tem-que-tomar-cuidado-para-nao-perder-o-bonde-da-historia-afirma-conceicao-evaristo.html. Acesso em 27 jul. 2022.

TAVARES, Artur. “As trovas da filha de Iansã”. Entrevista com Miriam Alves. *Revista Elástica*. 24 jul 2022. Disponível em: https://elastica.abril.com.br/especiais/miriam-alves-poesia-livro-inedito-escritora-negra/. Acesso em: 25 jul 2022.

XAVIER, Giovana. **“**Carta Aberta à Feira Literária Internacional de Paraty – cadê as nossas escritoras negras na Flip2016?”. Disponível em: https://conversadehistoriadoras.com/2016/06/27/carta-aberta-a-feira-literaria-internacional-de-parati-cade-as-nossas-escritoras-negras-na-flip-2016/. Acesso em 03 jul. 2023.

SOBOTA, Guilherme. Apenas 16% da população brasileira é consumidora de livros, aponta pesquisa inédita. **Publishnews**. Mercado Editorial. 7 dez. 2022. Disponível em: https://www.publishnews.com.br/materias/2023/12/07/apenas-16-da-populacao-brasileira-e-consumidora-de-livros-aponta-pesquisa-inedita. Acesso em 09 maio 2024.

SOUSA, Ana Paula. Pensadora, negra e pop. **Carta Capital**, São Paulo, ano XXVIII, nº1223, p.10-15, 31 de agosto, 2022.Reportagem de capa.

Entrevistas

Entrevista de Marciano Ventura concedida a Mário Augusto M. da Silva. São Paulo, 14 de fevereiro de 2017.

Entrevista de Marciano Ventura concedida a Arthur Dantas. São Paulo, 25 de maio de 2017. Disponível em: https://arthurdantas.wordpress.com/2017/05/25/marciano-ventura-ciclo-continuo/

Entrevista de Vagner Amaro concedida a Vinebaldo Aleixo de Souza Filho em 16 de março de 2022 via Zoom.

Entrevista de Vagner Amaro concedida a Luiz Henrique Silva de Oliveira. YOUTUBE, sem data.